



P E N G U I N



C O M P A N H I A

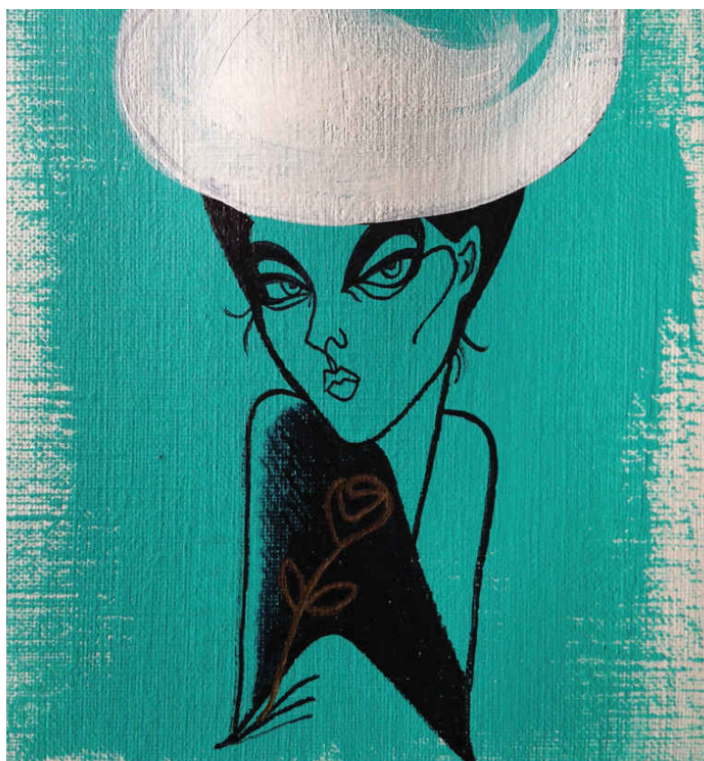
CLÁSSICOS

HONORÉ DE BALZAC

A mulher de trinta anos

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

HONORÉ DE BALZAC

A mulher de trinta anos

HONORÉ
DE BALZAC

A mulher
de trinta anos

Tradução de
ROSA FREIRE D'AGUIAR

Introdução de
ELIANE ROBERT MORAES

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

A MULHER DE TRINTA ANOS

HONORÉ DE BALZAC nasceu em Tours, em 1799, filho de um funcionário público. Passou quase seis anos interno em um colégio de Vendôme, depois se fixou em Paris, onde exerceu a função de estagiário em um escritório de advocacia e, posteriormente, de escritor freelance. Entre 1820 e 1824, adotando diversos pseudônimos, escreveu alguns romances, boa parte deles em colaboração, e, a seguir, tentou inutilmente a sorte na atividade de editor, impressor e tipógrafo. Aos trinta anos, muito endividado, retomou a literatura com grande empenho e escreveu o primeiro romance publicado em seu nome, *A Bretanha*. Nos vinte anos seguintes, escreveu cerca de noventa romances e contos, entre os quais muitas obras-primas que receberam o nome abrangente de *A comédia humana*. Como disse o próprio Balzac: “O que ele [Napoleão] não conseguiu concluir com a espada, eu o realizarei com a pena”. Faleceu em 1850, alguns meses depois de se casar com Evelina Hanska, a condessa polonesa com quem manteve relações durante dezoito anos.

ROSA FREIRE D’AGUIAR nasceu no Rio de Janeiro. Formou-se em jornalismo pela PUC do Rio de Janeiro e nos anos 1970 e 1980 foi correspondente em Paris das revistas *Manchete* e *IstoÉ* e do *Jornal da República*. Em 1986 retornou ao Brasil e desde então trabalha no mercado editorial. Traduziu do francês, espanhol e italiano cerca de cem títulos nas áreas de literatura e ciências humanas, de autores como Céline, Lévi-Strauss, Sabato, Balzac, Montaigne e Stendhal. É autora de *Memória de tradutora* (2004) e editora da coleção Arquivos Celso Furtado (Contraponto/ Centro Celso Furtado), na qual já publicou cinco títulos. Entre os prêmios que recebeu estão o da União Latina de Tradução Técnica e Científica (2001) por *O universo, os deuses, os homens*, de Jean-Pierre Vernant, e o Jabuti (2009) por *A elegância do ouriço*, de Muriel Barbery, ambos da Companhia das Letras. É presidente do Conselho Deliberativo do Centro Internacional Celso Furtado.

ELIANE ROBERT MORAES é professora de literatura brasileira na FFLCH-USP e pesquisadora do CNPq. Publicou diversos ensaios sobre o imaginário erótico nas artes e na literatura, e a tradução de *História do olho*, de Georges Bataille (Cosac Naify, 2003). É autora de, entre outros: *Sade: a felicidade libertina* (Imago, 1994), *O corpo impossível: A decomposição da figura humana, de Lautréamont a Bataille* (Iluminuras/ Fapesp, 2002), *Lições de Sade: Ensaio sobre a imaginação libertina* (Iluminuras, 2006) e *Perversos, amantes e outros trágicos* (Iluminuras, 2013). Organizou a primeira *Antologia da poesia erótica brasileira* (Ateliê, no prelo). Atualmente, desenvolve pesquisa sobre as figuras do excesso na prosa de ficção brasileira.

Sumário

Introdução — Eliane Robert Moraes

Prefácio da edição Béchét (1834) — Honoré de Balzac

A MULHER DE TRINTA ANOS

1. Primeiras faltas
2. Sofrimentos desconhecidos
3. Aos trinta anos
4. O dedo de Deus
5. Os dois encontros
6. A velhice de uma mãe culpada

Notas

Cronologia

Outras leituras

Introdução*

ELIANE ROBERT MORAES

A começar pelo título, os números têm particular importância neste livro. Prova disso é que dificilmente o leitor consegue atravessá-lo sem ceder à tentação de fazer algumas contas. Prova ainda mais contundente é que, uma vez cedendo, não há como evitar novos cálculos: a curiosa aritmética de Honoré de Balzac nos envolve quase tanto quanto sua mais famosa trama romanesca, com a qual ela parece travar um pacto secreto.

Se tal afirmação pode causar surpresa a quem estranha a relevância dos algarismos num texto literário, convém lembrar que mais surpreendente é o fato de que, neste caso, as cifras nada ou quase nada esclarecem. Ou, dito de outro modo, elas parecem se intrometer no meio das letras menos para explicar que para confundir. O exemplo mais cabal está na idade da heroína, que, por dar título ao romance, supõe-se ser seu tema central. A rigor, não é o que acontece: das seis partes que compõem *A mulher de trinta anos*, apenas uma se propõe a investigar a protagonista nessa idade; as outras a examinam em momentos distintos da vida, chegando a flagrá-la até na velhice.

Além disso, é digno de nota que as idades da personagem, uma vez cotejadas entre si, não batem umas com as outras. Para ficarmos num só caso, remetendo de novo ao título do livro, vale citar uma contradição que se observa justamente quando Balzac faz coincidir os trinta anos de Julie d'Aiglemont com a data de 1821: ora, levando-se em conta que as páginas anteriores atribuíam 26 anos à heroína em 1820, não é difícil concluir que, tendo transcorrido apenas um ano, ela teria completado tão somente 27. Na ponta do lápis, nunca é demais insistir, esses cálculos nem sempre conferem.

Para que o leitor tenha uma ideia do tamanho do imbróglio, cumpre acrescentar que a própria data de 1820 evocada no mesmo episódio, assinalando a chegada de Julie ao vilarejo próximo a Saint-Lange, é objeto de incontornáveis dúvidas. A passagem faz referência à morte de Arthur Ormond, seu apaixonado, que não só teria ocorrido antes do confinamento da jovem senhora no campo, como também o teria motivado. Essa é apenas uma entre muitas incoerências a justificar o impulso da contabilidade no ato da leitura.

Os exemplos se multiplicam e, por certo, não cabe esgotá-los no

espaço desta introdução. Mas talvez se deva ao menos mencionar o fato de que, durante um bom tempo, Balzac iniciou o sexto episódio indevidamente no ano de 1842: uma vez que o romance começa em 1813, narrando a última revista de Napoleão a suas tropas, e avança por mais 31 anos nas partes seguintes, a cena final só poderia se passar em 1844. Todavia, a data equivocada figurou em várias edições por mais de uma década, só tendo sido corrigida à mão pelo próprio autor num volume que, reeditado bem mais tarde, se tornou objeto de disputa entre bibliófilos.

Uma possível chave para compreender a recorrência de tantas contradições cronológicas está no método de trabalho de Balzac. Como se sabe, em matéria de método — ou, talvez fosse melhor dizer, maneira —, o escritor francês foi um caso único nas letras europeias. Sua prodigiosa produção literária, composta de aproximadamente 85 romances, evoca tanto os meios aristocráticos quanto a pequena burguesia, quer em Paris quer na província, desenvolvendo teses políticas, sociais ou psicológicas com a mesma verve, além de arquitetar as mais incríveis intrigas romanescas, por vezes cedendo ao gosto por conspirações, influências ocultas e sobressaltos melodramáticos. Não estranha que uma obra ambiciosa, extensa e complexa como esta demandasse um artífice de qualidades incomuns, que se abandonava ao processo de criação efervescente e de invenção febril ao qual se costuma ligar seu nome, mas igualmente à obsessão pela correção, pela revisão e pelo rearranjo dos escritos. O resultado desse ritmo frenético de trabalho era tão plural quanto sua maneira de criar, podendo ora dar num volume completo, ora numa profusão de notas que viriam a ser objeto de novos arranjos e combinatórias. Escusado dizer que nem sempre o tempo corria a favor do autor e não raro ele se permitia a publicação de um texto sem o acabamento do qual um perfeccionista jamais abriria mão.

Foi correndo esse risco que Balzac publicou *A mulher de trinta anos*, livro que reúne uma série de fragmentos dispersos, escritos durante mais de uma década em resposta a demandas de vários tipos e a motivações diversas. A história do texto, de tão complicada, chega a ser fastidiosa e recobre uma exuberância de datas. Apresentado *in fini* como obra dos anos 1828-44, o romance consiste em uma colagem de inúmeros episódios sucessivamente desdobrados, reagrupados ou fundidos até chegar à sua forma definitiva, com o título que conhecemos, e entrar para um dos mais notáveis conjuntos de *A comédia humana*, ao qual Balzac deu o nome de *Cenas da vida privada*.

O problema das contradições cronológicas, porém, não se esgota aí: ainda que seja pertinente considerar as condições em que o volume foi produzido, é igualmente possível imaginar razões menos óbvias para

tais imprecisões, o que exige outras vias interpretativas. Ou seja, além de reflexos de um processo de criação, os despropósitos numéricos que resultam dos cálculos de idade ou data se impõem como incógnitas que pedem decifração. Não se deve esquecer que o próprio autor advertia, já no prefácio à edição de 1832, que esses disparates ocultavam uma “unidade secreta de inspiração”. Não se deve esquecer ainda que a ideia geral e vaga de um romance em torno da mulher madura já ocupava a cabeça de Balzac no início dos anos 1830, sensibilizado que ele era por esse tema, sobretudo por ter sido, durante muito tempo, confidente de senhoras mais velhas, às quais inclusive devia sua formação. Entre elas se destacava a figura de Laure de Berny, que ele preferia chamar de “a Dileta”, com quem manteve um longo relacionamento na década anterior. Sendo 22 anos mais velha que o escritor, essa mulher desempenhou em sua vida os papéis de mãe, amiga e amante a um só tempo. Não por acaso, o convívio íntimo entre ambos coincidiu com a escrita de *A fisiologia do casamento*, que, publicado em 1829, deixa evidente o enorme interesse do autor pela questão feminina, que, aliás, nunca o abandonaria. Difícil não atribuir a essa questão um lugar privilegiado na unidade secreta da história de Julie.

Como, então, negar a força estruturante desses números imprecisos que, recorrentes nas linhas e nas entrelinhas do livro, aparecem mais para confundir que para explicar? Como não reconhecer o mistério que exala dessa inusitada equação entre uma história feminina e uma incógnita aritmética? Como, sobretudo, não perceber aí a configuração de um enigma?

Uma coisa é certa: entre os grandes enigmas que inquietaram a sensibilidade oitocentista poucos repercutiram tanto quanto aqueles urdidos em torno da figura feminina. Do início ao fim do século, e com intensidade cada vez maior, a mulher foi concebida como uma criatura por excelência misteriosa, demandando enorme empenho de decifração por parte de artistas, filósofos e cientistas. De Stendhal a Zola, de Goethe a Nietzsche, de Charcot a Freud, muitos foram os que se dedicaram a essa tarefa, decididos a investigar as profundezas desconhecidas de um objeto que, quanto mais abordado, mais parecia resistir às interpretações. Entende-se por que ela foi constituindo um enigma que atendia por muitos nomes, entre os quais “eterno feminino”, “mulher fatal”, “continente negro” e tantos outros forjados no período.

Balzac esteve entre os primeiros a se abandonar a tal investigação, e o fez com tanto vigor e paixão que, apesar de nem sempre ter

mantido o rigor formal que marca suas melhores criações literárias, a época lhe conferiu a reputação de grande conhecedor do coração feminino. Com efeito, a publicação de *A mulher de trinta anos* o notabilizou e, ainda que tenha encontrado certa resistência por parte dos censores e dos críticos, essa foi amplamente compensada por uma legião de leitores — melhor dizendo, de leitoras — que se deixava levar pelo romantismo sem reserva das melancólicas aventuras de sua heroína.

Ou, para sermos mais exatos, de suas heroínas, no plural. Como se sabe, a protagonista do romance remete a diversas outras personagens que o escritor havia criado antes dela. A rigor, Julie pode ser considerada uma espécie de síntese de um tipo feminino muito particular que já estava, havia algum tempo, na mira do autor, pois não era apenas a mulher madura que lhe interessava, mas sobretudo a mulher moderna. Afinal, era essa que, aos seus olhos e aos de seus contemporâneos, se oferecia na incontornável condição de enigma.

Tratava-se, portanto, de conjecturar a respeito da vida dessa nova mulher, para entender de que forma ela suportava os deveres que lhe cabiam depois do casamento, da maternidade e de todas as obrigações que essas duas instituições carregavam consigo. A visão da sra. d'Aiglemont sobre sua condição não era nada auspiciosa e, sem a menor reserva, ela se permite expressá-la diante de um padre:

O casamento, instituição sobre a qual se apoia hoje a sociedade, faz-nos sentir, só a nós, todo o seu peso: para o homem a liberdade, para a mulher os deveres. Devemos aos senhores toda a nossa vida, os senhores só nos devem a sua em raros instantes. Por fim, o homem faz uma escolha ali onde nós nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor posso dizer tudo! Pois bem, o casamento, tal como se pratica hoje, parece-me ser uma prostituição legal. (p. 110)

Balzac retomava aí uma ideia insinuada alguns anos antes em *A fisiologia do casamento*, mas agora a colocava na boca de uma moça que, sem papas na língua, denunciava a hipocrisia dos costumes daquela sociedade. Não estranha que a concepção do matrimônio como prostituição legal viesse a figurar num panfleto radical como o *Manifesto do partido comunista*, publicado em 1848 por Karl Marx, leitor atento da obra balzaquiana. Não estranha igualmente que, com tais pensamentos em mente, a jovem senhora que está no centro da trama fosse desenhada como uma criatura que, à medida que o romance progride, se desencanta cada vez mais, terminando seus dias como a

desilusão em pessoa.

Desilusão que, diga-se de passagem, ultrapassa seus contornos para se estender a outros personagens do livro, sugerindo que Balzac estava menos preocupado com a psicologia individual de sua protagonista que com a crítica a certo espírito de época. Tome-se, a título de exemplo, a longa passagem de forte tom stendhaliano em que o jovem Charles de Vandenesse apresenta suas convicções ao leitor:

Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é uma curiosidade que se pendura num prego dourado, que se enfeita com uma bonita bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Aqui não existem mais paixões, porque as individualidades desapareceram. As posições, os espíritos, as fortunas foram nivelados, e todos nós adotamos o traje negro como para nos pormos de luto pela França morta. Não amamos nossos iguais. Entre dois amantes é preciso haver diferenças a apagar, distâncias a superar. Esse encanto do amor se desvaneceu em 1789! Nosso tédio, nossos costumes insípidos são o resultado do sistema político. (p. 121)

Não há como negar que os dois personagens compartilham o mesmo forte desencanto para com o mundo que os cerca e, por certo, é esse sentimento que vai aproximá-los. Alinhados à sensibilidade romântica, ambos parecem comungar a sensação de vazio, de falta de sentido da vida, que desde o fim do século XVIII assombrava os corações mais sensíveis da Europa, tendo ficado conhecida na França como o *mal de vivre*. Vistos sob esse prisma, Julie e Charles formam o par perfeito do realismo romântico de Balzac.

Convém atentar, porém, para uma diferença significativa entre os enamorados que os coloca em posições distintas frente à vida social. Entediado, o jovem Charles se propõe como espectador de uma civilização que agoniza sem deixar nenhuma esperança no horizonte, o que explica o tom nostálgico de suas palavras. Já a trágica Julie, pessoa madura e vivida, se impõe pela lucidez da crítica dirigida a uma sociedade que mal acabara de despertar e já se vangloriava de suas falsas promessas de felicidade. Os traços que, a princípio, sugerem as afinidades entre os personagens não se sustentam num plano mais complexo, evidenciando a distância que os separa. Reconhece-se nessa diferença a modernidade da protagonista do romance.

Não se confunda, porém, a modernidade da sra. d'Aiglemont com o comportamento liberal de certas contemporâneas suas que se exibiam

livremente pelos salões, teatros ou ruas de Paris. Antes, seu caráter moderno se expressava naquele “admirável sangue-frio que a delicadeza natural das mulheres lhes permite ter muitas vezes nas grandes crises da vida”, ou ainda nas suas “longas meditações”, a desmentir a suposição de que “uma jovem mulher só pudesse pensar em frivolidades, como se quase sempre não existisse um sentido profundo nos pensamentos de uma mãe de família”. Julie era moderna, sobretudo no seu modo de pensar.

Voltemos aos trinta anos, a título de conclusão. A moldura acima pode ser um bom ponto de partida para interrogar o privilégio dado por Balzac a essa idade. Isso porque, se ele afirma ser esse momento “o auge poético da vida das mulheres”, é antes de tudo por supor nele uma “profundidade na alma” que só decorre da experiência. Interessam-lhe, pois, menos os “atrativos irresistíveis” que um homem jovem vê nessa “mulher experimentada” que o fato de ela estar entre as raras criaturas “que sabem dar uma linguagem à sua atitude”. Ademais, a crer no narrador, em matéria de amor ela sempre sai na frente quando comparada às mais jovens:

A moça tem apenas uma coqueteria, e acredita ter dito tudo quando tirou o vestido; mas a mulher tem inúmeras e esconde-se sob mil véus; por fim, afaga todas as vaidades, e a noviça só lisonjeia uma. Aliás, na mulher de trinta anos agitam-se indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades que jamais se encontram no amor de uma mocinha. (p. 128)

Esboça-se aí um perfil feminino inusitado para a época, que será desdobrado com vigor ao longo de todo o século XIX. Não importa se seus criadores tenham ou não lido o romance, a verdade é que se podem identificar traços da jovem senhora balzaquiana na Emma Bovary de Flaubert, na Anna Karenina de Tolstói, na Nora de Ibsen e em tantas outras personagens afins que surgiram depois dela. Heroínas trágicas que, cada qual a seu modo, também colocaram o casamento e a maternidade em xeque, sendo todas elas igualmente marcadas por indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades. Que essas suas sucessoras tenham sido compostas com maior apuro formal, sobre isso não há a menor dúvida. Mas tampouco há como negar que o autor de *A comédia humana*, ao criar a figura de Julie d'Aiglemont, foi o primeiro a fazer da mulher o centro das contradições da sociedade moderna.

Seriam acaso essas contradições a dar a tal “unidade secreta de

inspiração” de que fala Balzac?

É bem provável que sim. Aliás, contradições não faltam neste romance, a começar pelo fato de que ele é, a um só tempo, realista e romântico. Sua protagonista consegue ser tão sonhadora quanto calculista, tão silenciosa quanto eloquente, tão iludida quanto cética. Ora ela sucumbe às galanterias de um desprezível “sedutor de caserna”, ora sustenta argumentos que expressam o mais lúcido feminismo *avant la lettre*; ora ela representa o exemplo acabado da mãe abnegada, ora parece tratar a maternidade tão somente como um fardo; ora se abandona aos transportes mais extremos da paixão, ora expressa um implacável sangue-frio ao lidar com as emoções. Julie é um poço de contradições, e isso nunca escapou a seu criador.

Por volta de 1834, o escritor redigiu, num caderninho de notas, alguns apontamentos sobre o livro, publicado na ocasião sob o título de *Mesma história*, observando que se tratava de um volume “composto de fragmentos destacados, aparentemente sem pé nem cabeça, mas que têm um sentido lógico e secreto”. A anotação retomava a questão da unidade que o inquietava no mencionado prefácio de 1832 e à qual ele retornaria outras vezes, como que insinuando uma chave de leitura. Não estranha que, dois anos depois, ele voltasse a tocar no mesmo ponto ao redigir um novo prefácio que, incluído na presente edição, avança na argumentação ao postular que “existiriam em toda a obra incoerências mais fortes se o autor fosse obrigado a ter mais lógica do que têm os acontecimentos da vida”.

Para levar a termo tal projeto, que buscava nada menos que um paralelo estético para as contradições da vida, Balzac criou um moderno romance-colagem, emendando cenas, fundindo episódios e agrupando personagens, sem observar o rigor da coerência, nem tampouco obedecer a qualquer fórmula constante de incoerência. O que lhe interessava era outra coisa, bem mais complexa que a mera história de vida da sra. d'Aiglemont, como ele esclarece de forma notável no mesmo prefácio de 1834, quando seu livro ainda não respondia pelo título definitivo: “O personagem que atravessa, por assim dizer, os seis quadros de que se compõe *Mesma história* não é um rosto; é um pensamento”.

Eis aí, em poucas palavras, o sentido lógico e secreto que preside *A mulher de trinta anos*, afirmado com singular clareza: o que o texto propõe é uma linha de raciocínio e não um retrato. Eis aí a tão procurada unidade do romance, cuja surpreendente modernidade está justamente em abrir mão daquele obstinado intento de figuração realista — que impunha ao personagem a obrigação de ser igual a uma pessoa viva, real, concreta —, para então concebê-lo como uma ideia. Não se tratava, pois, de representar determinada mulher, mas de

transformá-la no lugar em que convergiam as contradições sobre o que significava ser mulher naquele momento.

Entende-se o descaso do autor para com as incoerências de sua mais conhecida ficção. Se Julie nada mais era que o ponto de reunião de diversas figuras, fossem elas ficcionais ou reais, então a preocupação com a verossimilhança caía por terra e, com ela, a exatidão das idades e das datas. No limite, os disparates cronológicos pouco lhe importavam, a não ser, talvez, como metáforas das contradições que ele intentava colocar em cena. A verdade é que o criador de *A comédia humana* estava tentando acertar o relógio com sua época e, para tanto, eram necessárias operações bem mais ousadas do que aquelas feitas pela maior parte de seus contemporâneos. No final das contas, os números errados de Balzac é que estavam certos.

* Os leitores que ainda não conhecem o livro devem levar em conta que detalhes do enredo serão revelados nesta introdução. (N. E.)

Prefácio da edição Béchét

(1834)

HONORÉ DE BALZAC

Várias pessoas perguntaram se a heroína de *O encontro*, *A mulher de trinta anos*, *O dedo de Deus*, *Dois encontros* e *A expiação* não era, com diversos nomes, o mesmo personagem. O autor não conseguiu dar nenhuma resposta a essa pergunta. Mas talvez seu pensamento esteja expresso no título que reúne essas diferentes Cenas. O personagem que atravessa, por assim dizer, os seis quadros de que se compõe *Mesma história* não é um rosto; é um pensamento. Quanto mais esse pensamento se reveste de costumes dessemelhantes, melhor transmite as intenções do autor. Sua ambição é comunicar à alma a onda de um devaneio em que as mulheres consigam despertar algumas das profundas impressões que conservaram, reanimar as lembranças esparsas na vida, para delas fazerem surgir certos ensinamentos. Havia uma lacuna muito forte nesse esboço entre *O encontro* e *A mulher de trinta anos*, o autor preencheu-a com um novo fragmento intitulado *Sofrimentos desconhecidos*. As mulheres certamente concluirão as transições imperfeitas; mas ser compreendido igualmente por todos os espíritos é coisa impossível. Existe uma religião que não tenha sido objeto de mil contradições? Não seria loucura pedir à obra miserável de um homem o favor que as instituições humanas não obtêm?

Outras críticas foram dirigidas ao autor, relativas ao brusco desaparecimento de uma moça em *Os dois encontros*. Existiriam em toda a obra incoerências mais fortes se o autor fosse obrigado a ter mais lógica do que têm os acontecimentos da vida. Aqui ele poderia dizer que as determinações mais importantes sempre são tomadas em determinado momento; que quis representar as paixões rapidamente concebidas, as quais submetem toda a existência a algum pensamento de um dia; mas por que tentaria explicar pela lógica o que deve ser compreendido pelo sentimento? Aliás, qualquer justificação seria falsa ou inútil para os que não captam o interesse escondido em *Os dois encontros*, e cujos elementos constituem o fragmento intitulado *O dedo de Deus*, acrescido, nesta edição, por um capítulo que talvez motivará melhor a fuga da filha legítima expulsa pelo ódio de uma mãe inexorável cujo erro ela não quer acusar. Aventuras dessa espécie são

menos raras que se pensa. Embora a vida social tenha, tanto quanto a vida física, leis aparentemente imutáveis, vocês não encontrarão em nenhum lugar o corpo nem o coração regulares como a trigonometria de Legendre. Se o autor não pode pintar todos os caprichos dessa dupla vida, ao menos deve lhe ser permitido escolher aqueles que lhe parecem os mais poéticos.

Paris, 25 de março de 1834.

A mulher de trinta anos

Dedicado a Louis Boulanger, pintor

No começo do mês de abril de 1813, houve um domingo cuja manhã prometia um desses lindos dias em que os parisienses veem pela primeira vez do ano suas calçadas sem lama e seu céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé de duas rodas puxado por dois cavalos fogosos desembocou na rua de Rivoli pela rua de Castiglione e parou atrás de várias carruagens estacionadas ao lado da grade recém-aberta no meio do terraço dos Feuillants. Essa carruagem ligeira era conduzida por um homem aparentemente preocupado e doentio; os cabelos grisalhos mal cobriam seu crânio amarelado e o envelheciam precocemente; ele jogou as rédeas para o laçao a cavalo que seguia seu carro e desceu para pegar nos braços uma moça cuja beleza delicada atraiu a atenção dos ociosos que passeavam pelo terraço. A criaturinha, condescendente, deixou-se agarrar pela cintura quando ficou de pé no estribo e passou seus braços em volta do pescoço de seu guia, que a pôs na calçada sem amarrotar a armação de seu vestido de repes verde. Um amante não teria tido tanto cuidado. O desconhecido devia ser o pai dessa criança, que, sem lhe agradecer, pegou-lhe familiarmente o braço e o arrastou abruptamente para o jardim. O velho pai reparou nos olhares maravilhados de certos rapazes, e a tristeza estampada em seu rosto apagou-se por um instante. Embora tivesse chegado, havia algum tempo, à idade em que os homens devem se contentar com as enganosas fruições dadas pela vaidade, ele sorriu.

— Pensam que você é minha mulher — disse ao ouvido da jovem, reerguendo-se e andando com uma lentidão que a desesperou.

Parecia demonstrar vaidade com a filha, e talvez desfrutasse mais que ela dos olhares que os curiosos lançavam para seus pezinhos calçados com borzequins de seda cinza, para uma cintura deliciosa desenhada por um vestido de corpete fino e para o pescoço viçoso que uma gola bordada não escondia inteiramente. Os movimentos do andar às vezes levantavam o vestido da moça e permitiam ver, acima dos borzequins, uma perna roliça finamente modelada por uma meia de seda rendada. Assim, mais de um passante ultrapassou o casal para admirar ou rever o rosto jovem em torno do qual balançavam alguns

cachos de cabelos castanhos, e cuja alvura e encarnado eram realçados tanto pelos reflexos do cetim rosa que forrava um elegante chapéu como pelo desejo e impaciência que cintilavam em todas as feições dessa linda criatura. Uma suave malícia animava seus belos olhos pretos, amendoados, dominados por sobranceiras bem arqueadas, debruados por longos cílios que banhavam num fluido puro. A vida e a juventude exibiam seus tesouros nesse rosto travesso e num busto ainda gracioso, apesar da cintura então marcada sob o seio. Insensível às homenagens, a moça olhava com uma espécie de ansiedade o castelo das Tuileries, provável objetivo de seu petulante passeio. Faltavam quinze para meio-dia. Por mais matinal que fosse essa hora, várias mulheres, que todas queriam se mostrar com bonitas toaletes, voltavam do castelo, não sem virar a cabeça com ar amuado, como se estivessem arrependidas de terem ido tarde demais desfrutar de um espetáculo desejado. Algumas palavras que escaparam do mau humor dessas belas passantes desapontadas, e agarradas no ar pela linda desconhecida, a haviam inquietado singularmente. O velho espiava com um olhar mais curioso que zombeteiro os sinais de impaciência e temor que se alternavam no rosto encantador de sua companheira, e a observava talvez com muito cuidado para não ter nenhuma segunda intenção paterna.

Esse domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. Dois dias depois Napoleão partiria para aquela campanha fatal em que perderia sucessivamente Bessières e Duroc, ganharia as memoráveis batalhas de Lützen e de Bautzen, iria se ver traído pela Áustria, a Saxônia, a Baviera, por Bernadotte, e disputaria a terrível batalha de Leipzig. A magnífica parada encomendada pelo imperador devia ser a última dessas que por tanto tempo excitaram a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda ia executar pela última vez as manobras engenhosas cuja pompa e precisão espantaram por vezes até esse próprio gigante, que então se preparava para seu duelo com a Europa. Um sentimento triste levava às Tuileries uma brilhante e curiosa população. Todos pareciam adivinhar o futuro e pressentiam talvez que mais uma vez a imaginação teria de retrair o quadro dessa cena, quando esses tempos heroicos da França adquirissem, como hoje, tons quase fabulosos.

— Vamos mais depressa, meu pai — dizia a jovem com jeito impaciente, arrastando o velho. — Estou ouvindo os tambores.

— São as tropas que entram nas Tuileries — ele respondeu.

— Ou que desfilam, todo mundo está indo! — ela retrucou com amargura infantil, que fez o velho sorrir.

— A parada só começa ao meio-dia e meia — disse o pai, que andava quase atrás de sua impetuosa filha.

Ao ver o movimento que ela imprimia a seu braço direito, vocês diriam que o utilizava para correr. Sua mãozinha, bem enluvada, amarrotava impaciente um lenço e parecia o remo de um barco que fende as ondas. De vez em quando, o velho sorria; mas às vezes expressões preocupadas também entristeciam passageiramente seu rosto descarnado. Seu amor por essa bela criatura o fazia tanto admirar o presente como temer o futuro. Parecia pensar: “Hoje ela está feliz, acaso será sempre?”. Pois os velhos são bastante propensos a dotar com suas tristezas o futuro dos jovens. Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão em cujo alto tremulava a bandeira tricolor, e por onde os passantes vão e vêm pelo jardim das Tuileries até o Carrousel, as sentinelas lhes gritaram com voz grave:

— Ninguém mais passa adiante!

A menina se ergueu na ponta dos pés e conseguiu entrever uma multidão de mulheres enfeitadas que se amontoava nas laterais da velha arcada de mármore por onde o imperador devia sair.

— Está vendo só, meu pai, saímos muito tarde.

Seu pequeno muxoxo pesaroso traía a importância que ela dera em comparecer a esse desfile.

— Pois então, Julie, vamos embora, você não gosta de ser pisoteada!

— Fiquemos, meu pai. Daqui ainda posso avistar o imperador; se ele morresse durante a campanha, eu nunca o teria visto.

O pai estremeceu ao ouvir essas palavras egoístas, sua filha tinha a voz embargada; olhou para ela e teve a impressão de observar sob suas pálpebras abaixadas algumas lágrimas causadas menos pelo despeito que por uma dessas primeiras tristezas cujo segredo, para um velho pai, é fácil adivinhar. De repente Julie corou e soltou uma exclamação cujo significado não foi entendido pelas sentinelas nem pelo velho. Diante desse grito um oficial que se lançava do pátio para a escada virou-se abruptamente, avançou até a arcada do jardim, reconheceu a jovem um instante escondida pelos altos gorros de pelo dos granadeiros, e logo abrandou, para ela e para o pai, a ordem que ele mesmo dera; depois, sem se preocupar com os murmúrios da multidão elegante que assediava a arcada, atraiu suavemente para si a menina encantadora.

— Já não me espanto com a raiva e a pressa dela, pois você estava de serviço — disse o velho ao oficial num tom tão sério como zombeteiro.

— Senhor duque — respondeu o rapaz —, se quiserem ficar bem colocados, não vamos nos distrair com conversas. O imperador não gosta de esperar, e estou encarregado pelo grande marechal de ir avisá-lo.

Enquanto falava, pegou com certa familiaridade o braço de Julie e arrastou-a depressa para o Carrousel. Julie avistou surpresa uma multidão imensa que se comprimia no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos presos pelas correntes que desenhavam grandes quadrados arenosos no meio do pátio das Tuileries. O cordão de sentinelas, instalado para deixar uma passagem livre para o imperador e seu estado-maior, tinha muita dificuldade em não ser derrubado por essa multidão apressada e zunindo como um enxame.

— Vai ser bem bonito — disse Julie sorrindo.

— Mas tome cuidado — exclamou o oficial, que pegou Julie pela cintura e a levantou com tanto vigor quanto rapidez para transportá-la até perto de uma coluna.

Sem essa retirada abrupta, sua parente curiosa acabaria machucada pelo traseiro do cavalo branco, ajaezado com uma sela de veludo verde e dourado, que o mameluco¹ de Napoleão segurava pelas rédeas, quase debaixo da arcada, a dez passos atrás de todos os cavalos que esperavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O rapaz instalou pai e filha perto do primeiro marco à direita, diante da multidão, e com um sinal de cabeça os recomendou aos dois velhos granadeiros entre os quais estavam. Quando o oficial voltou para o palácio, um ar de felicidade e alegria sucedera em seu rosto ao súbito pavor que o recuo do cavalo lhe causara; Julie apertara misteriosamente sua mão, fosse para agradecer-lhe pelo pequeno favor que ele acabava de lhe prestar, fosse para lhe dizer: “Finalmente vou poder vê-lo!”. Até mesmo inclinou suavemente a cabeça em resposta à saudação respeitosa que o oficial lhe fez, assim como a seu pai, antes de desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado de propósito os dois jovens juntos, permanecia numa atitude grave, um pouco atrás da filha; mas a observava de soslaio, e tentava lhe inspirar uma falsa segurança ao parecer absorto na contemplação do magnífico espetáculo oferecido no Carrousel. Quando Julie fixou no pai o olhar de uma colegial inquieta com o professor, o velho lhe respondeu com um sorriso de alegria benevolente; mas seus olhos penetrantes seguiram o oficial até a arcada, e nenhum acontecimento dessa cena rápida lhe escapou.

— Que lindo espetáculo! — disse Julie baixinho, apertando a mão do pai.

O aspecto pitoresco e grandioso que o Carrousel apresentava nesse momento fazia milhares de espectadores proferirem essa exclamação, e todos os rostos estavam boquiabertos de admiração. Outra fileira de gente, tão apertada quanto aquela onde o velho e sua filha estavam, ocupava numa linha paralela ao castelo o espaço estreito e

pavimentado que ladeia a grade do Carrousel. Essa multidão acabava de desenhar vigorosamente, pela variedade das toaletes femininas, o imenso retângulo formado pelos edifícios das Tuileries e essa grade então recém-instalada. Os regimentos da velha guarda que iam ser passados em revista enchiam esse vasto terreno, onde figuravam diante do palácio como imponentes linhas azuis de dez fileiras de profundidade. Mais além do recinto, e também no Carrousel, estavam, em outras linhas paralelas, vários regimentos de infantaria e de cavalaria prontos para desfilar sob o arco do Triunfo que ornamenta o meio da grade, e no alto do qual se viam, nessa época, os magníficos cavalos de Veneza. A banda de música dos regimentos, instalada sob as galerias do Louvre, estava escondida pelos lanceiros poloneses de serviço. Grande parte do quadrado arenoso permanecia vazio como uma arena preparada para os movimentos desses corpos silenciosos cujos volumes, dispostos com a simetria da arte militar, refletiam os raios do sol nas lâminas triangulares de dez mil baionetas. O ar, agitando os penachos dos soldados, fazia-os ondular como as árvores de uma floresta vergadas sob um vento impetuoso. Essas velhas tropas, mudas e brilhantes, ofereciam mil contrastes de cores devido à diversidade dos uniformes, dos enfeites, das armas e das agulhetas. Esse imenso quadro, miniatura de um campo de batalha antes do combate, estava poeticamente emoldurado, com todos os seus acessórios e acidentes estranhos, pelos altos prédios majestosos cuja imobilidade parecia imitada pelos chefes e soldados. O espectador comparava involuntariamente esses muros de homens com aqueles muros de pedra. O sol da primavera, que jogava profusamente sua luz sobre os muros brancos recém-construídos e sobre os muros seculares, iluminava plenamente esses inúmeros rostos morenos que, todos, contavam perigos passados e esperavam gravemente os perigos futuros. Os coronéis de cada regimento iam e vinham sozinhos diante das frentes formadas por esses homens heroicos. Depois, atrás das massas de tropas coloridas de prata, azul, púrpura e ouro, os curiosos podiam avistar as bandeirolas tricolores presas nas lanças de seis incansáveis cavaleiros poloneses, que, semelhantes a cães guiando um rebanho ao longo de um campo, rodopiavam sem parar entre as tropas e os curiosos, para impedir esses últimos de ultrapassar o pequeno espaço de terreno que lhes era concedido ao lado da grade imperial. Não fossem esses movimentos, as pessoas poderiam imaginar que estavam no palácio da Bela Adormecida. A brisa da primavera, que passava sobre os gorros de pelos compridos dos granadeiros, atestava a imobilidade dos soldados, assim como o surdo murmúrio da multidão marcava seu silêncio. Só às vezes a retumbância de um chapéu chinês² ou alguma leve batida dada por inadvertência num

grande tambor e repetida pelos ecos do palácio imperial, pareciam esses trovões distantes que anunciam uma tempestade. Um entusiasmo indescritível explodia na expectativa da multidão. A França ia dar adeus a Napoleão, na véspera de uma campanha cujos perigos eram previstos pelo mais humilde cidadão. Tratava-se, desta vez, para o Império francês, de ser ou não ser. Esse pensamento parecia animar a população urbana e a população armada que se comprimiam, igualmente silenciosas, no recinto em que pairavam a águia e o gênio de Napoleão. Esses soldados, esperança da França, esses soldados, sua última gota de sangue, também alimentavam, em grande parte, a inquieta curiosidade dos espectadores. Entre a maioria dos assistentes e dos militares, também se davam adeuses talvez eternos; mas todos os corações, até os mais hostis ao imperador, dirigiam ao céu votos ardentes pela glória da pátria. Todos os homens mais cansados da luta começada entre a Europa e a França tinham deposto seus ódios ao passarem sob o arco do Triunfo, compreendendo que na hora do perigo Napoleão era a França inteira. O relógio do castelo bateu meia hora. Nesse momento os zum-zuns da multidão cessaram, e o silêncio tornou-se tão profundo que se ouvia a voz de uma criança. O velho e a filha, que pareciam viver unicamente pelos olhos, distinguiram então um ruído de esporas e um tilintar de espadas que ressoaram sob o sonoro peristilo do castelo.

Um homem baixo bastante gordo, vestindo um uniforme verde, culote branco e calçando botas de montar, surgiu de repente mantendo na cabeça um chapéu de três bicos tão prestigioso como o próprio homem; a larga fita vermelha da Legião de Honra flutuava sobre seu peito, uma pequena espada pendia de lado. O homem foi visto por todos os olhos, e ao mesmo tempo de todos os pontos da praça. Logo os tambores rufaram o toque de continência, as duas orquestras iniciaram uma frase cuja expressão guerreira foi repetida por todos os instrumentos, da mais doce flauta até a maior caixa. Diante dessa chamada belicosa, as almas estremeceram, as bandeiras saudaram, os soldados apresentaram armas num movimento unânime e regular que agitou os fuzis da primeira à última fila no Carrousel. Ordens de comando lançaram-se de fila em fila, como ecos. Gritos de “Viva o imperador!” foram lançados pela multidão entusiasmada. Finalmente, tudo vibrou, tudo se mexeu, tudo se pôs em marcha. Napoleão estava montado a cavalo. Esse movimento imprimira vida àquelas massas silenciosas, dera voz aos instrumentos, um ímpeto às águias e às bandeiras, uma emoção a todos os rostos. Os muros das altas galerias do velho palácio também pareciam gritar: “Viva o imperador!”. Não foi algo humano, foi uma magia, um simulacro da potência divina, ou melhor, uma imagem fugaz daquele reino tão

fugaz. O homem cercado de tanto amor, entusiasmo, dedicação, votos, para quem o sol expulsara as nuvens do céu, permaneceu em seu cavalo, três passos à frente do pequeno esquadrão dourado que o seguia, tendo o grande marechal à sua esquerda, o marechal de serviço à sua direita. Em meio a tantas emoções suscitadas por ele, nenhum traço de seu rosto pareceu se comover.

— Ah, meu Deus, sim! Em Wagram, no meio do fogo, no Moscova, entre os mortos, *ele* é sempre a tranquilidade em pessoa.

Essa resposta a inúmeras interrogações era dada pelo granadeiro que estava perto da jovem. Julie ficou um instante absorta na contemplação daquela figura, cuja calma indicava tão grande segurança de poder. O imperador avistou a srta. de Chatillonest e inclinou-se para Duroc, dizendo-lhe uma frase curta que fez o grande marechal sorrir. As manobras começaram. Se até então a jovem dividira sua atenção entre a figura impassível de Napoleão e as linhas azuis, verdes e vermelhas das tropas, nesse momento ocupou-se quase exclusivamente, em meio aos movimentos rápidos e regulares executados por aqueles velhos soldados, de um jovem oficial que corria a cavalo entre as linhas móveis e voltava numa incansável atividade para o grupo à frente do qual brilhava o simples Napoleão. Esse oficial montava um fantástico cavalo preto e se fazia notar, no meio daquela multidão agaloada, pelo belo uniforme azul-celeste dos oficiais de ordenança do imperador. Seus bordados cintilavam tão intensamente ao sol, e o penacho de sua barretina estreita e comprida recebia clarões tão fortes que os espectadores poderiam compará-lo a um fogo-fátuo, a uma alma invisível encarregada pelo imperador de animar, conduzir aqueles batalhões cujas armas ondulantes lançavam chamas, quando, com um simples sinal de seus olhos, eles se dividiam, se juntavam, rodopiavam como as ondas de um abismo ou passavam diante dele como essas vagas longas, retas e altas que o oceano enfurecido dirige para suas praias.

Quando as manobras terminaram, o oficial de ordenança correu a toda a velocidade e parou diante do imperador para esperar as ordens. Nesse instante, estava a vinte passos de Julie, defronte do grupo imperial, numa atitude bem parecida com a que Gérard deu ao general Rapp no quadro da Batalha de Austerlitz. A jovem pôde então admirar seu namorado em todo o seu esplendor militar. O coronel Victor d'Aiglemont, com apenas trinta anos, era alto, de boa aparência, esbelto; e sua bela constituição nunca sobressaía tão bem do que quando ele empregava a força para governar um cavalo cujo dorso elegante e flexível parecia vergar debaixo de si. Seu rosto másculo e moreno possuía esse encanto inexplicável que uma perfeita regularidade de feições comunica a semblantes jovens. Sua fronte era

larga e alta. Seus olhos de fogo, ombreados por sobrancelhas grossas e cílios compridos, desenhavam-se como duas ovas brancas entre duas linhas pretas. Seu nariz oferecia a graciosa curva de um bico de águia. O púrpura dos lábios era realçado pelas sinuosidades do inevitável bigode preto. Suas faces largas e fortemente coradas ofereciam tons castanhos e amarelos que denotavam um vigor extraordinário. Sua figura, uma dessas que a bravura marcou com seu sinete, exhibia o tipo que hoje o artista procura quando pensa em representar um dos heróis da França imperial. O cavalo encharcado de suor, e cuja cabeça agitada expressava extrema impaciência, com as duas patas dianteiras afastadas e paradas numa mesma linha sem que uma ultrapassasse a outra, balançava a crina comprida de sua cauda fornida; e sua dedicação oferecia uma imagem material daquela que seu dono tinha pelo imperador. Ao ver seu amado tão ocupado em captar os olhares de Napoleão, Julie sentiu um instante de ciúme pensando que ele ainda não olhara para ela. De repente, o soberano pronuncia uma ordem, Victor esporeia os flancos de seu cavalo e parte a galope; mas a sombra de um marco projetada na areia assusta o animal, que se amedronta, recua, empina, e tão abruptamente que o cavaleiro parece em perigo. Julie dá um grito, empalidece; todos a olham com curiosidade; ela não vê ninguém; seus olhos estão presos no cavalo demasiado fogo, que o oficial castiga enquanto corre para transmitir as ordens de Napoleão. Essas cenas assombrosas absorviam tanto Julie, que, sem querer, ela se agarrara no braço do pai, a quem revelava involuntariamente seus pensamentos pela pressão mais ou menos intensa de seus dedos. Quando Victor estava prestes a ser derrubado pelo cavalo, ela se agarrou ainda mais violentamente ao pai, como se ela mesma corresse perigo de cair. O velho contemplava com sombria e dolorosa inquietação o rosto radioso da filha, e sentimentos de piedade, ciúme, lástima até, deslizaram por todas as suas rugas contraídas. Mas quando o brilho inabitual dos olhos de Julie, o grito que ela acabava de dar e o movimento convulso de seus dedos lhe revelaram um amor secreto, sem dúvida ele deve ter tido certas tristes revelações do futuro, pois seu rosto mostrou então uma expressão sinistra. Nesse momento, a alma de Julie parecia ter passado para a do oficial. Um pensamento mais cruel que todos aqueles que tinham assustado o velho crispou as feições de seu rosto, que sofreu ao ver D'Aiglemont trocando, ao passar diante deles, um olhar de cumplicidade com Julie, cujos olhos estavam úmidos e cuja tez adquirira extraordinária vivacidade. Ele levou bruscamente a filha para o jardim das Tuileries.

— Mas, meu pai — ela dizia —, ainda há na praça do Carrousel regimentos que vão manobrar.

— Não, minha filha, todas as tropas desfilaram.

— Acho, meu pai, que o senhor se engana. O sr. d'Aiglemont deve tê-las feito avançar...

— Mas minha filha, estou me sentindo mal e não quero ficar.

Julie não custou a acreditar em seu pai quando fixou os olhos naquele rosto a que as inquietações paternas davam um ar abatido.

— Está sofrendo muito? — perguntou com indiferença, de tal modo estava preocupada.

— Cada dia não é um dia de dádiva para mim? — perguntou o velho.

— Mas o senhor vai de novo me afligir falando de sua morte. Eu estava tão alegre! Por favor, expulse suas ideias negras e ruins.

— Ah! — exclamou o pai dando um suspiro —, menina mimada! Os melhores corações são às vezes bem cruéis. Então dedicar-lhes nossa vida, só pensar em vocês, preparar o seu bem-estar, sacrificar nossos gostos pelas suas fantasias, adorá-las, dar-lhes até mesmo nosso sangue, isso não é nada? Infelizmente, sim, vocês aceitam tudo com descaso. Para obter sempre seus sorrisos e seu amor desdenhoso, seria preciso ter o poder de Deus. Depois, enfim, um outro chega! Um amante, um marido nos sequestram os seus corações.

Julie, espantada, olhou para o pai, que andava devagar e lançava-lhe olhares sem brilho.

— Vocês até se escondem de nós — ele continuou —, mas talvez também de vocês mesmas.

— Mas o que está dizendo, meu pai?

— Penso, Julie, que você esconde segredos de mim. — Está amando — começou o velho com vivacidade, percebendo que a filha acabava de enrubescer. — Ah, eu esperava vê-la fiel a seu velho pai até a morte, esperava conservá-la perto de mim feliz e radiosa! Admirá-la como era ainda ontem. Ignorando sua sorte, eu poderia crer num futuro tranquilo para você; mas agora é impossível ter uma esperança de felicidade para a sua vida, pois você ama ainda mais a figura do coronel que do primo. Não posso mais duvidar.

— Por que me seria proibido amá-lo? — ela exclamou com profunda expressão de curiosidade.

— Ah! minha Julie, você não compreenderia — respondeu o pai suspirando.

— Mas diga — ela retrucou, deixando escapar um gesto de rebeldia.

— Pois bem, minha filha, escute-me! As moças costumam criar nobres, encantadoras imagens, figuras totalmente ideais, e forjam ideias quiméricas sobre os homens, sobre os sentimentos, sobre o mundo; depois atribuem inocentemente a um caráter as perfeições

com que sonharam e a ele se entregam; amam no homem de sua escolha essa criatura imaginária; porém, mais tarde, quando já não há tempo de se livrar da desgraça, a aparência enganadora que embelezaram, o primeiro ídolo enfim transforma-se num esqueleto odioso. Julie, eu preferiria saber que você está apaixonada por um velho a vê-la amando o coronel. Ah! se você pudesse se transportar na vida para daqui a dez anos, faria justiça à minha experiência. Conheço Victor: sua alegria é uma alegria sem espírito, uma alegria de caserna, ele não tem talento e é gastador. É um desses homens que o céu criou para tomar e digerir quatro refeições por dia, dormir, amar a primeira que aparece e combater. Não compreende a vida. Seu bom coração, pois ele tem bom coração, o arrastará talvez a dar seu dinheiro a um infeliz, a um camarada; mas é despreocupado, mas não é dotado dessa delicadeza de coração que nos torna escravos da felicidade de uma mulher; mas é ignorante, egoísta... Há muitos *mas*.

— No entanto, meu pai, ele precisa ter espírito, e meios, para ter sido promovido a coronel...

— Minha querida, Victor permanecerá coronel pelo resto da vida. Ainda não vi ninguém que me pareça digno de você — o velho pai começou com uma espécie de entusiasmo. Parou um instante, contemplou a filha e acrescentou: — Mas, minha pobre Julie, você ainda é muito jovem, muito frágil, muito delicada para suportar as tristezas e os aborrecimentos do casamento. D'Aiglemont foi mimado pelos pais, assim como você também foi por sua mãe e por mim. Como esperar que poderão se entender, com vontades diferentes cujas tiranias serão inconciliáveis? Você será vítima ou tirana. Uma ou outra coisa traz uma soma igual de desgraças na vida de uma mulher. Mas você é meiga e modesta, se dobrará primeiro. Por fim — disse com voz alterada —, você tem uma graça de sentimento que será ignorada, e então... — Não terminou, as lágrimas o assaltaram. — Victor — começou depois de uma pausa — ferirá as qualidades ingênuas de sua alma jovem. Conheço os militares, minha Julie; vivi no Exército. É raro que o coração dessa gente consiga vencer hábitos produzidos ou pelas desgraças no meio das quais vivem, ou pelos acasos de suas vidas aventureiras.

— Então o senhor quer, meu pai — Julie retrucou num tom que era um meio-termo entre a seriedade e a brincadeira —, contrariar meus sentimentos, casar-me pensando em si e não em mim?

— Casá-la pensando em mim! — exclamou o pai com um gesto de surpresa. — Em mim, minha filha, cuja voz tão amigavelmente ralhadora em breve você não mais ouvirá? Sempre vi os filhos atribuindo a um sentimento pessoal os sacrifícios que os pais fazem por eles! Case-se com Victor, minha Julie. Um dia deplorará

amargamente a nulidade dele, sua falta de ordem, seu egoísmo, sua indelicadeza, sua inépcia no amor e mil outras tristezas que lhe virão por ele. Então, lembre-se de que, sob estas árvores, a voz profética de seu velho pai ressoou em vão em seus ouvidos!

O velho se calou, flagrara a filha meneando a cabeça de um jeito insubmisso. Os dois deram uns passos até a grade onde a carruagem estava parada. Durante essa marcha silenciosa a moça examinou furtivamente o rosto do pai e foi desfazendo, pouco a pouco, seu semblante amuado. A dor profunda gravada naquela fronte inclinada para o chão causou-lhe viva impressão.

— Prometo-lhe, meu pai — disse com voz doce e alterada —, não lhe falar de Victor até que o senhor volte atrás em suas desconfianças contra ele.

O velho olhou para a filha com espanto. Duas lágrimas que rolavam de seus olhos caíram por suas faces enrugadas. Não conseguiu beijar Julie diante da multidão que os cercava, mas apertou ternamente sua mão. Quando subiu na carruagem, todos os pensamentos preocupados que tinham se amontoado em sua fronte haviam desaparecido por completo. A atitude um pouco triste da filha já o afligia bem menos que a alegria inocente cujo segredo escapara de Julie durante o desfile.

Nos primeiros dias do mês de março de 1814, um pouco menos de um ano depois dessa revista do imperador, uma caleça andava na estrada de Amboise a Tours. Ao deixar a cúpula verde das nogueiras sob as quais se escondia a posta da Frillière, esse carro foi levado com tal rapidez que num instante chegou à ponte construída sobre o Cise, na foz desse rio no Loire, e ali parou. Um tirante acabava de se quebrar depois do movimento impetuoso que, por ordem do patrão, o jovem postilhão desferira em quatro dos mais vigorosos cavalos da posta. Assim, por um efeito do acaso, as duas pessoas que estavam na caleça tiveram tempo de contemplar, ao acordarem, um dos lugares mais bonitos que podem apresentar as fascinantes margens do Loire. À direita, o viajante abarca com um olhar todas as sinuosidades do Cise, que se enrola como uma serpente prateada na relva dos prados a que os primeiros brotos da primavera davam então cores de esmeralda. À esquerda, o Loire aparece em toda a sua magnificência. As inúmeras facetas do vaivém da marola, produzidas por uma brisa matinal um pouco fria, refletiam as cintilações do sol sobre os vastos lençóis desdobrados por esse rio majestoso. Aqui e ali, ilhas verdejantes se sucedem na extensão das águas, como os engastes de um colar. Do outro lado do rio, os mais belos campos da Touraine desenrolam seus tesouros a perder de vista. Ao longe, o olhar não encontra outros limites além das colinas do Cher, cujos cimos desenhavam nesse

momento linhas luminosas contra o transparente azul do céu. Através da tenra folhagem das ilhas, no fundo do quadro, Tours parece, como Veneza, sair do seio das águas. Os campanários de sua velha catedral lançam-se nos ares, onde se confundiam então com as criações fantásticas de algumas nuvens esbranquiçadas. Além da ponte sobre a qual a caleça estava parada, o viajante avista diante de si, ao longo do Loire até Tours, uma cadeia de rochedos que, por uma fantasia da natureza, parece ter sido pousada para conter o rio cujas ilhotas minam incessantemente a pedra, espetáculo que sempre causa espanto no viajante. A cidadezinha de Vouvray encontra-se como que num nicho nas gargantas e nos desabamentos dessas rochas, que começam a descrever uma curva fechada diante da ponte do Cise. Depois, de Vouvray a Tours, as assustadoras anfractuosidades dessa colina dilacerada são habitadas por uma população de viticultores. Em mais de um lugar existem três andares de casas, escavadas na rocha e reunidas por perigosas escadas talhadas diretamente na pedra. No alto de um telhado, uma moça de saiote vermelho corre para seu jardim. A fumaça de uma chaminé eleva-se entre os sarmentos e o pâmpano nascente de uma vinha. Os lavradores cultivam os campos perpendiculares. Uma velha, sossegada sobre um pedaço de rocha desmoronada, gira sua roca debaixo das flores de uma amendoeira e olha os viajantes passarem a seus pés, sorrindo de seu espanto. Inquieta-se tão pouco com as rachaduras do solo como com as ruínas penduradas de um velho muro cujas bases não estão mais presas senão por tortuosas raízes de um manto de hera. O martelo dos toneleiros faz ressoarem as abóbadas de adegas aéreas. Enfim, a terra é por todo lado cultivada e por todo lado fecunda, ali onde a natureza recusou terra à indústria humana. Assim, nada é comparável, no curso do Loire, ao rico panorama que a Touraine apresenta aos olhos do viajante. O triplo quadro dessa cena, cujos aspectos são apenas indicados, proporciona à alma um desses espetáculos que ela inscreve para sempre na lembrança; e quando um poeta desfrutou disso, seus sonhos costumam reconstruir-lhe, fabulosamente, seus efeitos românticos. Quando o veículo chegou à ponte de Cise, várias velas brancas surgiam entre as ilhas do Loire e deram uma nova harmonia a esse lugar harmonioso. O cheiro dos salgueiros à beira do rio acrescentava perfumes penetrantes ao gosto da brisa úmida. Os pássaros faziam ouvir seus prolixos concertos; o canto monótono de um guardador de cabras a isso acrescentava uma espécie de melancolia, enquanto os gritos dos barqueiros anunciavam uma agitação longínqua. Vapores indolentes, caprichosamente parados em torno das árvores esparsas nessa vasta paisagem, imprimiam-lhe uma derradeira graça. Era a Touraine em toda a sua glória, a primavera em

tudo o seu esplendor. Essa parte da França, a única que os exércitos estrangeiros não iriam perturbar, era nesse momento a única que estava tranquila, e poderia se dizer que desafiava a Invasão.

Uma cabeça coberta por um quepe de polícia mostrou-se fora da caleça assim que ela parou de andar; logo um militar impaciente abriu pessoalmente a portinhola e pulou para a estrada como quem fosse comprar briga com o postilhão. A inteligência com que esse oriundo da Touraine consertava o tirante quebrado serenou o coronel conde d'Aiglemont, que voltou para a portinhola esticando os braços como para estender seus músculos entorpecidos; bocejou, olhou a paisagem e pôs a mão no braço de uma jovem mulher cuidadosamente envolta numa *vitchoura*.³

— Ei, Julie, acorde para observar a região! É magnífica — disse com voz rouca.

Julie pôs a cabeça para fora da caleça. Um gorro de marta servia-lhe de chapéu, e as pregas do mantô de pele em que estava enrolada disfarçavam tão bem suas formas que só se podia ver seu rosto. Julie d'Aiglemont já não parecia a moça que outrora corria com alegria e felicidade ao desfile das Tuileries. Seu rosto, sempre delicado, estava privado das cores róseas que antigamente lhe davam um brilho tão intenso. Os tufos pretos dos cabelos desfrisados pela umidade da noite realçavam a brancura opaca de seu rosto, cuja vivacidade parecia entorpecida. No entanto, seus olhos brilhavam como um fogo sobrenatural; mas abaixo de suas pálpebras certos tons violeta desenhavam-se sobre suas faces cansadas. Ela examinou com olhar indiferente os campos do Cher, o Loire e suas ilhas, Tours e os longos rochedos de Vouvray; depois, sem querer olhar para o vale maravilhoso do Cise, jogou-se prontamente no fundo da caleça e disse com uma voz que ao ar livre parecia de extrema fraqueza: “Sim, é admirável”. Como se vê, para sua tristeza ela derrotara o pai.

— Julie, você não gostaria de viver aqui?

— Oh! Aqui ou em outro lugar — disse ela com indiferença.

— Está se sentindo mal? — perguntou-lhe o coronel d'Aiglemont.

— De jeito nenhum — respondeu a jovem mulher com uma vivacidade momentânea. Contemplou o marido sorrindo e acrescentou: — Estou com vontade de dormir.

De repente, ressoou o galope de um cavalo. Victor d'Aiglemont largou a mão da mulher e virou a cabeça para a curva que a estrada faz nesse local. Quando o coronel já não podia vê-la, a expressão de alegria que ela imprimira em seu rosto pálido desapareceu como se algum clarão tivesse deixado de iluminá-la. Sem vontade de rever a paisagem nem curiosidade de saber quem era o cavaleiro cujo cavalo galopava tão furiosamente, ela se acomodou no canto da caleça e

seus olhos se fixaram na garupa dos cavalos sem trair nenhuma espécie de sentimento. Ficou com um ar tão estúpido quanto pode ser o de um camponês bretão ao escutar o sermão de um cura. Um rapaz montado num cavalo de raça saiu de repente de um pequeno bosque de choupos e espinheiros floridos.

— É um inglês — disse o coronel.

— Ah, meu Deus! Sim, general — retrucou o postilhão. — Ele é da raça dos sujeitos que, dizem, querem engolir a França.

O desconhecido era um desses viajantes que se encontravam no continente quando Napoleão prendeu todos os ingleses em represália ao atentado cometido contra o direito dos povos pelo gabinete de Saint-James, por ocasião do rompimento do tratado de Amiens. Submetidos ao capricho do poder imperial, nem todos esses prisioneiros ficaram nas residências onde foram detidos, nem naquelas que, de início, tiveram a liberdade de escolher. A maioria dos que, nesse momento, moravam na Touraine foi transferida para lá de diversos pontos do Império, onde sua permanência parecera comprometer os interesses da política continental. O jovem cativo que nesse instante passeava seu tédio matinal era uma vítima do poder burocrático. Fazia dois anos que uma ordem vinda do Ministério das Relações Exteriores o arrancara do clima de Montpellier, onde outrora o rompimento da paz o surpreendera, quando tentava se curar de uma doença do peito. A partir do momento em que esse rapaz reconheceu um militar na pessoa do conde d'Aiglemont, tratou de evitar seus olhares, virando bruscamente a cabeça para os prados do Cise.

— Todos esses ingleses são insolentes como se o globo lhes pertencesse — disse o coronel, murmurando. — Ainda bem que Soult vai lhes dar uma boa coça.

Quando o prisioneiro passou diante da caleça, deu uma olhada nela. Apesar da brevidade do olhar, pôde admirar a expressão de melancolia que conferia ao rosto pensativo da condessa um não sei quê de indefinível atração. Há muitos homens cujo coração fica poderosamente perturbado só com a aparência de sofrimento numa mulher: para eles, a dor parece ser uma promessa de constância ou de amor. Completamente absorta na contemplação de uma almofada de sua caleça, Julie não prestou atenção ao cavalo nem ao cavaleiro. O tirante tinha sido sólida e prontamente consertado. O conde tornou a subir na caleça. O postilhão esforçou-se para recuperar o tempo perdido e levou rapidamente os dois viajantes pelo lado do dique costeados pelos rochedos suspensos, dentro dos quais amadurecem os vinhos de Vouvray, de onde se lançam tantas casas bonitas, e onde aparecem ao longe as ruínas dessa tão famosa abadia de Marmoutiers, o retiro de São Martinho.

— Afinal, o que quer conosco esse milorde diáfano? — exclamou o coronel, virando a cabeça para se certificar de que o cavalheiro, que desde a ponte do Cise seguia seu carro, era o jovem inglês.

Como o desconhecido não violava nenhuma regra de polidez ao passear pela beira do dique, o coronel pôs-se de novo no canto de sua caleça depois de dirigir um olhar ameaçador ao inglês. Mas, apesar de sua involuntária inimizade, não pôde deixar de observar a beleza do cavalo e a graça do cavaleiro. O rapaz tinha um desses rostos britânicos cuja tez é tão fina, a pele tão macia e tão branca que às vezes ficamos tentados a supor que pertencem ao corpo delicado de uma moça. Era louro, magro e alto. Sua roupa tinha essa característica de requinte e limpeza que distingue os *fashionables* da puritana Inglaterra. Podia-se dizer que corava mais por pudor que por prazer diante do aspecto da condessa. Só uma vez Julie levantou os olhos para o estrangeiro; mas de certa forma foi obrigada pelo marido, que queria fazê-la admirar as pernas de um cavalo puro-sangue. Então os olhos de Julie encontraram os do tímido inglês. A partir desse momento o fidalgo, em vez de fazer seu cavalo marchar perto da caleça, a seguiu a uns passos de distância. A condessa mal e mal olhou para o desconhecido. Não percebeu nenhuma das perfeições humanas e equestres que lhe eram assinaladas, e acomodou-se de novo no fundo da carruagem depois de deixar escapar um leve gesto de sobrancelhas como para aprovar o marido. O coronel tornou a dormir, e os esposos chegaram a Tours sem ter trocado uma só palavra e sem que as paisagens encantadoras do cenário mutável em que viajavam atraíssem uma só vez a atenção de Julie. Quando o marido pegou no sono, a sra. d'Aiglemont o contemplou várias vezes. No último olhar que lhe deu, um solavanco fez cair sobre os joelhos da jovem mulher um medalhão preso a seu pescoço por uma corrente de luto, e o retrato de seu pai apareceu-lhe de repente. Diante dessa visão, lágrimas até então reprimidas correram de seus olhos. Talvez o inglês tenha visto os traços úmidos e brilhantes que essas lágrimas deixaram por um instante nas faces pálidas da condessa, mas que o ar secou prontamente. Encarregado pelo imperador de levar ordens ao marechal Soult, que devia defender a França contra a invasão feita pelos ingleses no Béarn, o coronel d'Aiglemont aproveitava a missão para subtrair sua mulher dos perigos que então ameaçavam Paris, e a conduzia a Tours para a casa de uma velha parente dele. Logo a carruagem andou pelo calçamento de Tours, pela ponte, pela rua principal, e parou diante do palacete antigo onde morava a ex-condessa de Listomère-Landon.

A condessa de Listomère-Landon era uma dessas belas senhoras de tez pálida, cabelos brancos, com um sorriso fino, que parecem

carregar cestas e usam um gorro cuja moda é desconhecida. Retratos septuagenários do século de Luís xv, essas mulheres são quase sempre carinhosas, como se ainda amassem; menos piedosas que devotas, e menos devotas do que parecem; sempre exalando o pó para os cabelos, sabendo contar, conversar melhor ainda e rindo mais de uma lembrança que de um gracejo. A atualidade lhes desagrada. Quando uma velha criada de quarto veio anunciar à condessa (pois breve iria recuperar seu título) a visita de um sobrinho que não via desde o começo da guerra da Espanha, ela prontamente tirou os óculos e fechou o *Galerie de l'ancienne cour*, seu livro favorito; depois recuperou uma espécie de agilidade para chegar ao patamar da escadaria no momento em que os esposos subiam os degraus.

Tia e sobrinha trocaram uma rápida olhadela.

— Bom dia, minha querida tia — exclamou o coronel agarrando a senhora e beijando-a com precipitação. — Trago-lhe uma jovem para a senhora cuidar. Acabo de lhe confiar meu tesouro. Minha Julie não é vaidosa nem ciumenta; tem a doçura de um anjo... Mas espero que não se estrague aqui — disse interrompendo-se.

— Malvado! — respondeu a condessa lançando-lhe um olhar zombeteiro.

Antecipou-se, com certa graça amável, para beijar Julie, que permanecia pensativa e parecia mais encabulada que curiosa.

— Então vamos nos conhecer, minha querida? — recommençou a condessa. — Não se assuste muito comigo, tento nunca ser velha com os jovens.

Antes de chegarem ao salão, a condessa já tinha, seguindo o hábito das províncias, encomendado o almoço para seus dois hóspedes; mas o conde interrompeu a eloquência da tia dizendo-lhe num tom sério que não podia lhe conceder mais tempo do que a posta levaria para trocar os cavalos. Então, os três entraram logo no salão, o coronel mal teve tempo de contar à tia-avó os acontecimentos políticos e militares que o obrigavam a lhe pedir asilo para sua jovem mulher. Durante esse relato, a tia olhava alternadamente para o sobrinho que falava sem ser interrompido e para a sobrinha, cuja palidez e tristeza lhe pareceram causadas por essa separação forçada. Tinha jeito de pensar: “Ah! Ah! esses jovens se amam”.

Nesse instante, estalos de chicote ressoaram no velho pátio silencioso, cujos paralelepípedos eram desenhados por tufo de capim. Victor beijou de novo a condessa e lançou-se para fora da casa.

— Adeus, minha querida — disse beijando sua mulher, que o seguiu até a carruagem.

— Oh, Victor! Deixe-me acompanhá-lo mais longe ainda — ela disse em tom carinhoso —, não gostaria de abandoná-lo...

— E você pensa nisso?

— Pois bem — retrucou Julie —, então, já que você quer, adeus.

O carro desapareceu.

— Então você ama muito meu pobre Victor? — perguntou a condessa à sobrinha, interrogando-a com um desses sábios olhares que as velhas lançam para os jovens.

— Infelizmente, senhora! — respondeu Julie. — Acaso não é preciso amar muito um homem para desposá-lo?

Essa última frase foi acentuada por um tom de ingenuidade que traía ao mesmo tempo um coração puro ou profundos mistérios. Ora, era bem difícil para uma mulher amiga de Duclos e do marechal de Richelieu não tentar adivinhar o segredo desse jovem casal. Nesse momento tia e sobrinha estavam na soleira da porta-cocheira, ocupadas em olhar a caleça que se ia. Os olhos da condessa não expressavam o amor como a velha senhora o compreendia. A boa dama era da Provence e suas paixões tinham sido intensas.

— Então você se deixou agarrar pelo malandro do meu sobrinho? — perguntou à sobrinha.

A condessa estremeceu involuntariamente, pois o tom e o olhar dessa velha faceira pareceram lhe anunciar um conhecimento do caráter de Victor talvez mais aprofundado que o seu. Portanto, a sra. d'Aiglemont, inquieta, envolveu-se nessa dissimulação canhestra, primeiro refúgio dos corações ingênuos e sofredores. A sra. de Listomère contentou-se com as respostas de Julie; mas pensou, satisfeita, que sua solidão ia ser alegrada por algum segredo de amor, pois a sobrinha pareceu-lhe ter alguma intriga divertida para contar. Quando a sra. d'Aiglemont viu-se num grande salão, forrado de tapeçarias emolduradas por varetas douradas, e sentada diante de uma grande lareira, protegida do frio das janelas por um biombo chinês, sua tristeza não conseguiu se dissipar. Era difícil que a alegria nascesse debaixo de lambris tão antigos, entre móveis seculares. No entanto, a jovem parisiense sentiu uma espécie de prazer em entrar nessa solidão profunda e no silêncio solene da província. Depois de trocar umas palavras com aquela tia, a quem escrevera no passado uma carta de recém-casada, ficou calada como se estivesse escutando a música de uma ópera. Só depois de duas horas de uma calma digna da Trapa foi que percebeu sua descortesia com a tia e lembrou-se de ter lhe dado apenas respostas frias. A senhora respeitara o capricho da sobrinha com esse instinto cheio de graça que caracteriza as pessoas dos velhos tempos. Nesse momento a digna idosa tricotava. Na verdade, ausentara-se várias vezes para cuidar de um certo quarto *verde* onde a condessa devia dormir e onde os empregados da casa punham as bagagens; mas já retomara seu lugar numa grande poltrona

e olhava furtivamente para a jovem mulher. Envergonhada de ter se abandonado à sua irresistível meditação, Julie tentou fazer-se perdoar, caçoando de si mesma.

— Minha querida menina, conhecemos a dor das viúvas — respondeu a tia.

Era preciso ter quarenta anos para adivinhar a ironia que expressaram os lábios da velha senhora. No dia seguinte, a condessa estava muito melhor e conversou. A sra. de Listomère já não perdeu as esperanças de domesticar essa recém-casada, que de início julgara ser uma criatura selvagem e estúpida; entreteve-a com as alegrias da região, os bailes e as casas onde elas podiam ir. Nesse dia, todas as perguntas da condessa foram outras tantas ciladas que, por um antigo hábito da corte, não conseguiu deixar de armar para sua sobrinha a fim de adivinhar seu caráter. Julie resistiu a todas as instâncias que lhe foram feitas por alguns dias para procurar distrações fora de casa. Assim, apesar do desejo que tinha de exhibir orgulhosamente sua linda sobrinha, a senhora acabou desistindo de querer apresentá-la à sociedade. A condessa encontrara um pretexto para sua solidão e para sua tristeza no desgosto que lhe causara a morte do pai, de quem ainda portava o luto. Ao fim de oito dias, a distinta senhora admirou a doçura angelical, as graças modestas, o espírito indulgente de Julie, e a partir de então interessou-se prodigiosamente pela misteriosa melancolia que corroía esse jovem coração. A condessa era uma dessas mulheres nascidas para serem amáveis, e que parecem levar consigo a felicidade. Sua companhia tornou-se tão suave e tão preciosa para a sra. de Listomère que ela se afligiu com a sobrinha e desejou não mais abandoná-la. Bastou um mês para se estabelecer entre elas uma amizade eterna. A senhora notou, não sem surpresa, as mudanças ocorridas na fisionomia da sra. d'Aiglemont. As cores vivas que incendiavam a tez se apagaram insensivelmente, e o rosto adquiriu tons opacos e pálidos. Ao perder seu brilho primitivo, Julie tornou-se menos triste. Às vezes a senhora despertava em sua jovem parente arroubos de alegria ou risos galhofeiros logo reprimidos por um pensamento importuno. Adivinhou que nem a lembrança paterna nem a ausência de Victor eram a causa da melancolia profunda que jogava um véu sobre a vida de sua sobrinha; depois, teve tantas más suspeitas que lhe foi difícil fixar-se na verdadeira causa do mal, pois talvez só por acaso é que encontramos a verdade. Um dia, finalmente, Julie acenou aos olhos da tia espantada com um esquecimento completo do casamento, uma loucura de mocinha travessa, uma candura de espírito, uma criancice digna da mais tenra idade, todo esse espírito delicado, e às vezes tão profundo, que distingue os jovens na França. A sra. de Listomère resolveu então sondar os mistérios dessa alma cuja

extrema naturalidade equivalia a uma dissimulação impenetrável. A noite se aproximava, as duas damas estavam sentadas diante de uma janela que dava para a rua, Julie retomara um ar pensativo, e um homem a cavalo passou.

— Eis uma de suas vítimas — disse a senhora.

A sra. d'Aiglemont olhou para a tia manifestando um espanto mesclado de inquietação.

— É um jovem inglês, um fidalgo, o honrado Arthur Ormond, filho mais velho de lorde Grenville. Sua história é interessante. Veio a Montpellier em 1802, esperando que o ar da região, para onde fora enviado pelos médicos, o curaria de uma doença pulmonar à qual poderia sucumbir. Como todos os seus compatriotas, foi preso por Bonaparte durante a guerra, pois esse monstro não pode deixar de fazer guerra. Por distração, esse jovem inglês começou a estudar sua doença, que se acreditava ser mortal. Sem perceber, tomou gosto pela anatomia, pela medicina; apaixonou-se por artes desse tipo, o que é muito extraordinário num homem de escol; mas nosso regente bem que se ocupou de química! Em suma, o sr. Arthur fez progressos surpreendentes, mesmo para os professores de Montpellier; o estudo o consolou de seu cativeiro, e ao mesmo tempo ele se curou totalmente. Dizem que ficou dois anos sem falar, respirando raramente, permanecendo deitado num estábulo, bebendo leite de uma vaca vinda da Suíça e alimentando-se de agrião.⁴ Desde que está em Tours não viu ninguém, é orgulhoso como um pavão; mas com toda certeza você o conquistou, pois provavelmente não é por mim que ele passa debaixo de nossas janelas duas vezes por dia desde que você está aqui... Sem dúvida, ele a ama.

Essas últimas palavras despertaram a condessa como por magia. Ela deixou escapar um gesto e um sorriso que surpreenderam a tia. Longe de demonstrar essa satisfação instintiva sentida até mesmo pela mulher mais severa quando fica sabendo que faz alguém infeliz, o olhar de Julie permaneceu apagado e frio. Seu rosto indicava um sentimento de repulsa próximo do horror. Essa proscrição não era a que uma mulher apaixonada joga sobre o mundo inteiro em benefício de uma só criatura; ela sabe, então, rir e agradecer; não, nesse momento Julie era como uma pessoa para quem a lembrança de um perigo muito intensamente presente ainda a faz sentir dor. A tia, bem convencida de que a sobrinha não amava o sobrinho, ficou estupefata ao descobrir que ela não amava ninguém. Tremeu por ter de reconhecer em Julie um coração desencantado, uma jovem mulher para quem a experiência de um dia, de uma noite talvez, bastara para avaliar a nulidade de Victor.

“Se ela o conhece, está tudo acabado”, pensou, “breve meu

sobrinho sofrerá os inconvenientes do casamento.”

Então propôs-se a converter Julie às doutrinas monárquicas do século de Luís xv;⁵ mas horas mais tarde soube, ou melhor, adivinhou, a situação, bastante comum na sociedade, à qual a condessa devia sua melancolia. Julie, repentinamente pensativa, retirou-se para seus aposentos mais cedo que de costume. Quando sua criada de quarto a despiu e a preparou para se deitar, ela ficou defronte da lareira, afundada numa duquesa de veludo amarelo, móvel antigo, tão favorável para os aflitos como para as pessoas felizes; chorou, suspirou, pensou; depois pegou uma mesinha, procurou papel e começou a escrever. As horas passaram depressa, a confidência que Julie fazia nessa carta parecia lhe custar muito, cada frase trazia longos devaneios; de repente a jovem mulher desfez-se em lágrimas e parou. Nesse momento os relógios bateram duas horas. Sua cabeça, tão pesada como a de uma moribunda, inclinou-se sobre o peito; depois, quando a ergueu, Julie viu a tia surgir de repente, como um personagem que se tivesse separado da tapeçaria pendurada nas paredes.

— Mas o que você tem, minha filha? — indagou a tia. — Por que ficar acordada até tão tarde, e sobretudo por que chorar sozinha, na sua idade?

Sentou-se sem maiores cerimônias perto da sobrinha e devorou com os olhos a carta iniciada.

— Escrevia para seu marido?

— E sei eu onde ele está? — retrucou a condessa.

A tia pegou o papel e o leu. Trouxera os óculos, havia premeditação. A inocente criatura deixou-a pegar a carta sem fazer a menor observação. Não era uma falta de dignidade, nem algum secreto sentimento de culpa que lhe retirava assim toda a energia; não, a tia a encontrou ali num desses momentos de crise em que a alma está sem força, em que tudo é indiferente, o bem como o mal, o silêncio como a confiança. Qual uma moça virtuosa que cobre de desprezo um amante, mas que à noite se sente tão triste, tão abandonada, que deseja e quer um coração onde depositar seus sofrimentos, Julie deixou ser violado, sem dizer uma palavra, o lacre que a delicadeza imprime a uma carta aberta, e ficou pensativa enquanto a marquesa lia.

“Minha querida Louisa, por que exigir tantas vezes o cumprimento da mais imprudente promessa que podem se fazer duas moças ignorantes? Várias vezes você se pergunta, conforme me escreve, por que não respondi há seis meses às suas interrogações. Se não entendeu meu silêncio, hoje talvez adivinhará sua razão ao saber dos mistérios que vou revelar. Eu os teria enterrado para sempre no fundo de meu

coração se você não me avisasse de seu próximo casamento. Você vai se casar, Louisa. Esse pensamento me faz tremer. Pobre menina, case-se; depois, em poucos meses, um de seus mais pungentes arrependimentos virá da lembrança do que éramos antigamente, quando uma noite, em Écouen, tendo nós duas chegado aos maiores carvalhos da montanha, contemplamos o belo vale que tínhamos a nossos pés e ali admiramos os raios do sol poente cujos reflexos nos envolviam. Sentamo-nos numa rocha e caímos num arrebatamento ao qual se sucedeu a mais doce melancolia. Você foi a primeira a achar que aquele sol distante nos falava do futuro. Éramos na época bem curiosas e bem loucas! Lembra-se de todas as nossas extravagâncias? Beijamo-nos como dois amantes, conforme dizíamos. Juramo-nos que a primeira de nós duas que se casasse contaria fielmente à outra esses segredos de himeneu, essas alegrias que nossas almas infantis nos pintavam tão deliciosas. Essa noite causará o seu desespero, Louisa. Naquele tempo você era jovem, bela, despreocupada, senão feliz; um marido a transformará, em poucos dias, no que já sou, feia, sofredora e velha. Dizer-lhe como eu estava orgulhosa, vaidosa e feliz de ter me casado com o coronel Victor d'Aiglemont seria uma loucura! E aliás, como lhe direi isso? Não me lembro mais de mim. Em poucos instantes minha infância tornou-se como um sonho. Minha atitude, durante o dia solene que consagrava um laço cuja extensão me estava oculta, não foi isenta de repreensões. Mais de uma vez meu pai tratou de reprimir minha alegria, pois eu demonstrava alegrias que achava inconvenientes, e minhas palavras revelavam malícia, justamente porque eram sem malícia. Eu fazia mil criancices com aquele véu nupcial, com aquele vestido e aquelas flores. Ao ficar sozinha, à noite, no quarto a que fora levada com pompa, meditei em alguma travessura para intrigar Victor; e esperando que ele chegasse, sentia palpitações no coração parecidas com as que me davam antigamente naqueles dias solenes de 31 de dezembro, quando, sem ser vista, eu me esgueirava para o salão onde os presentes estavam amontoados. Quando meu marido entrou, quando me procurou, o riso sufocado que o fiz ouvir debaixo das musselinas que me enrolavam foi o último brilho dessa alegria suave que animou os jogos de nossa infância...”

Quando a nobre senhora acabou de ler essa carta, que, começando assim, devia conter observações bem tristes, pousou lentamente os óculos sobre a mesa, onde também pôs a carta, e fixou em sua sobrinha dois olhos verdes cujo brilho claro ainda não estava enfraquecido pela idade.

— Minha filha — disse —, uma mulher casada não deveria escrever assim a uma jovem sem faltar às conveniências...

— É o que eu pensava — respondeu Julie interrompendo a tia —, e

tive vergonha de mim enquanto a senhora a lia...

— Se à mesa um prato não nos parece bom, não se deve tirar o apetite de ninguém, minha filha — continuou a velha com bondade —, sobretudo quando, desde Eva até nós, o casamento pareceu coisa tão excelente... Você já não tem mãe?

A condessa estremeceu; depois ergueu suavemente a cabeça e disse:

— Mais de uma vez, de um ano para cá, senti saudades de minha mãe; mas cometi o erro de não ter ouvido a repugnância de meu pai, que não queria Victor como genro.

Olhou para a tia e um arrepio de alegria enxugou suas lágrimas quando percebeu o ar de bondade que animava aquele velho rosto. Estendeu sua jovem mão para a condessa, que parecia solicitá-la; e quando seus dedos se comprimiram essas duas mulheres acabaram de se compreender.

— Pobre órfã! — acrescentou a condessa.

Essa palavra foi um último raio de luz para Julie. Ela teve a impressão de escutar de novo a voz profética do pai.

— Suas mãos estão escaldantes! São sempre assim? — perguntou a velha senhora.

— A febre só me abandonou há sete ou oito dias — respondeu.

— Você estava com febre e me escondeu!

— Tenho-a há um ano — disse Julie com uma espécie de ansiedade recatada.

— Quer dizer, meu bom anjinho — retomou a tia —, que até agora o casamento só foi para você uma longa dor?

A jovem mulher não ousou responder; mas fez um gesto afirmativo que traía todos os seus sofrimentos.

— Então se sente infeliz?

— Oh, não, minha tia! Victor me ama com idolatria, e eu o adoro, ele é tão bom!

— Sim, o ama; mas foge dele, não é?

— Sim... às vezes... ele me procura com demasiada frequência.

— Não costuma ficar perturbada na solidão pelo temor de que ele não venha surpreendê-la?

— Infelizmente, sim, minha tia! Mas gosto muito dele, garanto-lhe.

— Não se acusa em segredo por não saber ou não poder partilhar seus prazeres? Às vezes não pensa que o amor legítimo é mais duro de suportar do que seria uma paixão criminosa?

— Oh, é isso! — ela disse chorando. — Mas a senhora adivinha tudo, ali onde para mim tudo é enigma. Meus sentidos estão entorpecidos, estou sem ideias, enfim, vivo dificilmente. Minha alma está oprimida por uma apreensão indefinível que gela meus sentimentos e me atira num torpor contínuo. Estou sem voz para me

queixar e sem palavras para expressar meu sofrimento. Sofro, e tenho vergonha de sofrer ao ver Victor feliz com o que me mata.

— Criancices, bobagens tudo isso! — exclamou a tia, cujo rosto ressequido animou-se de repente com um sorriso alegre, reflexo das alegrias de sua mocidade.

— E a senhora também ri! — disse com desespero a jovem mulher.

— Eu fui assim — retomou prontamente a condessa. — Agora que Victor a deixou sozinha, você voltou a ser uma menina, tranquila; sem prazeres, mas sem sofrimentos?

Julie arregalou os olhos, pasma.

— Em suma, meu anjo, você adora Victor, não é? Mas preferiria ser sua irmã a ser sua mulher, e, afinal, não se deu bem com o casamento.

— Pois é, sim, minha tia. Mas por que sorrir?

— Ah, tem razão, minha pobre menina. Não há em tudo isso nada de muito alegre. Seu futuro teria mais a ver com uma desgraça se eu não a tomasse sob minha proteção, e se minha velha experiência não soubesse adivinhar a causa bem inocente de sua tristeza. Esse tolo do meu sobrinho não merecia a sua felicidade! Sob o reino de nosso bem-amado Luís xv, uma jovem mulher que se visse na situação em que você está teria logo punido o marido por se conduzir como um verdadeiro mercenário. O egoísta! Os militares desse tirano imperial são ignorantes grosseiros. Confundem brutalidade com galanteria, conhecem as mulheres tão pouco como sabem amar; acham que se expor à morte no dia seguinte os dispensa de ter, na véspera, considerações e atenções conosco. Antigamente, sabia-se tão bem amar quanto morrer convenientemente. Minha sobrinha, vou formá-lo para você. Vou pôr fim ao triste desacordo, bastante natural, que os levaria a se odiarem um ao outro, a desejarem um divórcio, se todavia você não estiver morta antes de chegar ao desespero.

Julie escutava a tia tanto com espanto como com estupor, surpresa de ouvir palavras cuja sabedoria era mais pressentida que compreendida por ela, e muito assustada por encontrar na boca de uma parente cheia de experiência, mas numa forma mais suave, a sentença proferida por seu pai sobre Victor. Teve talvez uma profunda intuição de seu futuro e com certeza sentiu o peso dos infortúnios que iriam esmagá-la; pois caiu em prantos e jogou-se nos braços da velha senhora dizendo-lhe: “Seja minha mãe!”. A tia não chorou, pois a Revolução deixou às mulheres da antiga monarquia poucas lágrimas nos olhos. Outrora o amor, e mais tarde o Terror, as familiarizaram com as peripécias mais pungentes, de modo que conservam no meio dos perigos da vida uma dignidade fria, uma afeição sincera, mas sem expansão, que lhes permite ser sempre mais fiéis à etiqueta e a uma nobreza de atitude que os novos costumes cometeram o grande erro

de repudiar. A velha senhora pegou a jovem mulher nos braços, beijou-a na testa com uma ternura e uma graça que costumam existir mais nas maneiras e nos hábitos dessas mulheres que em seu coração; afagou a sobrinha com palavras meigas, prometeu-lhe um futuro feliz, acalentou-a com promessas de amor ajudando-a a se deitar, como se fosse sua filha, uma filha querida cuja esperança e cujas tristezas se tornavam as suas próprias; revia-se jovem em sua sobrinha, reencontrava-se inexperiente e linda. A condessa adormeceu, feliz de ter encontrado uma amiga, a mãe a quem de agora em diante poderia dizer tudo. Na manhã seguinte, quando a tia e a sobrinha se abraçaram com essa cordialidade profunda e esse ar de compreensão que comprovam uma evolução no sentimento, uma coesão mais perfeita entre duas almas, ouviram os passos de um cavalo, viraram a cabeça ao mesmo tempo e viram o jovem inglês que passava lentamente, segundo seu hábito. Ele parecia ter feito um certo estudo da vida que aquelas duas mulheres solitárias levavam, e nunca deixava de passar na hora de seu almoço ou de seu jantar. Seu cavalo diminuía o passo sem precisar ser avisado; depois, durante o tempo que levava para cobrir o espaço entre as duas janelas da sala de jantar, Arthur fazia um olhar melancólico, quase sempre desprezado pela condessa, que não prestava a menor atenção a ele. Mas acostumada com essas curiosidades mesquinhas que se prendem às menores coisas a fim de animar a vida da província, e das quais dificilmente se protegem os espíritos superiores, a tia ia se divertindo com o amor tímido e sério, tão tacitamente expresso pelo inglês. Aqueles olhares periódicos haviam se tornado como um hábito para ela, que todo dia assinalava a passagem de Arthur com novos gracejos. Sentando-se à mesa, as duas mulheres olharam simultaneamente para aquele rapaz oriundo das ilhas. Dessa vez os olhos de Julie e de Arthur se encontraram com tal exatidão de sentimentos que a jovem corou. Logo o inglês esporeou o cavalo e partiu a galope.

— Mas, senhora — disse Julie à tia —, o que é preciso fazer? Deve estar comprovado para as pessoas que veem passar esse inglês que eu sou...

— Sim — respondeu a tia, interrompendo-a.

— Pois então eu não poderia dizer a ele que parasse de passear assim?

— Isso não seria lhe dar a pensar que ele é perigoso? E, aliás, você pode impedir um homem de ir e vir por onde bem entender? Amanhã não comeremos mais nesta sala; quando deixar de nos ver aqui, o jovem fidalgo deixará de amá-la pela janela. É assim, minha querida menina, que se comporta uma mulher que está acostumada com a sociedade.

Mas a desgraça de Julie devia ser completa. Mal as duas mulheres se levantaram da mesa, o criado de Victor chegou de repente. Vinha de Bourges, a toda brida, por caminhos secretos, e levava à condessa uma carta do marido. Victor, que deixara o imperador, anunciava à mulher a queda do regime imperial, a tomada de Paris e o entusiasmo que prorrompia em favor dos Bourbon em todos os cantos da França. Mas, não sabendo como chegar a Tours, ele lhe pedia para ir com toda urgência a Orléans, onde esperava estar com passaportes para ela. Esse criado, ex-militar, devia acompanhar Julie de Tours a Orléans, estrada que Victor pensava ainda estar livre.

— A senhora não tem um instante a perder — disse o criado —, os prussianos, os austríacos e os ingleses vão se juntar em Blois ou em Orléans...

Em poucas horas a jovem mulher ficou pronta e partiu num velho carro de viagem que a tia lhe emprestou.

— Por que não vem para Paris conosco? — ela disse beijando a tia.
— Agora que os Bourbon se restabelecem, a senhora lá encontraria...

— Mesmo sem esse retorno inesperado eu iria, minha pobre menina, pois meus conselhos lhe são muito necessários, a Victor e a você. Assim, vou tomar todas as providências para juntar-me a vocês.

Julie partiu acompanhada de sua criada de quarto e do velho militar, que galopava ao lado da sege zelando pela segurança da patroa. De noite, ao chegarem a uma posta adiante de Blois, Julie, inquieta ao ouvir um carro que andava atrás do seu e não a deixara desde Amboise, olhou pela portinhola a fim de ver quem eram seus companheiros de viagem. O luar permitiu-lhe avistar Arthur, em pé, a três passos dela, com os olhos grudados em seu assento. Seus olhares se cruzaram. A condessa jogou-se rapidamente no fundo de seu carro, mas com uma sensação de medo que a fez palpitar. Como a maioria das jovens mulheres realmente inocentes e sem experiência, ela enxergava uma falta num amor involuntariamente inspirado a um homem. Sentia um terror instintivo, que talvez lhe fosse dado pela consciência de sua fraqueza diante de uma agressão tão audaciosa. Uma das mais fortes armas do homem é esse poder terrível de se aferrar a uma mulher cuja imaginação naturalmente inconstante se apavora ou se ofende com uma perseguição. A condessa lembrou-se do conselho da tia e decidiu ficar, durante a viagem, no fundo de sua sege, sem sair dali. Mas a cada muda ouvia o inglês que passeava em torno dos dois carros; depois, na estrada, o barulho importuno de sua caleça ressoou incessantemente nos ouvidos de Julie. A jovem mulher logo pensou que, uma vez junto do marido, Victor saberia defendê-la contra essa perseguição singular.

“Mas e se esse rapaz não me amasse?”

Essa reflexão foi a última de todas as que fez. Chegando a Orléans, sua sege foi parada pelos prussianos, conduzida para o pátio de um albergue e vigiada por soldados. Era impossível a resistência. Os estrangeiros explicaram aos três viajantes, com sinais imperativos, que tinham recebido ordem de não deixar ninguém sair do carro. Chorando por cerca de duas horas, a condessa ficou prisioneira no meio dos soldados, que fumavam, riam e às vezes olhavam para ela com insolente curiosidade; mas afinal os viu se afastando do carro com uma espécie de respeito e ouvindo o barulho de vários cavalos. Logo uma tropa de oficiais superiores estrangeiros, à frente dos quais estava um general austríaco, cercou a sege.

— Senhora — disse-lhe o general —, aceite nossas desculpas; houve um erro, pode continuar sem medo a sua viagem, e aqui está um passaporte que de agora em diante lhe evitará qualquer espécie de afronta...

A condessa pegou o papel, trêmula, e balbuciou vagas palavras. Via, perto do general e com a farda de oficial inglês, Arthur, a quem provavelmente devia sua pronta liberação. A um só tempo alegre e melancólico, o jovem inglês desviou a cabeça e só ousou olhar para Julie furtivamente. Graças ao passaporte, a sra. d'Aiglemont chegou a Paris sem aventuras desagradáveis. Lá reencontrou o marido, que, liberado de seu juramento de fidelidade ao imperador, recebera a acolhida mais lisonjeira do conde d'Artois, nomeado tenente-general do reino por seu irmão Luís XVIII. Victor teve na guarda do rei uma posição eminente que lhe deu a patente de general. No entanto, em meio às festas que marcaram o retorno dos Bourbon, uma desgraça muito profunda, e que devia influir em sua vida, atormentou a pobre Julie: ela perdeu a condessa de Listomère-Landon. A velha senhora morreu de alegria e de uma gota que subiu para o coração, ao rever em Tours o duque d'Angoulême. Assim, a única pessoa a quem a idade dava o direito de esclarecer Victor, a única que, por hábeis conselhos, podia tornar mais perfeito o entendimento da mulher e do marido, essa pessoa estava morta. Julie sentiu toda a extensão dessa perda. Agora só havia ela mesma entre si e o marido. Mas, jovem e tímida, ela devia de início preferir o sofrimento à queixa. A própria perfeição de seu caráter opunha-se a que ousasse se esquivar de seus deveres ou tentasse procurar a causa de suas dores; pois fazê-las cessar teria sido coisa delicada demais: Julie temeria ofender seu pudor de moça.

Uma palavra sobre os destinos do sr. d'Aiglemont na época da Restauração.

Acaso não há muitos homens cuja nulidade profunda é um segredo para a maioria das pessoas que os conhecem? Um alto posto, um nascimento ilustre, importantes funções, um certo verniz de polidez,

uma grande reserva no comportamento ou os prestígios da fortuna são, para eles, como guardas que impedem que as críticas penetrem até sua íntima existência. Essas pessoas parecem os reis cuja verdadeira estatura, cujo caráter e costumes nunca podem ser bem conhecidos nem justamente apreciados, porque são vistos de longe demais ou de perto demais. Esses personagens de falso mérito interrogam em vez de falar, têm a arte de pôr os outros em cena para evitar se mostrarem diante deles; depois, com uma feliz habilidade, puxam cada um pelo fio de suas paixões ou de seus interesses, e jogam assim com os homens que lhes são realmente superiores, transformando-os em marionetes, e os consideram pequenos por os terem rebaixado até eles. Obtêm então o triunfo natural de um pensamento mesquinho, mas firme, contra a mobilidade dos grandes pensamentos. Assim, para julgar essas cabeças ocas e avaliar seus valores negativos, o observador deve possuir um espírito mais sutil que superior, mais paciência que alcance de vista, mais fineza e tato que elevação e grandeza nas ideias. No entanto, seja qual for a habilidade que demonstrem esses usurpadores ao defender seus lados fracos, para eles é bem difícil enganar a mulher, a mãe, os filhos ou o amigo da casa; mas essas pessoas quase sempre guardam segredo sobre uma coisa que se refere, de certa forma, à honra comum; e até mesmo é frequente que elas os ajudem a impô-la à sociedade. Se graças a essas conspirações domésticas muitos tolos são considerados homens superiores, eles compensam o número de homens superiores que são considerados tolos, de modo que o Estado social tem sempre a mesma massa de capacidades aparentes. Pensem agora no papel que deve representar uma mulher inteligente e de sentimentos em presença de um marido desse tipo: não percebem então existências cheias de dores e devoção, cujos corações repletos de amor e delicadeza nada neste mundo conseguiria recompensar? Que se encontre uma mulher forte nessa horrível situação, e ela se safará por um crime, como fez Catarina II, chamada porém de *a Grande*. Mas como nem todas as mulheres estão sentadas num trono, majoritariamente elas se dedicam a infortúnios domésticos que, por serem obscuros, nem por isso deixam de ser terríveis. As que procuram neste mundo consolos imediatos para seus males costumam apenas mudar de sofrimentos quando querem permanecer fiéis a seus deveres, ou cometem pecados se violam as leis em benefício de seus prazeres. Todas essas reflexões são aplicáveis à história secreta de Julie. Enquanto Napoleão permaneceu de pé, o conde d'Aiglemont, coronel como tantos outros, bom oficial de ordenança, excelente ao cumprir uma missão perigosa, mas incapaz de um comando de certa importância, não suscitou nenhuma inveja, foi tido como um dos

bravos que o imperador favorecia, e foi o que os militares chamam vulgarmente de *um bom menino*. A Restauração, que lhe devolveu o título de marquês, não o achou ingrato: ele seguiu os Bourbon para Gand. Esse ato de lógica e de fidelidade desmentiu o horóscopo que, no passado, seu sogro lia dizendo de seu genro que ele permaneceria coronel. No segundo retorno, nomeado tenente-general e novamente marquês, o sr. d'Aiglemont teve a ambição de chegar ao pariato, adotou as máximas e a política do *Le Conservateur*,⁶ envolveu-se numa dissimulação que não escondia nada, tornou-se grave, indagativo, pouco falante, e foi visto como um homem profundo. Entrincheirado o tempo todo nas formas da polidez, munido de fórmulas, decorando e prodigalizando as frases feitas que regularmente são cunhadas em Paris para trocar em miúdos junto aos tolos o sentido das grandes ideias ou dos fatos, as pessoas da sociedade o reputaram como sendo homem de gosto e de saber. Turrão em suas opiniões aristocráticas, foi citado como tendo um belo caráter. Se por acaso tornava-se despreocupado ou alegre como era no passado, a insignificância e a parvoíce de suas palavras tinham para os outros subentendidos diplomáticos. “Oh! ele só diz o que quer dizer”, pensavam pessoas honradíssimas. Era tão bem servido por suas qualidades como por seus defeitos. Sua bravura lhe valia uma alta reputação militar que nada desmentia, porque jamais fora comandante em chefe. Seu rosto másculo e nobre expressava pensamentos vastos, e sua fisionomia só era uma impostura para sua mulher. Ouvindo todos fazerem justiça a seus talentos falsos, o marquês d'Aiglemont acabou ele mesmo se convencendo de que era um dos homens mais notáveis da corte, onde graças às suas aparências soube agradar, e onde seus diferentes valores foram aceitos sem protesto. No entanto, o sr. d'Aiglemont era modesto no lar, onde sentia instintivamente a superioridade de sua mulher, por mais jovem que ela fosse; e desse respeito involuntário nasceu um poder oculto que a marquesa se viu obrigada a aceitar, apesar de todos os seus esforços para rejeitar esse fardo. Conselheira do marido, dirigiu suas ações e sua fortuna. Essa influência antinatural foi para ela uma espécie de humilhação e fonte de muitos sofrimentos que ela sepultava no coração. Primeiro, seu instinto tão delicadamente feminino lhe dizia que é bem mais bonito obedecer a um homem de talento do que conduzir um néscio, e que uma jovem esposa, obrigada a pensar e agir como homem, não é mulher nem homem, abdica de todas as graças de seu sexo, perdendo seus infortúnios, e não adquire nenhum dos privilégios que nossas leis conferiram aos mais fortes. Sua existência escondia uma irrisão bem amarga. Não era ela obrigada a honrar um ídolo oco, a proteger seu protetor, pobre criatura que, à guisa de salário por uma devoção contínua, dava-lhe o amor egoísta

dos maridos, nela só enxergava a mulher, não se dignava ou não sabia, injúria igualmente profunda, preocupar-se com seus prazeres, nem de onde vinham sua tristeza e seu depauperamento? Como a maioria dos maridos que sentem o jugo de um espírito superior, o marquês salvava seu amor-próprio deduzindo em Julie a fraqueza física da fraqueza moral, que ele se comprazia em lamentar pedindo satisfação ao destino por ter lhe dado como esposa uma moça doentia. Enfim, fazia-se de vítima quando na verdade era o carrasco. A marquesa, carregando todas as desgraças dessa triste existência, ainda devia sorrir para seu mestre imbecil, enfeitar com flores uma casa enlutada e ostentar a felicidade num rosto empalidecido por segredos suplicios. Essa responsabilidade de honra, essa abnegação magnífica deram insensivelmente à jovem marquesa uma dignidade de mulher, uma consciência de virtude que lhe serviram de salvaguarda contra os perigos do mundo. Além disso, para sondar esse coração a fundo, talvez o infortúnio íntimo e oculto que coroava seu primeiro, seu ingênuo amor de moça levou-a a tomar horror das paixões; talvez não imaginasse nem seu arrebatamento nem suas alegrias ilícitas mas delirantes que fazem certas mulheres esquecerem as leis da sensatez e os princípios de virtude sobre os quais a sociedade repousa. Renunciando, como a um sonho, às doçuras e à terna harmonia que a velha experiência da sra. de Listomère-Landon lhe prometera, aguardou com resignação o fim de seus pesares, esperando morrer jovem. Desde seu retorno da Touraine, sua saúde enfraquecera a cada dia, e a vida parecia lhe ser medida pelo sofrimento; sofrimento elegante, aliás, doença quase voluptuosa na aparência e que podia ser vista aos olhos das pessoas superficiais como uma fantasia de pequena amante. Os médicos tinham condenado a marquesa a permanecer deitada num sofá, onde ela se estiolava em meio às flores que a cercavam, murchando como ela. Sua fraqueza proibia-lhe a marcha e o ar livre; só saía em carro fechado. Sempre cercada por todas as maravilhas de nosso luxo e de nossa indústria moderna, parecia menos uma doente que uma rainha indolente. Certos amigos, interessando-se talvez por sua desgraça e sua fraqueza, seguros de sempre encontrá-la em casa, e provavelmente especulando também sobre sua boa saúde futura, iam lhe levar as notícias e contar-lhe esses mil pequenos acontecimentos que dão a Paris a existência tão variada. Sua melancolia, embora grave e profunda, era, portanto, a melancolia da opulência. A marquesa d'Aiglemont parecia uma bela flor cuja raiz é roída por um inseto negro. Às vezes apresentava-se em sociedade, não por gosto mas para obedecer às exigências da posição a que aspirava o marido. Ali, sua voz e a perfeição de seu canto podiam lhe permitir recolher aplausos que quase sempre lisonjeiam uma jovem mulher;

mas de que lhe serviam os êxitos que ela não relacionava com sentimentos nem com esperanças? Seu marido não amava a música. Enfim, quase sempre se via constrangida nos salões onde sua beleza lhe atraía homenagens interessadas. Ali sua situação excitava uma espécie de compaixão cruel, uma curiosidade triste. Estava sofrendo de uma inflamação via de regra bastante mortal, que as mulheres se confiam aos ouvidos, e para a qual nossa neologia ainda não soube encontrar um nome.⁷ Apesar do silêncio em que sua vida se passava, a causa de seu sofrimento não era segredo para ninguém. Sempre mocinha, apesar do casamento, os menores olhares a deixavam envergonhada. Assim, para evitar corar, o tempo todo mostrava-se risonha, alegre; afetava uma falsa alegria, sempre dizia estar bem ou evitava as perguntas sobre sua saúde com mentiras pudicas. No entanto, em 1817 um acontecimento contribuiu muito para modificar o estado deplorável em que Julie mergulhara até então. Teve uma filha e quis amamentá-la. Durante dois anos as vivas distrações e os prazeres inquietos dados pelos cuidados maternos propiciaram-lhe uma vida menos infeliz. Separou-se necessariamente do marido. Os médicos prognosticaram-lhe uma saúde melhor; mas a marquesa não acreditou nesses presságios hipotéticos. Como todas as pessoas para as quais a vida já não tem doçura, talvez visse na morte um feliz desfecho.

No começo do ano de 1819, a vida lhe foi mais cruel que nunca. Quando se congratulava pela felicidade negativa que soubera conquistar, entreviu pavorosos abismos: pouco a pouco, o marido se desabitudara dela. Esse esfriamento de um afeto já tão morno e tão egoísta podia causar mais de uma desgraça que seu fino tato e sua prudência a faziam prever. Embora tivesse certeza de manter grande influência sobre Victor e de ter obtido sua estima para sempre, temia a influência das paixões sobre um homem tão nulo e tão vaidosamente irrefletido. Volta e meia seus amigos flagravam Julie entregue a longas meditações; os menos clarividentes perguntavam-lhe, brincando, qual era o segredo daquilo, como se uma jovem mulher só pudesse pensar em frivolidades, como se quase sempre não existisse um sentido profundo nos pensamentos de uma mãe de família. Aliás, tanto a infelicidade como a felicidade verdadeira nos conduzem ao devaneio. Às vezes, brincando com a sua Hélène, Julie a fitava com um olhar sombrio e parava de responder a essas interrogações infantis que dão tanto prazer às mães, para pedir contas de seu destino ao presente e ao futuro. Então seus olhos ficavam rasos d'água, quando de repente uma lembrança lhe recordava a cena do desfile nas Tuileries. As previdentes palavras do pai ressoavam mais uma vez em seus ouvidos, e sua consciência a recriminava por ter ignorado a sabedoria dele.

Dessa louca desobediência vinham todas as suas desgraças, e muitas vezes ela não sabia qual, entre todas, era a mais difícil de suportar. Não só os doces tesouros de sua alma permaneciam ignorados, como ela jamais conseguia se fazer compreender pelo marido, até mesmo nas coisas mais banais da vida. No momento em que a faculdade de amar nela se desenvolvia mais forte e mais ativa, o amor permitido, o amor conjugal se desvanecia em meio a graves sofrimentos físicos e morais. Além disso, sentia pelo marido essa compaixão próxima do desprezo que, com o tempo, fenece todos os sentimentos. Por fim, se suas conversas com alguns amigos, se os exemplos ou se certas aventuras da alta sociedade não lhe tivessem ensinado que o amor trazia imensas felicidades, suas feridas a fariam adivinhar os prazeres profundos e puros que devem unir as almas fraternas. No quadro que sua memória lhe traçava do passado, a cândida figura de Arthur desenhava-se cada dia mais pura e mais bela, mas rapidamente; pois ela não ousava se deter nessa lembrança. O silencioso e tímido amor do jovem inglês era o único fato que, desde o casamento, deixara alguns doces vestígios nesse coração sombrio e solitário. Talvez todas as esperanças frustradas, todos os desejos abortados que, gradualmente, entristeciam o espírito de Julie se referissem, por um jogo natural da imaginação, a esse homem, cujas maneiras, cujos sentimentos e caráter pareciam oferecer tantas simpatias com os seus. Mas esse pensamento sempre tinha a aparência de um capricho, de um sonho. Depois desse sonho impossível, sempre concludo por suspiros, Julie acordava mais infeliz e sentia ainda mais as dores latentes quando as adormecia sob as asas de uma felicidade imaginária. De vez em quando seus lamentos tomavam um caráter de loucura e audácia, ela queria prazeres a qualquer preço; porém, ainda mais frequentemente, ficava às voltas com não sei que entorpecimento estúpido, escutava sem compreender, ou concebia pensamentos tão vagos e tão indecisos que não encontraria linguagem para expressá-los. Machucada em suas mais íntimas vontades, nos costumes com que no passado, quando moça, sonhara, era obrigada a engolir suas lágrimas. A quem se queixaria? Por quem poderia ser ouvida? Além disso, tinha essa extrema delicadeza da mulher, esse adorável pudor de sentimentos que consiste em calar uma queixa inútil, em não tirar vantagem quando o triunfo deve humilhar o vencedor e o vencido. Julie tentava dar sua capacidade e suas próprias virtudes ao sr. d'Aiglemont, e gabava-se de saborear a felicidade que lhe faltava. Toda a sua delicadeza de mulher era empregada, inutilmente, em deferências ignoradas por aquele mesmo cujo despotismo elas perpetuavam. Por instantes ficava inebriada de infortúnio, sem ideias, sem freios; mas felizmente uma verdadeira devoção sempre a levava a

uma esperança suprema: refugiava-se na vida futura, admirável crença que a fazia aceitar de novo sua missão dolorosa. Esses combates tão terríveis, esses dilaceramentos internos eram inglórios, essas longas melancolias eram desconhecidas; nenhuma criatura recolhia seus olhares ternos, suas lágrimas amargas caídas ao acaso e na solidão.

Os perigos da situação crítica a que a marquesa chegara insensivelmente pela força das circunstâncias revelaram-se a ela em toda a sua gravidade numa noite do mês de janeiro de 1820. Quando dois esposos se conhecem perfeitamente e estão muito habituados um com o outro, quando uma mulher sabe interpretar os menores gestos de um homem e pode penetrar nos sentimentos ou nas coisas que ele lhe esconde, então luzes súbitas costumam surgir depois de reflexões ou de observações precedentes, devidas ao acaso ou feitas primitivamente com indiferença. Muitas vezes uma mulher acorda de repente à beira ou no fundo de um abismo. Assim, a marquesa, feliz por estar sozinha havia alguns dias, adivinhou o segredo de sua solidão. Inconstante ou cansado, generoso ou cheio de piedade por ela, seu marido não lhe pertencia mais. Nesse momento, ela já não pensou em si mesma nem em seus sofrimentos nem em seus sacrifícios; não foi mais do que mãe, e viu a fortuna, o futuro, a felicidade de sua filha; sua filha, a única criatura de quem lhe veio alguma felicidade; sua Hélène, único bem que a prendia à vida. Agora, Julie queria viver para preservar a filha do jugo assustador sob o qual uma madrasta podia sufocar a vida dessa querida criatura. Diante dessa nova previsão de um futuro sinistro, caiu numa dessas meditações ardentes que devoram anos inteiros. A partir de então, entre ela e o marido deveria existir todo um mundo de pensamentos, cujo peso só ela suportaria. Até então, segura de ser amada por Victor, tanto quanto ele conseguia amar, dedicara-se a uma felicidade que não partilhava; mas hoje, não tendo mais a satisfação de saber que suas lágrimas faziam a alegria do marido, sozinha no mundo, só lhe restava a escolha das desgraças. Em meio ao desânimo que, na calma e no silêncio da noite, afrouxou todas as suas forças; no momento em que, saindo de seu divã e de sua lareira quase apagada, ela ia, sob o clarão de uma lamparina, contemplar a filha com um olhar seco, o sr. d'Aiglemont entrou cheio de alegria. Julie o fez admirar o sono de Hélène; mas ele acolheu o entusiasmo da mulher com uma frase banal.

— Nessa idade, todas as crianças são boazinhas.

Em seguida, depois de beijar, indiferente, a testa da filha, baixou o cortinado do berço, olhou para Julie, pegou-lhe a mão e levou-a para perto de si naquele divã onde tantos pensamentos fatais acabavam de surgir.

— Está muito bonita esta noite, sra. d'Aiglemont! — exclamou com

essa insuportável alegria cujo vazio era tão conhecido da marquesa.

— Onde passou a noite? — ela perguntou fingindo profunda indiferença.

— Na casa da sra. de Sérizy.

Ele pegara em cima da lareira um abano e examinava sua transparência com atenção, sem ter percebido os vestígios das lágrimas derramadas por sua mulher. Julie sentiu um arrepio. As palavras não bastariam para expressar a torrente de pensamentos que escapou de seu coração e que ela teve de conter.

— A sra. de Sérizy organiza um concerto na próxima segunda-feira e morre de vontade de tê-la por lá. Basta que há muito tempo você não tenha aparecido em sociedade para que ela deseje vê-la em sua casa. É uma boa mulher que gosta muito de você. Você me dará o prazer de ir. Quase respondi por você...

— Irei — Julie respondeu.

O som da voz, o tom e o olhar da marquesa tinham algo tão penetrante, tão peculiar, que, apesar de sua indiferença, Victor olhou para a mulher com espanto. Foi só isso. Julie adivinhara que a sra. de Sérizy era a mulher que lhe sequestrara o coração do marido. Ficou num torpor e num devaneio de desespero e pareceu muito ocupada em olhar para o fogo. Victor girava o abano entre os dedos, com o jeito entediado de um homem que, depois de ter sido feliz em outro lugar, leva para casa o cansaço da felicidade. Após bocejar várias vezes, pegou um castiçal com uma das mãos, com a outra foi buscar languidamente o pescoço de sua mulher e quis beijá-la; mas Julie se abaixou, apresentou-lhe a testa e ali recebeu o beijo da noite, esse beijo mecânico, sem amor, espécie de trejeito que então lhe pareceu odioso. Quando Victor fechou a porta, a marquesa jogou-se numa poltrona; suas pernas cambalearam e ela caiu em prantos. É preciso ter sofrido o suplício de uma cena análoga para compreender tudo o que essa esconde de dores, para adivinhar os longos e terríveis dramas que provoca. Essas palavras simples e banais, esses silêncios entre os dois esposos, os gestos, os olhares, a maneira como o marquês se sentara diante da lareira, a atitude que teve procurando beijar o pescoço de sua mulher, tudo servira para fazer dessa hora um trágico desfecho da vida dolorosa e solitária levada por Julie. Em sua loucura, ela se ajoelhou diante de seu divã, onde afundou o rosto para não ver nada e rezou aos céus, dando às palavras habituais de sua oração um tom íntimo, um significado novo que dilacerariam o coração do marido se ele as tivesse ouvido. Ficou por oito dias preocupada com seu futuro, às voltas com sua desgraça, que estudava procurando os meios de não mentir a seu coração, de reconquistar sua influência sobre o marquês e de viver bastante tempo para cuidar da felicidade

da filha. Decidiu então lutar com sua rival, reaparecer na sociedade e brilhar; fingir por seu marido um amor que não conseguia mais sentir, seduzi-lo; depois, quando por seus artifícios o tivesse subjugado a seu poder, seria coquete com ele como o são essas amantes caprichosas que desfrutam do prazer de atormentar seus amantes. Essa manobra odiosa era o único remédio possível para seus males. Assim, iria se tornar senhora de seus sofrimentos, os ordenaria a seu bel-prazer e os tornaria mais raros ao mesmo tempo que subjugaria o marido, ao mesmo tempo que o domaria sob um despotismo terrível. Não sentiu mais nenhum remorso de impor-lhe uma vida difícil. De um pulo, lançou-se nos frios cálculos da indiferença. Para salvar a filha, adivinhou de repente as perfídias, as mentiras das criaturas que não amam, os embustes da coqueteria, e essas astúcias atrozes que fazem odiar tão profundamente a mulher em quem os homens supõem então depravações inatas. Sem Julie se dar conta, sua vaidade feminina, seu interesse e um vago desejo de vingança puseram-se de acordo com seu amor materno para fazê-la entrar num caminho em que novas dores a esperavam. Mas tinha a alma bela demais, o espírito delicado demais, e sobretudo tinha franqueza demais para ser por muito tempo cúmplice dessas fraudes. Habituada a ler em si mesma, no primeiro passo no vício, pois isso era vício, o grito de sua consciência deveria abafar o das paixões e do egoísmo. De fato, numa jovem mulher cujo coração ainda é puro, e em que o amor permaneceu virgem, o próprio sentimento da maternidade é submetido à voz do pudor. E o pudor não era a mulher inteira? Mas Julie não quis ver nenhum perigo, nenhuma falta em sua nova vida. Foi à casa da sra. de Sérizy. Sua rival esperava ver uma mulher pálida, lânguida; a marquesa passara ruge e apresentou-se em todo o brilho de uma toalete que realçava ainda mais sua beleza.

A senhora condessa de Sérizy era uma dessas mulheres que pretendem exercer em Paris uma espécie de império sobre a moda e a sociedade; ditava regras, que, recebidas no círculo onde reinava, pareciam-lhe universalmente adotadas; tinha a pretensão de criar frases definitivas; era sumamente *julgadora*. Literatura, política, homens e mulheres, tudo era submetido à sua censura; e a sra. de Sérizy parecia desafiar a dos outros. Sua casa era, em todas as coisas, um modelo de bom gosto. No meio daqueles salões repletos de mulheres elegantes e belas, Julie triunfou sobre a condessa. Espirituosa, viva, buliçosa, teve em torno de si os homens mais distintos da noite. Para desespero das mulheres, sua toalete era irrepreensível, e todas lhe invejaram o corte do vestido, a forma do corpete cujo efeito foi geralmente atribuído ao gênio de alguma costureira desconhecida, pois as mulheres preferem acreditar mais na

ciência das roupas do que na graça e na perfeição daquelas que são feitas para usá-las bem. Quando Julie se levantou para ir ao piano cantar a romança de Desdêmona, os homens correram de todos os salões para ouvir aquela voz famosa, muda havia tanto tempo, e fez-se um profundo silêncio. A marquesa sentiu intensas emoções ao ver as cabeças comprimidas nas portas e todos os olhares fixos nela. Procurou o marido, deu-lhe uma olhadela cheia de coqueteria e viu com prazer que nesse momento seu amor-próprio estava extraordinariamente lisonjeado. Feliz com esse triunfo, encantou a plateia com a primeira parte de *al piu salice*.⁸ Nunca a Malibran nem La Pasta tinham feito ouvir cantos tão perfeitos de sentimento ou entonação; mas no momento da reprise, olhou para os grupos e avistou Arthur, cujo olhar fixo não a abandonava. Estremeceu profundamente e sua voz se alterou. A sra. de Sérizy saiu de seu lugar na direção da marquesa.

— O que houve, minha querida? Ah! pobrezinha, está tão doente! Eu tremia ao vê-la se lançar numa coisa acima de suas forças...

A romança foi interrompida. Julie, despeitada, já não sentiu coragem de continuar e sofreu a compaixão pérfida de sua rival. Todas as mulheres cochicharam; depois, de tanto discutirem esse incidentes, adivinharam a luta iniciada entre a marquesa e a sra. de Sérizy, a qual não pouparam em suas maledicências. Os estranhos pressentimentos que tantas vezes haviam agitado Julie foram, de repente, concretizados. Ao se ocupar de Arthur, ela se deleitara em acreditar que um homem aparentemente tão doce, tão delicado, devia ter permanecido fiel a seu primeiro amor. Às vezes sentia-se lisonjeada por ser o objeto dessa bela paixão, a paixão pura e verdadeira de um homem jovem, para quem todos os pensamentos pertencem à sua bem-amada, para quem todos os momentos lhe são consagrados, que não tem rodeios, que enrubesce com o que faz uma mulher enrubescer, pensa como uma mulher, não lhe dá rivais e entrega-se a ela sem pensar na ambição nem na glória nem na fortuna. Ela sonhara tudo isso a respeito de Arthur, por loucura, por distração; depois, de repente, pensou ver seu sonho realizado. Leu no rosto quase feminino do jovem inglês os pensamentos profundos, as melancolias doces, as resignações dolorosas de que ela mesma era vítima. Reconheceu-se nele. A desgraça e a melancolia são as intérpretes mais eloquentes do amor, e se correspondem entre dois seres sofredores com inacreditável rapidez. A visão íntima e a interpenetração das coisas ou das ideias são neles completas e justas. Assim, a violência do choque recebido pela marquesa revelou todos os perigos do futuro. Feliz demais por encontrar um pretexto para a perturbação de seu estado habitual de sofrimento, deixou-se de bom grado esmagar pela engenhosa piedade

da sra. de Sérizy. A interrupção da romança era um acontecimento sobre o qual se entretinham de modo um tanto diverso várias pessoas. Um deploravam a sorte de Julie e lamentavam que uma mulher tão admirável estivesse perdida para a sociedade; outras queriam saber a causa de seus sofrimentos e da solidão em que vivia.

— Pois é, meu caro Ronquerolles — dizia o marquês ao irmão da sra. de Sérizy —, você invejava minha felicidade ao ver a sra. d'Aiglemont e me censurava de lhe ser infiel? Ora, acharia que minha sorte é bem pouco desejável se ficasse como eu em presença de uma linda mulher por um ou dois anos sem ousar lhe beijar a mão, de medo de quebrá-la. Nunca se comprometa com essas joias delicadas, que só servem para ser postas numa redoma, e cuja fragilidade e preço nos obrigam sempre a respeitar. Acaso costuma sair com seu belo cavalo para o qual teme, me disseram, os temporais e a neve? É essa minha história. É verdade que tenho certeza da virtude de minha mulher; mas meu casamento é uma coisa de luxo; e se me acredita casado, engana-se. Assim, minhas infidelidades são, de certa forma, legítimas. Eu bem que gostaria de saber o que vocês fariam em meu lugar, vocês que ficam rindo? Muitos homens teriam menos deferências que tenho por minha mulher. Tenho certeza — acrescentou baixinho — que a sra. d'Aiglemont não desconfia de nada. Assim, sem dúvida, eu cometeria um grande erro se me queixasse; sou muito feliz... Só que nada é mais aborrecido para um homem sensível do que ver sofrer uma pobre criatura a quem ele é apegado...

— Então você tem tanta sensibilidade? — indagou o sr. de Ronquerolles. — Pois raramente está em casa.

Esse epigrama amigável fez os ouvintes rirem; mas Arthur ficou frio e imperturbável, como um gentleman que assumiu a gravidade como base de seu caráter. As estranhas palavras daquele marido levaram provavelmente o jovem inglês a conceber certas esperanças, e ele esperou com paciência o momento em que poderia ficar a sós com o sr. d'Aiglemont, e logo a ocasião se apresentou.

— Cavalheiro — disse-lhe —, vejo com uma pena infinita o estado da senhora marquesa, e se o senhor soubesse que, na falta de uma dieta especial, ela deve morrer miseravelmente, penso que não brincaria com seus sofrimentos. Se lhe falo assim é porque me sinto, de certa forma, autorizado a isso pela certeza que tenho de salvar a sra. d'Aiglemont e restituí-la à vida e à felicidade. É pouco frequente que um homem de meu nível seja médico; e no entanto, quis o acaso que eu estudasse medicina. Ora, entedio-me bastante — disse afetando um egoísmo frio que devia servir a seus desígnios — para que me seja indiferente gastar meu tempo e minhas viagens em benefício de uma criatura sofredora, em vez de satisfazer certas fantasias tolas. A cura

para doenças desse tipo é rara porque se exigem muitos cuidados, tempo e paciência; é preciso, sobretudo, ter fortuna, viajar, seguir escrupulosamente as prescrições que variam todo dia e nada têm de desagradável. Somos dois gentis-homens — disse dando ao termo a acepção da palavra inglesa *gentleman* — e podemos nos entender. Previno-lhe que se aceitar minha proposta será a qualquer momento o juiz de meu comportamento. Nada empreenderei sem tê-lo como conselheiro, sem a sua vigilância, e respondo pelo sucesso se aceitar me obedecer. Sim, se aceitar não ser por muito tempo o marido da sra. d'Aiglemont — disse-lhe ao ouvido.

— Com toda certeza, milorde — disse o marquês rindo —, só um inglês poderia me fazer uma proposta tão estranha. Permita-me não rejeitá-la e não acatá-la, pensarei no assunto. Além do mais, antes de tudo ela deve ser submetida à minha mulher.

Nesse momento Julie reaparecera ao piano. Cantou o ar de Semíramis, *Son regina, son guerriera*. Aplausos unânimes, mas aplausos surdos, por assim dizer, as aclamações polidas do *faubourg* Saint-Germain demonstraram o entusiasmo que ela suscitou.

Quando D'Aiglemont voltou com a mulher para seu palacete, Julie viu com uma espécie de prazer inquieto o rápido sucesso de suas tentativas. O marido, despertado pelo papel que ela acabava de representar, quis honrá-la com uma fantasia e pegou-a com vontade, como faria com uma atriz. Julie achou divertido ser tratada assim, ela, virtuosa e casada; tentou jogar com seu poder, e nessa primeira luta sua bondade a fez sucumbir mais uma vez, porém foi a mais terrível de todas as lições que o destino lhe reservava. Por volta das duas ou três horas da madrugada, Julie estava sentada, sombria e sonhadora, no leito conjugal; uma lamparina bruxuleante iluminava tenuemente o quarto, onde reinava o silêncio mais profundo; e fazia cerca de meia hora que a marquesa, entregue a pungentes remorsos, derramava lágrimas cuja amargura só pode ser compreendida pelas mulheres que já se viram na mesma situação. Era preciso ter a alma de Julie para sentir, igual a ela, o horror de uma carícia calculada, para se ver tão magoada por um beijo frio; apostasia do coração agravada ainda por uma dolorosa prostituição. Ela mesma se desprezava, amaldiçoava o casamento, gostaria de estar morta; e, sem um grito dado pela filha, talvez tivesse se precipitado pela janela, na calçada. O sr. d'Aiglemont dormia sereno a seu lado, sem ser acordado pelas lágrimas quentes que sua mulher deixava cair sobre ele. No dia seguinte Julie soube ser alegre. Encontrou forças para parecer feliz e esconder, não mais sua melancolia, mas um invencível horror. Desse dia em diante não mais se olhou como uma mulher irrepreensível. Não mentira a si mesma? Agora não seria capaz de dissimulação? E não poderia mais tarde

exibir uma profundidade surpreendente nos delitos conjugais? Seu casamento era a causa dessa perversidade a priori que ainda não se exercia sobre coisa nenhuma. No entanto, ela já se perguntara por que resistir a um amante amado quando se dava, contra sua vontade e contra o desejo da natureza, a um marido que não mais amava. Todos os pecados, e talvez os crimes, têm como princípio um raciocínio errado ou certos excessos de egoísmo. A sociedade só pode existir pelos sacrifícios individuais exigidos pelas leis. Aceitar suas vantagens não seria comprometer-se a manter as condições que a fazem subsistir? Ora, os infelizes sem pão, obrigados a respeitar a propriedade, devem ser tão dignos de pena como as mulheres feridas nos desejos e na delicadeza de sua natureza. Dias depois dessa cena, cujos segredos foram sepultados no leito conjugal, D'Aiglemont apresentou lord Grenville à mulher. Julie recebeu Arthur com uma polidez fria que honrava sua dissimulação. Impôs silêncio a seu coração, velou seus olhares, deu firmeza à sua voz e pôde assim permanecer dona de seu futuro. Em seguida, depois de reconhecer por esses meios, inatos por assim dizer nas mulheres, toda a extensão do amor que inspirara, a sra. d'Aiglemont sorriu para a esperança de uma rápida cura, e não mais opôs resistência à vontade do marido, que a violentava para fazê-la aceitar os cuidados do jovem doutor. No entanto, só quis se fiar em lord Grenville depois de ter estudado bastante suas palavras e maneiras, para ter certeza de que ele teria a generosidade de sofrer em silêncio. Tinha sobre ele o mais absoluto poder, e dele já abusava: não era mulher?

Montcontour é um antigo solar situado num desses rochedos amarelos ao pé dos quais passa o Loire, perto do lugar onde Julie parara em 1814. É um desses pequenos castelos da Touraine, brancos, bonitos, com torreões esculpidos, bordados como uma renda de Malines; um desses castelos delicados, graciosos, que se miram nas águas do rio com seus bosques de amoreiras, seus vinhedos, seus caminhos escarpados, suas longas balaustradas trabalhadas, suas adegas no rochedo, seus mantos de hera e seus declives. Os telhados de Montcontour cintilam sob os raios do sol, tudo ali é ardente. Mil vestígios da Espanha poetizam essa habitação encantadora: as giestas douradas, as flores das campânulas perfumam a brisa; o ar é uma carícia, a terra sorri em toda parte, e em toda parte doces magias envolvem a alma, tornam-na preguiçosa, amorosa, a enlanguescem e embalam. Essa bela e suave região adormece as dores e desperta as paixões. Ninguém permanece frio sob o céu puro, diante daquelas águas cintilantes. Ali morre mais de uma ambição, ali nos deitamos no seio de uma felicidade tranquila, como toda noite o sol se deita em seus lenços de púrpura e azul.

Numa tarde amena do mês de agosto, em 1821, duas pessoas escalavam os caminhos pedregosos que recortam os rochedos sobre os quais está assentado o castelo, e dirigiam-se às alturas para admirar, provavelmente, os panoramas múltiplos que dali se descortinam. Essas duas pessoas eram Julie e lorde Grenville; mas essa Julie parecia ser uma nova mulher. A marquesa tinha as cores vivas da saúde. Seus olhos, vivificados por uma força fecunda, faiscavam através de um vapor úmido, parecido com o fluido que dá aos olhos das crianças atrativos irresistíveis. Sorria plenamente, estava feliz de viver e imaginava a vida. Pela maneira como levantava os pés miúdos, era fácil ver que nenhum sofrimento pesava como outrora sobre seus menores movimentos, não enfraquecia seus olhares, nem suas palavras nem seus gestos. Debaixo da sombrinha de seda branca que a protegia dos quentes raios do sol, parecia uma recém-casada sob seu véu, uma virgem pronta a se entregar aos encantos do amor. Arthur a conduzia com um zelo de amante, guiava-a como se guia uma criança, punha-a no melhor caminho, fazia-a evitar as pedras, mostrava-lhe uma vista ou a levava diante de uma flor, sempre movido por um perpétuo sentimento de bondade, por uma intenção delicada, por um conhecimento íntimo do bem-estar dessa mulher, sentimentos que nele pareciam inatos, tanto e talvez mais que o movimento necessário à sua própria existência. A paciente e seu médico andavam no mesmo passo sem se espantar com uma concordância que parecia ter existido desde o primeiro dia em que andaram juntos; obedeciam a uma mesma vontade, paravam impressionados pelas mesmas sensações; seus olhares, suas palavras correspondiam a pensamentos mútuos. Chegando os dois ao alto de um vinhedo, quiseram descansar sobre uma dessas longas pedras brancas que continuamente se extraem das escavações abertas no rochedo; mas antes de se sentar Julie contemplou o local.

— Que belo lugar! — exclamou. — Vamos armar uma barraca e viver aqui. Victor — gritou —, venha cá, venha cá!

O sr. d'Aiglemont respondeu lá de baixo com um grito de caçador, mas sem apressar o passo; só vez por outra olhava para a mulher, quando as sinuosidades da trilha lhe permitiam. Julie aspirou o ar com prazer, levantando a cabeça e dando para Arthur uma dessas olhadelas sutis com que uma mulher de espírito expressa todo o seu pensamento.

— Oh! — prosseguiu —, gostaria de ficar aqui para sempre. Será possível se cansar um dia de admirar esse belo vale? Sabe o nome deste lindo rio, milorde?

— É o Cise.

— O Cise — repetiu. — E lá longe, diante de nós, o que é?

— São as encostas do Cher — ele disse.

— E à direita? Ah, é Tours! Mas veja o belo efeito produzido ao longe pelos campanários da catedral.

Ficou muda e deixou cair sobre a mão de Arthur a mão que estendera para a cidade. Os dois admiraram calados a paisagem e as belezas daquela natureza harmoniosa. O murmúrio das águas, a pureza do ar e do céu, tudo se harmonizava com os pensamentos que vieram em profusão a seus corações amorosos e jovens.

— Oh! Meu Deus, como amo este lugar — Julie repetiu com um entusiasmo crescente e ingênuo. — Morou aqui muito tempo? — recomeçou depois de uma pausa.

Diante dessas palavras, lorde Grenville estremeceu.

— Foi ali — respondeu com melancolia mostrando um pequeno bosque de nogueiras na estrada —, ali que, prisioneiro, a vi pela primeira vez...

— Sim, mas eu já estava muito triste; essa natureza me pareceu selvagem, e agora...

Parou, lorde Grenville não ousou olhar para ela.

— É a você — disse enfim Julie depois de um longo silêncio — que devo esse prazer. Não é preciso estar viva para sentir as alegrias da vida, e até agora eu não estava morta para tudo? Você me deu mais que a saúde, ensinou-me a sentir todo o seu valor...

As mulheres têm um talento inimitável para expressar seus sentimentos sem empregar palavras muito incisivas; sua eloquência está sobretudo na inflexão, no gesto, na atitude e nos olhares. Lorde Grenville escondeu a cabeça entre as mãos, pois lágrimas rolavam de seus olhos. Esse agradecimento era o primeiro que Julie lhe fazia desde a partida de Paris. Durante um ano inteiro ele cuidara da marquesa com a dedicação mais integral. Auxiliado por D'Aiglemont, conduzira-a às águas de Aix, depois à beira do mar, em La Rochelle. Espiando a todo instante as mudanças que suas sábias e simples prescrições produziam na constituição deteriorada de Julie, cultivara-a como um horticultor apaixonado pode cultivar uma flor rara. A marquesa parecera receber os cuidados inteligentes de Arthur com todo o egoísmo de uma parisiense habituada às homenagens, ou com a indiferença de uma cortesã que não sabe o custo das coisas nem o valor dos homens e os preza pelo grau de utilidade que têm para ela. A influência exercida sobre a alma pelos lugares é coisa digna de nota. Se a melancolia nos invade infalivelmente quando estamos na beira das águas, outra lei de nossa natureza impressionável faz com que, nas montanhas, nossos sentimentos se depurem: a paixão ganha em profundidade o que parece perder em intensidade. O aspecto da vasta bacia do Loire, a elevação da linda colina onde os dois apaixonados

estavam sentados causavam talvez a calma deliciosa em que saborearam primeiro a felicidade que se sente em adivinhar a extensão de uma paixão oculta debaixo de palavras aparentemente insignificantes. Quando Julie terminava a frase que impressionara tão profundamente lorde Grenville, uma brisa acariciante agitou a copa das árvores, espalhou o frescor das águas no ar; algumas nuvens cobriram o sol e sombras indolentes deixaram ver todas as belezas dessa linda natureza. Julie desviou a cabeça para esconder do jovem lorde a visão das lágrimas que conseguiu prender e enxugar, pois o enternecimento de Arthur a invadira prontamente. Não ousou erguer os olhos para ele, temendo que ele lesse demasiada alegria naquele olhar. Seu instinto de mulher a fazia sentir que nessa hora perigosa devia sepultar seu amor no fundo do coração. No entanto, o silêncio podia ser igualmente temível. Percebendo que lorde Grenville estava sem condições de proferir uma palavra, Julie prosseguiu em tom suave:

— Você está tocado pelo que lhe disse, milorde. Talvez essa viva expansão seja a maneira que uma alma graciosa e boa como a sua adota para recuar de um falso julgamento. Você terá me julgado ingrata, achando-me fria e reservada, ou zombeteira e insensível, durante esta viagem que felizmente vai terminar em breve. Eu não teria sido digna de seus cuidados se não soubesse apreciá-los. Milorde, nada esqueci. Infelizmente, nada esquecerei, nem a solicitude que o levou a cuidar de mim como a mãe cuida do filho, nem sobretudo a nobre confiança de nossas conversas fraternas, a delicadeza de seus procedimentos; seduções contra as quais nenhuma de nós tem armas. Milorde, está fora de meu poder recompensá-lo...

Dito isso, Julie se afastou rapidamente, e lorde Grenville não fez nenhum gesto para detê-la; a marquesa foi até uma rocha ali perto e ficou imóvel; as emoções de ambos foram um segredo para eles mesmos; provavelmente choraram em silêncio; os cantos dos pássaros, tão alegres, tão pródigos de expressões ternas ao pôr do sol, devem ter aumentado a violenta comoção que os forcara a se separar: a natureza se encarregava de expressar-lhes um amor do qual não ousavam falar.

— Pois bem, milorde — Julie recomeçou pondo-se diante dele numa atitude cheia de dignidade que lhe permitiu pegar a mão de Arthur —, vou lhe pedir que torne pura e santa a vida que me restituiu. Aqui nos separaremos. Sei — acrescentou vendo lorde Grenville empalidecer — que como preço de sua dedicação exigirei um sacrifício ainda maior que aqueles cuja extensão deveria ser mais bem reconhecida por mim... Mas é preciso... você não permanecerá na França. Pedir-lhe isso não é dar-lhe direitos que serão sagrados? — acrescentou pondo a mão do rapaz sobre seu coração palpitante.

— Sim — disse Arthur levantando-se.

Nesse momento ele apontou para D'Aiglemont, que carregava a filha no colo e apareceu do outro lado de um caminho escarpado, sobre a balaustrada do castelo. Tinha subido ali para que sua pequena Hélène pulasse.

— Julie, não lhe falarei do meu amor, nossas almas se compreendem bem demais. Por mais profundos, por mais secretos que fossem os prazeres de meu coração, você partilhou de todos eles. Sinto-o, sei, vejo-o. Agora, adquiero a deliciosa prova da constante simpatia de nossos corações, mas fugirei... Várias vezes calculei com demasiada habilidade os meios de matar esse homem, e sempre consegui resistir se permanecesse perto de você.

— Tive o mesmo pensamento — ela disse, deixando transparecer no rosto perturbado as marcas de uma surpresa dolorosa.

Mas havia tanta virtude, tanta confiança em si mesma e tantas vitórias secretamente conseguidas sobre o amor no tom e no gesto que escaparam de Julie, que lord Grenville ficou imbuído de admiração. A própria sombra do crime desfizera-se nessa consciência ingênua. O sentimento religioso que dominava aquela linda fronte devia sempre expulsar os maus pensamentos involuntários gerados por nossa natureza imperfeita, mas que mostram ao mesmo tempo a grandeza e os perigos de nosso destino.

— Então — ela prosseguiu — eu teria incorrido em seu desprezo e teria me salvado — disse baixando os olhos. — Perder sua estima não é morrer?

Esses dois heroicos amantes ficaram calados mais um momento, ocupados em devorar seus pesares: bons e maus, seus pensamentos eram fielmente os mesmos, e entendiam-se tão bem em seus íntimos prazeres como em suas dores mais ocultas.

— Não devo reclamar, a desgraça de minha vida é obra minha — ela acrescentou levantando aos céus olhos cheios de lágrimas.

— Milorde — exclamou o general de seu lugar, fazendo um gesto —, encontramos-nos aqui pela primeira vez. Talvez não se lembre. Veja, foi ali, perto daqueles álamos.

O inglês respondeu com uma brusca inclinação de cabeça.

— Eu devia morrer jovem e infeliz — respondeu Julie. — Sim, não creia que vou viver. A tristeza será igualmente mortal como podia ser a terrível doença da qual você me curou. Não me considero culpada. Não, os sentimentos que nutri por você são irresistíveis, eternos, mas um tanto involuntários, e quero permanecer virtuosa. No entanto, serei fiel ao mesmo tempo à minha consciência de esposa, a meus deveres de mãe e aos votos de meu coração. Escute — disse com voz alterada —, não pertencerei mais àquele homem, nunca mais.

E com um gesto espantoso de horror e de verdade Julie apontou para o marido.

— As leis do mundo — prosseguiu — exigem que eu lhe torne a existência feliz; obedecerei a elas; serei sua escrava; minha dedicação a ele será sem limites, mas a partir de hoje sou viúva. Não quero ser uma prostituta nem a meus olhos nem aos do mundo; se não sou mais do sr. d'Aiglemont, nunca mais serei de outro. Você só terá de mim o que de mim arrancou. Eis a sentença que lavrei sobre mim mesma — disse olhando Arthur com altivez. — Ela é irrevogável, milorde. Agora, saiba que se você cedesse a um pensamento criminoso a viúva do sr. d'Aiglemont entraria num convento, seja na Itália, seja na Espanha. Quis a desgraça que tenhamos falado de nosso amor. Essas confissões talvez fossem inevitáveis; mas que seja pela última vez que nossos corações vibraram tão fortemente. Amanhã você fingirá receber uma carta que o convoca à Inglaterra, e nos separaremos para nunca mais nos revermos.

Entretanto, esgotada por esse esforço, Julie sentiu os joelhos se dobrarem, um frio mortal a invadiu e por um pensamento bem feminino sentou-se para não cair nos braços de Arthur.

— Julie — gritou lorde Grenville.

Esse grito penetrante repercutiu como um trovão. Esse clamor dilacerante expressou tudo o que o apaixonado, até então mudo, não pudera dizer.

— Ei, mas o que ela tem? — perguntou o general.

Ao ouvir esse grito, o marquês apressara o passo e viu-se de repente diante dos dois apaixonados.

— Não é nada — disse Julie com esse admirável sangue-frio que a delicadeza natural das mulheres lhes permite ter muitas vezes nas grandes crises da vida. — O ar frio desta nogueira quase me fez perder os sentidos, e meu doutor deve ter tremido de medo. Não sou para ele como uma obra de arte que ainda não está acabada? Talvez ele tenha tremido de vê-la destruída...

Pegou audaciosamente o braço de lorde Grenville, sorriu para o marido, olhou a paisagem antes de abandonar o alto dos rochedos e arrastou seu companheiro de viagem tomando sua mão.

— Aqui está, sem dúvida, o mais belo lugar que vimos — ela disse. — Jamais o esquecerei. Veja só, Victor, que distâncias, que amplidão e que variedade. Esta terra me faz imaginar o amor.

Rindo com um riso quase convulso, mas rindo de maneira a enganar o marido, pulou alegremente pelos caminhos escarpados e desapareceu.

— Ei, tão cedo?... — disse quando se viu longe do sr. d'Aiglemont.

— Ei, meu amigo, daqui a pouco já não poderemos ser, e nunca mais

seremos nós mesmos; em suma, não viveremos mais...

— Vamos devagar — respondeu lord Grenville —, as carruagens ainda estão longe. Andaremos juntos, e se nos for permitido pôr palavras em nossos olhares nossos corações viverão um momento a mais.

Passearam pela margem do dique, na beira das águas, sob os últimos clarões da tarde, quase em silêncio, dizendo vagas palavras, doces como o sussurro do Loire, mas que revolviam a alma. O sol, no momento de se pôr, os envolveu com seus reflexos vermelhos antes de desaparecer; imagem melancólica de seu amor fatal. Muito inquieto por não encontrar sua carruagem no lugar onde parara, o general seguia ou precedia os dois apaixonados, sem se meter em sua conversa. O nobre e delicado comportamento que lord Grenville tivera durante essa viagem destruíra as suspeitas do marquês, e fazia algum tempo que ele deixava sua mulher livre, confiando na fé púnica do lord-doutor. Arthur e Julie caminharam ainda mais, na triste e dolorosa harmonia de seus corações feridos. Não havia muito, subindo pelas escarpas de Montcontour os dois tinham uma vaga esperança, uma felicidade inquieta que não se atreviam a interrogar: mas ao descer ao longo do dique, haviam derrubado o frágil edifício construído em sua imaginação, e sobre o qual não ousavam respirar, semelhantes às crianças que preveem a queda dos castelos de cartas que construíram. Estavam sem esperança. Na mesma noite lord Grenville partiu. O último olhar que deu para Julie provou infelizmente que, desde o momento em que a simpatia lhes revelara a extensão de uma paixão tão forte, ele tivera razão de desconfiar de si mesmo.

Quando o sr. d'Aiglemont e a mulher se viram, no dia seguinte, no fundo de sua carruagem, sem seu companheiro de viagem, e percorreram com rapidez a estrada outrora percorrida em 1814 pela marquesa, então ignorante do amor e que quase amaldiçoara sua constância, ela reencontrou mil impressões esquecidas. O coração tem sua própria memória. Determinada mulher, incapaz de se lembrar dos acontecimentos mais graves, se recordará durante toda a vida das coisas que importam para seus sentimentos. Assim Julie teve uma perfeita lembrança dos pormenores, até dos frívolos. Reconheceu com felicidade os mais leves acidentes de sua primeira viagem, e até pensamentos que lhe tinham vindo em certos locais da estrada. Victor, que voltara a estar apaixonadamente amoroso de sua mulher desde que ela recuperara o frescor da juventude e toda a sua beleza, apertou-a junto a si, como fazem os amantes. Quando tentou tomá-la nos braços, ela se desvencilhou suavemente e encontrou não sei qual pretexto para evitar essa inocente carícia. Depois, logo tomou horror

ao contato de Victor, cujo calor sentia e partilhava pela maneira como estavam sentados. Quis instalar-se sozinha na parte dianteira do carro, mas o marido lhe fez o favor de deixá-la no fundo. Ela agradeceu essa atenção com um suspiro que ele entendeu mal, e esse antigo sedutor de caserna, interpretando em seu favor a melancolia da mulher, colocou-a, no fim do dia, na obrigação de lhe falar com uma firmeza que se impôs.

— Meu amigo — ela lhe disse —, você já quase me matou, e sabe disso. Se eu ainda fosse uma mocinha sem experiência, poderia recomençar o sacrifício de minha vida; mas sou mãe, tenho uma filha para criar e devo me dedicar a ela tanto quanto a você. Soframos uma desgraça que nos atinge igualmente. Você é o menos digno de pena. Acaso não soube encontrar consolações que meu dever, nossa honra comum e, mais que tudo isso, a natureza me proíbem? Veja — acrescentou —, você esqueceu numa gaveta, levemente, três cartas da sra. de Sérizy, aqui estão. Meu silêncio lhe prova que tem em mim uma mulher cheia de indulgência e que não exige de você os sacrifícios a que as leis a condenam; mas refleti bastante para saber que nossos papéis não são os mesmos, e que só a mulher está fadada à infelicidade. Minha virtude repousa em princípios inalteráveis e fixos. Saberei viver irrepreensivelmente mas deixe-me viver.

O marquês, atordado com a lógica que as mulheres sabem estudar sob as luzes do amor, foi subjugado pela espécie de dignidade que lhes é natural em crises desse tipo. A repulsa instintiva que Julie manifestava por tudo o que machucava seu amor e os votos de seu coração é uma das mais belas coisas da mulher, e vem talvez de uma virtude natural que nem as leis nem a civilização conseguirão calar. Mas quem então ousaria criticar as mulheres? Quando impõem silêncio ao sentimento exclusivo que não lhes permite pertencer a dois homens, não são como sacerdotes sem crença? Se certos espíritos rígidos criticam a espécie de transação feita por Julie entre seus deveres e seu amor, as almas apaixonadas nisso enxergarão um crime. Essa reprovação geral acusa a infelicidade que aguarda as desobediências às leis ou as imperfeições bastante tristes das instituições sobre as quais repousa a sociedade europeia.

Dois anos se passaram, durante os quais o sr. e a sra. d'Aiglemont levaram a vida das pessoas de sociedade, cada um de seu lado, encontrando-se nos salões com mais frequência que na própria casa; elegante divórcio pelo qual se terminam muitos casamentos na alta sociedade. Uma noite, extraordinariamente, os dois esposos viram-se reunidos em seu salão. A sra. d'Aiglemont recebia para jantar uma de suas amigas. O general, que sempre jantava fora, estava em casa.

— Ficarei muito feliz, senhora marquesa — disse o sr. d'Aiglemont

pondo sobre a mesa a xícara em que acabava de tomar seu café. O marquês olhou para a sra. de Wimphen de um jeito meio malicioso, meio pesaroso, e acrescentou: — Parto para uma longa caçada, junto com o Monteiro-Mor. Você ficará pelo menos durante oito dias absolutamente viúva, e é o que deseja, creio...

— Guillaume — ele disse para o criado que foi retirar as xícaras —, mande atrelar.

A sra. de Wimphen era aquela Louisa a quem outrora a sra. d'Aiglemont queria aconselhar o celibato. As duas mulheres trocaram um olhar de cumplicidade que provava que Julie encontrara na amiga uma confidente para seus pesares, confidente preciosa e caridosa, pois a sra. de Wimphen estava muito feliz no casamento; e na situação oposta em que se encontravam, talvez a felicidade de uma fosse garantia de sua dedicação à infelicidade da outra. Em tais casos, a dessemelhança dos destinos é quase sempre um poderoso laço de amizade.

— É temporada de caça? — perguntou Julie dando um olhar indiferente para o marido.

O mês de março estava no fim.

— O Monteiro-Mor, senhora, caça quando quer, e onde quer. Vamos para a floresta real matar javalis.

— Tomem cuidado para que não lhes aconteça nenhum acidente...

— Uma desgraça é sempre imprevisível — ele respondeu sorrindo.

— O carro do senhor está pronto — disse Guillaume.

O general se levantou, beijou a mão da sra. de Wimphen e virou-se para Julie.

— Senhora, se eu morresse vítima de um javali! — disse com ar suplicante.

— O que isso significa? — perguntou a sra. de Wimphen.

— Vamos, venha — disse a sra. d'Aiglemont a Victor. Depois, sorriu como para dizer a Louisa: “Você vai ver”.

Julie estendeu o pescoço para o marido, que avançou para beijá-la; mas a marquesa abaixou-se de tal forma que o beijo conjugal deslizou para o franzido de sua pelerine.

— A senhora testemunhará perante Deus — prosseguiu o marquês dirigindo-se à sra. de Wimphen —, preciso de uma ordem do sultão para obter esse ligeiro favor. Eis como minha mulher entende o amor. Ela me trouxe até aqui, não sei por qual artimanha. Muito prazer!

E saiu.

— Mas seu pobre marido é realmente muito bom — exclamou Louisa quando as duas mulheres ficaram sozinhas. — Ele a ama.

— Oh! não acrescente nem mais uma sílaba a essa última palavra. O sobrenome que carrego me dá horror...

— Sim, mas Victor lhe obedece integralmente — disse Louisa.

— A obediência dele — respondeu Julie — é em parte fundada na grande estima que lhe inspirei. Sou uma mulher muito virtuosa segundo as leis: torno a casa agradável para ele, fecho os olhos para suas aventuras, não pego nada de sua fortuna, ele pode gastar seus rendimentos como quiser, apenas tenho o cuidado de conservar o capital. A esse preço, tenho paz. Ele não compreende, ou não quer compreender, minha existência. Mas se levo assim meu marido, não é sem temer os efeitos de seu temperamento. Sou como um condutor de ursos que morre de medo que um dia a focinheira se rompa. Se Victor pensasse ter direito de não mais me estimar, não ousou prever o que poderia acontecer; pois é violento, cheio de amor-próprio, de vaidade sobretudo. Não tem o espírito bastante sutil para tomar uma decisão sensata numa circunstância delicada em que suas paixões perversas forem postas em jogo, é fraco de caráter, e me mataria talvez imediatamente, ainda que fosse para morrer de tristeza no dia seguinte. Mas não há que temer essa felicidade fatal...

Fez-se um momento de silêncio, durante o qual os pensamentos das duas amigas se voltaram para a causa secreta dessa situação.

— Fui bem cruelmente obedecida — prosseguiu Julie lançando um olhar de cumplicidade para Louisa. — No entanto eu não *lhe* proibi de me escrever. Ah! *ele* me esqueceu, e tinha razão. Seria demasiado funesto que o destino dele fosse destruído! Já não basta o meu? Você acredita, minha querida, que leio os jornais ingleses com a única esperança de ver seu nome impresso? Pois bem, ele ainda não apareceu na câmara dos lordes.

— Então você sabe inglês?

— Eu não lhe disse! Aprendi.

— Pobrezinha — exclamou Louisa pegando a mão de Julie —, mas como ainda consegue viver?

— Isso é um segredo — respondeu a marquesa deixando escapar um gesto de ingenuidade quase infantil. — Escute. Eu tomo ópio. A história da duquesa de..., em Londres, me deu a ideia. Sabe, Maturin escreveu um romance sobre ela. Minhas gotas de láudano são muito fracas. Eu durmo. Só passo sete horas acordada, e dedico-as à minha filha...

Louisa olhou para o fogo sem se atrever a contemplar a amiga, de quem todas as misérias se desenrolavam diante de seus olhos pela primeira vez.

— Louisa, guarde-me o segredo — disse Julie depois de um instante de silêncio.

Logo um criado trouxe uma carta para a marquesa.

— Ah! — ela exclamou, empalidecendo.

— Não perguntarei de quem — disse-lhe a sra. de Wimphen.

A marquesa lia e não ouvia mais nada, sua amiga viu os sentimentos mais ativos, a exaltação mais perigosa se estamparem no rosto da sra. d'Aiglemont, que corava e empalidecia alternadamente. Por fim, Julie jogou o papel no fogo.

— Esta carta é incendiária! Ah! meu coração me sufoca.

Levantou-se, andou; seus olhos ardiam.

— Ele não abandonou Paris — exclamou.

Seu discurso entrecortado, que a sra. de Wimphen não se atreveu a interromper, foi escandido por pausas assustadoras. A cada interrupção as frases eram proferidas num tom mais e mais profundo. As últimas palavras tiveram um quê de terríveis.

— Ele não deixou de me ver, sem o meu conhecimento. Meus olhares flagrados diariamente o ajudam a viver. Você não sabe, Louisa? Ele está morrendo e pede para me dizer adeus, sabe que meu marido se ausentou esta noite por vários dias e vai vir daqui a pouco. Ah! vou morrer. Estou perdida. Escute, fique comigo! Diante de duas mulheres ele não ousará. Oh! fique, tenho medo de mim!

— Mas meu marido sabe que jantei em sua casa — respondeu a sra. de Wimphen — e deve vir me buscar.

— Pois então, antes de sua partida eu o terei mandado embora. Serei o carrasco de nós dois. Ai de mim!, ele acreditará que já não o amo. E esta carta!, minha querida, continha frases que vejo escritas em traços de fogo.

Um carro parou à porta.

— Ah! — exclamou a marquesa com uma espécie de alegria —, ele vem publicamente e sem mistério.

— Lorde Grenville — gritou o mordomo.

A marquesa permaneceu de pé, imóvel. Vendo Arthur pálido, magro e macilento, não havia mais severidade possível. Embora lorde Grenville estivesse violentamente contrariado por não encontrar Julie sozinha, pareceu calmo e frio. Mas para aquelas duas mulheres iniciadas nos mistérios de seu amor, sua atitude, o som de sua voz, a expressão de seus olhares tiveram um pouco a força atribuída ao peixe-elétrico. A marquesa e a sra. de Wimphen ficaram como que entorpecidas pela profunda comunicação de uma dor horrível. O som da voz de lorde Grenville fazia a sra. d'Aiglemont palpar tão cruelmente que ela não ousava lhe responder, de medo de lhe revelar a extensão do poder que exercia sobre ela; lorde Grenville não ousava olhar para Julie; de modo que a sra. de Wimphen foi quase a única responsável por uma conversa sem interesse; lançando-lhe um olhar impregnado de tocante reconhecimento, Julie a agradeceu pelo auxílio que lhe dava. Então os dois apaixonados impuseram silêncio a seus

sentimentos e tiveram de se manter dentro dos limites prescritos pelo dever e pelas conveniências. Mas logo o sr. de Wimphen foi anunciado; ao vê-lo entrar, as duas amigas trocaram um olhar e compreenderam, sem se falar, as novas dificuldades da situação. Era impossível pôr o sr. de Wimphen no segredo daquele drama, e Louisa não tinha razões válidas para apresentar ao marido ao lhe pedir para continuar na casa da amiga. Quando a sra. de Wimphen pôs o xale, Julie levantou-se como para ajudar Louisa a prendê-lo e disse baixinho:

— Terei coragem. Se ele veio publicamente à minha casa, o que posso temer? Mas sem você, no primeiro momento, ao vê-lo tão mudado eu teria caído aos pés dele.

— Pois bem, Arthur, você não me obedeceu — disse a sra. d'Aiglemont com voz trêmula ao voltar para o seu lugar numa conversadeira em que lorde Grenville não ousou ir sentar.

— Não pude resistir mais tempo ao prazer de ouvir sua voz, de estar junto a você. Era uma loucura, um delírio. Não sou mais dono de mim. Examinei-me bem, estou fraco demais. Devo morrer. Mas morrer sem tê-la visto, sem ter escutado o farfalhar de seu vestido, sem ter recolhido suas lágrimas, que morte!

Quis se afastar de Julie mas seu movimento brusco deixou cair do bolso uma pistola. A marquesa olhou para aquela arma com olhos que já não expressavam paixão nem pensamento. Lorde Grenville apanhou a pistola e pareceu violentamente contrariado com um acidente que podia ser visto como uma especulação de apaixonado.

— Arthur! — perguntou Julie.

— Senhora — ele respondeu baixando os olhos —, eu tinha vindo cheio de desespero, queria...

Parou.

— Queria se matar em minha casa! — ela exclamou.

— Não sozinho — ele disse em tom suave.

— Como! Meu marido, talvez?

— Não, não — exclamou com voz abafada. — Mas tranquilize-se — prosseguiu —, meu projeto fatal se desvaneceu. Quando entrei, quando a vi, então senti a coragem de me calar, de morrer sozinho.

Julie levantou-se e jogou-se nos braços de Arthur, que, apesar dos soluços da amada, distinguiu duas palavras cheias de paixão.

— Conhecer a felicidade e morrer — ela disse. — Pois bem, sim!

Toda a história de Julie estava nesse grito profundo, grito de natureza e de amor ao qual as mulheres sem religião sucumbem; Arthur pegou-a e levou-a para o canapé com um gesto marcado por toda a violência que uma felicidade inesperada confere. Mas de repente a marquesa desvencilhava-se dos braços de seu amado, deu-lhe

um olhar fixo de uma mulher no desespero, tomou-o pela mão, apanhou um castiçal, arrastou-o para seu quarto de dormir; depois, chegando à cama onde Hélène dormia, afastou suavemente o cortinado e descobriu a filha, pondo a mão diante da vela, a fim de que a claridade não ofendesse as pálpebras transparentes e apenas fechadas da menina. Hélène estava de braços abertos e sorria dormindo. Com um olhar Julie mostrou a filha a lorde Grenville. Esse olhar dizia tudo.

— Um marido, podemos abandonar mesmo quando ele nos ama. Um homem é uma criatura forte, tem consolações. Podemos desprezar as leis do mundo. Mas uma criança sem mãe!

Todos esses pensamentos e mil outros mais enternecedores ainda estavam naquele olhar.

— Podemos levá-la — disse o inglês murmurando —, eu gostaria muito dela...

— Mamãe! — disse Hélène acordando.

Diante dessa palavra, Julie se desfez em lágrimas. Lorde Grenville sentou-se e ficou de braços cruzados, mudo e sombrio.

“Mamãe!” Essa bonita, essa ingênua interpelação despertou tantos sentimentos nobres e tantas irresistíveis simpatias que o amor foi por instantes esmagado pela voz poderosa da maternidade. Julie não foi mais mulher, foi mãe. Lorde Grenville não resistiu muito tempo, as lágrimas de Julie o conquistaram. Nesse momento, uma porta aberta com violência fez um grande ruído, e estas palavras: “Sra. d’Aiglemont, está por aí?” ressoaram como um trovão no coração dos dois apaixonados. O marquês estava de volta. Antes que Julie pudesse recuperar o sangue-frio, o general se dirigia de seu quarto para o de sua mulher. Esses dois aposentos eram contíguos. Felizmente, Julie fez um sinal para lorde Grenville, que foi se esconder num banheiro cuja porta foi prontamente fechada pela marquesa.

— Pois é, minha mulher — disse-lhe Victor —, eis-me aqui. A caçada não aconteceu. Vou me deitar.

— Boa noite — ela lhe disse —, vou fazer o mesmo. Portanto, deixe eu me despir.

— Você está muito rabugenta esta noite. Obedeço-lhe, senhora marquesa.

O general entrou em seu quarto, Julie o acompanhou para fechar a porta de comunicação e correu para soltar lorde Grenville. Recobrou toda a sua presença de espírito e pensou que a visita de seu antigo doutor era muito natural; poderia tê-lo deixado no salão, antes de ir deitar sua filha, e iria lhe dizer para ir até lá, sem barulho; mas quando abriu a porta do banheiro, deu um grito estridente. Os dedos de lorde Grenville tinham ficado presos e esmagados na ranhura da

janela.

— Ei, mas o que você tem? — perguntou-lhe o marido.

— Nada, nada — respondeu —, acabo de espetar o dedo com um alfinete.

A porta de comunicação reabriu de repente. A marquesa pensou que seu marido vinha por interesse por ela e amaldiçoou essa solicitude em que o coração nada tinha a ver com isso. Mal teve tempo de fechar o banheiro, e lord Grenville ainda não conseguira soltar a mão. De fato, o general reapareceu, mas a marquesa se enganava, pois era levado por uma inquietação pessoal.

— Pode me emprestar um lenço? Esse palerma do Charles me deixa sem um só lenço. Nos primeiros dias de nosso casamento você cuidava de minhas coisas com atenções tão minuciosas que me aborrecia. Ah!, a lua de mel não durou muito para mim, nem para minhas gravatas. Agora estou entregue ao braço secular dessas pessoas que, todas, riem de mim.

— Tome, aqui está um lenço. Não entrou no salão?

— Não.

— Talvez tivesse encontrado por lá lord Grenville.

— Ele está em Paris?

— Aparentemente.

— Ah, vou lá!, esse bom doutor!

— Mas ele deve ter ido embora — exclamou Julie.

Nesse momento o marquês estava no meio do quarto de sua mulher, e arrumava o lenço no pescoço, olhando-se condescendente no espelho.

— Não sei onde estão nossos empregados — disse. — Já o chamei tocando a sineta três vezes e Charles não veio. Então você está sem sua criada de quarto? Toque a sineta, gostaria de ter esta noite um cobertor a mais em minha cama.

— Pauline saiu — a marquesa respondeu secamente.

— À meia-noite! — disse o general.

— Autorizei-a a ir à Ópera.

— Isso é singular! — prosseguiu o marido se despiando —, tive a impressão de vê-la ao subir a escada.

— Então provavelmente ela voltou — disse Julie afetando impaciência.

Depois, para não despertar nenhuma desconfiança no marido, a marquesa puxou o cordão da sineta, mas suavemente.

Nem todos os acontecimentos dessa noite foram perfeitamente conhecidos, mas todos devem ter sido tão simples, tão horríveis como são os incidentes vulgares e domésticos que os precedem. No dia seguinte, a marquesa d'Aiglemont caiu de cama, por vários dias.

— Mas o que aconteceu de tão extraordinário em sua casa para que todo mundo fale de sua mulher? — perguntou o sr. de Ronquerolles ao sr. d'Aiglemont dias depois dessa noite de catástrofes.

— Acredite-me, permaneça solteiro — disse d'Aiglemont. — Pegou fogo no cortinado da cama onde Hélène dormia; minha mulher teve um tamanho choque que ei-la doente por um ano, diz o médico. Você se casa com uma mulher bonita, ela enfeia; você se casa com uma moça cheia de saúde, ela se torna doentia; você pensa que ela está apaixonada, ela é fria; ou então, fria na aparência, está realmente tão apaixonada que o mata ou o desonra. Ora a criatura mais doce é caprichosa, e nunca as caprichosas se tornam doces; ora a menina que você conheceu bobinha e fraca exhibe contra você uma vontade de ferro, um espírito demoníaco. Estou cansado do casamento.

— Ou da sua mulher.

— Isso seria difícil. A propósito, quer vir comigo à igreja Saint-Thomas-d'Aquin assistir ao enterro de lorde Grenville?

— Singular passatempo. Mas — continuou Ronquerolles — sabe-se afinal a causa de sua morte?

— Seu criado de quarto alega que ele ficou durante toda uma noite no peitoril externo de uma janela para salvar a honra de sua amante; e fez um frio dos diabos nesses dias.

— Essa dedicação seria muito estimável entre nós, macacos velhos; mas lorde Grenville é jovem, e... inglês. Esses ingleses sempre querem se singularizar...

— Ora! — respondeu d'Aiglemont —, esses traços de heroísmo dependem da mulher que os inspira, e com certeza não é pela minha que esse pobre Arthur morreu!

Entre o pequeno rio do Loing e o Sena, estende-se uma vasta planície margeada pela floresta de Fontainebleau, pelas cidades de Moret, Nemours e Montereau. Essa região árida só oferece à vista raros montículos; de vez em quando, no meio dos campos, alguns pequenos bosques que servem de abrigo aos animais; depois, por todo lado, essas linhas sem fim, cinzentas ou amareladas, típicas dos horizontes da Sologne, da Beauce e do Berri. No meio dessa planície, entre Moret e Montereau, o viajante avista um velho castelo chamado Saint-Lange, cujos arredores não deixam de ter grandeza e majestade. São magníficas alamedas de olmos, jardins imensos e vastas construções senhoriais, que para ser construídas exigiam os lucros dos impostos extraordinários, os do fisco do Antigo Regime, as concussões autorizadas ou as grandes fortunas aristocráticas destruídas hoje pelo martelo do Código Civil. Se o artista ou algum sonhador chegar a se extraviar casualmente nos caminhos de sulcos profundos ou nas terras resistentes que defendem o acesso a essa região, ele se perguntará por qual capricho aquele castelo poético foi jogado nessa savana de trigo, nesse deserto de cré, marga e areia onde a alegria morre, onde a tristeza nasce infalivelmente, onde a alma é incessantemente cansada por uma solidão sem voz, por um horizonte monótono, belezas negativas mas favoráveis aos sofrimentos que não querem consolações.

Uma jovem mulher, famosa em Paris por sua graça, sua figura, seu espírito, e cuja posição social e fortuna estavam em harmonia com sua grande celebridade, foi se instalar ali, por volta do fim do ano de 1820, para surpresa da aldeiazinha situada a cerca de uma milha de Saint-Lange. Os agricultores e camponeses não tinham visto senhores no castelo desde tempos imemoriais. Embora com uma produção considerável, a terra estava abandonada aos cuidados de um capataz e guardada por antigos criados. Assim, a viagem da senhora marquesa causou uma espécie de comoção no local. Várias pessoas estavam reunidas na ponta da aldeia, no pátio de um feio albergue, situado no entroncamento das estradas de Nemours e Moret, para verem passar uma caleça que ia lentamente, pois a marquesa viera de Paris com

seus próprios cavalos. Na parte dianteira da carruagem, a criada de quarto segurava uma menininha mais sonhadora que risonha. A mãe jazia no fundo, como um moribundo enviado pelos médicos para o campo. A fisionomia abatida dessa jovem mulher delicada contentou muito pouco os políticos da aldeia, para quem sua chegada a Saint-Lange fizera nutrir a esperança de um movimento qualquer na comuna. Sem dúvida, toda espécie de movimento era visivelmente antipático a essa mulher entristecida.

A melhor cabeça da aldeia de Saint-Lange declarou à noite, na taberna, na sala onde bebiam os figurões, que a julgar pela tristeza estampada em suas feições a senhora marquesa devia estar arruinada. Na ausência do senhor marquês, que os jornais apontavam como tendo de acompanhar o duque d'Angoulême à Espanha, ela ia economizar em Saint-Lange as somas necessárias ao pagamento das dívidas resultantes de falsas especulações feitas na Bolsa. O marquês era um dos maiores jogadores. Talvez a terra fosse vendida por pequenos lotes. Haveria então bons negócios a fazer. Cada um devia pensar em contar seus escudos, tirá-los do esconderijo, avaliar seus recursos, a fim de ter sua parte nos desmembramentos de Saint-Lange. Esse futuro pareceu tão bonito que cada mandachuva, louco para tirar a limpo se ele tinha fundamento, pensou nos meios de saber a verdade pelos empregados do castelo; mas nenhum deles conseguiu esclarecer a catástrofe que trazia a patroa deles, no começo do inverno, a seu velho castelo de Saint-Lange, pois ela possuía outras terras famosas pela alegria das paisagens e pela beleza dos jardins. O senhor prefeito foi prestar suas homenagens à senhora; mas não foi recebido. Depois do prefeito, o capataz se apresentou, sem mais sucesso.

A senhora marquesa só saía do quarto para deixá-lo ser arrumado, e enquanto isso permanecia num salãozinho contíguo onde jantava, se se pode chamar de jantar o fato de se pôr à mesa, olhar os pratos com repugnância e comer exatamente a quantia necessária para não morrer de fome. Depois logo voltava para a bergère antiga, onde, desde a manhã, sentava-se diante da moldura da única janela que iluminava seu quarto. Só via a filha durante os poucos instantes empregados em sua triste refeição, e ainda assim parecia suportá-la a duras penas. Não eram necessárias dores inauditas para fazer calar, numa jovem mulher, o sentimento materno? Nenhum de seus empregados tinha acesso a ela. Sua criada de quarto era a única pessoa cujos serviços lhe agradavam. Exigia um silêncio absoluto no castelo, sua filha teve de ir brincar longe dela. Era-lhe tão difícil suportar o menor barulho que qualquer voz humana, mesmo a da filha, a afetava desagradavelmente. As pessoas da terra comentaram muito essas singularidades; depois, quando todas as suposições possíveis foram

feitas, nem as cidadezinhas dos arredores nem os camponeses pensaram mais naquela mulher doente.

A marquesa, entregue a si mesma, pôde, portanto, permanecer perfeitamente silenciosa no meio do silêncio que estabelecera em torno de si, e não teve nenhuma ocasião de sair do quarto forrado de tapeçarias onde morreu sua avó, e aonde fora para morrer suavemente, sem testemunhas, sem importunos, sem sofrer as falsas demonstrações dos egoísmos envoltos de afeto, que nas cidades dão aos moribundos uma dupla agonia. Essa mulher tinha vinte e seis anos. Nessa idade, uma alma ainda plena de ilusões poéticas gosta de saborear a morte, quando ela lhe parece benfazeja. Mas a morte faz coqueterias com os jovens; para eles, avança e se retira, mostra-se e se esconde; sua lentidão os desencanta, e a incerteza que lhes causa no dia seguinte acaba por rejeitá-los no mundo onde encontrarão a dor, que, mais impiedosa que a morte, os atingirá sem se fazer esperar. Ora, aquela mulher que se recusava a viver sentiria a amargura desses retardamentos no fundo de sua solidão, e ali faria, numa agonia moral que a morte não terminaria, uma terrível aprendizagem de egoísmo que deveria lhe deflorar o coração e moldá-la para o mundo.

Esse cruel e triste ensinamento é sempre fruto de nossas primeiras dores. A marquesa talvez sofresse verdadeiramente pela primeira e única vez na vida. De fato, não seria um erro acreditar que os sentimentos se reproduzem? Uma vez eclodidos, acaso não existem sempre no fundo do coração? Ali se acalmam e despertam ao sabor dos acidentes da vida; mas ali permanecem, e sua permanência modifica necessariamente a alma. Assim, todo sentimento teria apenas um grande dia, o dia mais ou menos longo de sua primeira tempestade. Assim, a dor, o mais constante de nossos sentimentos, só seria intensa em sua primeira irrupção; e seus outros ataques iriam enfraquecendo, seja por nossa adaptação a suas crises, seja por uma lei de nossa natureza que, para manter-se viva, opõe a essa força destrutiva uma força igual mas inerte, extraída dos cálculos do egoísmo. Mas entre todos os sofrimentos, a qual pertencerá esse nome de dor? A perda dos pais é uma tristeza para a qual a natureza preparou os homens; o mal físico é passageiro, não abrange a alma; e se persiste, não é mais um mal, é a morte. Se uma jovem mulher perde um recém-nascido, o amor conjugal breve lhe dá um sucessor. Essa aflição também é passageira. Por fim, esses sofrimentos e muitos outros parecidos são, de certa forma, golpes, ferimentos; mas nenhum afeta a vitalidade em sua essência, e é preciso que se sucedam estranhamente para matar o sentimento que nos leva a buscar a felicidade. A grande, a verdadeira dor seria, portanto, um mal mortífero o suficiente para abarcar a um só tempo o passado, o

presente e o futuro, não deixar nenhuma parte da vida em sua integridade, desnaturar para sempre o pensamento, inscrever-se inalteravelmente nos lábios e na fronte, quebrar ou afrouxar as engrenagens do prazer, pondo na alma um princípio de repulsa a qualquer coisa deste mundo. Para ser imenso, para assim pesar sobre a alma e o corpo, esse mal ainda deveria chegar em um momento da vida em que todas as forças da alma e do corpo são jovens, e fulminar um coração bastante vivo. O mal abre então uma grande chaga; grande é o sofrimento; e nenhuma criatura consegue sair dessa doença sem certa mudança poética: ou pega o caminho do céu ou, se permanecer nesta terra, entra no mundo para mentir ao mundo, para representar um papel; conhece a partir daí os bastidores para onde se retira a fim de calcular, chorar, gracejar. Depois dessa crise solene, não existem mais mistérios na vida social que, a partir daí, é irrevogavelmente julgada. Nas jovens mulheres que têm a idade da marquesa, essa primeira, essa mais pungente de todas as dores é sempre causada pelo mesmo fato. A mulher, e sobretudo a mulher jovem, tão grande pela alma como o é pela beleza, jamais deixa de pôr sua vida ali onde a natureza, o sentimento e a sociedade a impelem a jogá-la por inteiro. Se essa vida vier a lhe falhar e se ela ficar na terra, experimentará os mais cruéis sofrimentos, pela razão que torna o primeiro amor o mais belo de todos os sentimentos. Por que essa infelicidade nunca teve pintor nem poeta? Mas ela pode ser pintada, pode ser cantada? Não, a natureza das dores que engendra recusa-se à análise e às cores da arte. Aliás, esses sofrimentos jamais são confiados: para consolar uma mulher é preciso saber adivinhá-los; pois, sempre amargamente abraçados e religiosamente sentidos, permanecem na alma como uma avalanche que, caindo num vale, degrada tudo antes de ali se instalar.

A marquesa andava então às voltas com esses sofrimentos que permanecerão muito tempo desconhecidos, porque tudo no mundo os condena; ao passo que o sentimento os acaricia e a consciência de uma mulher verdadeira sempre os justifica. Acontece com essas dores o mesmo que com essas crianças infalivelmente rejeitadas pela vida, e que se prendem ao coração das mães por laços mais fortes que os dos filhos felizmente bem-dotados. Nunca talvez essa catástrofe horrorosa, que mata tudo o que há de vida fora de nós, fora tão profunda, tão completa, tão cruelmente ampliada pelas circunstâncias como acabava de ser pela marquesa. Um homem amado, jovem e generoso, cujos desejos ela jamais satisfizera a fim de obedecer às leis do mundo, morrera para lhe salvar o que a sociedade chama *a honra de uma mulher*. A quem ela poderia dizer: “Estou sofrendo!”? Suas lágrimas teriam ofendido o marido, causa primeira da catástrofe. As leis, os

costumes proscreviam seus lamentos; uma amiga teria se regozijado com eles, um homem teria especulado com eles. Não, essa pobre aflita não podia chorar à vontade senão num deserto, ali devorar seu sofrimento ou ser por ele devorada, morrer ou matar algo dentro de si, sua consciência talvez. Fazia alguns dias que permanecia de olhos presos num horizonte plano onde, como em sua vida futura, não havia nada a procurar, nada a esperar, onde tudo se via com um só olhar, e onde ela encontraria as imagens da fria desolação que lhe dilacerava incessantemente o coração. As manhãs de nevoeiro, um céu de tênue claridade, nuvens correndo perto da terra sob uma abóbada acinzentada convinham às fases de sua doença moral. Seu coração não se apertava, não estava mais ou menos machucado. Não, sua natureza fresca e florida petrificava-se pela lenta ação de uma dor intolerável porque não tinha objetivo. Sofria por ela e para ela. Sofrer assim não é pôr o pé no egoísmo? Portanto, horríveis pensamentos atravessavam-lhe a consciência, ferindo-a. Interrogava-se com boa-fé e achava-se dupla. Dentro dela havia uma mulher que raciocinava e uma mulher que sentia, uma mulher que sofria e uma mulher que não queria mais sofrer. Reportava-se às alegrias de sua infância, passada sem que tivesse sentido sua felicidade, e cujas límpidas imagens voltavam em profusão como para lhe assinalar as decepções de um casamento conveniente aos olhos da sociedade, horrível na realidade. De que lhe tinham servido os belos pudores de sua juventude, seus prazeres reprimidos e os sacrifícios feitos à sociedade? Embora tudo nela expressasse e aguardasse o amor, perguntava-se por que só agora a harmonia de seus movimentos, seu sorriso e sua graça? Assim como ninguém gosta de um som repetido sem objetivo, não gostava de se sentir viçosa e voluptuosa. Sua própria beleza era-lhe insuportável, como algo inútil. Entrevia horrorizada que de agora em diante não podia ser mais uma criatura completa. Seu eu interior não havia perdido a faculdade de saborear as impressões nesse algo novo e delicioso que confere tanto júbilo à vida? No futuro, a maioria de suas sensações costumaria se apagar mal elas se manifestassem, e muitas que outrora a teriam emocionado iriam se tornar indiferentes. Depois da infância da criatura vem a infância do coração. Ora, seu amado levava para o túmulo essa segunda infância. Jovem ainda por seus desejos, ela já não tinha essa inteira juventude de alma que dá a tudo na vida seu valor e seu sabor. Acaso não conservaria em si um princípio de tristeza, de desconfiança, que roubaria de suas emoções seu súbito verdor, seus arroubos? Pois nada mais podia lhe devolver a felicidade que esperara, que sonhara ser tão bonita. Suas primeiras lágrimas verdadeiras apagaram esse fogo celeste que ilumina as primeiras emoções do coração, ela devia sempre sofrer por não ser o

que poderia ter sido. Dessa crença deve proceder a aversão amarga que leva a desviar a cabeça quando de novo o prazer se apresenta. Ela julgava então a vida como um velho que está prestes a abandoná-la. Embora se sentisse jovem, a massa de seus dias sem alegrias lhe caía na alma, a esmagava e a fazia velha antes do tempo. Perguntava ao mundo, por um grito de desespero, o que ele lhe dava em troca do amor que a ajudara a viver e que ela perdera. Perguntava a si mesma se em seus amores desvanecidos, tão castos e puros, o pensamento não tinha sido mais criminoso que a ação. Sentia-se extremamente culpada por insultar o mundo e por se consolar de não ter tido com a pessoa pranteada essa comunicação perfeita que, sobrepondo as almas uma à outra, reduz a dor de quem fica graças à certeza de ter desfrutado inteiramente da felicidade, de ter sabido plenamente dá-la e de guardar em si uma marca de quem não mais existe. Estava descontente como uma atriz que fracassou no seu papel, pois essa dor atacava-lhe todas as fibras, o coração e a cabeça. Se a natureza estava machucada em seus desejos mais íntimos, a vaidade não estava menos ferida que a bondade que leva a mulher a se sacrificar. Além disso, levantando todas essas questões, revolvendo todas as engrenagens das diferentes existências que as naturezas social, moral e física nos dão, ela relaxava tão bem as forças da alma que, em meio às reflexões mais contraditórias, não conseguia entender nada. Assim, às vezes, quando o nevoeiro baixava, abria a janela e ali ficava sem pensamento, tentando respirar mecanicamente o odor úmido e terroso espalhado nos ares, em pé, imóvel, idiota na aparência, pois os zumbidos de sua dor a tornavam igualmente surda às harmonias da natureza e aos encantos do pensamento.

Um dia, por volta do meio-dia, momento em que o sol clareara o tempo, sua criada de quarto entrou sem ser chamada e lhe disse:

— Esta é a quarta vez que o senhor cura vem para ver a senhora marquesa; e hoje insiste, tão resoluto, que não sabemos mais o que lhe responder.

— Provavelmente quer algum dinheiro para os pobres da comuna, pegue vinte e cinco luíses e entregue-os de minha parte.

— Senhora — disse a criada voltando um momento depois —, o senhor padre recusa pegar o dinheiro e quer lhe falar.

— Mas que venha! — respondeu a marquesa deixando escapar um gesto de mau humor que prognosticava uma triste recepção ao padre cujas perseguições na certa quis evitar por uma explicação curta e franca.

A marquesa perdera a mãe com pouca idade, e sua educação foi naturalmente influenciada pela frouxidão que, durante a Revolução, desfez os laços religiosos na França. A devoção é uma virtude de

mulher que só as mulheres se transmitem bem, e a marquesa era uma filha do século XIX cujas crenças filosóficas foram as de seu pai. Não seguia nenhuma prática religiosa. Para ela, um padre era um funcionário público cuja utilidade lhe parecia contestável. Na situação em que estava, a voz da religião só podia envenenar seus males; além disso, não acreditava nos curas de aldeia nem em suas luzes; portanto, resolveu pôr o seu em seu lugar, sem azedume, e livrar-se dele à maneira dos ricos, com uma doação. O cura chegou e seu aspecto não mudou as ideias da marquesa. Viu um homenzinho gordo de ventre saliente, rosto avermelhado, mas velho e enrugado, que fingia sorrir e sorria mal; seu crânio calvo e transversalmente sulcado por numerosas rugas caía em quarto de círculo sobre o rosto e o diminuía; alguns cabelos brancos guarneciam o baixo da cabeça, acima da nuca, e voltavam para a frente até as orelhas. Entretanto, a fisionomia desse padre era a de um homem naturalmente alegre. Seus lábios grossos, seu nariz ligeiramente arrebitado, seu queixo, que desaparecia numa dupla dobra de rugas, demonstravam um temperamento feliz. A marquesa, de início, só percebeu esses traços principais; mas na primeira palavra que o padre lhe disse, ficou impressionada pela doçura daquela voz; olhou para ele mais atentamente e observou sob suas sobranceiras grisalhas olhos que tinham chorado; além disso, o contorno da face, vista de perfil, dava à sua cabeça uma expressão tão augusta de dor que a marquesa descobriu um homem nesse cura.

— Senhora marquesa, os ricos só nos pertencem quando sofrem; e os sofrimentos de uma mulher casada, jovem, bela, rica, que não perdeu filhos nem pais, se adivinham e são causados por feridas cujas dores só podem ser suavizadas pela religião. Sua alma está em perigo, senhora. Não lhe falo neste momento da outra vida que nos aguarda! Não, não estou no confessionário. Mas não é meu dever esclarecê-la sobre o futuro de sua existência social? A senhora perdoará, portanto, um velho por uma inconveniência cujo objeto é sua felicidade.

— A felicidade, senhor, não existe mais para mim. Brevemente hei de lhe pertencer, como o senhor diz, mas para sempre.

— Não, a senhora não morrerá da dor que a oprime e se estampa em suas feições. Se tivesse de morrer por isso, não estaria em Saint-Lange. Morremos menos pelos efeitos de um desgosto certo do que pelos das esperanças frustradas. Conheci dores mais intoleráveis, mais terríveis que não causaram morte.

A marquesa fez um sinal de incredulidade.

— Senhora, conheço um homem cuja desgraça foi tão grande que os seus pesares lhe pareceriam leves se os comparasse com os dele.

Seja porque sua longa solidão começava a lhe pesar, seja porque ela ficou interessada pela perspectiva de poder derramar num coração

amigo seus pensamentos dolorosos, olhou para o padre com um ar interrogativo que era impossível interpretar erradamente.

— Senhora — prosseguiu o padre —, esse homem era um pai que, de uma família outrora numerosa, só tinha então três filhos. Perdera sucessivamente os pais, depois uma filha e uma esposa, ambas muito amadas. Ficara sozinho, no fundo de uma província, numa pequena propriedade onde fora feliz por muito tempo. Seus três filhos estavam no Exército, e cada um deles tinha uma patente proporcional ao tempo de serviço. Durante os Cem Dias, o mais velho passou para a guarda e se tornou coronel; o jovem era chefe de batalhão na artilharia, e o caçula tinha a patente de chefe de esquadrão nos dragões. Senhora, esses três filhos amavam o pai tanto quanto eram amados por ele. Se conhecesse bem a despreocupação dos jovens que, levados por suas paixões, nunca têm tempo para corresponder às afeições da família, compreenderia por um único fato a profundidade do afeto deles por um pobre velho isolado que só vivia por eles e para eles. Não se passava semana sem que recebesse uma carta de um dos filhos. Mas também nunca tinha sido com eles um homem fraco, o que diminui o respeito dos filhos, nem injustamente severo, o que os machuca, e nem avaro de sacrifícios, o que os afasta. Não, tinha sido mais que um pai, tornara-se um irmão, um amigo. Enfim, foi lhes dizer adeus em Paris por ocasião da partida deles para a Bélgica; queria ver se tinham bons cavalos, se nada lhes faltava. Ei-los partindo, o pai volta para casa. A guerra começa, ele recebe cartas escritas de Fleurus, de Ligny, tudo ia bem. Trava-se a batalha de Waterloo, a senhora conhece o resultado. A França foi posta de luto de uma só vez. Todas as famílias estavam na mais profunda ansiedade. Ele, a senhora há de compreender, esperava; não tinha trégua nem descanso; lia as gazetas, ia todos os dias pessoalmente ao correio. Uma noite, anunciam-lhe o empregado de seu filho coronel. Ele vê aquele homem montado no cavalo do patrão, não teve mais pergunta a fazer; o coronel estava morto, cortado ao meio por uma bala de canhão. Quase no fim da tarde, chega a pé o empregado do mais jovem, que tinha morrido no dia seguinte da batalha. Por fim, à meia-noite um artilheiro foi lhe anunciar a morte do último filho sobre a cabeça de quem, em tão pouco tempo, esse pobre pai colocara toda a sua vida. Sim, senhora, todos tinham morrido! Depois de uma pausa, o padre, tendo vencido suas emoções, acrescentou essas palavras com voz suave:

— E o pai ficou vivo, senhora. Compreendeu que se Deus o deixava na terra, devia continuar a sofrer, e sofre; mas jogou-se no seio da religião. Que poderia ele se tornar?

A marquesa levantou os olhos para o rosto daquele padre, agora

sublime de tristeza e resignação, e esperou a palavra que lhe arrancou lágrimas:

— Padre! Ele estava consagrado pelas lágrimas, senhora, antes de sê-lo ao pé dos altares.

Por um instante reinou o silêncio. A marquesa e o padre olharam pela janela o horizonte brumoso, como se ali pudessem ver os que não mais existiam.

— Não padre numa cidade, mas simples cura — ele prosseguiu.

— Em Saint-Lange? — ela perguntou enxugando os olhos.

— Sim, senhora.

Nunca a majestade da dor se mostrara maior a Julie, e esse *sim*, senhora caía-lhe direto no coração como o peso de uma dor infinita. Essa voz que ressoava suavemente ao ouvido perturbava as entranhas. Ah! Era bem a voz da desgraça, essa voz plena, grave, e que parece carregar fluidos penetrantes.

— Senhor — disse quase respeitosamente a marquesa —, e se eu não morrer, o que então será de mim?

— Não tem uma filha?

— Tenho — ela disse friamente.

O cura lançou sobre essa mulher um olhar parecido com o que lança um médico para um doente em perigo, e decidiu fazer todos os esforços para tirá-la do gênio do mal que já estendia a mão sobre ela.

— Sabe, senhora, devemos viver com nossas dores, e só a religião nos oferece consolos verdadeiros. Permita-me voltar para fazê-la ouvir a voz de um homem que sabe simpatizar com todos os sofrimentos e que, creio, não tem nada de muito assustador?

— Sim, senhor, venha. Agradeço-lhe ter pensado em mim.

— Pois então, minha senhora, até breve.

Essa visita distendeu por assim dizer a alma da marquesa, cujas forças tinham sido excitadas muito violentamente pelo desgosto e pela solidão. O padre deixou-lhe no coração um perfume balsâmico e a salutar ressonância das palavras religiosas. Depois sentiu essa espécie de satisfação que rejubila o prisioneiro quando, após reconhecer a profundidade de sua solidão e o peso de suas correntes, encontra um vizinho que bate na parede fazendo que ele lhe transmita um som pelo qual se expressam pensamentos comuns. Tinha um confidente inesperado. Mas logo caiu em suas amargas contemplanções, e pensou, como o prisioneiro, que um companheiro de dor não aliviaria nem seus laços nem seu futuro. O cura não quisera assustar demais numa primeira visita essa dor tão egoísta; mas esperou, graças à sua arte, poder fazer progressos na religião, num segundo encontro. Dois dias depois, de fato, foi lá e a acolhida da marquesa lhe provou que sua visita era desejada.

— Pois bem, senhora marquesa — disse o velho —, pensou um pouco na massa dos sofrimentos humanos? Ergueu os olhos para o céu? Viu ali essa imensidão de mundos que, diminuindo nossa importância, esmagando nossas vaidades, minora nossas dores?...

— Não, senhor — ela disse. — As leis sociais me pesam demais no coração e me dilaceram muito intensamente para que eu consiga me elevar aos céus. Mas as leis talvez não sejam tão cruéis como são os costumes desta sociedade. Ah, a sociedade!

— Devemos, senhora, obedecer a uns e a outros; a lei é a palavra, e os costumes são as ações da sociedade.

— Obedecer à sociedade?... — retomou a marquesa deixando escapar um gesto de horror. — Ah, senhor, todos os nossos males vêm daí. Deus não fez uma só lei de infelicidade; mas, ao se reunirem, os homens falsearam a obra dele. Somos nós, mulheres, mais maltratadas pela civilização do que seríamos pela natureza. A natureza nos impõe penas físicas que os senhores não abrandaram, e a civilização desenvolveu sentimentos que os senhores enganam incessantemente. A natureza sufoca os seres fracos, os senhores os condenam a viver para entregá-los a uma infelicidade constante. O casamento, instituição sobre a qual se apoia hoje a sociedade, faz-nos sentir, só a nós, todo o seu peso: para o homem a liberdade, para a mulher os deveres. Devemos aos senhores toda a nossa vida, os senhores só nos devem a sua em raros instantes. Por fim, o homem faz uma escolha ali onde nós nos submetemos cegamente. Oh, ao senhor posso dizer tudo! Pois bem, o casamento, tal como se pratica hoje, parece-me ser uma prostituição legal. Daí nasceram meus sofrimentos. Mas só eu, entre as criaturas infelizes tão fatalmente casadas, devo manter o silêncio! Só eu sou autora do mal, pois quis meu casamento.

Parou, derramou lágrimas e ficou em silêncio.

— Nessa profunda miséria, no meio desse oceano de dor — prosseguiu —, eu havia encontrado uma areia onde pôr os pés, onde sofrer com conforto; um furacão tudo levou. Eis-me só, sem apoio, fraca demais contra as tempestades.

— Nunca somos fracos quando Deus está conosco — disse o padre. — Aliás, se não tem afeições a satisfazer neste mundo, não tem deveres a cumprir?

— Sempre os deveres! — exclamou com uma espécie de impaciência. — Mas, quanto a mim, onde estão os sentimentos que nos dão a força de realizá-los? Nada surge do nada ou nada em troca de nada é uma das mais justas leis da natureza moral e física. Gostaria que essas árvores produzissem suas folhagens sem a seiva que as faz eclodir? A alma também tem sua seiva! Em mim a seiva secou na fonte.

— Não lhe falarei dos sentimentos religiosos que engendram a resignação — disse o cura —, mas a maternidade, senhora, então não é...?

— Pare, senhor! — disse a marquesa. — Serei verdadeira. Infelizmente, agora já não posso sê-lo com ninguém; estou condenada à falsidade; o mundo exige contínuas contorções, e sob pena de opróbrio nos ordena obedecer às suas convenções. Antigamente eu ignorava tais distinções; hoje as conheço. Só sou mãe pela metade, melhor seria não sê-lo nada. Hélène não é *dele*! Oh! não estremeça! Saint-Lange é um abismo onde estão enterrados muitos sentimentos falsos, de onde se lançaram sinistros clarões, onde desmoronaram os frágeis edifícios das leis antinaturais. Tenho uma filha, basta isso; sou mãe, assim quer a lei. Mas o senhor, que tem uma alma tão delicadamente compassiva, talvez compreenda os gritos de uma pobre mulher que não deixou penetrar em seu coração nenhum sentimento falso. Deus me julgará, mas não creio desrespeitar suas leis cedendo às afeições que ele pôs em minha alma, e eis o que aí encontrei. Acaso um filho, senhor, não é a imagem de dois seres, o fruto de dois sentimentos livremente confundidos? Se não se agarra a todas as fibras do corpo como a todas as ternuras do coração; se não lembra deliciosos amores, tempos e lugares onde essas duas criaturas foram felizes, e a linguagem delas repleta de músicas humanas, e suas suaves ideias, essa criança é uma criação fracassada. Sim, para eles, ela deve ser uma encantadora miniatura na qual se encontram os poemas da dupla vida secreta de ambos; deve oferecer-lhes uma fonte de emoções fecundas, ser a um só tempo todo seu passado, todo seu futuro. Minha pobrezinha Hélène é filha de seu pai, filha do dever e do acaso; só encontra em mim o instinto da mulher, a lei que nos impele irresistivelmente a proteger a criatura nascida de nossos flancos. Sou irrepreensível, socialmente falando. Não lhe sacrifiquei minha vida e minha felicidade? Seus gritos comovem minhas entranhas; se ela caísse na água, eu me jogaria para resgatá-la. Mas ela não está no meu coração. Ah! o amor me fez sonhar com uma maternidade maior, mais completa. Afaguei num sonho desfeito a criança que os desejos conceberam antes que fosse engendrada, enfim, essa deliciosa flor nascida na alma antes de nascer para o dia. Sou para Hélène o que, na ordem natural, a mãe deve ser para sua progenitura. Quando ela não precisar mais de mim, tudo estará terminado: extinta a causa, os efeitos cessarão. Se a mulher tem o adorável privilégio de estender sua maternidade por toda a vida de seu filho, não é aos esplendores de sua concepção moral que se deve atribuir essa divina persistência do sentimento? Assim, quando o filho não teve a alma de sua mãe como primeiro invólucro, a maternidade cessa então em seu coração, como

cessa entre os animais. Isso é verdade, eu sinto; à medida que minha pobre filhinha cresce, meu coração se aperta. Os sacrifícios que fiz por ela já me separaram dela, ao passo que para um outro filho meu coração teria sido, sinto, inesgotável; para esse outro, nada teria sido sacrifício, tudo teria sido prazer. Aqui, senhor, a razão, a religião, tudo em mim está sem forças contra meus sentimentos. Tem razão de querer morrer a mulher que não é mãe nem esposa, e que, para sua desgraça, entreviu o amor em suas belezas infinitas, a maternidade em suas alegrias ilimitadas? Que pode ela se tornar? Vou lhe dizer, eu, o que ela sente! Cem vezes durante o dia, cem vezes durante a noite, um arrepio abala minha cabeça, meu coração e meu corpo quando alguma lembrança combatida com muita fraqueza traz-me as imagens de uma felicidade que supponho maior do que é. Essas fantasias cruéis fazem meus sentimentos empalidecer, e penso: “O que teria então sido minha vida *se...*?”.

Ela escondeu o rosto nas mãos e caiu em prantos.

— Eis o fundo de meu coração! — continuou. — Um filho dele me teria feito aceitar as mais horríveis desgraças! O Deus que morreu carregado de todos os pecados da Terra me perdoará esse pensamento mortal para mim; mas, eu sei, o mundo é implacável. Para ele minhas palavras são blasfêmias, e eu insulto todas as leis. Ah! gostaria de fazer a guerra contra esse mundo para renovar suas leis e seus costumes, para rompê-los! Acaso ele não me feriu em todas as minhas ideias, em todas as minhas fibras, em todos os meus sentimentos, em todos os meus desejos, em todas as minhas esperanças, no futuro, no presente, no passado? Para mim o dia é cheio de trevas, o pensamento é um gládio, meu coração é uma chaga, minha filha é uma negação. Sim, quando Hélène me fala, gostaria que tivesse outra voz; quando me olha, gostaria que tivesse outros olhos. Está ali para me comprovar tudo o que deveria ser e tudo o que não é. Ela me é insuportável! Eu lhe sorrio, tento compensá-la pelos sentimentos que lhe roubo. Sofro! Oh, senhor, sofro demais para poder viver! E passarei por ser uma mulher virtuosa! E não cometi pecados! E hão de me honrar! Combati o amor involuntário a que não devia ceder; mas, se guardei minha fé física, terei conservado meu coração? Isto — disse encostando a mão direita sobre o seio — nunca foi senão de uma só criatura. Assim, minha filha não se engana. Existem olhares, uma voz, gestos de mãe cuja força molda a alma dos filhos; e minha pobre filhinha não sente meu braço fremir, minha voz tremer, meus olhos se enternecerem quando olho para ela, quando lhe falo ou quando a tomo. Lança-me olhares acusadores que eu não sustento! Às vezes tremo de medo de encontrar nela um tribunal em que serei condenada sem ser ouvida. Queira os céus que o ódio não se ponha um dia entre nós! Ó Deus!

Abra-me antes o túmulo, deixe-me terminar em Saint-Lange! Quero ir para o mundo onde encontrarei minha outra alma, onde serei completamente mãe! Ah, desculpe, senhor, estou louca. Essas palavras me sufocavam, disse-as. Ah, o senhor também está chorando! Não me desprezará. Hélène! Hélène! minha filha, venha! — exclamou com uma espécie de desespero ouvindo a filha, que voltava do passeio.

A menina veio rindo e gritando; trazia uma borboleta que apanhara; mas ao ver a mãe em lágrimas calou-se, pôs-se perto dela e deixou-se beijar na testa.

— Ela vai ser muito bonita — disse o padre.

— Ela é a cara do pai — respondeu a marquesa beijando a filha com uma expressão calorosa como para pagar uma dívida ou apagar um remorso.

— Você está quente, mamãe.

— Vá, deixe-nos, meu anjo — respondeu a marquesa.

A criança foi embora sem reclamar, sem olhar para a mãe, feliz quase de fugir de um rosto triste e já compreendendo que os sentimentos que ali se expressavam eram-lhe contrários. O sorriso é o apanágio, a língua, a expressão da maternidade. A marquesa não conseguia sorrir. Corou ao olhar para o padre: esperara mostrar-se mãe, mas nem ela nem a filha souberam mentir. De fato, os beijos de uma mulher sincera têm um mel divino que parece pôr nessa carícia uma alma, um fogo sutil pelo qual o coração é penetrado. Os beijos privados dessa união saborosa são ásperos e secos. O padre sentira essa diferença: pôde sondar o abismo que existe entre a maternidade da carne e a maternidade do coração. Assim, depois de jogar sobre essa mulher um olhar inquisidor, disse-lhe:

— Tem razão, seria melhor para a senhora estar morta...

— Ah! o senhor compreende meus sofrimentos, estou vendo — ela respondeu —, já que, sendo padre cristão, adivinha e aprova as resoluções funestas que eles me inspiraram. Sim, quis me dar a morte, mas faltou-me a coragem necessária para concretizar meu objetivo. Meu corpo foi covarde quando minha alma era forte, e quando minha mão já não tremia minha alma vacilava! Ignoro o segredo desses combates e dessas alternativas. Sou talvez bem tristemente mulher, sem persistência em minhas vontades, forte apenas para amar. Desprezo-me! À noite, quando meus empregados dormiam, eu ia corajosamente até o lago; ao chegar à beira, minha frágil natureza tinha horror da destruição. Confesso-lhe minhas fraquezas. Quando me via na cama, tinha vergonha de mim, tornava a ser corajosa. Num desses momentos tomei láudano; mas sofri e não morri. Pensei ter bebido tudo o que o frasco continha e parei na metade.

— A senhora está perdida — disse o cura gravemente e com uma

voz cheia de lágrimas. — Voltará para a sociedade e enganará a sociedade; ali procurará, ali encontrará o que olha como sendo uma compensação para seus males; depois, suportará um dia o castigo de seus prazeres...

— Eu — ela exclamou — acaso irei entregar ao primeiro velhaco que souber representar a comédia de uma paixão as últimas, as mais preciosas riquezas de meu coração, e corromper minha vida por um momento de prazer duvidoso? Não! minha alma será consumida por uma chama pura. Todos os homens têm os sentidos de seu sexo; mas aquele que tem a alma desse sexo e que satisfaz assim a todas as exigências de nossa natureza, cuja melodiosa harmonia nunca se comove senão sob pressão dos sentimentos, esse não encontramos duas vezes em nossa existência. Meu futuro é horrível, eu sei: a mulher não é nada sem o amor, a beleza não é nada sem o prazer; mas o mundo não reprovava minha felicidade se ela se apresentasse de novo a mim? Devo à minha filha uma mãe honrada. Ah! estou jogada num círculo de ferro do qual não posso sair sem ignomínia. Os deveres de família cumpridos sem recompensa me entediarão; amaldiçoarei a vida mas minha filha terá ao menos uma bela aparência de mãe. A ela entregarei tesouros de virtude para substituir os tesouros de afeição de que a terei frustrado. Não desejo nem sequer viver para saborear as fruições dadas às mães pela felicidade de seus filhos. Não acredito na felicidade. Qual será a sorte de Hélène? A minha, provavelmente. Que meios têm as mães de garantir a suas filhas que o homem a quem as entregam será um esposo segundo o coração delas? Os senhores amaldiçoam pobres criaturas que se vendem por alguns escudos a um homem que passa, a fome e a necessidade absolvem essas uniões efêmeras; ao passo que a sociedade tolera, encoraja a união imediata muito mais horrível de uma moça cândida com um homem que ela não viu por mais de três meses; ela é vendida pelo resto da vida. É verdade que o preço será alto! Se, não lhe permitindo nenhuma compensação para suas dores, os senhores a honrassem! Mas não, o mundo calunia as mais virtuosas de nós! Esse é nosso destino, visto sob suas duas faces: uma prostituição pública e a vergonha, uma prostituição secreta e a desgraça. Quanto às pobres moças sem dote, acabam loucas, morrem; para elas, nenhuma piedade! A beleza, as virtudes não são valores no bazar humano dos senhores, que chamam de Sociedade esse antro de egoísmo. Mas deserdem as mulheres! Ao menos cumprirão assim uma lei da natureza escolhendo suas companheiras, desposando-as ao sabor dos desejos do coração.

— Senhora, seus discursos me provam que nem o espírito de família nem o espírito religioso a tocam, portanto não hesitará entre o egoísmo social que a fere e o egoísmo da criatura que a fará desejar

fruições...

— Será que a família existe, senhor? Nego a família numa sociedade que, na morte do pai ou da mãe, divide os bens e diz a cada um para ir cuidar da vida. A família é uma associação temporária e fortuita que a morte dissolve prontamente. Nossas leis destruíram as casas, as heranças, a perenidade dos exemplos e das tradições. Só vejo escombros ao meu redor.

— A senhora só retornará a Deus quando a mão dele pesar sobre você, e desejo-lhe que tenha tempo suficiente para fazer as pazes com ele. Busca consolos baixando os olhos para a terra, em vez de erguê-los para o céu. O filosofismo e o interesse pessoal atacaram o seu coração; está surda à voz da religião como o estão os filhos deste século sem crença! Os prazeres do mundo só engendram sofrimentos. A senhora vai mudar de dores, só isso.

— Farei o seu profeta mentir — ela disse sorrindo com amargura —, serei fiel àquele que morreu por mim.

— A dor — ele respondeu — só é viável nas almas preparadas pela religião.

Ele baixou respeitosamente os olhos para não mostrar as dúvidas que podiam se estampar em seu olhar. A energia dos lamentos que haviam escapado da marquesa o contristara. Reconhecendo o *eu* humano sob suas mil formas, perdeu a esperança de amolecer aquele coração que o mal ressecara em vez de enternecer e no qual o grão do Semeador celeste não deveria germinar, já que sua voz doce ali era abafada pelo grande e terrível clamor do egoísmo. Entretanto, exibiu a constância do apóstolo e retornou várias vezes, sempre levado pela esperança de desviar para Deus essa alma tão nobre e tão orgulhosa. Mas perdeu coragem no dia em que se deu conta de que a marquesa só gostava de conversar com ele porque encontrava doçura ao falar daquele que morrera. Não quis rebaixar seu ministério fazendo-se de condescendente com uma paixão; parou as trocas de ideias, e voltou às fórmulas e aos lugares-comuns da conversa. A primavera chegou. A marquesa encontrou distrações para sua profunda tristeza, e ocupou-se, na falta do que fazer, de suas terras, tomando gosto em ordenar alguns trabalhos. No mês de outubro abandonou seu velho castelo de Saint-Lange, onde recuperara o viço e a beleza na ociosidade de uma dor que, primeiro violenta como um disco lançado com vigor, terminara se amortecendo na melancolia, como o disco que para depois de oscilações gradualmente mais fracas. A melancolia compõe-se de uma sequência de semelhantes oscilações morais, sendo que a primeira toca o desespero e a última, o prazer; na juventude é o crepúsculo da manhã; na velhice, o da tarde.

Quando sua caleça passou pela aldeia, a marquesa recebeu a

saudação do cura, que voltava da igreja para o presbitério; mas ao lhe responder, ela baixou os olhos e desviou a cabeça para não revê-lo. O padre tinha razão de sobra contra essa pobre Artemísia de Éfeso.¹

Um rapaz de muito futuro, e que pertencia a uma dessas casas históricas cujos nomes estarão sempre, até mesmo apesar das leis, intimamente ligados à glória da França, encontrava-se no baile na casa da sra. Firmiani. Essa senhora tinha lhe dado algumas cartas de recomendação para duas ou três amigas em Nápoles. O sr. Charles de Vandenesse, assim se chamava o rapaz, ia agradecer-lhe e despedir-se. Depois de ter cumprido com talento várias missões, Vandenesse fora recentemente nomeado junto a um de nossos ministros plenipotenciários enviados ao congresso de Laybach,¹ e queria aproveitar sua viagem para estudar a Itália. Essa festa era, portanto, uma espécie de adeus às delícias de Paris, a essa vida rápida, a esse turbilhão de pensamentos e prazeres que volta e meia se calunia mas ao qual é tão doce entregar-se. Habitado havia três anos a saudar as capitais europeias e a desertá-las ao sabor dos caprichos de seu destino diplomático, Charles de Vandenesse tinha, porém, pouco a lamentar ao sair de Paris. As mulheres já não lhe causavam nenhuma impressão, fosse porque considerava uma paixão verdadeira algo que ocupava muito espaço na vida de um homem político, fosse porque as ocupações mesquinhas de uma galanteria superficial lhe parecessem muito vazias para uma alma forte. Todos nós temos grandes pretensões à força da alma. Na França, nenhum homem, por medíocre que seja, consente em passar por simplesmente espirituoso. Assim, Charles, embora jovem (tinha apenas trinta anos), já se acostumara filosoficamente a ver ideias, resultados e meios ali onde os homens de sua idade percebem sentimentos, prazeres e ilusões. Recalcava o calor e a exaltação naturais dos jovens nas profundezas de sua alma, que a natureza criara generosa. Esforçava-se para fazer-se frio, calculista; para apresentar em boas maneiras, em formas agradáveis, em artifícios de sedução as riquezas morais que herdara do acaso; verdadeira tarefa de ambicioso; papel triste, assumido com o objetivo de alcançar o que hoje chamamos uma *bela posição*. Estava dando uma última olhadela nos salões onde se dançava. Antes de sair, provavelmente queria levar consigo uma imagem do baile, assim como um espectador não sai de seu camarote na ópera sem olhar o quadro

final. Mas também, por uma fantasia fácil de entender, o sr. de Vandenesse estudava os gestos tipicamente franceses, o brilho e os rostos risonhos daquela festa parisiense, aproximando-os pelo pensamento das fisionomias novas, das cenas pitorescas que o esperavam em Nápoles, onde se propunha a passar alguns dias antes de ir para seu posto. Parecia comparar a França tão inconstante e cedo estudada com um país cujos costumes e lugares só lhe eram conhecidos por ouvir dizer, por dados contraditórios ou pelos livros, na maioria malfeitos. Certas reflexões bastante poéticas, mas que hoje se tornaram muito vulgares, passaram-lhe então pela cabeça e responderam, sem que talvez ele soubesse, aos desejos secretos de seu coração, mais exigente que blasé, mais inabitado que murcho.

“Aqui estão”, ele pensava, “as mulheres mais elegantes, mais ricas, mais famosas de Paris. Aqui estão as celebridades do dia, os famosos de tribuna, os famosos aristocráticos e literários: ali, artistas; acolá, homens de poder. E no entanto só vejo pequenas aventuras, amores natimortos, sorrisos que nada dizem, desdêns sem causa, olhares sem chama, muito espírito mas prodigalizado sem objetivo. Todos esses rostos brancos e rosados procuram mais distrações que prazer. Nenhuma emoção é verdadeira. Se você quer apenas plumas bem colocadas, gazes vaporosas, bonitas toaletes, mulheres frágeis; se para você a vida não passa de uma superfície a aflorar, aqui está o seu mundo. Contenta-se com essas frases insignificantes, esses trejeitos encantadores, e não peça um sentimento nos corações. Quanto a mim, tenho horror a essas aventuras insípidas que acabarão em casamentos, em prefeituras do interior, em recebedorias ou, caso se trate de amor, em arranjos secretos, de tal forma todos se envergonham de um semblante de paixão. Não vejo um só desses rostos eloquentes que nos anuncie uma alma entregue a uma ideia ou a um remorso. Aqui, a tristeza ou a desgraça escondem-se vergonhosamente atrás de gracejos. Não avisto nenhuma dessas mulheres com quem gostaria de lutar, e que nos arrastam para um abismo. Onde encontrar energia em Paris? Um punhal é uma curiosidade que se pendura num prego dourado, que se enfeita com uma bonita bainha. Mulheres, ideias, sentimentos, tudo se assemelha. Aqui não existem mais paixões, porque as individualidades desapareceram. As posições, os espíritos, as fortunas foram nivelados, e todos nós adotamos o traje negro como para nos pormos de luto pela França morta. Não amamos nossos iguais. Entre dois amantes é preciso haver diferenças a apagar, distâncias a superar. Esse encanto do amor se desvaneceu em 1789! Nosso tédio, nossos costumes insípidos são o resultado do sistema político. Na Itália, ao menos, tudo é bem nítido. As mulheres ainda são animais maléficos, sereias perigosas, sem razão, sem outra lógica

senão a de seus gostos, de seus apetites, e das quais é preciso desconfiar como desconfiamos dos tigres...”

A sra. Firmiani foi interromper esse monólogo cujos mil pensamentos contraditórios, inacabados, confusos são intraduzíveis. O mérito de um devaneio está inteiramente em sua vaguidão, não é ele uma espécie de vapor intelectual?

— Quero — ela lhe disse pegando-o pelo braço — apresentar-lhe uma mulher que tem o maior desejo de conhecê-lo pelo que ouve dizer a seu respeito.

Levou-o para um salão contíguo, onde lhe mostrou, com um gesto, um sorriso e um olhar verdadeiramente parisienses, uma mulher sentada ao canto da lareira.

— Quem é ela? — perguntou com vivacidade o conde de Vandenesse.

— Uma mulher sobre quem certamente você conversou mais de uma vez para elogiá-la ou criticá-la, uma mulher que vive na solidão, um verdadeiro mistério.

— Se a senhora foi clemente algum dia na vida, por favor diga-me o nome dela.

— Marquesa d'Aiglemont.

— Vou tomar lições perto dela: soube fazer de um marido bem medíocre um par de França, de um homem nulo uma capacidade política. Mas, me diga, acredita que lord Grenville tenha morrido por ela, como certas mulheres pretenderam?

— Talvez. Desde essa aventura, falsa ou verdadeira, a pobre mulher mudou muito. Ainda não voltou a frequentar a sociedade. Uma constância de quatro anos, em Paris, é muita coisa. Se a vê aqui... — A sra. Firmiani parou; depois, acrescentou com ar malicioso: — Esqueço que devo me calar. Vá conversar com ela.

Charles ficou imóvel por um instante, as costas levemente apoiadas no alizar da porta, e inteiramente ocupado em examinar uma mulher que se tornara célebre sem que ninguém conseguisse dar conta dos motivos em que se baseava sua fama. A sociedade oferece muitas dessas curiosas anomalias. A reputação da sra. d'Aiglemont não era, com certeza, mais extraordinária que a de alguns homens que vivem trabalhando numa obra desconhecida: estatísticos considerados profundos em nome de cálculos que eles evitam publicar; políticos que vivem de um artigo de jornal; autores ou artistas cuja obra permanece sempre dentro de pastas; gente erudita com aqueles que nada conhecem da ciência, assim como Esganarelo é latinista com os que não sabem latim; homens a quem se atribui uma capacidade convencional sobre um ponto, seja para a direção das artes, seja para uma missão importante. Essa admirável expressão: *é uma especialidade*,

parece ter sido criada para essas espécies de acéfalos políticos ou literários. Charles permaneceu em contemplação mais tempo do que queria e ficou descontente por ter se preocupado tão fortemente com uma mulher; mas também, a presença dessa mulher refutava os pensamentos que um instante antes o jovem diplomata imaginara sobre o baile.

A marquesa, então com trinta anos, era bela, embora com formas frágeis e uma excessiva delicadeza. Seu maior encanto vinha de uma fisionomia cuja calma traía uma espantosa profundidade na alma. Seu olhar cheio de brilho, mas que parecia velado por um pensamento constante, denunciava uma vida febril e a mais vasta resignação. Suas pálpebras, quase sempre castamente baixadas, raramente se erguiam. Se dava olhares em torno de si, era com um gesto triste, e podia-se dizer que reservava o fogo de seus olhos para contemplações ocultas. Assim, qualquer homem superior sentia-se curiosamente atraído por essa mulher doce e calada. Se o espírito procurasse adivinhar os mistérios da perpétua reação que nela se dava do presente para o passado, da sociedade para sua solidão, a alma não ficava menos interessada em se iniciar nos segredos de um coração de certa forma orgulhoso de seus sofrimentos. Aliás, nela nada desmentia as ideias que inspirava de início. Como quase todas as mulheres que têm cabelos muito compridos, era pálida e perfeitamente branca. Sua pele, de uma finura prodigiosa, sintoma raramente enganador, anunciava uma verdadeira sensibilidade, justificada pela natureza de suas feições que tinham esse acabamento maravilhoso que os pintores chineses espalham sobre seus rostos fantásticos. Seu pescoço talvez fosse um pouco longo; mas pescoços desse tipo são os mais graciosos e dão à cabeça das mulheres vagas afinidades com as magnéticas ondulações da serpente. Se não existisse um só dos mil indícios pelos quais os temperamentos mais dissimulados se revelam ao observador, bastaria examinar atentamente os gestos de sua cabeça e as torções do pescoço, tão variados, tão expressivos, para julgar uma mulher. Na sra. d'Aiglemont, a maneira de se vestir estava em harmonia com o pensamento que dominava sua pessoa. As tranças de sua cabeleira penteada frouxamente formavam em cima da cabeça uma coroa alta à qual não se misturava nenhum enfeite, pois ela parecia ter dito adeus para sempre aos requintes da toalete. Assim, nela nunca se flagravam esses pequenos cálculos de coqueteria que estragam muitas mulheres. Só que, por mais modesto que fosse, seu corpete não escondia inteiramente a elegância de seu busto. Além disso, o luxo de seu vestido comprido consistia num corte extremamente distinto, e se fosse permitido buscar ideias no arranjo de um tecido, podia-se dizer que as pregas numerosas e simples de seu vestido lhe comunicavam

uma grande nobreza. Entretanto, talvez ela traísse as fraquezas indeléveis da mulher pelos minuciosos cuidados que tomava com sua mão e seu pé; mas se os mostrava com certo prazer, teria sido difícil à mais maliciosa rival considerar afetados os seus gestos, de tal forma pareciam involuntários ou decorrentes de hábitos infantis. Até mesmo esse resto de coqueteria se fazia desculpar por um gracioso desleixo. Esse volume de traços, esse conjunto de pequenas coisas que fazem uma mulher feia ou bonita, atraente ou desagradável, pode apenas ser indicado, sobretudo quando, como na sra. d'Aiglemont, a alma é o laço de todos esses detalhes e imprime-lhes uma deliciosa unidade. Assim, sua postura harmonizava-se à perfeição com o caráter de seu rosto e seu modo de vestir. Numa certa idade, determinadas mulheres eleitas são as únicas que sabem dar uma linguagem à sua atitude. Será a tristeza, será a felicidade que confere à mulher de trinta anos, à mulher feliz ou infeliz, o segredo dessa presença eloquente? Isso será sempre um enigma vivo que cada um interpreta ao sabor de seus desejos, de suas esperanças ou de seu modo de ser. A maneira como a marquesa mantinha os dois cotovelos apoiados nos braços da poltrona, e juntava as pontas dos dedos de cada mão parecendo brincar; a aparência de seu pescoço, o abandono de seu corpo cansado mas maleável, que parecia elegantemente dobrado na poltrona, o abandono de suas pernas, a despreocupação de sua pose, seus movimentos cheios de lassidão, tudo revelava uma mulher sem interesse na vida, que não conheceu os prazeres do amor mas sonhou com eles, e que se curva sob os fardos com que sua memória a esmaga; uma mulher que há muito tempo perdeu a esperança no futuro ou em si mesma; uma mulher desocupada que confunde o vazio com o nada. Charles de Vandenesse admirou aquele quadro magnífico, mas como o produto de um *aparentar* mais hábil que o das mulheres comuns. Conhecia D'Aiglemont. Então, ao primeiro olhar dado àquela mulher, que ele ainda não havia conhecido, o jovem diplomata reconheceu desproporções, incompatibilidades, empreguemos a palavra legal, fortes demais entre aquelas duas pessoas para que fosse possível a marquesa amar seu marido. No entanto, a sra. d'Aiglemont mantinha uma conduta irrepreensível, e sua virtude conferia um valor ainda mais alto a todos os mistérios que um observador podia pressentir nela. Passado seu primeiro gesto de surpresa, Vandenesse procurou a melhor maneira de abordar a sra. d'Aiglemont, e por uma astúcia de diplomacia bastante vulgar propôs-se a embaracá-la para saber como ela acolheria uma tolice.

— Senhora — disse sentando-se perto dela —, uma feliz indiscrição fez-me saber que tenho, não sei a título de quê, a felicidade de ser distinguido por você. Devo-lhe mais agradecimentos ainda por jamais

ter sido objeto de semelhante favor. Assim, a senhora será responsável por um de meus defeitos. De agora em diante, não quero mais ser modesto...

— Cometerá um erro, senhor — ela disse rindo —, é preciso deixar a vaidade aos que não têm outra coisa a apresentar.

Estabeleceu-se então uma conversa entre a marquesa e o rapaz, que, seguindo o costume, trataram num instante de uma profusão de assuntos: a pintura, a música, a literatura, a política, os homens, os acontecimentos e as coisas. Depois chegaram, por uma rampa insensível, ao assunto eterno das conversas francesas e estrangeiras, ao amor, aos sentimentos e às mulheres.

— Nós somos escravas.

— Vocês são rainhas.

As frases mais ou menos brilhantes ditas por Charles e pela marquesa podiam se resumir a essa simples expressão de todos os discursos presentes e futuros tidos sobre a matéria. Essas duas frases não quererão sempre dizer, em determinado momento: “me ame”, “vou amá-la”?

— A senhora — exclamou docemente Charles de Vandenesse — me faz lamentar profundamente deixar Paris. Sem dúvida não encontrarei na Itália horas tão espirituosas como foram estas.

— Talvez encontre a felicidade, e ela vale mais que todos os pensamentos brilhantes, verdadeiros ou falsos, que se dizem toda noite em Paris.

Antes de se despedir da marquesa, Charles obteve a autorização de ir lhe dizer adeus. Estimou-se muito feliz por ter dado a seu pedido as formas da sinceridade, quando à noite, ao se deitar, e no dia seguinte, durante o dia todo, foi-lhe impossível expulsar a lembrança daquela mulher. Ora perguntava-se por que a marquesa o distinguira; quais podiam ser suas intenções pedindo para revê-lo; e perdeu-se em conjecturas infundáveis. Ora acreditava encontrar os motivos dessa curiosidade, então inebriava-se de esperança ou esfriava, dependendo das interpretações com que se explicava esse desejo polido, tão vulgar em Paris. Ora era tudo, ora não era nada. Por fim, quis resistir à inclinação que o arrastava para a sra. d'Aiglemont; mas foi à casa dela. Existem pensamentos a que obedecemos sem conhecê-los: estão em nós sem que saibamos. Conquanto essa reflexão possa parecer mais paradoxal que verdadeira, toda pessoa de boa-fé encontra mil provas disso em sua vida. Indo à casa da marquesa, Charles obedecia a um desses textos preexistentes de que nossa experiência e as conquistas de nosso espírito são, mais tarde, os desdobramentos sensíveis. Uma mulher de trinta anos tem atrativos irresistíveis para um homem jovem; e nada mais natural, mais fortemente tecido, mais bem

preestabelecido do que as ligações profundas de que tantos exemplos nos são oferecidos no mundo entre uma mulher como a marquesa e um jovem como Vandenesse. De fato, uma mocinha tem ilusões demais, inexperiência demais, e o sexo é cúmplice demais de seu amor para que um rapaz possa se sentir lisonjeado; ao passo que uma mulher conhece toda a extensão dos sacrifícios a fazer. Ali onde uma é arrastada pela curiosidade, por seduções alheias às do amor, a outra obedece a um sentimento consciencioso. Uma cede, a outra escolhe. Essa escolha já não é uma imensa lisonja? Armada de um saber quase sempre pago pelo alto preço das infelicidades, a mulher experimentada, ao se dar, parece dar mais que a si mesma; ao passo que a mocinha, ignorante e crédula, nada sabendo, não pode comparar nada, apreciar nada; aceita o amor e o estuda. Uma nos instrui, aconselha-nos numa idade em que amamos nos deixar guiar, em que a obediência é um prazer; a outra quer aprender tudo e mostra-se ingênua ali onde a outra é carinhosa. Aquela não nos apresenta senão um triunfo, esta nos obriga a combates perpétuos. A primeira tem apenas lágrimas e prazeres, a segunda tem volúpias e remorsos. Para que uma mocinha seja amante, deve ser depravada demais, e então a abandonamos com horror; ao passo que uma mulher tem mil meios de conservar ao mesmo tempo seu poder e sua dignidade. Uma, submissa demais, oferece-nos as tristes seguranças do sossego; a outra perde demais para não pedir ao amor suas mil metamorfoses. Uma se desonra sozinha, a outra mata em nosso proveito uma família inteira. A moça tem apenas uma coqueteria, e acredita ter dito tudo quando tirou o vestido; mas a mulher tem inúmeras e esconde-se sob mil véus; por fim, afaga todas as vaidades, e a noviça só lisonjeia uma. Aliás, na mulher de trinta anos agitam-se indecisões, terrores, temores, perturbações e tempestades que jamais se encontram no amor de uma mocinha. Chegando a essa idade, a mulher pede a um rapaz que lhe restitua a estima que ela lhe sacrificou; vive só para ele, ocupa-se de seu futuro, quer para ele uma bela vida, ordena-lhe que esta seja gloriosa; obedece, suplica e comanda, rebaixa-se e eleva-se, e sabe consolar em mil ocasiões ali onde a mocinha só sabe gemer. Enfim, além de todas as vantagens de sua posição, a mulher de trinta anos pode fazer-se mocinha, representar todos os papéis, ser pudica e até mesmo embelezar-se com uma infelicidade. Entre as duas encontra-se a incomensurável diferença entre o previsto e o imprevisto, a força e a fraqueza. A mulher de trinta anos satisfaz tudo, e a mocinha, sob pena de não ser, não deve satisfazer nada. Essas ideias se desenvolvem no coração de um rapaz e nele compõem a mais forte das paixões, pois ela reúne os sentimentos artificiais criados pelos costumes aos sentimentos reais da

natureza.

A iniciativa mais capital e mais decisiva na vida das mulheres é justamente esta que uma mulher olha sempre como a mais insignificante. Casada, ela não mais se pertence, é a rainha e a escrava do lar doméstico. A santidade das mulheres é inconciliável com os deveres e as liberdades da sociedade. Emancipar as mulheres é corrompê-las. Conceder a um estranho o direito de entrar no santuário do lar não é colocar-se à sua mercê? Mas que uma mulher para lá o atraia não é uma falta ou, para ser exato, o início de uma falta? É preciso aceitar essa teoria em todo seu rigor ou absolver as paixões. Até agora, na França, a Sociedade soube adotar um *mezzo termine*: ela zomba das infelicidades. Assim como os espartanos só puniam a falta de habilidade, ela parece admitir o roubo. Mas talvez esse sistema seja muito sensato. O desprezo geral constitui o mais terrível de todos os castigos, por atingir a mulher no coração. As mulheres fazem questão e todas devem fazer questão de ser honradas, pois sem a estima não existem mais. Assim, é esse o primeiro sentimento que pedem ao amor. A mais depravada exige até mesmo, antes de tudo, uma absolvição do passado, vendendo seu futuro, e tenta fazer o amante entender que troca contra felicidades irresistíveis as honras que a sociedade lhe recusará. Não há mulher que, recebendo em casa pela primeira vez um jovem, e vendo-se sozinha com ele, não imagine algumas dessas reflexões; sobretudo se, como Charles de Vandenesse, ele é bem-apegoado ou brilhante. Da mesma maneira, poucos jovens deixam de acalentar certos desejos secretos a respeito de uma das mil ideias que justificam seu amor inato pelas mulheres belas, espirituosas e infelizes como era a sra. d'Aiglemont. Assim, a marquesa, ao ouvir anunciarem o sr. de Vandenesse, ficou perturbada; e ele ficou quase envergonhado, apesar da segurança que nos diplomatas, de certa forma, é de praxe. Mas a marquesa logo assumiu esse ar afetuosos sob o qual as mulheres se abrigam contra as interpretações da vaidade. Essa atitude exclui qualquer segunda intenção e leva em conta, por assim dizer, o sentimento temperando-o com as formas da polidez. As mulheres mantêm-se então o tempo que quiserem nessa posição ambígua como numa encruzilhada que leva igualmente ao respeito, à indiferença, à surpresa ou à paixão. Somente aos trinta anos uma mulher pode conhecer os recursos dessa situação. Ela sabe rir, gracejar, se enternecer sem se comprometer. Possui então o tato necessário para atacar num homem todas as cordas sensíveis e estudar os sons que daí tira. Seu silêncio é tão perigoso quanto sua palavra. Jamais adivinhamos se, nessa idade, ela é franca ou falsa, se escarnece ou está de boa-fé em suas confissões. Depois de nos ter dado o direito de lutar com ela, de repente, por uma palavra, por um olhar, por um

desses gestos cujo poder lhes é conhecido, encerram o combate, nos abandonam e permanecem donas de nosso segredo, livres para nos imolar por um gracejo, livres para cuidarem de nós, igualmente protegidas por sua fraqueza como por nossa força. Embora a marquesa se colocasse, durante essa primeira visita, em terreno neutro, soube manter uma alta dignidade de mulher. Suas dores secretas pairaram sempre sobre sua alegria artificial como uma nuvem leve que esconde imperfeitamente o sol. Vandenesse saiu depois de ter sentido nessa conversa delícias desconhecidas; mas continuou convencido de que a marquesa era dessas mulheres cuja conquista custa caro demais para que se possa pensar em amá-las.

“Seria”, conjecturou ao ir embora, “um sentimento a perder de vista, uma correspondência de cansar um subchefe ambicioso! No entanto, se eu de fato quisesse...” Esse fatal *Se eu de fato quisesse!* foi constantemente a perdição dos teimosos. Na França o amor-próprio leva à paixão. Charles voltou à casa da sra. d’Aiglemont e teve a impressão de perceber que ela sentia prazer em sua conversa. Em vez de se entregar com ingenuidade à felicidade de amar, quis então jogar um duplo papel. Tentou parecer apaixonado, e depois analisar friamente o andamento dessa aventura, ser amante e diplomata; mas era generoso e jovem, esse exame devia conduzi-lo a um amor sem limites; pois, artificiosa ou natural, a marquesa era sempre mais forte que ele. Toda vez que saía da casa da sra. d’Aiglemont, Charles persistia na sua desconfiança e submetia as situações progressivas pelas quais sua alma passava a uma análise severa, que matava suas próprias emoções.

“Hoje”, disse a si mesmo na terceira visita, “ela me fez compreender que era muito infeliz e sozinha na vida, que sem sua filha desejaria ardentemente a morte. Foi de uma perfeita resignação. Ora, não sou seu irmão nem seu confessor, por que me confiou suas tristezas? Ela me ama.”

Dois dias depois, ao ir embora, apostrofava os costumes modernos:

“O amor assume a cor de cada século. Em 1822 é doutrinário. Em vez de se provar, como outrora, pelos fatos, é discutido, dissertam sobre ele, exibem-no em discurso de tribuna. As mulheres ficam reduzidas a três possibilidades: primeiro, questionam nossa paixão, recusam-nos o poder de amar tanto quanto amam. Faceirice! Verdadeiro desafio que a marquesa me fez esta noite. Depois, mostram-se muito infelizes para excitar nossas generosidades naturais ou nosso amor-próprio. Um rapaz não fica lisonjeado em consolar um grande infortúnio? Por fim, têm a mania da virgindade! Ela deve ter pensado que eu a considerava nova em folha. Minha boa-fé pode se tornar uma excelente especulação.”

Mas um dia, depois de esgotar seus pensamentos de desconfiança, perguntou a si mesmo se a marquesa era sincera, se tantos sofrimentos podiam ser representados, e por que fingir resignação? Ela vivia numa solidão profunda e devorava em silêncio tristezas que deixava apenas entrever pelo tom mais ou menos constrangido de uma interjeição. A partir desse momento Charles adquiriu um profundo interesse pela sra. d'Aiglemont. No entanto, ao ir a um encontro habitual que se tornara necessário a um e a outro, hora reservada por um instinto mútuo, Vandenesse encontrou sua amada ainda mais hábil que verdadeira, e sua última palavra foi: “Decididamente, essa mulher é muito hábil”. Entrou, viu a marquesa em sua atitude favorita, atitude cheia de melancolia; ela ergueu os olhos para ele sem fazer um gesto e jogou-lhe um desses olhares plenos que parecem um sorriso. A sra. d'Aiglemont expressava uma confiança, uma amizade verdadeira, mas não amor. Charles sentou-se e não conseguiu dizer nada. Estava abalado por uma dessas sensações para as quais falta uma linguagem.

— O que você tem? — ela lhe perguntou num tom enternecido.

— Nada. Sim — ele retrucou —, penso numa coisa que ainda não lhe preocupou.

— O que é?

— É que... o congresso terminou.

— Mas — ela disse —, então você devia ir ao congresso?

Uma resposta direta era a mais eloquente e a mais delicada das declarações; mas Charles não a fez. A fisionomia da sra. d'Aiglemont atestava uma candura de amizade que destruía todos os cálculos da vaidade, todas as esperanças do amor, todas as desconfianças do diplomata; ela ignorava ou parecia ignorar completamente que era amada; e quando Charles, todo confuso, recolheu-se em si mesmo, foi obrigado a admitir que nada havia feito nem dito que autorizasse essa mulher a pensar assim. Durante aquele encontro o sr. de Vandenesse viu a marquesa como ela era sempre: simples e afetuosa, verdadeira em sua dor, feliz por ter um amigo, orgulhosa por encontrar uma alma que soubesse entender a sua; não ia além, e não supunha que uma mulher pudesse se deixar seduzir duas vezes; mas conhecera o amor e ainda o guardava sangrando no fundo do coração; não imaginava que a felicidade pudesse levar duas vezes a uma mulher seus enlevos, pois não acreditava somente no espírito, mas na alma, e para ela o amor não era uma sedução: comportava todas as seduições nobres. Nesse momento Charles voltou a ser um rapaz, foi subjugado pelo brilho de um caráter tão forte e quis ser iniciado em todos os segredos dessa existência ferida pelo acaso mais que por uma falta. A sra. d'Aiglemont deu apenas um olhar para seu amigo ao ouvi-lo pedir explicação para aquele excesso de mágoa que comunicava à sua beleza

todas as harmonias da tristeza; mas aquele olhar foi profundo como o selo de um contrato solene.

— Não me faça mais perguntas semelhantes — ela disse. — Há exatos três anos, aquele que me amava, o único homem por cuja felicidade eu teria sacrificado até minha própria estima, morreu, e morreu para salvar minha honra. Antes de me entregar a uma paixão para a qual uma fatalidade sem exemplo me impeliu, eu havia sido seduzida por algo que perde tantas moças, por um homem nulo mas de aparência agradável. O casamento desfolhou minhas esperanças, uma a uma. Hoje perdi a felicidade legítima e essa felicidade que se chama criminoso, sem ter conhecido a felicidade. Nada me resta. Se não soube morrer, devo ao menos ser fiel às minhas lembranças.

Depois dessas palavras, não chorou, baixou os olhos e torceu ligeiramente os dedos, que cruzara com seu gesto habitual. Isso foi dito simplesmente, mas o tom de sua voz era o tom de um desespero tão profundo quanto parecia ser o seu amor, e não deixava nenhuma esperança a Charles. Essa terrível existência traduzida em três frases e comentada por uma torção de mão, essa forte dor numa mulher frágil, esse abismo numa linda cabeça, enfim, as melancolias, as lágrimas de um luto de três anos fascinaram Vandenesse, que ficou calado e pequeno diante daquela grande e nobre mulher: nela não via mais as belezas materiais tão sofisticadas, tão perfeitas, mas a alma tão eminentemente sensível. Encontrava enfim o ser ideal tão fantasticamente sonhado, tão vigorosamente convocado por todos os que põem a vida numa paixão, procuram-na com ardor e costumam morrer sem ter conseguido gozar de todos os seus tesouros sonhados.

Ao ouvir essa linguagem e diante daquela beleza sublime, Charles achou estreitas suas ideias. Na impotência em que estava de medir suas palavras à altura daquela cena, a um só tempo tão simples e tão elevada, respondeu com lugares-comuns sobre o destino das mulheres.

— Senhora, é preciso saber esquecer suas dores ou cavar um túmulo — disse.

Mas a razão é sempre mesquinha se comparada ao sentimento; uma é naturalmente limitada, como tudo o que é positivo, o outro é infinito. Raciocinar ali onde é preciso sentir é típico das almas sem alcance. Portanto, Vandenesse manteve o silêncio, contemplou por muito tempo a sra. d'Aiglemont e saiu. Às voltas com ideias novas que lhe engrandeciam a mulher, parecia um pintor que, depois de tomar como tipos os modelos vulgares de seu ateliê, encontrasse de repente a Mnemósine do Museu, a mais bela e menos apreciada das estátuas antigas. Charles ficou profundamente apaixonado. Amou a sra. d'Aiglemont com essa boa-fé da juventude, com esse fervor que comunica às primeiras paixões uma graça inefável, uma candura que o

homem não mais encontra senão em ruínas quando, mais tarde, ainda ama: deliciosas paixões, quase sempre deliciosamente saboreadas pelas mulheres que as fazem nascer, porque nessa bela idade de trinta anos, auge poético da vida das mulheres, elas podem abarcar todo o seu curso, tanto no passado como no futuro. As mulheres conhecem então todo o preço do amor, do qual desfrutam com o temor de perdê-lo: então sua alma ainda tem a beleza da juventude que as abandona, e sua paixão vai se fortalecendo sempre com um futuro que as apavora.

“Eu amo”, disse dessa vez Vandenesse ao deixar a marquesa, “e para minha infelicidade encontro uma mulher apegada a lembranças. A luta é difícil contra um morto que não está mais aqui, que já não pode fazer tolices, que jamais desagrada e de quem só vemos as belas qualidades. Não é querer destronar a perfeição tentar matar os encantos da memória e as esperanças que sobrevivem a um amante perdido, justamente porque ele só despertou desejos, tudo o que o amor tem de mais belo, de mais sedutor?”

Essa triste reflexão, decorrente do desânimo e do medo de não ser bem-sucedido, pelos quais começam todas as paixões verdadeiras, foi o último cálculo de sua diplomacia expirante. A partir daí já não teve segundas intenções, tornou-se o brinquedo de seu amor e perdeu-se nas ninharias dessa felicidade inexplicável que se alimenta de uma palavra, de um silêncio, de uma vaga esperança. Quis amar platonicamente, foi todos os dias respirar o ar que a sra. d'Aiglemont respirava, quase incrustou-se em sua casa e a acompanhou por todo lado com a tirania de uma paixão que mistura seu egoísmo à dedicação mais absoluta. O amor tem seu instinto, sabe encontrar o caminho do coração como o mais fraco inseto anda até sua flor com uma irresistível vontade que não se apavora diante de nada. Assim, quando um sentimento é verdadeiro, seu destino não é duvidoso. Acaso não há motivo para uma mulher se jogar em todas as angústias do terror se ela chega a pensar que sua vida depende da maior ou menor verdade, da força, da persistência que seu amante porá em seus desejos? Ora, é impossível para a mulher, a esposa, a mãe, preservar-se contra o amor de um jovem; a única coisa que está em seu poder é não continuar a vê-lo quando adivinha esse segredo do coração que uma mulher sempre adivinha. Mas essa decisão parece definitiva demais para que uma mulher consiga tomá-la numa idade em que o casamento pesa, entedia e cansa, em que a afeição conjugal é mais que morna, se é que o marido já não a abandonou. Feias, as mulheres são lisonjeadas por um amor que as torna belas; jovens e encantadoras, a sedução deve estar à altura de suas seduições, e é imensa; virtuosas, um sentimento terrestremente sublime as leva a encontrar não sei qual

absolvição na grandeza mesma dos sacrifícios que fazem a seu amante e uma glória nessa luta difícil. Tudo é armadilha. Assim, nenhuma lição é forte demais para tão fortes tentações. A reclusão ordenada outrora à mulher na Grécia, no Oriente, e que passa a ser moda na Inglaterra, é a única salvaguarda da moral doméstica; mas sob o império desse sistema as graças do mundo perecem: então, nem a sociedade, nem a polidez, nem a elegância dos costumes são possíveis. As nações deverão escolher.

Assim, alguns meses depois de seu primeiro encontro, a sra. d'Aiglemont achou que sua vida estava estreitamente ligada à de Vandenesse, espantou-se sem muito constrangimento, e quase com certo prazer, por partilhar seus gostos e pensamentos. Tinha ela adotado as ideias de Vandenesse ou Vandenesse desposara seus menores caprichos? Nada examinou. Já levada pela corrente da paixão, essa mulher adorável pensou com a falsa boa-fé do medo: “Oh, não! Serei fiel àquele que morreu por mim”.

Pascal disse: “Duvidar de Deus é acreditar nele”. Da mesma maneira, uma mulher só se debate quando foi agarrada. No dia em que a marquesa admitiu ser amada, aconteceu-lhe flutuar entre mil sentimentos contrários. As superstições da experiência falaram sua linguagem. Seria ela feliz? Poderia encontrar a felicidade fora das leis que a Sociedade transforma, errada ou certa, em sua moral? Até então a vida só lhe vertera amargura. Havia um desfecho feliz possível para os laços que unem dois seres separados pelas convenções sociais? Mas, também, acaso paga-se um preço demasiado alto pela felicidade? Além disso, essa felicidade tão ardentemente desejada, e que é tão natural buscar, talvez ela a encontrasse enfim! A curiosidade sempre defende a causa dos amantes. Em meio a essa discussão secreta, Vandenesse chegou. Sua presença fez desaparecer o fantasma metafísico da razão. Se essas são as transformações sucessivas pelas quais passa um sentimento, mesmo fugaz, num jovem e numa mulher de trinta anos, há um momento em que as nuances se fundem, em que os raciocínios se anulam num só, numa derradeira reflexão que se confunde num desejo e que o corrobora. Quanto mais longa tiver sido a resistência, mais poderosa é, então, a voz do amor. Aqui, portanto, termina essa lição, ou melhor, esse estudo feito sobre o *esfolado*, se é permitido tomar de empréstimo à pintura uma de suas expressões mais pitorescas; pois esta história explica os perigos e o mecanismo do amor mais que o pinta. Mas, desde esse momento, cada dia acrescentou cores a esse esqueleto, revestiu-o com as graças da juventude, reavivou suas carnes, vivificou seus movimentos, restituiu-lhe o brilho, a beleza, as seduções do sentimento e os atrativos da vida. Charles achou a sra. d'Aiglemont pensativa; e quando lhe disse

com esse tom compenetrado que as doces magias do coração tornaram persuasivo: “O que há com você?”, ela evitou responder. Essa deliciosa pergunta demonstrava um perfeito entendimento de alma; e com o instinto maravilhoso da mulher, a marquesa compreendeu que os queixumes ou a expressão de sua infelicidade íntima seriam, de certa forma, sinal de uma aceitação. Se cada uma dessas palavras já tinha um significado compreendido pelos dois, em que abismo não iria ela pôr os pés? Leu em si mesma com um olhar lúcido e claro, calou-se, e seu silêncio foi imitado por Vandenesse.

— Estou me sentindo mal — disse enfim, apavorada pelo grande alcance de um momento em que a linguagem dos olhos supriu por completo a impotência do discurso.

— Senhora — respondeu Charles em tom afetuoso mas violentamente comovido —, alma e corpo, tudo se entrosa. Se fosse feliz, seria jovem e viçosa. Por que se recusa a pedir ao amor tudo aquilo de que o amor a privou? Pensa que a vida está terminada no momento em que, para a senhora, ela começa. Confie-se aos cuidados de um amigo. É tão doce ser amado!

— Já sou velha — ela disse —, portanto, nada me desculparia continuar a sofrer como no passado. Aliás, a seu ver é preciso amar? Pois bem! Não devo nem posso amar. Fora você, cuja amizade lança certas doçuras em minha vida, ninguém me agrada, ninguém saberia apagar minhas lembranças. Aceito um amigo, fugiria de um amante. Além disso, seria generoso de minha parte trocar um coração machucado por um coração jovem, acolher ilusões que já não posso partilhar, causar uma felicidade na qual não acreditaria, ou que morreria de medo de perder? Eu responderia talvez com egoísmo à dedicação do outro, e calcularia enquanto ele sentiria; minha memória ofenderia a vivacidade de seus prazeres. Não, veja, um primeiro amor jamais se substitui. Enfim, qual homem quereria, por esse preço, o meu coração?

Essas palavras, impregnadas de terrível coqueteria, eram o último esforço da sensatez. “Se ele se desencorajar, pois então ficarei sozinha e fiel.” Esse pensamento brotou no coração daquela mulher e foi para ela o que é um galho de salgueiro muito fraco que um nadador agarra antes de ser arrastado pela corrente. Ao ouvir essa sentença, Vandenesse deixou escapar um estremecimento involuntário que foi mais poderoso no coração da marquesa do que tinham sido todas as suas assiduidades passadas. O que mais toca as mulheres não é encontrar em nós delicadezas graciosas, sentimentos requintados tanto quanto são os delas? Pois nelas a graça e a delicadeza são indícios do *verídico*. O gesto de Charles revelava um amor verdadeiro. A sra. d’Aiglemont conheceu a força do afeto de Vandenesse pela força de

sua dor. O jovem disse friamente:

— Talvez tenha razão. Novo amor, nova tristeza.

Depois, mudou de conversa e entreteve-se sobre coisas indiferentes; mas estava visivelmente emocionado, olhava para a sra. d'Aiglemont com uma atenção concentrada, como se a visse pela última vez. Por fim, deixou-a dizendo-lhe com emoção:

— Adeus, senhora.

— Até mais — ela disse com essa faceirice fina cujo segredo pertence apenas às mulheres de elite. Ele não respondeu, e saiu.

Quando Charles não estava mais lá, quando sua cadeira vazia falou por ele, ela sentiu mil remorsos e atribuiu-se erros. A paixão faz um progresso enorme numa mulher quando ela acredita ter agido pouco generosamente, ou ter ferido uma alma nobre. Nunca se deve desconfiar dos maus sentimentos no amor, eles são muito salutares, as mulheres só sucumbem ao golpe de uma virtude. *O inferno está cheio de boas intenções* não é um paradoxo de pregador. Vandenesse ficou durante alguns dias sem ir lá. A cada fim de tarde, na hora do encontro habitual, a marquesa o esperou com uma impaciência cheia de remorsos. Escrever era uma confissão; aliás, seu instinto lhe dizia que ele voltaria. No sexto dia seu mordomo o anunciou. Nunca ela ouviu aquele nome com mais prazer. Sua alegria a assustou.

— Você me castigou muito! — ela lhe disse.

Vandenesse olhou para ela com ar perplexo.

— Castigou! — ele repetiu. — E por quê?

Charles compreendia bem a marquesa; mas queria se vingar pelos sofrimentos a que ficara exposto e dos quais ela desconfiava.

— Por que não veio me ver? — ela perguntou sorrindo.

— Então não viu ninguém? — ele disse para não dar uma resposta direta.

— O sr. de Ronquerolles e o sr. de Marsay, o pequeno D'Esgrignon vieram aqui, um ontem, o outro esta manhã, por quase duas horas. Vi, também creio, a sra. Firmiani e sua irmã, a sra. de Listomère.

Outro sofrimento! Dor incompreensível para os que não amam com esse despotismo invasor e feroz cujo menor efeito é um ciúme monstruoso, um desejo perpétuo de furtar o ser amado de qualquer influência estranha ao amor.

“O quê!”, pensou consigo mesmo Vandenesse, “ela recebeu, viu criaturas contentes, falou com elas, enquanto eu estava solitário, infeliz!”

Sepultou sua tristeza e jogou seu amor no fundo do coração, como um caixão no mar. Seus pensamentos eram desses que não expressamos; têm a rapidez desses ácidos que matam ao se evaporar. No entanto, sua fronte cobriu-se de nuvens e a sra. d'Aiglemont

obedeceu ao instinto de mulher que partilha essa tristeza sem imaginá-la. Ela não era cúmplice do mal que causava, e disso Vandenesse se deu conta. Falou de sua situação e de seu ciúme, como se isso fosse uma dessas hipóteses que os amantes gostam de discutir. A marquesa entendeu tudo, e então ficou tão profundamente sensibilizada que não conseguiu conter as lágrimas. A partir daí entraram nos céus do amor. O céu e o inferno são dois grandes poemas que formulam os dois únicos pontos em torno dos quais gira nossa existência: a alegria ou a dor. Acaso não é o céu, não será ele sempre uma imagem do infinito de nossos sentimentos que nunca será pintada senão em seus detalhes, porque a felicidade é una? E o inferno não representa as torturas infinitas de nossas dores com as quais podemos fazer poesia porque são todas dessemelhantes?

Uma noite, os dois apaixonados estavam sozinhos, sentados um perto do outro, calados, e ocupados em contemplar uma das mais belas fases do firmamento, um desses céus puros em que os últimos raios do sol jogam tênues matizes dourados e púrpura. Nesse momento do dia, as lentas gradações da luz parecem despertar os sentimentos suaves; nossas paixões vibram indolentes e saboreamos as perturbações de não sei que violência no meio da calma. Mostrando-nos a felicidade por vagas imagens, a natureza nos convida a desfrutá-la quando está perto de nós, ou a nos fazer lamentá-la quando fugiu. Nesses instantes férteis em encantamentos, sob o dossel desse clarão cujas ternas harmonias se unem a sedução íntima, é difícil resistir aos desejos do coração que então têm tanta magia! É quando a tristeza se atenua, a alegria enleva e a dor oprime. As pompas da noite são o sinal das confissões e as encorajam. O silêncio torna-se mais perigoso que a palavra, comunicando aos olhos toda a força do infinito dos céus que eles refletem. Se falamos, a menor palavra possui uma força irresistível. Não há então luz na voz, púrpura no olhar? O céu não parece estar em nós, ou não nos parece estarmos no céu? No entanto, Vandenesse e Juliette,² pois havia alguns dias ela se deixava chamar assim, familiarmente, por aquele a quem gostava de chamar Charles; portanto, os dois falavam, mas o assunto original de sua conversa estava bem longe deles; e se não sabiam mais o sentido das palavras, escutavam deliciados os pensamentos secretos que elas escondiam. A mão da marquesa estava na de Vandenesse, e ela a abandonou sem acreditar que fosse um favor.

Debruçaram-se juntos para ver uma dessas majestosas paisagens cheias de neve, de geleiras, sombras cinzentas que tingem os flancos de montanhas fantásticas; um desses quadros repletos de brucas oposições entre as chamas vermelhas e os tons negros que decoram os céus com inimitável e fugaz poesia; magníficas fraldas em que o sol

renasce, bela mortalha em que expira. Nesse momento, os cabelos de Juliette roçaram as faces de Vandenesse; ela sentiu esse leve contato, estremeceu violentamente, e ele mais ainda. Pois ambos tinham gradualmente chegado a uma dessas crises inexplicáveis em que a calma comunica aos sentidos uma percepção tão fina, que o choque mais fraco faz verter lágrimas e transbordar a tristeza se o coração fica perdido nessas melancolias, ou lhe dá inefáveis prazeres se fica perdido nas vertigens do amor. Juliette apertou quase involuntariamente a mão de seu amigo. Essa pressão persuasiva deu coragem à timidez do apaixonado. As alegrias desse momento e as esperanças do futuro, tudo se fundiu numa emoção, a da primeira carícia, do casto e modesto beijo que a sra. d'Aiglemont aceitou receber na face. Quanto mais tênue era o favor, mais poderoso, mais perigoso seria. Para desgraça de ambos, não havia fingimentos nem falsidade. Foi o entendimento de duas belas almas, separadas por tudo o que é lei, reunidas por tudo o que é sedução na natureza. Nesse instante, entrou o general d'Aiglemont.

— O ministério mudou — ele disse. — Seu tio faz parte do novo gabinete. Assim, você tem belas chances de ser embaixador, Vandenesse.

Charles e Julie se olharam, enrubescendo. Esse pudor mútuo foi mais um vínculo. Ambos tiveram o mesmo pensamento, o mesmo remorso; laço terrível e tão forte entre dois bandidos que acabam de assassinar um homem quanto entre dois amantes culpados de um beijo. Era preciso dar uma resposta ao marquês.

— Não quero mais deixar Paris — disse Charles de Vandenesse.

— Sabemos por quê — retrucou o general afetando a esperteza de um homem que descobre um segredo. — Não quer abandonar seu tio para ser declarado o herdeiro de seu pariato.

A marquesa fugiu para seu quarto, fazendo consigo mesma esse comentário terrível sobre o marido: “Ele é, além de tudo, um idiota completo”.

Entre a barreira d'Italie e a da Santé, no boulevard interior que leva ao Jardin des Plantes, existe uma perspectiva digna de extasiar o artista ou o viajante mais indiferente aos prazeres da vista. Chegando a uma pequena elevação a partir da qual o boulevard, sombreado por grandes árvores frondosas, faz uma curva com a graça de uma alameda florestal verde e silenciosa, veremos a nossa frente, a nossos pés, um vale profundo povoado de fábricas quase de cidadezinha do interior, com hortas espalhadas, regado pelas águas marrons do Bièvre ou do Gobelins. Na vertente oposta, alguns milhares de telhados, comprimidos como as cabeças de uma multidão, escondem as misérias do arrabalde Saint-Marceau. A magnífica cúpula do Panthéon, o domo descorado e melancólico do Val-de-Grâce dominam orgulhosamente toda uma cidade em anfiteatro cujos degraus são estranhamente desenhados por ruas tortuosas. Dali, as proporções dos dois monumentos parecem gigantescas; esmagam tanto as frágeis moradias como os mais altos álamos do vale. À esquerda, o Observatório, por cujas janelas e galerias a claridade passa produzindo inexplicáveis fantasias, surge como um espectro negro e descarnado. Depois, ao longe, a elegante lanterna dos Invalides flameja entre as massas azuladas do Luxembourg e as torres cinzentas de Saint-Sulpice. Vistas de lá, essas linhas arquiteturais são misturadas a essas folhagens e sombras, são submetidas aos caprichos de um céu que muda incessantemente de cor, luz e aspecto. Longe de nós, os prédios guarnecem os ares; em volta de nós, serpenteiam árvores ondulantes e trilhas campestres. À direita, por um vasto corte dessa paisagem singular, percebe-se a longa superfície branca do canal Saint-Martin, emoldurado de pedras avermelhadas, enfeitado por suas tílias, margeado pelas construções verdadeiramente romanas dos celeiros da abundância.¹ Ali, no último plano, as vaporosas colinas de Belleville, carregadas de casas e moinhos, confundem seus acidentes com os das nuvens. No entanto, existe uma cidade que não se vê, entre a fileira de telhados que margeia o vale e esse horizonte tão vago como uma lembrança de infância; imensa cidade, perdida como num precipício entre os cimos do hospital da Pitié e o alto do cemitério de l'Est, entre

o sofrimento e a morte. Ela faz ouvir um sussurro surdo semelhante ao do oceano que ronca atrás de uma falésia como para dizer: “Estou aqui”. Se o sol lança suas ondas de luz sobre essa face de Paris, se depura, se fluidifica suas linhas, se acende algumas de suas vidraças, se alegra suas telhas, incandesce as cruzes douradas, embranquece os muros e transforma a atmosfera num véu de gaze; se cria ricos contrastes com as sombras fantásticas; se o céu é azul e a terra fremente, se os sinos falam, então de lá admiramos uma dessas fantasmagorias eloquentes que a imaginação jamais esquece e que idolatrados, enlouquecidos como por um maravilhoso aspecto de Nápoles, de Istambul ou da Flórida. Nenhuma harmonia falta a esse concerto. Ali murmuram o rumor do mundo e a paz poética da solidão, a voz de um milhão de seres e a voz de Deus. Ali jaz uma capital deitada sob os tranquilos ciprestes do Père-Lachaise.

Numa manhã de primavera, quando o sol fazia brilhar todas as belezas dessa paisagem, eu as admirava encostado num grande olmo que oferecia ao vento suas flores amarelas. Ademais, diante do aspecto desses ricos e sublimes quadros, pensava amargamente no desprezo que professamos, até em nossos livros, por nosso país de hoje. Amaldiçoava esses pobres ricos que, enfatiados de nossa bela França, vão comprar a preço de ouro o direito de desprezar sua pátria visitando a galope, examinando através de um binóculo os sítios dessa Itália que se tornou tão vulgar. Contemplava com amor a Paris moderna, sonhava, quando de repente o ruído de um beijo perturbou minha solidão e afugentou a filosofia. Na alameda lateral que coroa a rampa íngreme ao pé da qual estremecem as águas, e olhando além da ponte dos Gobelins, descobri uma mulher que me pareceu ainda bem jovem, vestida com a simplicidade mais elegante, e cuja fisionomia doce parecia refletir a felicidade alegre da paisagem. Um belo rapaz pousava no chão o mais lindo garotinho que era possível ver, de modo que eu jamais soube se o beijo estalara nas faces da mãe ou nas da criança. Um mesmo pensamento, terno e intenso, explodia nos olhos, nos gestos, no sorriso dos dois jovens. Entrelaçaram os braços com uma ligeireza tão alegre, e aproximaram-se com uma compreensão de gestos tão maravilhosa que, entregues a si próprios, não perceberam minha presença. Mas outra criança, descontente, emburrada, e que lhes dava as costas, me lançou olhares marcados por uma expressão impressionante. Deixando o irmão correr sozinho, ora atrás, ora na frente da mãe e do rapaz, essa criança, vestida como a outra, igualmente graciosa, mas de formas mais suaves, permaneceu muda, imóvel e na atitude de uma serpente hibernada. Era uma garotinha. O passeio da bonita mulher e de seu companheiro tinha um não sei quê de mecânico. Contentando-se, por distração talvez, em percorrer o

pequeno espaço que havia entre a pontezinha e um carro parado na curva do bulevar, recomeçavam constantemente seu curto trajeto parando, olhando-se, rindo ao sabor dos caprichos de uma conversa alternadamente animada, lânguida, alucinada ou grave.

Escondido pelo grande olmo, eu admirava essa cena deliciosa, e com certeza teria respeitado seus mistérios se não tivesse flagrado no rosto da garotinha sonhadora e taciturna os vestígios de um pensamento mais profundo do que sua idade comportava. Quando sua mãe e o rapaz se viravam, depois de terem ido para perto dela, volta e meia ela inclinava sub-repticiamente a cabeça e lançava para eles, assim como para o irmão, um olhar furtivo de fato extraordinário. Mas nada conseguiria restituir a penetrante finura, a maliciosa ingenuidade, a selvagem atenção que animava aquele rosto infantil de olhos com leves olheiras, quando a bonita mulher ou seu companheiro acariciavam os cachos louros, apertavam gentilmente o pescoço viçoso, a gola branca do garotinho, no momento em que, por criancice, ele tentava andar no mesmo passo. Havia, com certeza, uma paixão de homem na fisionomia franzina daquela garotinha estranha. Ela sofria ou pensava. Ora, quem profetiza a morte com mais segurança nessas criaturas em flor? Será o sofrimento alojado no corpo ou o pensamento apressado devorando suas almas, mal e mal germinadas? A mãe sabe isso, talvez. Quanto a mim, agora não conheço nada mais terrível que um pensamento de velho numa frente de criança; a blasfêmia nos lábios de uma virgem ainda é menos monstruosa. Assim, a atitude quase estúpida daquela menina já pensativa, a raridade de seus gestos, tudo me interessou. Examinei-a com curiosidade. Por uma fantasia natural dos observadores, comparei-a com o irmão, procurando flagrar as relações e as diferenças que havia entre eles. A primeira tinha cabelos castanhos, olhos negros e uma força precoce que formavam uma rica oposição com a cabeleira loura, os olhos verde-mar e a graciosa fraqueza do mais jovem. A mais velha podia ter cerca de sete a oito anos, o outro, apenas seis. Estavam vestidos da mesma maneira. No entanto, olhando-os com atenção, observei na gola de suas blusas uma diferença bastante frívola mas que mais tarde me revelou todo um romance no passado, todo um drama no futuro. E era bem pouca coisa. Uma simples bainha bordava a gola da garotinha morena, ao passo que lindos bordados enfeitavam a do caçula e traíam um segredo do coração, uma predileção tácita que os filhos leem na alma das mães, como se o espírito de Deus estivesse neles. Despreocupado e alegre, o louro parecia uma garotinha, de tal forma sua pele branca tinha viço, seus movimentos, graça, sua fisionomia, doçura; ao passo que a mais velha, apesar de sua força, apesar da beleza de suas feições

e do brilho de sua tez, parecia um garotinho doentio. Seus olhos vivos, privados desse vapor úmido que dá tanto encanto aos olhares das crianças, pareciam ter sido secados por um fogo interior, como os dos cortesãos. Por fim, sua brancura tinha não sei qual nuance opaca, azeitonada, sintoma de um temperamento vigoroso. Por duas vezes seu jovem irmão fora lhe oferecer, com um encanto comovente, com um belo olhar, com um ar expressivo que teria maravilhado Charlet,² a pequena trompa de caça na qual soprava de vez em quando; mas toda vez ela só respondera com um olhar feroz a esta frase: “Tome, Hélène, não quer?”, dita com voz carinhosa. E, sombria e terrível em sua expressão aparentemente despreocupada, a garotinha estremecia e até corava intensamente quando o irmão se aproximava; mas o caçula não parecia se dar conta do humor negro da irmã, e sua indiferença, mesclada de interesse, acabava por fazer contrastar o verdadeiro caráter da infância com a ciência pensativa do adulto, já inscrita no rosto da menininha e que já o obscurecia com suas nuvens escuras.

— Mamãe, Hélène não quer brincar — exclamou o menino, que aproveitou para se queixar num instante em que a mãe e o rapaz estavam calados na ponte dos Gobelins.

— Deixe-a, Charles. Você sabe muito bem que ela é sempre rabugenta.

Essas palavras, pronunciadas ao acaso pela mãe, que em seguida se virou abruptamente para o rapaz, arrancaram lágrimas de Hélène. Ela as devorou em silêncio, lançou para o irmão um desses olhares profundos que me pareciam inexplicáveis e contemplou, primeiro com uma inteligência sinistra, o talude no alto do qual ele estava, e depois o rio de Bièvre, a ponte, a paisagem e a mim.

Temi ser avistado pelo casal alegre, cuja conversa certamente eu teria perturbado; retirei-me de mansinho, fui me refugiar atrás de uma cerca de sabugueiro cuja folhagem me escondeu por completo de todos os olhares. Sentei-me sossegado no alto do talude, olhando calado e alternadamente, fossem as belezas cambiantes do lugar, fosse a garotinha selvagem que ainda me era possível entrever pelos interstícios da cerca e do pé dos sabugueiros sobre os quais minha cabeça repousava, quase no nível do bulevar. Não me vendo mais, Hélène pareceu inquieta; seus olhos pretos me procuraram na alameda, ao longe, atrás das árvores, com uma curiosidade indefinível. O que era eu, afinal, para ela? Naquele momento, os risos ingênuos de Charles ecoaram no silêncio como um canto de pássaro. O belo rapaz, louro como ele, o fazia dançar em seus braços e o beijava, prodigalizando essas palavrinhas inconsequentes e desviadas de seu verdadeiro significado que dirigimos amigavelmente às crianças. A mãe sorria dessas brincadeiras, e de vez em quando dizia, talvez em

voz baixa, palavras saídas do coração; pois seu companheiro parava, todo feliz, e olhava para ela com um olhar azul cheio de fogo, cheio de idolatria. Suas vozes misturadas com a da criança tinham um não sei quê de carinhoso. Os três eram encantadores. Essa cena deliciosa, no meio daquela paisagem magnífica, ali espalhava uma inacreditável suavidade. Uma mulher, bela, branca, risonha, uma criança do amor, um homem radiante de juventude, um céu puro, enfim, todas as harmonias da natureza combinavam-se para alegrar a alma. Flagrei-me sorrindo, como se essa felicidade fosse minha. O belo rapaz ouviu bater nove horas. Depois de beijar carinhosamente sua companheira, que voltou a ficar séria e quase triste, ele retornou então a seu tálburi que avançava devagar, conduzido por um velho criado. A tagarelice da criança querida misturou-se com os últimos beijos que o rapaz lhe deu. Depois, quando esse subiu no carro, quando a mulher imóvel escutou o tálburi andando e seguiu o rastro marcado pela poeira de nuvem na alameda verde do bulevar, Charles correu para perto da irmã, ao lado da ponte, e o ouvi dizer com voz límpida: “Mas por que você não veio dar adeus ao meu bom amigo?”.

Ao ver o irmão na encosta do talude, Hélène lhe lançou o mais horrível olhar que jamais iluminou os olhos de uma criança e o empurrou com um gesto de raiva. Charles escorregou na ladeira íngreme, onde tropeçou em raízes que o jogaram violentamente em cima das pedras cortantes do muro; ali bateu com a testa; depois, todo sangrando, foi cair nas águas barrentas do rio. A ondulação afastou-se em mil jatos escuros debaixo de sua linda cabeça loura. Ouvi os gritos agudos do pobrezinho; mas logo seus apelos se perderam sufocados no lodo, onde ele desapareceu emitindo um som pesado como o de uma pedra que afunda. O raio não é mais rápido do que foi essa queda. Levantei-me de súbito e desci por uma trilha. Hélène, estupefata, deu gritos estridentes:

— Mamãe! Mamãe!

A mãe estava ali, perto de mim. Voara como um pássaro. Mas nem os olhos da mãe nem os meus conseguiram identificar o lugar exato onde a criança submergira. A água preta borbulhava num espaço imenso. O leito do Bièvre tem, nesse lugar, três metros de lama. A criança iria morrer, era impossível socorrê-la. Naquela hora, num domingo, tudo estava em repouso. O Bièvre não tem barcos nem pescadores. Não vi varas para sondar o riacho fétido nem ninguém ao longe. Por que então eu teria falado desse acidente sinistro ou contado o segredo dessa desgraça? Hélène talvez tivesse vingado o pai. Seu ciúme era provavelmente o gládio de Deus. No entanto, estremeci ao contemplar a mãe. Que tenebroso interrogatório seu marido, seu juiz eterno, não iria fazê-la sofrer? E ela arrastava consigo uma

testemunha incorruptível. A infância tem a fronte transparente, a tez diáfana; e nela a mentira é como uma luz que faz enrubescer até mesmo seu olhar. A pobre mulher ainda não pensava no suplício que a esperava no lar. Olhava para o Bièvre.

Um acontecimento desses iria causar repercussões tenebrosas na vida de uma mulher, e aqui está um dos ecos mais terríveis que ocasionalmente perturbaram os amores de Juliette.

Dois ou três anos depois, uma noite, após o jantar, na casa do marquês de Vandenesse, então de luto pelo pai, e que tinha de cuidar da sucessão, encontrava-se um tabelião. Esse tabelião não era o pequeno tabelião de Sterne, mas um grande e gordo tabelião de Paris, um desses homens estimáveis que fazem bobagens com circunspecção, metem pesadamente o pé numa ferida desconhecida e perguntam por que alguém está se lamentando. Se por acaso ficam sabendo a razão de sua besteira assassina, dizem: “Eu não sabia de nada, palavra de honra!”. Em suma, era um tabelião honestamente tolo, que na vida só enxergava *certidões*. O diplomata tinha perto de si a sra. d’Aiglemont. O general saíra educadamente antes do fim do jantar para levar seus dois filhos ao espetáculo do Ambigu-Comique ou do La Gaîté, nos bulevares. Embora os melodramas sobre-excitem os sentimentos, em Paris são considerados apropriados à infância, e sem perigo, porque a inocência sempre triunfa. O pai partira sem esperar a sobremesa, de tal modo a filha e o filho o haviam atormentado para chegarem ao teatro antes de subir o pano.

O tabelião, o imperturbável tabelião, incapaz de se perguntar por que a sra. d’Aiglemont enviava ao espetáculo os filhos e o marido sem acompanhá-los, estava, desde o jantar, como que aparafusado em sua cadeira. Uma discussão fizera a sobremesa se arrastar, e os empregados custavam a servir o café. Esses incidentes, que devoravam um tempo provavelmente precioso, arrancavam gestos de impaciência da bela mulher: podia-se compará-la com um cavalo de raça pateando antes da corrida. O tabelião, que não conhecia os cavalos nem as mulheres, achava, muito simplesmente, que a marquesa era uma mulher animada e buliçosa. Encantado por estar na companhia de uma mulher na moda e de um político famoso, esse tabelião mostrava-se espirituoso; considerava uma aprovação o falso sorriso da marquesa, a quem ele impacientava consideravelmente, e ia em frente. Já o dono da casa, de comum acordo com sua companheira, permitira-se manter silêncio várias vezes em que o tabelião esperava uma resposta elogiosa; mas durante essas pausas significativas aquele diabo de homem olhava para o fogo da lareira buscando anedotas. Depois o diplomata recorreu a seu relógio. Por fim, a bonita mulher pôs de novo o chapéu para sair, e não saiu. O tabelião não via, não ouvia

nada; estava radiante consigo mesmo e seguro de interessar bastante a marquesa para prendê-la ali. “Terei com toda certeza essa mulher como cliente”, pensava.

A marquesa mantinha-se de pé, calçava as luvas, torcia os dedos e olhava alternadamente para o marquês de Vandenesse, que partilhava sua impaciência, e para o tabelião, que parecia chumbar cada uma de suas tiradas espirituosas. A cada pausa que fazia esse digno homem, o belo casal respirava dizendo-se por um sinal: “Finalmente ele vai embora!”. Mas que nada. Era um pesadelo moral que deveria acabar irritando as duas pessoas apaixonadas sobre as quais o tabelião agia como uma serpente sobre os pássaros, obrigando-as a alguma grosseria. Bem no meio do relato a respeito dos métodos ignóbeis com que Du Tillet, um homem de negócios então em vista, fizera sua fortuna, e cujas infâmias eram escrupulosamente detalhadas pelo espirituoso tabelião, o diplomata ouviu o relógio da sala bater nove horas; viu que seu tabelião era decididamente um imbecil que convinha singelamente despachar, e o interrompeu com um gesto decidido.

— Quer as tenazes da lareira, senhor marquês? — perguntou o tabelião, apresentando-as a seu cliente.

— Não, senhor, sou obrigado a mandá-lo embora. A senhora quer ir encontrar os filhos, e terei a honra de acompanhá-la.

— Já nove horas! O tempo passa voando na companhia de pessoas amáveis — disse o tabelião, que falava sozinho fazia uma hora.

Procurou seu chapéu, depois foi se plantar defronte da lareira, reteve dificilmente um soluço e disse a seu cliente, sem ver os olhares fulminantes que a marquesa lhe lançava:

— Resumamos, senhor marquês. Os negócios passam na frente de tudo. Amanhã, então, lançaremos uma intimação ao senhor seu irmão para obrigá-lo a cumprir o que falta; procederemos ao inventário, e depois, palavra de honra...

O tabelião entendera tão mal as intenções de seu cliente que tomava o caso no sentido contrário das instruções que esse acabava de lhe dar. Esse incidente era delicado demais para que Vandenesse não retificasse involuntariamente as ideias do tabelião estúpido, e seguiu-se uma discussão que levou certo tempo.

— Escute — disse enfim o diplomata, a um sinal que lhe fez a jovem mulher —, o senhor está me importunando, volte amanhã às nove horas com o meu advogado.

— Mas eu teria a honra de lhe observar, senhor marquês, que não temos certeza de encontrar amanhã o sr. Desroches, e se a intimação não for lançada amanhã antes do meio-dia o prazo expira, e...

Nesse instante uma carruagem entrou no pátio; e, pelo barulho que

fez, a pobre mulher se virou prontamente para esconder as lágrimas que lhe vieram aos olhos. O marquês tocou a campainha para mandar dizer que tinha saído; mas o general, tendo voltado como de imprevisto do La Gaîté, precedeu o criado e apareceu, segurando numa das mãos a filha cujos olhos estavam vermelhos, e na outra o filhinho muito emburrado e zangado.

— Mas, afinal, o que lhe aconteceu? — a mulher perguntou ao marido.

— Vou lhe dizer isso mais tarde — respondeu o general dirigindo-se a uma saleta vizinha cuja porta estava aberta e onde avistou os jornais.

A marquesa, impaciente, jogou-se desesperada num canapé. O tabelião, que se imaginou obrigado a fazer-se de bonzinho com as crianças, adotou um tom dengoso para dizer ao menino:

— E então, meu menino, o que estavam oferecendo no teatro?

— *O vale da torrente*³ — respondeu Gustave, resmungando.

— Palavra de honra — disse o tabelião —, os autores de hoje são meio loucos! *O vale da torrente*! Por que não *A torrente do vale*? É possível que um vale não tenha torrente, e dizendo *A torrente do vale* os autores teriam salientado algo claro, preciso, caracterizado, compreensível. Mas deixemos isso. Agora, como é possível encontrar-se um drama numa torrente e num vale? Você me responderá que hoje a principal atração desse tipo de espetáculo está nos cenários, e esse título indica uns muito bonitos. Divertiu-se bastante, meu amiguinho? — acrescentou sentando-se na frente da criança.

No instante em que o tabelião perguntou qual drama podia existir no fundo de uma torrente, a filha da marquesa virou-se lentamente e chorou. A mãe estava tão violentamente contrariada que não percebeu o gesto da filha.

— Ah, sim, senhor, me diverti um bocado — respondeu a criança.

— Havia na peça um garotinho muito bonzinho que estava só no mundo, porque o papai dele não tinha conseguido ser seu pai. E aí, quando ele chega ao alto da ponte que existe em cima da torrente, um grande malvado barbudo, todo vestido de preto, o joga na água. Então Hélène começou a chorar, a soluçar; toda a sala gritou por causa da gente e meu pai logo nos levou embora...

O sr. de Vandenesse e a marquesa ficaram ambos estupefatos, e como que tomados por um mal que lhes tirou a força de pensar e agir.

— Mas cale-se, Gustave — gritou o general. — Proibi-o de falar sobre o que aconteceu no teatro, e você já esqueceu minhas recomendações.

— Que vossa senhoria o desculpe, senhor marquês — disse o tabelião —, cometi o erro de interrogá-lo, mas eu ignorava a

gravidade de...

— Ele não devia responder — disse o pai olhando para o filho com frieza.

A causa do brusco retorno das crianças e do pai pareceu, então, ser bem conhecida do diplomata e da marquesa. A mãe olhou para a filha, viu-a aos prantos e levantou-se para ir até ela; mas então seu rosto se contraiu violentamente e mostrou os sinais de uma severidade que nada temperava.

— Chega, Hélène — ela lhe disse —, vá enxugar suas lágrimas na saleta.

— Mas o que ela fez, essa pobrezinha? — perguntou o tabelião, que quis acalmar ao mesmo tempo a raiva da mãe e as lágrimas da filha. — Ela é tão bonita que deve ser a criatura mais comportada do mundo; tenho certeza, senhora, de que ela só lhe dá alegrias; não é mesmo, filhinha?

Hélène olhou tremendo para a mãe, enxugou as lágrimas, tentou recompor um rosto calmo e fugiu para a saleta.

— E sem dúvida — dizia o tabelião, continuando sem parar —, a senhora é muito boa mãe para não amar igualmente todos os seus filhos. Aliás, é muito virtuosa para ter essas tristes preferências cujos efeitos funestos se revelam mais particularmente para nós, tabeliões. A sociedade nos passa pelas mãos. Assim nós vemos suas paixões sob a forma mais hedionda, o interesse. Aqui, a mãe quer deserdar os filhos de seu marido em proveito dos filhos que ela prefere; ao passo que, de seu lado, o marido quer às vezes reservar sua fortuna para o filho que mereceu o ódio da mãe. E aí são combates, temores, certidões, contraescrituras, vendas simuladas, fideicomissos; em suma, uma trapalhada lamentável, palavra de honra, lamentável! Ali, pais passam a vida a deserdar os filhos, roubando os bens de suas mulheres... Sim, roubando é a palavra. Falávamos de drama, ah! garanto-lhes que se pudéssemos contar o segredo de certas doações, nossos autores poderiam fazer com elas terríveis tragédias burguesas. Não sei qual poder as mulheres usam para fazer o que querem: pois, apesar das aparências e de sua fraqueza, são sempre elas que vencem. Ah!, mas por exemplo, a mim não me enganam. Sempre adivinho a razão dessas predileções que em sociedade são polidamente qualificadas de indefiníveis! Mas os maridos nunca a adivinham, justiça seja feita a eles. A senhora me responderá a isso que há favores de...

Hélène, que voltara com o pai da saleta para o salão, escutava atentamente o tabelião, e o compreendia tão bem que lançou para a mãe uma olhadela temerosa, pressentindo com todo o instinto de sua tenra idade que essa circunstância ia redobrar a severidade que a ameaçava. A marquesa empalideceu, mostrando ao marquês, por um

gesto de terror, o marido, que olhava pensativo as flores do tapete. Nesse momento, apesar de sua tarimba, o diplomata não mais se conteve e lançou para o tabelião um olhar fulminante.

— Venha por aqui, cavalheiro — disse-lhe dirigindo-se rapidamente ao aposento que precedia o salão.

O tabelião o seguiu, tremendo e sem acabar a frase.

— Senhor — disse-lhe então com uma raiva concentrada o marquês de Vandenesse, que fechou violentamente a porta do salão onde deixou a mulher e o marido —, desde o jantar o senhor aqui só fez bobagens e só disse besteiras. Pelo amor de Deus! Vá embora. Acabará por causar as maiores desgraças. Se é um excelente tabelião, fique no seu cartório; mas se por acaso estiver em sociedade, tente ser mais circunspecto...

Depois voltou para o salão, deixando o tabelião, sem cumprimentá-lo. Este ficou por um instante completamente embasbacado, paralisado, sem saber a quantas andava. Quando os zumbidos que lhe tilintavam nos ouvidos pararam, pensou ouvir gemidos, idas e vindas no salão, onde as sinetas foram violentamente tocadas. Teve medo de rever o conde e recuperou o uso das pernas para dar no pé e chegar à escada; mas à porta dos aposentos esbarrou nos criados que se apressavam em ir atender às ordens do patrão.

“Eis como são os grandes senhores”, pensou enfim, quando se viu na rua, em busca de um cabriolé, “eles o incitam a falar, o convidam a isso com elogios; você pensa diverti-los, mas de jeito nenhum! Eles lhe fazem impertinências, o põem à distância e até mesmo o jogam na rua sem se constranger. Afinal, fui muito espirituoso, não disse nada que não fosse sensato, ponderado, conveniente. Ele me recomenda ter mais circunspecção, isso não me falta, juro! Ei, diachos, sou tabelião e membro da associação dos notários. É uma brincadeira de embaixador, ora essa! Para essa gente nada é sagrado. Amanhã ele me explicará como foi que na casa dele só fiz bobagens e só disse besteiras. Vou lhe pedir satisfações; isto é, vou lhe perguntar a razão. Pensando bem, talvez eu esteja errado... Não adianta nada ficar me arrancando os cabelos, juro! Não vou me importar com isso!”

O tabelião voltou para casa e submeteu o enigma à sua tabeliã, contando-lhe ponto por ponto os acontecimentos da noite.

— Meu querido Crottat, sua excelência teve absoluta razão ao lhe dizer que você só fez bobagens e só disse besteiras.

— Por quê?

— Meu querido, ainda que eu lhe dissesse, isso não o impediria de recommençar amanhã em outro lugar. Só que mais uma vez lhe recomendo nunca falar de negócios em sociedade.

— Se não quer me dizer, amanhã perguntarei a...

— Meu Deus, as pessoas mais estúpidas se esforçam para esconder essas coisas, e você acredita que um embaixador vai dizê-las a você! Mas, Crottat, nunca o vi tão pouco sensato.

— Obrigado, minha querida!

Um ex-oficial de ordens de Napoleão, a quem chamaremos somente de marquês ou general, e que na Restauração fez grande fortuna, fora passar os belos dias em Versailles, onde morava numa casa de campo situada entre a igreja e a barreira de Montreuil, no caminho que leva à avenida de Saint-Cloud. Seu serviço na corte não lhe permitia afastar-se de Paris.

Erguido outrora para servir de asilo aos amores passageiros de algum grande senhor, esse pavilhão tinha dependências vastíssimas. Os jardins no meio dos quais estava instalado o afastavam igualmente à direita e à esquerda das primeiras casas de Montreuil e das choupanas construídas nos arredores da barreira; assim, sem estarem muito isolados, os senhores dessa propriedade gozavam, a dois passos de uma cidade, de todos os prazeres da solidão. Por uma estranha contradição, a fachada e a porta de entrada da casa davam diretamente para a estrada que talvez outrora fosse pouco frequentada. Essa hipótese parece plausível se pensarmos que ela acaba no delicioso pavilhão construído por Luís xv para a srta. de Romans, e que antes de chegar lá os curiosos reconhecem, aqui e acolá, mais de um *casino* cujo interior e cuja decoração traem as espirituosas devassidões de nossos antepassados, que na licenciosidade de que os acusam procuravam, todavia, a sombra e o mistério.

Numa noite de inverno, o marquês, a mulher e os filhos viram-se sozinhos nessa casa deserta. Seus criados tinham obtido autorização para ir celebrar em Versailles o casamento de um deles, e presumindo que a solenidade de Natal, juntando-se a essa circunstância, lhes ofereceria uma desculpa válida junto a seus patrões, não tiveram escrúpulo de dedicar à festa um pouco mais de tempo do que lhes outorgara a prescrição doméstica. No entanto, como o general era conhecido por ser um homem que jamais deixara de cumprir sua palavra com uma inflexível probidade, os refratários não dançaram sem certo remorso quando o prazo do retorno expirou. Acabava de bater onze horas e nenhum doméstico tinha chegado. O silêncio profundo que reinava no campo permitia ouvir, por intervalos, o vento soprando através dos galhos negros das árvores, rugindo em

torno da casa ou enfiando-se pelos longos corredores. A geada purificara tão bem o ar, endurecera a terra e cobrira os paralelepípedos que tudo tinha essa sonoridade seca cujos fenômenos sempre nos surpreendem. O andar pesado de um bêbado retardatário ou o barulho de um fiacre retornando a Paris ressoavam mais intensamente e eram escutados mais longe que de costume. As folhas mortas, postas para dançar por alguns súbitos turbilhões, estremeciam sobre as pedras do pátio de maneira a dar uma voz à noite, quando ela queria ficar muda. Era, em suma, uma dessas noites ásperas que arrancam de nosso egoísmo um lamento estéril em favor do pobre e do viajante, e nos tornam a lareira tão voluptuosa. Nesse momento, a família reunida no salão não se inquietava com a ausência dos domésticos nem com as pessoas sem lar, nem com a poesia que cintila num serão de inverno. Sem filosofar fora de propósito, e confiantes na proteção de um velho soldado, mulheres e crianças entregavam-se às delícias geradas pela vida interior quando os sentimentos não são importunados, quando o afeto e a franqueza animam os discursos, os olhares e as brincadeiras.

O general estava sentado, ou melhor, enterrado numa bergère alta e espaçosa, no canto da lareira, onde brilhava um fogo forte que espalhava esse calor ardido, sintoma de um frio excessivo lá fora. Apoiada no encosto da poltrona e levemente inclinada, a cabeça desse bravo pai permanecia numa pose cuja indolência descrevia uma calma perfeita, uma doce manifestação de alegria. Seus braços, meio adormecidos, molemente jogados para fora da bergère, acabavam de expressar um pensamento de felicidade. Ele contemplava o menor de seus filhos, um menino de apenas cinco anos que, seminu, se recusava a deixar-se despir pela mãe. O pirralho fugia da camisa ou da touca de noite com que a marquesa às vezes o ameaçava; guardava sua gola bordada, ria para a mãe quando ela o chamava, percebendo que ela mesma ria dessa rebelião infantil; então recomeçava a brincar com a irmã, igualmente ingênua mas mais maliciosa, e que já falava mais claramente que ele, cujas vagas palavras e ideias confusas eram apenas inteligíveis para os pais. A pequena Moína, dois anos mais velha, provocava com trejeitos já femininos risos intermináveis, que partiam como foguetes e pareciam não ter motivo; mas ao ver a ambos rolando diante do fogo, mostrando sem vergonha seus bonitos corpos roliços, suas formas brancas e delicadas, confundindo os cachos de suas cabeleiras preta e loura, esbarrando seus rostos rosados em que a alegria traçava covinhas ingênuas, sem dúvida um pai e sobretudo uma mãe compreendiam essas pequenas almas, para eles já caracterizadas, para eles já apaixonadas. Esses dois anjos faziam empalidecer pelas cores vivas de seus olhos úmidos, de suas bochechas

brilhantes, de sua pele branca, as flores do tapete macio, esse teatro de suas brincadeiras, no qual caíam, derrubavam-se, lutavam, rolavam sem perigo. Sentada numa conversadeira no outro canto da lareira, na frente do marido, a mãe estava cercada de roupas espalhadas e permanecia, com um sapato vermelho na mão, numa atitude cheia de abandono. Sua severidade indecisa morria num doce sorriso gravado nos lábios. Com trinta e seis anos, ainda conservava uma beleza fruto da rara perfeição das linhas do rosto, a que o calor, a luz e a felicidade emprestavam nesse momento um brilho sobrenatural. Volta e meia parava de olhar para os filhos e levava os olhos carinhosos para a figura grave do marido, e às vezes, ao se encontrarem, os olhos dos esposos trocavam prazeres mudos e profundas reflexões. O general tinha um rosto fortemente moreno. Sua testa larga e pura era sulcada por algumas mechas de cabelos grisalhos. Os másculos brilhos de seus olhos azuis, a bravura inscrita nas rugas de suas faces secas anunciavam que ele comprara em troca de trabalhos rudes a fita vermelha que floria a lapela de sua casaca. Nesse momento, as alegrias inocentes expressadas por seus dois filhos refletiam-se na fisionomia vigorosa e firme em que transpareciam uma bonomia e uma candura indizíveis. Esse velho comandante voltara a ser criança sem muitos esforços. Não há sempre um pouco de amor pela infância nos soldados que experimentaram bastante as desgraças da vida por terem sabido reconhecer as misérias da força e os privilégios da fraqueza? Mais longe, diante de uma mesa redonda iluminada por lamparinas a óleo cujas luzes vivas lutavam com os clarões pálidos das velas postas sobre a lareira, estava um jovem menino de treze anos que virava rapidamente as páginas de um livro grosso. Os gritos de seu irmão ou de sua irmã não lhe causavam nenhuma distração, e seu rosto demonstrava a curiosidade da juventude. Essa profunda preocupação era justificada pelas cativantes maravilhas das *Mil e uma noites* e por um uniforme de ginasião. Ele permanecia imóvel, numa atitude meditativa, um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada numa das mãos, cujos dedos brancos se destacavam no meio de uma cabeleira castanha. Com a claridade caindo reta sobre seu rosto, e o resto do corpo estando no escuro, parecia assim com esses retratos escuros em que Rafael representou a si mesmo atento, inclinado, pensando no futuro. Entre aquela mesa e a marquesa, uma bela moça alta trabalhava, sentada defronte de um bastidor de tapeçaria sobre o qual se debruçava e do qual se afastava alternadamente a cabeça, cujos cabelos de ébano artisticamente alisados refletiam a luz. Por si só Hélène era um espetáculo. Sua beleza se distinguia por um raro temperamento de força e elegância. Embora presa de modo a desenhar traços vivos em torno da cabeça, a cabeleira era tão abundante que,

rebelde aos dentes da travessa, frisava energicamente na nuca. As sobranceiras, muito espessas e regularmente arrumadas, distinguíam-se do branco da testa pura. Tinha, ademais, no lábio superior, alguns sinais de coragem que destacavam um leve tom de bistre sob um nariz grego cujos contornos eram de refinada perfeição. Mas a cativante harmonia das formas, a cândida expressão das outras feições, a transparência de uma carnação delicada, a voluptuosa maciez dos lábios, o acabamento da oval descrita pelo rosto e sobretudo a santidade de seu olhar virgem imprimiam a essa beleza vigorosa a suavidade feminina, a modéstia encantadora que pedimos a esses anjos de paz e de amor. Só que não havia nada de frágil nessa moça, e seu coração devia ser tão doce, sua alma tão forte quanto suas proporções eram magníficas e seu rosto era atraente. Ela imitava o silêncio do irmão, o ginasião, e parecia às voltas com uma dessas meditações fatais de moça, não raro impenetráveis à observação de um pai ou mesmo à sagacidade das mães: de modo que era impossível saber se devia se atribuir ao jogo da luz ou a dissabores secretos as sombras caprichosas que passavam por seu rosto como nuvens tênues por um céu puro.

Os dois mais velhos estavam nesse momento completamente esquecidos pelo marido e pela mulher. No entanto, várias vezes o olhar indagador do general abarcara a cena muda que, no segundo plano, oferecia uma graciosa realização das esperanças escritas nos tumultos infantis postos na frente desse quadro doméstico. Explicando a vida humana por insensíveis gradações, aquelas figuras compunham uma espécie de poema vivo. O luxo dos acessórios que decoravam o salão, a diversidade das atitudes, as oposições decorrentes de roupas bem diversas nas cores, os contrastes daqueles rostos tão caracterizados pelas diferentes idades e pelos contornos que as luzes salientavam espalhavam nessas páginas humanas todas as riquezas exigidas da escultura, dos pintores, dos escritores. Por fim, o silêncio e o inverno, a solidão e a noite conferiam sua majestade a essa composição sublime e ingênua, delicioso efeito da natureza. A vida conjugal é cheia dessas horas sagradas cujo encanto indefinível se deve talvez a alguma rememoração de um mundo melhor. Raios celestes brotam talvez de cenas dessa espécie, destinadas a compensar um homem por parte de suas tristezas, a fazê-lo aceitar a existência. Parece que o universo está ali, diante de nós, sob uma forma enfeitada, que ele desenrola suas grandes ideias de ordem, que a vida social defende suas leis falando do futuro.

Todavia, não obstante o olhar de enternecimento lançado por Hélène para Abel e Moína quando explodia uma de suas alegrias, não obstante a felicidade pintada em seu lúcido rosto quando ela

contemplava furtivamente o pai, uma sensação de profunda melancolia estava estampada em seus gestos, em sua atitude e sobretudo em seus olhos velados por longas pálpebras. Suas mãos brancas e fortes, através das quais a luz passava comunicando-lhes uma vermelhidão diáfana e quase fluida, pois bem!, suas mãos tremiam. Uma só vez, sem se desafiarem mutuamente, seus olhos e os da marquesa se chocaram. Essas duas mulheres se compreenderam então por um olhar embaçado, frio, respeitoso em Héléne, sombrio e ameaçador na mãe. Héléne baixou prontamente a vista para o bastidor, puxou a agulha com presteza, e por muito tempo não levantou a cabeça, que parecia ter se tornado pesada demais de carregar. A mãe seria demasiado severa com a filha e julgava necessária essa severidade? Era ciumenta da beleza de Héléne, com quem ainda podia rivalizar, mas exibindo todos os prestígios das roupas? Ou a filha flagrara, como muitas filhas quando se tornam clarividentes, segredos que aquela mulher, na aparência tão religiosamente fiel a seus deveres, acreditava ter sepultado no coração tão profundamente quanto num túmulo?

Héléne chegara a uma idade em que a pureza da alma leva à rigidez, que ultrapassa a justa medida em que devem permanecer os sentimentos. Em certos espíritos, os erros assumem as proporções do crime; então, a imaginação reage sobre a consciência; é frequente, nesse caso, que as moças exagerem a punição devido à extensão que conferem aos delitos. Héléne parecia não se crer digna de ninguém. Um segredo de sua vida anterior, um acidente talvez, incompreendido primeiro, mas desenvolvido pelas suscetibilidades de sua inteligência sobre a qual influíam as ideias religiosas, parecia tê-la, fazia pouco, como que degradado romanescamente a seus próprios olhos. Essa mudança em seu comportamento começara no dia em que lera, na recente tradução das peças de teatro estrangeiras, a bela tragédia de *Guilherme Tell*, de Schiller. Depois de ter ralhado com a filha por ter abandonado o volume, a mãe reparara que o estrago causado por essa leitura na alma de Héléne vinha da cena em que o poeta estabelece uma espécie de fraternidade entre Guilherme Tell, que derrama o sangue de um homem para salvar todo um povo, e João, o parricida. Tornando-se humilde, piedosa e retraída, Héléne não queria mais ir ao baile. Nunca tinha sido tão carinhosa com o pai, sobretudo quando a marquesa não era testemunha de suas meiguices de mocinha. Contudo, se existia frieza no afeto de Héléne pela mãe, era tão finamente expressa que o general não devia perceber, por mais zeloso que fosse da união que reinava em sua família. Nenhum homem teria tido o olho bastante perspicaz para sondar a profundidade desses dois corações femininos: um jovem e generoso, o outro sensível e

orgulhoso; o primeiro, tesouro de indulgência; o segundo, cheio de fineza e amor. Se a mãe contristava a filha por um hábil despotismo de mulher, ele só era sensível aos olhos da vítima. De resto, só o acontecimento fez nascer essas conjecturas totalmente insolúveis. Até aquela noite, nenhuma luz acusadora escapara dessas duas almas; mas entre elas e Deus certamente elevava-se algum sinistro mistério.

— Vamos, Abel — exclamou a marquesa aproveitando um momento em que, calados e cansados, Moína e o irmão estavam imóveis. — Vamos, venha, meu filho, vocês precisam ir deitar... — E lançando-lhe um olhar imperioso pegou-o rapidamente no colo.

— Como — disse o general —, são dez e meia e nenhum de nossos empregados voltou? Ah, os pilantras! Gustave — acrescentou virando-se para o filho —, só lhe dei esse livro com a condição de você largá-lo às dez horas; você mesmo deveria fechá-lo na hora combinada e ir se deitar como me prometeu. Se quer ser um homem notável, tem de fazer de sua palavra uma segunda religião e respeitá-la como a sua honra. Fox, um dos maiores oradores da Inglaterra, era notável sobretudo pela beleza de seu caráter. A fidelidade aos compromissos assumidos é a principal de suas qualidades. Na infância, o pai dele, um inglês da velha guarda, dera-lhe uma lição bastante vigorosa para deixar uma impressão eterna no espírito do jovem menino. Na idade que você tem, Fox ia durante as férias à casa do pai, que tinha, como todos os ingleses ricos, um parque bastante considerável em volta do castelo. Havia nesse parque um velho caramanchão que devia ser derrubado e reconstruído num lugar onde o panorama era magnífico. As crianças adoravam ver demolir. O pequeno Fox queria ter uns dias de férias para assistir à queda do pavilhão; mas seu pai exigia que ele voltasse para o colégio no dia combinado para o início das aulas; daí a desavença entre pai e filho. A mãe, como todas as mães, apoiou o pequeno Fox. O pai então prometeu ao filho, solenemente, que esperaria as férias seguintes para demolir o caramanchão. Fox voltou para o colégio. O pai acreditou que um garoto distraído pelos estudos esqueceria aquela circunstância, mandou derrubar o caramanchão e o reconstruiu em outro lugar. O garoto teimoso só pensava naquele caramanchão. Quando voltou à casa do pai, sua primeira providência foi ir ver a velha construção; mas voltou todo triste na hora do almoço e disse ao pai: “O senhor me enganou”. O velho fidalgo inglês disse com um constrangimento cheio de dignidade: “É verdade, meu filho, repararei meu erro. É preciso cuidar mais de sua palavra do que de sua fortuna; pois manter a palavra dá a fortuna, e todas as fortunas não apagam a mancha feita na consciência por uma palavra não cumprida”. O pai mandou reconstruir o velho pavilhão como ele era; depois de tê-lo reconstruído, ordenou que o demolissem diante dos

olhos do filho. Que isso, Gustave, lhe sirva de lição.

Gustave, que escutara atentamente o pai, fechou o livro no mesmo instante. Fez-se um momento de silêncio em que o general pegou Moïna, que se debatia contra o sono, e a colocou suavemente contra o peito. A menina deixou cair a cabeça cambaleante sobre o peito do pai e então adormeceu de vez, envolta nos cachos dourados de sua linda cabeleira. Nesse momento passos rápidos ressoaram na rua, no chão de terra; e de repente três batidas dadas na porta despertaram os ecos da casa. Essas batidas prolongadas tiveram um toque tão fácil de compreender como o grito de um homem em perigo de morte. O cão de guarda latiu num tom de fúria. Hélène, Gustave, o general e a mulher estremeceram intensamente; mas Abel, em quem a mãe acabava de pôr a touca, e Moïna não acordaram.

— Está apressado, esse aí — exclamou o militar, pondo a filha na bergère.

Saiu bruscamente do salão sem ouvir o pedido da mulher.

— Meu amigo, não vá...

O marquês passou por seu quarto de dormir, pegou duas pistolas, acendeu a lanterna de furta-fogo, lançou-se para a escada, desceu com a rapidez do raio e logo se viu na porta da casa, para onde seu filho o seguiu intrépido.

— Quem está aí? — perguntou.

— Abra — respondeu uma voz quase sufocada por respirações ofegantes.

— É um amigo?

— Sim, amigo.

— Está sozinho?

— Sim, mas abra, porque *eles* estão vindo!

Um homem esgueirou-se no vestíbulo com a fantástica velocidade de uma sombra assim que o general entreabriu a porta; e sem que ele conseguisse se opor, o desconhecido o obrigou a soltá-la empurrando-a com um vigoroso pontapé, e encostou-se decidido como para impedi-lo de reabri-la. O general, que de repente levantou a pistola e a lanterna contra o peito do estranho a fim de lhe impor respeito, viu um homem de estatura média enrolado numa peliça forrada, roupa de velho, ampla e se arrastando, que parecia não ter sido feita para ele. Fosse por prudência ou por acaso, o fugitivo tinha a fronte inteiramente coberta por um chapéu que lhe caía sobre os olhos.

— Senhor — disse ao general —, baixe o cano de sua pistola. Não pretendo ficar em sua casa sem seu consentimento; mas se eu sair a morte me espera na barreira. E que morte! O senhor responderia a Deus por ela. Peço-lhe hospitalidade por duas horas. Pense bem, senhor, por mais suplicante que eu seja, devo comandar com o

despotismo da necessidade. Quero a hospitalidade da Arábia. Que eu lhe seja sagrado; do contrário, abra, e morrerei. Preciso do segredo, de um asilo e de água. Ah, de água! — repetiu com voz arquejante.

— Quem é o senhor? — perguntou o general, surpreso com a loquacidade febril com que falava o desconhecido.

— Ah! quem eu sou? Pois bem! Abra, eu me afasto — respondeu o homem num tom de infernal ironia.

Apesar da habilidade com que o marquês movia os raios de sua lanterna, só podia ver a parte inferior desse rosto, e nada jogava em favor de uma hospitalidade tão singularmente reclamada: as faces eram trêmulas, lívidas, e as feições horivelmente contraídas. Na sombra projetada pela aba do chapéu, os olhos se desenhavam como dois clarões que quase faziam empalidecer a luz fraca da vela. No entanto, era preciso dar uma resposta.

— Cavalheiro — disse o general —, sua fala é tão extraordinária que em meu lugar o senhor...

— O senhor dispõe de minha vida — exclamou o estranho num tom de voz terrível, interrompendo seu anfitrião.

— Duas horas — disse o marquês, irresoluto.

— Duas horas — repetiu o homem.

Mas de repente ele empurrou o chapéu num gesto de desespero, descobriu a fronte e lançou, como se quisesse fazer uma última tentativa, um olhar cuja intensa claridade penetrou na alma do general. Esse jato de inteligência e de vontade parecia um relâmpago, e foi destruidor como um raio; pois há momentos em que os homens são investidos de um poder inexplicável.

— Está bem, seja você quem for, estará em segurança debaixo de meu teto — prosseguiu gravemente o dono da casa, que acreditou obedecer a um desses gestos instintivos que o homem nem sempre sabe explicar.

— Deus lhe retribua — acrescentou o desconhecido, deixando escapar um profundo suspiro.

— Está armado? — perguntou o general.

Como única resposta, o estranho lhe deu apenas tempo de dar uma olhadela para sua peliça, abrindo-a e fechando-a depressa. Estava sem armas aparentes e com o traje de um rapaz que sai do baile. Por mais rápido que tenha sido o exame do desconfiado militar, ele viu o suficiente para exclamar:

— Mas onde pôde ter se salpicado assim de lama com um tempo tão seco, diacho?

— Mais perguntas! — respondeu ele com ar de altivez.

Nesse momento, o marquês avistou o filho e lembrou-se da lição que acabava de lhe dar sobre o estrito cumprimento da palavra dada;

ficou tão profundamente contrariado com essa circunstância que lhe disse, não sem um toque de cólera:

— Como é, espertinho, que você está aqui em vez de estar em sua cama?

— Porque pensei poder lhe ser útil no perigo — respondeu Gustave.

— Vamos, suba para o seu quarto — disse o pai, amansado pela resposta do filho. — E você — disse dirigindo-se ao desconhecido —, siga-me.

Ficaram calados como dois jogadores que se desafiam mutuamente. O general começou até mesmo a ter pressentimentos sinistros. O desconhecido já lhe pesava no coração como um pesadelo; mas, dominado pela fé do juramento, levou-o pelos corredores, pelas escadas de sua casa e o fez entrar num grande quarto situado no segundo andar, justamente em cima do salão. Essa peça desabitada servia de secadouro no inverno, não se comunicava com nenhum aposento e não tinha outra decoração em suas quatro paredes amareladas além de um feio espelho deixado em cima da lareira pelo proprietário anterior e outro grande espelho que, tendo ficado sem uso na mudança do marquês, fora provisoriamente posto diante da lareira. O soalho dessa vasta mansarda nunca tinha sido varrido, o ar era glacial, e duas velhas cadeiras desempalhadas compunham toda a mobília. Depois de ter posto sua lanterna sobre o apoio da lareira, o general disse ao desconhecido:

— Sua segurança exige que esta miserável mansarda lhe sirva de asilo. E como tem minha palavra para o sigilo, vai me permitir trancá-lo aqui.

O homem baixou a cabeça em sinal de concordância.

— Apenas pedi asilo, segredo e água — acrescentou.

— Vou trazê-la — respondeu o marquês, que fechou a porta com cuidado e desceu tateando para o salão, para lá pegar uma tocha a fim de ir buscar pessoalmente uma garrafa na copa.

— Pois bem, o que houve? — perguntou vivamente a marquesa ao marido.

— Nada, minha querida — ele respondeu com ar frio.

— Mas nós escutamos bem, o senhor acaba de levar alguém lá para cima...

— Hélène — prosseguiu o general olhando para a filha, que levantou a cabeça para ele —, pense que a honra de seu pai repousa na sua discrição. Você deve não ter ouvido nada.

A moça respondeu com um gesto de cabeça significativo. A marquesa continuou muito perturbada e irritada por dentro pela maneira como o marido agia para lhe impor silêncio. O general foi pegar uma garrafa de água, um copo, e subiu para o quarto onde

estava seu prisioneiro: encontrou-o de pé, encostado na parede, perto da lareira, a cabeça descoberta; jogara o chapéu numa das duas cadeiras. O estranho com certeza não esperava se ver tão intensamente iluminado. Sua fronte se enrugou e seu rosto pareceu preocupado quando os olhos encontraram os olhos penetrantes do general; mas se acalmou e assumiu uma fisionomia graciosa para agradecer a seu protetor. Quando esse colocou o copo e a garrafa de água sobre o apoio da lareira, o desconhecido, depois de lhe ter lançado mais uma vez seu olhar flamejante, rompeu o silêncio.

— Senhor — disse com uma voz doce, que não teve mais convulsões guturais como anteriormente, mas que mesmo assim ainda denunciava um tremor interno —, vou lhe parecer esquisito. Desculpe os caprichos necessários. Se vai continuar aqui, vou lhe pedir para não me olhar quando eu beber.

Contrariado por sempre obedecer a um homem que lhe desagradava, o general se virou bruscamente. O estranho tirou do bolso um lenço branco, com o qual enrolou a mão direita; depois apanhou a garrafa e bebeu de um só gole a água que ela continha. Sem pensar em infringir seu juramento tácito, o marquês olhou mecanicamente para o espelho. Mas então, como a correspondência dos dois espelhos permitiu a seus olhos abarcar perfeitamente o desconhecido, viu o lenço ficar de súbito vermelho pelo contato das mãos, que estavam cheias de sangue.

— Ah! o senhor me olhou — exclamou o homem quando, depois de beber e se enrolar no capote, examinou o general com ar desconfiado. — Estou perdido. *Eles* estão vindo, ei-los!

— Não estou ouvindo nada — disse o marquês.

— O senhor não está interessado, como estou, em escutar no espaço.

— Então você se bateu em duelo, para estar assim coberto de sangue? — perguntou o general, bastante perturbado ao distinguir a cor das grandes manchas que embebiavam as roupas de seu hóspede.

— Sim, um duelo, como o senhor disse — repetiu o estranho, deixando vagar em seus lábios um sorriso amargo.

Nesse momento, o som de vários cavalos a galope ressoou ao longe; mas esse barulho era fraco como os primeiros clarões da manhã. O ouvido exercitado do general reconheceu a marcha de cavalos disciplinados pelo regime do esquadrão.

— É a gendarmaria — disse.

Lançou sobre seu prisioneiro um olhar de modo a dissipar as dúvidas que ele pudera lhe sugerir por sua involuntária indiscrição, levou a lanterna e voltou ao salão. Mal pousou a chave do quarto sobre a lareira, o barulho produzido pela cavalaria aumentou e se

aproximou do pavilhão com uma rapidez que o fez estremecer. De fato, os cavalos pararam na porta de sua casa. Depois de trocar umas palavras com seus companheiros, um cavaleiro desceu, bateu rudemente e obrigou o general a abrir. Este não conseguiu controlar uma emoção secreta diante do aspecto de seis gendarmes cujos chapéus bordados de prateado brilhavam ao clarão da lua.

— Monsenhor — disse-lhe um brigadeiro —, não ouviu há pouco um homem correndo para a barreira?

— Para a barreira? Não.

— Não abriu sua porta a ninguém?

— Então tenho o hábito de abrir eu mesmo minha porta?...

— Mas, desculpe, general, neste momento, parece-me que...

— Ah! Isso! — exclamou o marquês com um toque de cólera —, está brincando comigo? Tem o direito...

— Nada, nada, monsenhor — prosseguiu suavemente o brigadeiro.

— O senhor vai desculpar o nosso zelo. Sabemos muito bem que um par de França não se expõe a receber um assassino a esta hora da noite; mas o desejo de ter algumas informações...

— Um assassino! — exclamou o general. — E quem afinal foi...

— O senhor marquês de Mauny acaba de ser morto com uma machadada — prosseguiu o gendarme. — Mas o assassino está sendo intensamente perseguido. Temos certeza de que está nos arredores e vamos encurralá-lo. Desculpe, general.

O gendarme falava enquanto montava de novo no cavalo, de modo que felizmente não lhe foi possível ver o rosto do general. Habitado a tudo supor, o brigadeiro teria talvez concebido suspeitas pelo aspecto daquela fisionomia aberta em que se retratavam tão fielmente os movimentos da alma.

— Sabe-se o nome do assassino? — perguntou o general.

— Não — respondeu o cavaleiro. — Ele deixou a escrivania cheia de ouro e notas de dinheiro, sem tocar em nada.

— É uma vingança — disse o marquês.

— Ora! Essa! Contra um velho?... Não, não, esse malandro não terá tido tempo de dar seu golpe.

E o gendarme foi se juntar a seus companheiros, que já galopavam ao longe. O general ficou por um momento às voltas com perplexidades fáceis de compreender. Logo ouviu seus empregados, que voltavam discutindo calorosamente, e cujas vozes ressoavam no cruzamento de Montreuil. Quando chegaram, sua raiva, que precisava de um pretexto para se manifestar, caiu sobre eles com o estrondo do raio. Sua voz fez tremer os ecos da casa. Depois, acalmou-se de repente, quando o mais atrevido, o mais hábil de todos, seu criado de quarto, escusou o atraso dizendo-lhe que tinham sido detidos na

entrada de Montreuil por gendarmes e agentes de polícia em busca de um assassino. O general calou-se de chofre. Em seguida, lembrado por essas palavras dos deveres de sua posição singular, ordenou secamente a todos os seus empregados que fossem se deitar de imediato, deixando-os espantados com a facilidade com que aceitara a mentira do criado de quarto.

Mas, enquanto esses acontecimentos se passavam no pátio, um incidente aparentemente leve mudara a situação dos outros personagens que figuram nesta história. Mal o marquês saíra, sua mulher, lançando os olhos ora para a chave da mansarda, ora para Hélène, acabou por dizer em voz baixa, inclinando-se para a filha:

— Hélène, seu pai deixou a chave sobre a lareira.

A moça, espantada, levantou a cabeça e olhou timidamente para a mãe, cujos olhos cintilavam de curiosidade.

— E daí, mamãe? — respondeu com voz perturbada.

— Bem que eu gostaria de saber o que está acontecendo lá em cima. Se há uma pessoa, ela ainda não se mexeu. Então, vá lá...

— Eu? — disse a moça com uma espécie de pavor.

— Está com medo?

— Não, senhora, mas creio ter distinguido o passo de um homem.

— Se eu mesma pudesse ir, não lhe teria pedido para subir, Hélène — continuou a mãe num tom de dignidade fria. — Se seu pai entrasse e não me encontrasse, talvez me procurasse, ao passo que não se dará conta de sua ausência.

— Se a senhora me mandar, irei; mas perderei a estima de meu pai...

— Como! — disse a marquesa com um toque de ironia. — Mas já que você leva a sério o que era apenas uma brincadeira, agora lhe ordeno que vá ver quem está lá em cima. Aqui está a chave, minha filha! Seu pai, recomendando-lhe silêncio sobre o que se passa neste momento em casa, não a proibiu de subir a esse quarto. Vá, e saiba que a mãe nunca deve ser julgada pela filha...

Depois de pronunciar essas últimas palavras com toda a severidade da mãe ofendida, a marquesa pegou a chave e a entregou a Hélène, que se levantou sem dizer uma palavra e saiu do salão.

“Minha mãe sempre conseguirá obter seu perdão; mas eu estarei perdida no espírito de meu pai. Será que ela quer me privar da ternura que ele sente por mim, me expulsar de sua casa?”

Essas ideias fermentaram de repente em sua imaginação, enquanto andava sem luz ao longo do corredor, no fundo do qual ficava a porta do quarto misterioso. Quando chegou, a desordem de seus pensamentos teve alguma coisa de fatal. Essa espécie de meditação confusa serviu para que transbordassem mil sentimentos até então

contidos em seu coração. Talvez já não acreditando num futuro feliz, ela acabou, nesse momento pavoroso, por perder a esperança em sua vida. Tremeu convulsamente ao aproximar a chave da fechadura, e sua emoção tornou-se mesmo tão forte que parou por um instante para pôr a mão sobre o coração, como se tivesse o poder de acalmar seus batimentos profundos e sonoros. Por fim, abriu a porta. O ranger das dobradiças certamente ecoou em vão no ouvido do assassino. Embora sua audição fosse muito fina, ele permaneceu quase colado à parede, imóvel e como perdido em seus pensamentos. O círculo de luz projetado pela lanterna o iluminava tenuemente, e ele parecia, naquela zona de claro-escuro, essas sombrias estátuas de cavaleiros, sempre em pé no canto de algum túmulo negro sob as capelas góticas. Gotas de suor frio sulcavam sua fronte amarela e larga. Uma audácia inacreditável brilhava naquele rosto fortemente contraído. Seus olhos de fogo, fixos e secos, pareciam contemplar um combate na escuridão que havia diante dele. Pensamentos tumultuosos passavam rapidamente naquela face, cuja expressão firme e precisa indicava uma alma superior. Seu corpo, sua atitude, suas proporções combinavam com seu gênio selvagem. Aquele homem era todo força e todo poder, e encarava as trevas como uma imagem visível de seu futuro. Habitado a ver os rostos enérgicos dos gigantes que se amontoavam em torno de Napoleão, e preocupado com uma curiosidade moral, o general não prestara atenção nas singularidades físicas daquele homem extraordinário; mas, sujeita como todas as mulheres às impressões externas, Hélène ficou impressionada pela mistura de luz e sombra, de grandiosidade e paixão, por um caos poético que dava ao desconhecido a aparência de Lúcifer levantando-se de sua queda. De repente a tempestade pintada naquele rosto acalmou como por magia, e o indefinível domínio do qual o desconhecido era, talvez sem saber, o princípio e o efeito espalhou-se a seu redor com a progressiva rapidez de uma inundação. Uma torrente de pensamentos correu de sua fronte quando suas feições retomaram as formas naturais. *Enfeitiçada*, fosse pela estranheza daquele encontro, fosse pelo mistério em que penetrava, a moça pôde então admirar uma fisionomia suave e cheia de interesse. Ficou por um tempo num mágico silêncio e vítima de perturbações até então desconhecidas de sua jovem alma. Mas logo, fosse porque Hélène deixou escapar uma exclamação ou fez um gesto, fosse porque o assassino, voltando do mundo ideal para o mundo real, ouviu outra respiração que não a sua, ele virou a cabeça para a filha de seu anfitrião e percebeu indistintamente na sombra o rosto sublime e as formas majestosas de uma criatura que deve ter confundido com um anjo, ao vê-la imóvel e vaga como uma aparição.

— Senhor! — ela disse com voz palpitante.

O assassino estremeceu.

— Uma mulher! — exclamou suavemente. — É possível? Afaste-se — prosseguiu. — Não reconheço a ninguém o direito de se condoer de mim, de me absolver ou de me condenar. Devo viver sozinho. Vá, minha filha — acrescentou com um gesto de soberano —, eu reconheceria mal o serviço que me presta o dono desta casa se deixasse uma só das pessoas que a habitam respirar o mesmo ar que eu. Preciso me submeter às leis do mundo.

Essa última frase foi proferida em voz baixa. Acabando de abarcar por sua profunda intuição as misérias que essa ideia melancólica despertou, lançou para Hélène um olhar de serpente e remexeu no coração dessa jovem singular um mundo de pensamentos ainda adormecido nela. Foi como uma luz que lhe tivesse iluminado terras desconhecidas. Sua alma foi fulminada, subjugada, sem que ela encontrasse força de se defender contra o poder magnético daquele olhar, ainda que tivesse sido dado involuntariamente. Envergonhada e trêmula, saiu e só voltou ao salão um instante antes do retorno do pai, de modo que não pôde dizer nada à mãe.

O general, muito preocupado, caminhou em silêncio, de braços cruzados, indo com um passo uniforme das janelas que davam para a rua às janelas do jardim. Sua mulher olhava para Abel dormindo. Moína, posta na bergère como um pássaro no ninho, cochilava despreocupada. A irmã mais velha segurava um novelo de seda na mão, na outra uma agulha, e contemplava o fogo. O profundo silêncio que reinava no salão, fora e dentro da casa, só era interrompido pelos passos arrastados dos domésticos, que, um a um, foram se deitar; por alguns risos abafados, último eco da alegria deles e da festa nupcial; e depois, também pelas portas de seus respectivos quartos, quando as abriram falando uns com os outros, e quando as fecharam. Alguns barulhos surdos ainda repercutiram perto das camas. Uma cadeira caiu. A tosse de um velho cocheiro ecoou fraca e se calou. Mas logo a sombria majestade que explode na natureza adormecida à meia-noite tudo dominou. Só as estrelas brilhavam. O frio se apoderara da terra. Nem um ser falou, se mexeu. Só o fogo sussurrava, como para fazer compreender a profundidade do silêncio. O relógio de Montreuil bateu uma hora. Nesse momento passos extremamente leves soaram, fracos, no andar de cima. O marquês e a filha, certos de terem trancado o assassino do sr. de Mauny, atribuíram esses movimentos a uma das mulheres e não se espantaram ao ouvir abrirem-se as portas do aposento que precedia o salão. De repente o assassino apareceu no meio deles. O estupor em que o marquês mergulhou, a profunda curiosidade da mãe e o espanto da filha lhe permitiram avançar quase

até o meio do salão, e ele disse ao general num tom singularmente calmo e melodioso:

— Cavalheiro, as duas horas vão expirar.

— Você aqui! — exclamou o general. — Por qual força?

E com um olhar terrível, interrogou a mulher e os filhos. Hélène ficou vermelha como o fogo.

— Você! — prosseguiu o militar num tom compenetrado —, você no meio de nós! Um assassino coberto de sangue, aqui! Você conspurca este quadro! Saia, saia — acrescentou num tom de fúria.

Diante da palavra “assassino”, a marquesa deu um grito. Quanto a Hélène, essa palavra pareceu decidir sua vida, seu rosto não denunciou o menor espanto. Parecia ter esperado por aquele homem. Seus pensamentos tão vastos ganharam um significado. O castigo que o céu reservava a seus erros explodia. Acreditando-se tão criminosa quanto era aquele homem, a moça o fitou com olhos serenos: era sua companheira, sua irmã. Para ela, um mandamento de Deus manifestava-se naquela circunstância. Alguns anos mais tarde, a razão teria mostrado a verdade a seus remorsos; mas naquele momento eles a tornavam insensata. O estranho permaneceu imóvel e frio. Um sorriso de desdém estampou-se em suas feições e em seus grossos lábios vermelhos.

— O senhor reconhece bem mal a nobreza de minhas atitudes a seu respeito — ele disse devagar. — Não quis tocar com minhas mãos no copo em que me deu água para aplacar minha sede. Nem sequer pensei em lavar minhas mãos ensanguentadas debaixo do seu teto, e parto só deixando de meu crime (diante dessas palavras seus lábios se comprimiram) a ideia, tentando passar aqui sem deixar vestígio. Por fim, nem mesmo permiti à sua filha que...

— Minha filha! — exclamou o general lançando para Hélène um olhar de horror. — Ah, desgraçado! Saia ou o mato.

— As duas horas não expiraram. O senhor não pode me matar nem me entregar sem perder sua própria estima — e a minha.

Diante dessa última frase, o militar, estupefato, tentou contemplar o criminoso, mas foi obrigado a baixar os olhos, sentia-se sem condições de aguentar o insuportável brilho de um olhar que pela segunda vez desorganizava sua alma. Temeu fraquejar de novo, reconhecendo que sua vontade já cedia.

— Assassinar um velho! Então nunca viu uma família? — disse mostrando-lhe com um gesto paterno a mulher e os filhos.

— Sim, um velho — repetiu o desconhecido cuja fronte se contraiu levemente.

— Fuja! — exclamou o general sem se atrever a olhar para seu hóspede. — Nosso pacto está rompido. Não o matarei. Não! Jamais me

tornarei o provedor do cadafalso. Mas saia, você nos dá horror.

— Eu sei — respondeu o criminoso com resignação. — Não há terra na França onde eu possa pôr meus pés com segurança; mas se a justiça soubesse, como Deus, julgar os casos específicos; se ela se dignasse indagar quem, se o assassino ou a vítima, é o monstro, eu permaneceria orgulhosamente entre os homens. O senhor não adivinha crimes anteriores num homem que acaba de ser retalhado a machado? Fiz-me juiz e carrasco, substituí a justiça humana impotente. Eis meu crime. Adeus, senhor. Apesar da amargura que jogou em sua hospitalidade, conservarei sua lembrança. Ainda terei na alma um sentimento de gratidão por um homem no mundo, esse homem é o senhor... Mas gostaria que tivesse sido mais generoso.

Foi na direção da porta. Nesse momento a moça inclinou-se para a mãe e disse-lhe uma palavra ao ouvido.

— Ah!...

Esse grito que escapou da mulher fez o general estremecer, como se tivesse visto Moína morta. Hélène estava em pé, e o assassino se virara instintivamente, mostrando em seu rosto uma espécie de inquietação por aquela família.

— O que você tem, minha querida? — perguntou o marquês.

— Hélène quer acompanhá-lo — ela disse.

O assassino enrubesceu.

— Já que minha mãe traduz tão mal uma exclamação quase involuntária — disse Hélène baixinho —, realizarei seus desejos.

Depois de lançar ao redor um olhar de orgulho quase selvagem, a moça baixou os olhos e ficou numa admirável atitude de modéstia.

— Hélène — disse o general —, você foi lá em cima ao quarto onde eu tinha posto...?

— Sim, meu pai.

— Hélène — ele perguntou em tom alterado com um tremor convulso —, é a primeira vez que viu esse homem?

— Sim, meu pai.

— Então não é natural que tenha o propósito de...

— Se isso não é natural, ao menos isso é verdadeiro, meu pai.

— Ah! minha filha?... — disse a marquesa em voz baixa de modo a que o marido a ouvisse. — Hélène, você está desmentindo todos os princípios de honra, modéstia e virtude que tentei desenvolver em seu coração. Se você foi só mentira até esta hora fatal, então não é digna de pena. É a perfeição moral desse desconhecido que a tenta? Seria a espécie de força necessária às pessoas que cometem um crime?... Eu a estimo demais para supor...

— Oh! Suponha tudo — respondeu Hélène num tom frio.

Mas, apesar da força de caráter de que dava provas nesse momento,

o fogo de seus olhos absorveu dificilmente as lágrimas que rolaram em seus olhos. O estranho adivinhou a linguagem da mãe pelas lágrimas da moça e lançou seu olhar de águia para a marquesa, que foi obrigada, por um poder irresistível, a mirar aquele terrível sedutor. Ora, quando os olhos daquela mulher encontraram os olhos claros e luzentes do homem, ela sentiu na alma um arrepio semelhante à comoção que nos agarra diante do aspecto de um réptil ou quando tocamos numa garrafa de Leyden.¹

— Meu amigo — ela gritou para o marido —, é o demônio. Ele adivinha tudo...

O general se levantou para puxar o cordão da sineta.

— Ele vai pô-lo em desgraça — disse Héléne ao assassino.

O desconhecido sorriu, deu um passo, segurou o braço do marquês, forçou-o a suportar um olhar que derramava estupor e o despojou de sua energia.

— Vou lhe pagar sua hospitalidade — disse —, e ficaremos quites. Vou poupá-lo de uma desonra, entregando-me eu mesmo. Afinal de contas, o que faria eu agora na vida?

— Pode se arrepender — respondeu Héléne, dirigindo-lhe uma dessas esperanças que só brilham nos olhos de uma moça.

— Nunca me arrependerei — disse o assassino com voz sonora e levantando orgulhosamente a cabeça.

— As mãos dele estão manchadas de sangue — disse o pai à filha.

— Eu as limparei — ela respondeu.

— Mas — prosseguiu o general, sem se arriscar a lhe apontar o desconhecido — sabe ao menos se ele a quer?

O assassino adiantou-se até Héléne; sua beleza, por mais casta e recatada que fosse, estava como que iluminada pela luz interior cujos reflexos coloriam e punham em relevo, por assim dizer, os menores traços e as linhas mais delicadas; em seguida, depois de lançar para essa criatura encantadora um doce olhar, cuja flama ainda era terrível, disse traindo uma profunda emoção:

— Amá-la por você mesma e pagar as duas horas de existência que seu pai me vendeu não é recusar-me à sua dedicação?

— E você também me rejeita! — exclamou Héléne com uma inflexão que dilacerou os corações. — Então, adeus a todos, vou me matar!

— O que isso significa? — disseram-lhe juntos seu pai e sua mãe.

Ela ficou calada e baixou os olhos, depois de ter interrogado a marquesa com uma olhadela eloquente. Desde que tinham tentado combater pela palavra ou pela ação o estranho privilégio que o desconhecido se arrogava permanecendo entre eles, e que esse último lhes lançara a luz atordoante que jorrava de seus olhos, o general e

sua mulher estavam submetidos a um torpor inexplicável; e sua razão embotada não os ajudava a rejeitar a força sobrenatural sob a qual sucumbiam. Para eles o ar tornara-se pesado, e respiravam com dificuldade, sem poder acusar aquele que os oprimia assim, embora uma voz interior não os deixasse ignorar que aquele homem mágico era o princípio de sua impotência. Em meio a essa agonia moral, o general adivinhou que seus esforços deviam ter como objetivo influenciar a razão hesitante da filha: agarrou-a pela cintura e transportou-a para o vão de uma janela, longe do assassino.

— Minha filha querida — disse-lhe baixinho —, se algum amor estranho nasceu de repente em seu coração, sua vida plena de inocência, sua alma pura e piedosa deram-me demasiadas provas de caráter para não supor que você tem a energia necessária para domar um momento de loucura. Portanto, seu comportamento esconde um mistério. Pois bem! Meu coração é um coração cheio de indulgência, você pode tudo lhe confiar; mesmo que o dilacerasse eu saberia, minha filha, calar meus sofrimentos e guardar sua confissão num silêncio fiel. Vejamos, está com ciúme de nosso afeto por seus irmãos ou sua jovem irmã? Tem na alma um desgosto de amor? É infeliz aqui? Fale! Explique-me as razões que a impelem a deixar sua família, a abandoná-la, a privá-la de seu maior encanto, a deixar sua mãe, seus irmãos, sua irmãzinha.

— Meu pai — ela respondeu —, não tenho ciúme nem estou apaixonada por ninguém, nem mesmo por seu amigo, o diplomata, o sr. de Vandenesse.

A marquesa empalideceu, e sua filha, que a observava, parou.

— Não devo mais cedo ou mais tarde ir viver sob a proteção de um homem?

— Isso é verdade.

— Sabemos jamais — ela continuou — a que criatura ligamos nossos destinos? Eu acredito neste homem.

— Menina — disse o general elevando a voz —, você não pensa em todos os sofrimentos que vão assaltá-la.

— Penso nos dele...

— Que vida! — disse o pai.

— Uma vida de mulher — respondeu a filha, murmurando.

— Você é muito pedante — exclamou a marquesa retomando a palavra.

— As perguntas me ditam as respostas, mas, se a senhora deseja, falarei mais claramente.

— Diga tudo, minha filha, sou mãe.

Aqui a filha olhou para a mãe, e esse olhar levou a marquesa a fazer uma pausa.

— Hélène, preferirei tolerar suas recriminações, se as têm a me fazer, a vê-la seguir um homem de quem todos fogem com horror.

— A senhora bem vê que, sem mim, ele estaria sozinho.

— Chega, senhora — exclamou o general —, agora só temos uma filha. — E olhou para Moïna, que continuava a dormir. — Vou trancá-la num convento — acrescentou virando-se para Hélène.

— Que seja, meu pai! — ela respondeu com uma calma desesperadora —, aí morrerei. Só perante Deus o senhor é responsável por minha vida e pela *alma dele*.

Um profundo silêncio seguiu-se de repente a essas palavras. Os espectadores dessa cena, em que tudo melindrava os sentimentos vulgares da vida social, não ousavam se olhar. De súbito o marquês viu suas pistolas, apanhou uma, armou-a rapidamente e apontou-a para o estranho. Diante do barulho que fez a caçoleta, aquele homem se virou, lançou seu olhar calmo e penetrante para o general, cujo braço, relaxado por uma invencível moleza, tornou a cair pesado, e a pistola escorregou no tapete...

— Minha filha — disse então o pai abatido por essa luta horrorosa —, você está livre. Beije sua mãe, se ela consentir. Quanto a mim, não quero mais vê-la nem ouvi-la...

— Hélène — disse a mãe à jovem —, pense, afinal, que você ficará na miséria.

Uma espécie de estertor, partindo do peito largo do assassino, atraiu os olhares para ele. Seu rosto estampava uma expressão desdenhosa.

— A hospitalidade que lhe dei me custa caro — exclamou o general levantando-se. — Há pouco, você matou apenas um velho; aqui, assassina toda uma família. Aconteça o que acontecer, haverá desgraça nesta casa.

— E se sua filha for feliz? — perguntou o assassino olhando fixamente para o militar.

— Se for feliz com você — respondeu o pai fazendo um esforço inacreditável —, não terei pena dela.

Hélène ajoelhou-se timidamente na frente do pai e disse-lhe com voz carinhosa:

— Ó, meu pai! Amo o senhor, venero o senhor, que me cubra com tesouros de sua bondade ou com os rigores da desgraça... Mas lhe suplico que suas últimas palavras não sejam palavras de cólera.

O general não ousou contemplar a filha. Nesse momento o estranho se adiantou e, dando para Hélène um sorriso em que havia ao mesmo tempo algo de diabólico e de celeste, disse:

— Você, anjo de misericórdia, que um assassino não apavora, venha, já que persiste em me confiar seu destino.

— Inconcebível! — exclamou o pai.

A marquesa lançou para a filha um olhar extraordinário e abriu-lhe os braços. Hélène se precipitou para eles, chorando.

— Adeus — disse —, adeus, minha mãe!

Hélène fez, intrépida, um sinal para o estranho, que estremeceu. Depois de beijar a mão do pai, abraçar precipitadamente, mas sem prazer, Moína e o pequeno Abel, desapareceu com o assassino.

— Por onde eles vão? — exclamou o general ao ouvir os passos dos dois fugitivos. — Acho — prosseguiu dirigindo-se à mulher — que estou sonhando: essa aventura me esconde um mistério. Você deve sabê-lo.

A marquesa estremeceu.

— Há algum tempo — ela respondeu — sua filha se tornara extraordinariamente romanesca e singularmente exaltada. Apesar de meus cuidados para combater essa tendência de seu temperamento...

— Isso não está claro...

Mas imaginando ouvir no jardim os passos da filha e do estranho, o general interrompeu-se para abrir precipitadamente a janela.

— Hélène — gritou.

Essa voz se perdeu na noite como uma profecia vã. Ao pronunciar esse nome, ao qual nada mais respondia no mundo, o general quebrou, como por encanto, o feitiço a que uma força diabólica o submetera. Uma espécie de espírito passou-lhe pela face. Viu claramente a cena que acabava de acontecer, e amaldiçoou sua fraqueza, que não entendia. Um arrepio quente foi de seu coração à sua cabeça, a seus pés, ele voltou a ser ele mesmo, terrível, faminto de vingança, e deu um grito pavoroso.

— Socorro! Socorro!...

Correu até os cordões das sinetas, puxou-os de modo a arreventá-los, depois de ter feito ressoar estranhos tilintares. Todos os seus empregados acordaram sobressaltados. Quanto a ele, sempre gritando, abriu as janelas da rua, chamou os gendarmes, encontrou suas pistolas, disparou-as para acelerar a marcha dos cavaleiros, o despertar dos domésticos e a chegada dos vizinhos. Os cães reconheceram a voz de seu dono e latiram, os cavalos relincharam e patearam. Foi um tumulto horroroso no meio daquela noite calma. Ao descer pelas escadas para correr atrás da filha, o general viu seus criados apavorados, chegando de todas as partes.

— Minha filha! Hélène foi sequestrada. Vão para o jardim! Vigiem a rua! Abram a gendarmaria! Peguem o assassino!

Logo ele rompeu, com um esforço de raiva, a corrente que prendia o grande cão de guarda.

— Hélène! Hélène! — disse-lhe.

O cachorro pulou como um leão, latiu furiosamente e lançou-se pelo jardim tão depressa que o general não conseguiu segui-lo. Nesse momento o galope dos cavalos ressoou na rua e o general apressou-se em abrir ele mesmo a porta.

— Brigadeiro — exclamou —, vá barrar a retirada do assassino do sr. de Mauny. Eles estão fugindo pelos meus jardins. Depressa, cerque os caminhos da colina de Picardie, vou dar uma batida em todas as terras, nos parques, nas casas. Vocês aí — disse a seus empregados —, vigiem a rua e ocupem a linha desde a barreira até Versailles. Avante, todos!

Apanhou um fuzil que seu criado de quarto lhe levou e lançou-se pelos jardins gritando para o cachorro: “Procure!”. Terríveis latidos responderam-lhe ao longe, e ele se encaminhou na direção de onde os rosnados do cachorro pareciam vir.

Às sete horas da manhã, as buscas da gendarmaria, do general, de seus domésticos e dos vizinhos mostraram-se inúteis. O cão não tinha voltado. Moído de cansaço, e já envelhecido de tristeza, o marquês entrou no salão, deserto para ele, embora seus três outros filhos estivessem ali.

— A senhora foi bem fria com sua filha — disse olhando para a mulher. — Aí está o que dela nos resta! — acrescentou mostrando o bastidor onde via uma flor iniciada. — Há pouco ela estava aqui, e agora, perdida, perdida!

Ele chorou, escondeu a cabeça entre as mãos e ficou um instante calado, não mais se atrevendo a contemplar aquele salão que outrora lhe oferecia o quadro mais suave da felicidade doméstica. Os clarões da aurora lutavam com as lamparinas expirantes; as velas queimavam seus festões de papel, tudo se harmonizava com o desespero desse pai.

— Será preciso destruir isto — disse depois de um momento de silêncio, mostrando o bastidor. — Eu já não poderia ver nada que nos lembre Hélène...

A terrível noite de Natal, em que o marquês e a mulher tiveram a desgraça de perder a filha mais velha sem ter conseguido se opor à estranha dominação exercida por seu raptor involuntário, foi como um aviso que a fortuna lhes deu. A falência de um corretor financeiro arruinou o marquês. Ele hipotecou os bens da mulher para tentar uma especulação cujos lucros deviam restituir à família toda a sua primeira fortuna; mas essa empreitada acabou de arruiná-lo. Impelido pelo desespero a tentar tudo, o general se expatriou. Seis anos haviam se passado desde sua partida. Embora a família raramente tivesse recebido notícias suas, dias antes do reconhecimento da independência das repúblicas americanas pela Espanha ele anunciara seu retorno.

Portanto, numa bela manhã alguns negociantes franceses, impacientes para regressarem à pátria com riquezas adquiridas à custa de longos trabalhos e perigosas viagens empreendidas, fosse ao México, fosse à Colômbia, estavam a poucas léguas de Bordeaux, num brigue espanhol. Um homem envelhecido pelo cansaço ou pela tristeza mais que pelos anos estava encostado na amurada e parecia insensível ao espetáculo que se oferecia aos olhares dos passageiros reunidos no tombadilho. Tendo escapado aos perigos da navegação e sendo convidados pela beleza do dia, todos tinham subido ao passadiço como para saudar a terra natal. A maioria desejava ver de qualquer maneira, ao longe, os faróis, os prédios da Gasconha, a torre de Courdouan, misturados com as criações fantásticas de algumas nuvens brancas que se elevavam no horizonte. Sem a franja prateada que passeava diante do brigue, sem o longo sulco rapidamente apagado que ele traçava atrás de si, os viajantes poderiam se considerar imóveis no meio do oceano, de tal forma o mar estava calmo. O céu tinha uma pureza encantadora. A tonalidade escura de seu firmamento chegava, por gradações insensíveis, a se confundir com a cor das águas azuladas, marcando o ponto de sua junção por uma linha cuja claridade cintilava tão intensamente como a das estrelas. O sol fazia cintilar milhões de facetas na imensa extensão do mar, de modo que as vastas planícies da água eram mais luminosas talvez que os campos do firmamento. O brigue estava com todas as velas enfunadas por um vento de maravilhosa suavidade, e esses panos tão brancos como a neve, esses pavilhões amarelos flutuando, esse dédalo de cordames desenhavam-se com uma precisão rigorosa contra o fundo brilhante do ar, do céu e do oceano, sem receber outros tons além dos das sombras projetadas pelos panos vaporosos. Um lindo dia, um vento fresco, a visão da pátria, um mar tranquilo, um sussurro melancólico, um belo brigue solitário, deslizando pelo oceano como uma mulher que voa para um encontro, era um quadro cheio de harmonias, uma cena de onde a alma humana podia abarcar espaços imutáveis, partindo de um ponto em que tudo era movimento. Havia uma espantosa oposição entre solidão e vida, silêncio e ruído, sem que fosse possível saber onde estava o ruído e a vida, o nada e o silêncio; assim, nenhuma voz humana quebrava aquele feitiço celeste. O comandante espanhol, seus marinheiros, os franceses ficavam sentados ou em pé, todos mergulhados num êxtase religioso cheio de lembranças. Havia preguiça no ar. Os rostos relaxados denunciavam um esquecimento completo dos males passados, e aqueles homens se balançavam nesse navio suave como num sonho dourado. Todavia, de vez em quando o velho passageiro, encostado na amurada, observava o horizonte com uma espécie de inquietação. Havia uma desconfiança do destino

escrita em suas feições, e ele parecia temer jamais tocar com a rapidez necessária a terra da França. Esse homem era o marquês. A fortuna não ficara surda aos gritos e esforços de seu desespero. Depois de cinco anos de tentativas e trabalhos penosos, achava-se possuidor de uma fortuna considerável. Em sua impaciência de rever seu país e levar a felicidade à família, seguira o exemplo de certos negociantes franceses de Havana, embarcando com eles num navio espanhol com destino a Bordeaux. No entanto, sua imaginação, cansada de prever o mal, traçava-lhe as imagens mais deliciosas de sua felicidade passada. Vendo de longe a linha escura descrita pela terra, acreditava contemplar a mulher e os filhos. Estava em seu lugar, no lar, e ali se sentia solicitado, acariciado. Imaginava Moína, bela, crescida, imponente como uma moça. Quando esse quadro fantástico assumiu uma espécie de realidade, lágrimas correram por seus olhos; então, como para esconder sua agitação, olhou o horizonte úmido, oposto à linha brumosa que anunciava a terra.

— É ele — disse —, ele nos segue.

— O que é? — exclamou o comandante espanhol.

— Um barco — prosseguiu o general em voz baixa.

— Já o vi ontem — respondeu o comandante Gomez. Contemplou o francês como para interrogá-lo. — Sempre nos perseguiu — disse então ao ouvido do general.

— E não sei por que nunca nos alcançou — retrucou o velho militar —, pois é melhor veleiro que o seu desgraçado *Saint-Ferdinand*.

— Deve ter tido avarias, um vazamento.

— Está se aproximando de nós — exclamou o francês.

— É um corsário colombiano — disse ao ouvido o comandante. — Ainda estamos a seis léguas da terra, e o vento está diminuindo.

— Ele não anda, ele voa, como se soubesse que daqui a duas horas sua presa lhe terá escapado. Que atrevimento!

— Ele? — exclamou o comandante. — Ah! Ele não se chama *Othello* sem razão. Ultimamente afundou uma fragata espanhola, e olhe que não tem mais que trinta canhões! Era o único que eu temia, pois não ignorava que ele cruzava as águas das Antilhas... — Ah! ah! — prosseguiu depois de uma pausa durante a qual olhou para as velas de seu barco —, o vento está aumentando, chegaremos. Precisamos, o parisiense seria implacável.

— Ele também está chegando! — respondeu o marquês.

O *Othello* estava a apenas três léguas. Embora a tripulação não tivesse ouvido a conversa do marquês e do comandante Gomez, o aparecimento daquele veleiro levava a maior parte dos marujos e dos passageiros ao lugar onde estavam os dois interlocutores; mas quase todos, tomando o brigue por um navio de comércio, o viam chegar

com interesse, quando de repente um marujo exclamou numa linguagem enérgica:

— Por são Tiago! Estamos fritos, aí está o comandante parisiense!

Diante desse nome terrível, o pavor espalhou-se pelo brigue e foi uma confusão que nada conseguiria expressar. O comandante espanhol transmitiu por suas palavras uma energia momentânea a seus marujos; e em meio ao perigo, querendo ganhar a terra a qualquer preço, tentou mandar instalar prontamente todas as suas velas suplementares altas e baixas, a boreste e a bombordo, para apresentar ao vento a superfície inteira de pano que guarnecia suas vergas. Mas não foi sem grandes dificuldades que as manobras se realizaram; faltou-lhe naturalmente essa visão de conjunto admirável que tanto seduz num navio de guerra. Embora o *Othello* voasse como uma andorinha, graças à orientação de suas velas, aparentemente avançava tão pouco que os pobres franceses tiveram uma doce ilusão. De repente, quando depois de esforços inauditos o *Saint-Ferdinand* dava uma nova arrancada em seguida às hábeis manobras às quais o próprio Gomez ajudara com o gesto e a voz, o timoneiro, por um movimento errado do leme, provavelmente voluntário, pôs o brigue atravessado. As velas, atingidas de lado pelo vento, começaram tão bruscamente a *relingar* que pegaram em cheio o vento contrário; os botalós se quebraram e o barco ficou completamente desgovernado. Uma raiva inexpressível deixou o comandante mais branco que suas velas. De um só pulo, ele foi para cima do timoneiro e o atingiu tão furiosamente que seu punhal não o pegou, mas o jogou no mar; depois agarrou o leme e tentou remediar a desordem pavorosa que revolucionava seu bravo e corajoso navio. Lágrimas de desespero rolavam de seus olhos; pois sentimos mais tristeza com uma traição que frustra um resultado decorrente de nosso talento do que com uma morte iminente. Porém, quanto mais o comandante xingava, menos o trabalho se realizava. Ele mesmo disparou o canhão de alarme, esperando ser ouvido na costa. Nesse momento, o corsário, que chegava numa velocidade desesperadora, respondeu com um tiro de canhão cuja bala foi cair a vinte metros do *Saint-Ferdinand*.

— Raios! — exclamou o general —, que pontaria! Eles têm caronadas feitas de propósito para isso.

— Ah! esse aí sabe, quando fala a gente tem de se calar — respondeu um marujo. — O parisiense não teria medo de um navio inglês...

— Não há mais o que fazer — exclamou em tom de desespero o comandante, que, tendo apontado sua luneta, nada avistou dos lados da terra... Ainda estamos mais longe da França do que eu pensava.

— Por que se angustiar? — prosseguiu o general. — Todos os seus

passageiros são franceses, eles fretaram o seu barco. Esse corsário é parisiense, o senhor diz; pois bem, ize a bandeira branca e...

— E ele nos afundará — respondeu o comandante. — Não é isso, segundo as circunstâncias, tudo o que é preciso para quem quer se apoderar de uma presa rica?

— Ah! Quando se é um pirata!

— Pirata! — disse o marujo com ar feroz. — Ah! Ele está sempre de acordo com as regras, ou sabe se submeter às regras.

— Pois bem! — exclamou o general levantando os olhos para o céu —, resignemo-nos. — E ainda teve força suficiente para segurar as lágrimas.

Quando terminava essas palavras, um segundo tiro de canhão, mais bem dirigido, enviou para o casco do *Saint-Ferdinand* uma bala que o atravessou.

— Ponham à capa — disse o comandante com ar triste.

E o marujo que defendera a honestidade do parisiense ajudou com muita inteligência essa manobra desesperada. A tripulação esperou durante uma meia hora mortal, às voltas com a mais profunda consternação. O *Saint-Ferdinand* levava quatro milhões de piastras, que compunham a fortuna de cinco passageiros, e a do general era de um milhão e cem mil francos. Finalmente, o *Othello*, que estava então a dez tiros de fuzil, mostrou nitidamente as bocas ameaçadoras de doze canhões prontos para abrir fogo. Parecia levado por um vento que o diabo soprava de propósito para ele; mas o olho de um marinheiro hábil adivinhava facilmente o segredo dessa velocidade. Bastava contemplar por um momento o impulso do brigue, sua forma alongada, sua estreiteza, a altura de seus mastros, o corte de seus panos, a admirável leveza de sua enxárcia, a facilidade com que seu mundo de marujos, unidos como um só homem, manejava a perfeita orientação da superfície branca apresentada por essas velas. Tudo anunciava uma inacreditável segurança de poder nessa esbelta criatura de madeira, tão rápida, tão inteligente quanto um corcel ou uma ave de rapina. A tripulação do corsário era silenciosa e disposta, em caso de resistência, a devorar o pobre barco mercante, que, felizmente para ele, se manteve quieto, parecendo um estudante pego em falta pelo professor.

— Temos canhões! — exclamou o general apertando a mão do comandante espanhol.

Esse último lançou para o velho militar um olhar cheio de coragem e desespero, dizendo-lhe:

— E homens?

O marquês fitou a tripulação do *Saint-Ferdinand* e estremeceu. Os quatro negociantes estavam pálidos, trêmulos, enquanto os marujos,

agrupados em torno de um deles, pareciam se concertar para tomar partido pelo *Othello*, pois olhavam o corsário com uma curiosidade cúpida. O contramestre, o comandante e o marquês trocavam sozinhos, examinando-se com olhares, pensamentos generosos.

— Ah! comandante Gomez, outrora dei adeus a meu país e à minha família, com o coração morto de amargura; será preciso novamente deixá-los no momento em que levo a alegria e a felicidade a meus filhos?

O general virou-se para jogar no mar uma lágrima de raiva, e avistou o timoneiro nadando em direção ao corsário.

— Desta vez — respondeu o comandante —, com certeza o senhor lhe dirá adeus para sempre.

O francês assustou o espanhol com o olhar estupefato que lhe dirigiu. Nesse instante, os dois barcos estavam quase lado a lado, e pelo aspecto da tripulação inimiga o general pensou na profecia fatal de Gomez. Três homens mantinham-se ao redor de cada peça de artilharia. Quem visse aquela postura atlética, seus traços angulosos, seus braços nus e nervosos os confundiria com estátuas de bronze. A morte os teria matado sem derrubá-los. Os marujos, embora armados, ativos, lestos e vigorosos, permaneciam imóveis. Todos esses rostos enérgicos estavam fortemente bronzeados pelo sol, endurecidos pelas labutas. Seus olhos brilhavam como pontas de fogo e anunciavam inteligências enérgicas, alegrias infernais. O profundo silêncio que reinava naquele convés, negro de homens e chapéus, denunciava a implacável disciplina sob a qual uma poderosa vontade curvava esses demônios humanos. O chefe estava ao lado do grande mastro, em pé, de braços cruzados, sem armas; só havia a seus pés um machado. Na cabeça, para se proteger do sol, tinha um chapéu de feltro de abas largas, cuja sombra lhe ocultava o rosto. Parecidos com cachorros deitados diante de seus donos, canhoneiros, soldados e marujos reviravam alternadamente os olhos para seu comandante e para o navio mercante. Quando os dois brigues se tocaram, a pancada tirou o corsário de seu devaneio e ele disse duas palavras ao ouvido de um jovem oficial que estava a dois passos dele.

— As fateixas de abordagem! — gritou o lugar-tenente.

E o *Saint-Ferdinand* foi enganchado pelo *Othello* com uma ligeireza milagrosa. Seguindo as ordens dadas em voz baixa pelo corsário, e repetidas pelo lugar-tenente, os homens designados para cada serviço foram, como seminaristas se dirigindo à missa, para o convés da presa amarrar as mãos dos marujos, dos passageiros, e tomar posse dos tesouros. Em um instante os tonéis cheios de piastras, os víveres e a tripulação do *Saint-Ferdinand* foram transportados para o passadiço do *Othello*. O general julgava-se sob o domínio de um sonho, quando se

viu com as mãos atadas e jogado em cima de um balote como se ele mesmo fosse uma mercadoria. Ocorrerá uma conferência entre o corsário, seu lugar-tenente e um dos marujos que parecia cumprir as funções de contramestre. Quando a discussão, que durou pouco, terminou, o marujo assobiou para seus homens, depois de uma ordem que lhes deu, e todos pularam para o *Saint-Ferdinand*, treparam nos cordames e começaram a despojá-lo de suas vergas, de suas velas, de seus aprestos com tanta celeridade quanto a de um soldado que despe no campo de batalha um companheiro morto cujos coturnos e capote eram objeto de sua cobiça.

— Estamos perdidos — disse friamente ao marquês o comandante espanhol, que espiara de canto de olho os gestos dos três chefes durante a deliberação e os movimentos dos marujos que procediam ao saque regular de seu brigue.

— Como? — perguntou friamente o general.

— O que quer que eles façam conosco? — respondeu o espanhol. — Provavelmente acabam de reconhecer que dificilmente venderiam o *Saint-Ferdinand* nos portos da França e da Espanha, e vão pô-lo a pique para se livrarem dele. Quanto a nós, acredita que podem se encarregar de nossa alimentação quando não sabem em que porto atracar?

Mal o comandante acabou de dizer essas palavras, o general ouviu um terrível clamor seguido de um barulho surdo causado pela queda de vários corpos caindo no mar. Virou-se e não viu mais que os quatro negociantes. Oito canhoneiros de rostos ferozes ainda estavam com os braços no ar no momento em que o militar os olhava aterrorizado.

— Quando eu lhe dizia — disse-lhe friamente o comandante espanhol.

O marquês se levantou abruptamente, o mar já recuperara sua calma, ele não conseguiu nem sequer ver o lugar onde seus pobres companheiros acabavam de ser tragados; nesse momento eles rolavam, pés e pulsos atados, sob as ondas, se é que os peixes já não os haviam devorado. A poucos passos dele, o pérfido timoneiro e o marujo do *Saint-Ferdinand*, que antes elogiava o poder do comandante parisiense, fraternizavam com os corsários e apontavam-lhes com o dedo os marinheiros do brigue que identificaram como dignos de ser incorporados à tripulação do *Othello*; quanto aos outros, dois grumetes amarravam-lhes os pés, apesar dos pavorosos xingamentos. Terminada a escolha, os oito canhoneiros agarraram os condenados e os lançaram ao mar, sem cerimônia. Os corsários olhavam com uma curiosidade maliciosa as diferentes maneiras como aqueles homens caíam, suas caretas, sua última tortura; mas seus rostos não traíam escárnio nem espanto nem piedade. Para eles era um acontecimento muito simples, ao qual pareciam acostumados. Os mais velhos contemplavam de

preferência, com um sorriso sombrio e determinado, os tonéis cheios de piastras depositados ao pé do grande mastro. O general e o comandante Gomez, sentados sobre um balote, consultavam-se calados por um olhar quase afetuosos. Logo se viram os únicos que tinham sobrevivido à tripulação do *Saint-Ferdinand*. Os sete marujos escolhidos pelos dois espiões entre os marinheiros espanhóis já tinham alegremente se metamorfoseado em peruanos.²

— Que patifes atrozes! — exclamou de repente o general, em quem uma indignação leal e generosa fez calarem a dor e a prudência.

— Eles obedecem à necessidade — respondeu friamente Gomez. — Se o senhor encontrasse um desses homens aí, não lhe passaria sua espada pelo corpo?

— Comandante — disse o lugar-tenente virando-se para o espanhol —, o parisiense ouviu falar do senhor. O senhor é — disse — o único homem que conhecia bem as passagens entre as ilhas das Antilhas e as costas do Brasil. Quer...

O comandante interrompeu o jovem lugar-tenente com uma exclamação de desprezo, e respondeu:

— Morrerei como marinheiro, como espanhol fiel, como cristão. Você ouviu?

— Ao mar! — gritou o rapaz.

Diante dessa ordem, dois canhoneiros agarraram Gomez.

— Vocês são uns covardes! — exclamou o general detendo os dois corsários.

— Meu velho — disse-lhe o lugar-tenente —, não se exalte demais. Se sua fita vermelha causa certa impressão em nosso comandante, quanto a mim estou pouco ligando... Nós também vamos ter daqui a pouco nossa conversinha.

Nesse instante, um barulho surdo, ao qual não se misturou nenhum lamento, deu a entender ao general que o bravo Gomez morrera como marinheiro.

— Minha fortuna ou a morte! — ele exclamou num pavoroso acesso de raiva.

— Ah! o senhor é sensato — respondeu-lhe o corsário, escarnecendo. — Agora tem a certeza de obter alguma coisa de nós...

Em seguida, a um sinal do lugar-tenente dois marujos trataram de atar os pés do francês; mas esse, batendo neles com uma audácia imprevista, puxou, com um gesto que ninguém esperava, o sabre que o lugar-tenente trazia no flanco e pôs-se a manejá-lo como velho general de cavalaria que conhecia seu ofício.

— Ah! bandidos, vocês não jogarão na água como uma ostra um antigo tarimbeiro de Napoleão.

Tiros de pistola, disparados quase à queima-roupa contra o francês

recalcitrante, atraíram a atenção do parisiense, então ocupado em vigiar o transporte dos aprestos que ele mandava pegar no *Saint-Ferdinand*. Sem se alterar, foi agarrar por trás o corajoso general, imobilizou-o rapidamente, arrastou-o para o bordo e dispunha-se a jogá-lo na água como um mastro de refugo. Nesse momento o general encontrou o olhar fulvo do raptor de sua filha. Pai e genro se reconheceram de repente. O comandante, imprimindo a seu impulso um gesto contrário àquele que lhe dera, como se o marquês não pesasse nada, em vez de jogá-lo ao mar colocou-o de pé perto do grande mastro. Um murmúrio elevou-se no convés; mas então o corsário lançou um único olhar para sua gente, e o mais profundo silêncio reinou de súbito.

— É o pai de Hélène — disse o comandante com voz clara e firme.
— Ai de quem não o respeitar!

Um hurra de aclamações alegres ressoou no convés e subiu ao céu como uma prece de igreja, como o primeiro grito do *Te Deum*. Os grumetes balançaram-se nos cordames, os marujos jogaram seus bonés para o ar, os canhoneiros bateram os pés, todos se agitaram, berraram, assobiaram, praguejaram. A fanática expressão desse júbilo deixou o general inquieto e sombrio. Atribuindo esse sentimento a algum horrível mistério, seu primeiro grito, quando recuperou a palavra, foi: “Minha filha, onde ela está?”. O corsário lançou para o general um desses olhares profundos que, sem que se possa adivinhar a razão, sempre transtornavam as almas mais intrépidas; deixou-o mudo, para grande satisfação dos marujos, felizes de ver a força de seu chefe exercer-se sobre todos os seres, conduziu-o até uma escada, o fez descê-la e o levou diante da porta de um camarote, que empurrou com força dizendo: “Ei-la”.

Depois desapareceu, deixando o velho militar afundado numa espécie de estupor diante do aspecto do quadro que se ofereceu a seus olhos. Ao ouvir abrir-se a porta do quarto com brusquidão, Hélène se levantara do sofá em que descansava; mas viu o marquês e deu um grito de surpresa. Estava tão mudada que eram necessários os olhos de um pai para reconhecê-la. O sol dos trópicos embelezara seu rosto branco com uma tez morena, um colorido maravilhoso que lhe dava uma expressão de poesia; e ela transpirava um ar de grandeza, uma firmeza majestosa, um sentimento profundo com que a alma mais grosseira devia se impressionar. Sua longa e abundante cabeleira, caindo em grandes cachos sobre o pescoço cheio de nobreza, aumentava ainda mais a altivez desse rosto com uma imagem de força. Em seu porte, em seus gestos, Hélène deixava explodir a consciência que tinha de seu poder. Uma satisfação triunfal inflava levemente suas narinas rosadas, e sua felicidade serena estava

marcada em todos os aspectos de sua beleza. Nela havia ao mesmo tempo não sei que suavidade de virgem e essa espécie de orgulho peculiar às bem-amadas. Escrava e soberana, queria obedecer porque podia reinar. Estava vestida com uma magnificência cheia de charme e elegância. A musselina das Índias era o que mais se fazia presente em sua roupa; mas seu sofá e as almofadas eram de caxemira, mas um tapete da Pérsia guarnecia o soalho do vasto camarote, mas seus quatro filhos brincavam a seus pés construindo castelos estranhos com colares de pérolas, joias preciosas, objetos de valor. Alguns vasos de porcelana de Sèvres, pintados pela sra. Jaquotot,³ continham flores raras que perfumavam: eram jasmims do México, camélias entre as quais passarinhos da América vojavam domesticados, e pareciam rubis, safiras, ouro animado. Um piano estava instalado nesse salão, e nas paredes de madeira, forradas de seda amarela, viam-se aqui e ali quadros de pequena dimensão, mas assinados pelos melhores pintores: um pôr do sol de Gudín encontrava-se perto de um Terburg; uma Virgem de Rafael concorria em poesia com um esboço de Girodet; um Gérard Dow eclipsava um Drolling. Sobre a mesa de laca da China havia um prato de ouro cheio de frutas deliciosas. Em suma, Hélène parecia ser a rainha de um grande império no meio de uma saleta onde seu amante coroado teria reunido as coisas mais elegantes da terra. As crianças fixaram sobre o avô olhos de penetrante vivacidade; e habituados que estavam a viver no meio de combates, tempestades e tumulto, pareciam esses pequenos romanos curiosos de guerra e de sangue que David pintou em seu quadro de Bruto.

— Como isso é possível? — exclamou Hélène agarrando o pai como para se assegurar da realidade dessa visão.

— Hélène!

— Meu pai!

Caíram nos braços um do outro e o abraço do velho não foi o mais forte nem o mais afetuoso.

— O senhor estava neste barco?

— Sim — ele respondeu com ar triste, sentando-se no sofá e olhando para as crianças, que, reunidas a seu redor, o observavam com atenção ingênua. — Eu ia morrer se não fosse...

— Se não fosse meu marido — ela disse interrompendo-o —, já adivinho.

— Ah! — exclamou o general —, por que preciso reencontrá-la assim, minha Hélène, você por quem tanto chorei? Então eu ainda deveria gemer por seu destino.

— Por quê? — ela perguntou sorrindo. — Não ficará contente de saber que sou a mais feliz de todas as mulheres?

— Feliz? — ele exclamou dando um pulo de surpresa.

— Sim, meu bom pai — ela prosseguiu pegando suas mãos, beijando-as, apertando-as contra seu seio palpitante, e acrescentando a essa carícia um meneio de cabeça que seus olhos cintilantes de prazer tornaram ainda mais significativo.

— E como assim? — ele perguntou, curioso de conhecer a vida da filha e esquecendo tudo diante dessa fisionomia resplandecente.

— Escute, meu pai — ela respondeu —, tenho como amante, como esposo, como servidor, como mestre, um homem cuja alma é tão vasta como este mar sem limites, tão fértil em doçura como o céu, um deus, enfim! Há sete anos jamais lhe escapou uma palavra, um sentimento, um gesto que pudessem produzir uma dissonância com a divina harmonia de suas palavras, de suas carícias e de seu amor. Sempre me olhou tendo nos lábios um sorriso amigo e nos olhos um raio de alegria. Lá no alto sua voz trovejante costuma dominar os uivos da tempestade ou o tumulto dos combates; mas aqui ela é doce e melodiosa como a música de Rossini, cujas obras me chegam. Tudo o que o capricho de uma mulher pode inventar eu obtenho. Meus desejos são até mesmo, às vezes, ultrapassados. Em suma, eu reino sobre o mar, e aqui sou obedecida como pode sê-lo uma soberana. Oh! feliz! — continuou, interrompendo-se — feliz não é uma palavra que possa expressar minha felicidade. Tenho o que todas as mulheres desejam! Sentir um amor, uma devoção imensa por quem se ama, e encontrar em seu coração, *no dele*, um sentimento infinito em que a alma de uma mulher se perde, e sempre! Diga, isso é felicidade? Devorei mil existências. Aqui estou sozinha, aqui eu comando. Nunca uma criatura de meu sexo pôs o pé neste nobre barco, onde Victor está sempre a poucos passos de mim. Ele não pode ir mais longe de mim que da popa à proa — continuou com uma fina expressão de malícia. — Sete anos! Um amor que resiste por sete anos a essa perpétua alegria, a essa prova de todos os instantes, é amor? Não! Oh, não! É melhor que tudo o que conheço da vida... não há linguagem humana para expressar uma felicidade celestial.

Uma torrente de lágrimas escapou de seus olhos inflamados. As quatro crianças soltaram então um grito plangente, acorreram para ela como pintinhos para a mãe, o mais velho bateu no general olhando-o com ar ameaçador.

— Abel, meu anjo, estou chorando de alegria — ela disse.

Pegou-o no colo, o menino acariciou-a familiarmente passando os braços no pescoço majestoso de Hélène, como um leãozinho que quer brincar com a mãe.

— Você não se entedia? — exclamou o general atordoado com a resposta exaltada da filha.

— Sim — ela respondeu —, em terra, quando atracamos; e ainda

assim, jamais deixo meu marido.

— Mas você gostava das festas, dos bailes, da música!

— A música é a voz dele; minhas festas são os enfeites que invento para ele. Quando uma roupa lhe agrada, não é como se a terra inteira me admirasse? Essa é a única razão por que não jogo no mar esses diamantes, esses colares, esses diademas de pedrarias, essas riquezas, essas flores, essas obras-primas das artes com que ele me cobre, dizendo-me: “Hélène, já que você não vai ao mundo, quero que o mundo venha a você”.

— Mas a bordo há homens, homens audaciosos, terríveis, cujas paixões...

— Compreendo-o, meu pai — ela disse sorrindo. — Tranquiline-se. Nunca uma imperatriz foi cercada de mais atenções do que as que me dão. Essas pessoas são supersticiosas, acreditam que sou o gênio tutelar deste barco, de seus empreendimentos, de seus êxitos. Mas é *ele* o deus deles! Um dia, uma só vez, um marujo faltou-me ao respeito... com palavras — acrescentou rindo. — Antes que Victor tomasse conhecimento, os homens da tripulação o lançaram ao mar apesar do perdão que lhe concedi. Eles me amam como a seu bom anjo, cuidam deles em suas doenças, e tive a felicidade de salvar alguns da morte, velando-os com uma perseverança de mulher. Esses pobres homens são ao mesmo tempo gigantes e crianças.

— E quando há combates?

— Estou acostumada — ela respondeu. — Só tremi durante o primeiro... Agora minha alma está afeita a esse perigo, e além disso... sou sua filha — ela disse —, amo-o...

— E se ele morresse?

— Eu morreria.

— E seus filhos?

— Eles são filhos do oceano e do perigo, partilham a vida dos pais... Nossa existência é una e não se cinde. Vivemos todos a mesma vida, todos inscritos na mesma página, levados pelo mesmo esquife, sabemos disso.

— Então você o ama a ponto de preferi-lo a tudo?

— A tudo — ela repetiu. — Mas não sondemos esse mistério. Veja!, esta querida criança, pois bem!, é também *ele*!

Em seguida, apertando Abel com um vigor extraordinário, deu-lhe beijos devoradores nas faces, no cabelo...

— Mas — exclamou o general — eu não poderia esquecer que ele acaba de jogar nove pessoas no mar.

— Provavelmente era preciso — ela respondeu —, pois ele é humano e generoso. Derrama o menos de sangue possível para a conservação e os interesses do pequeno mundo que protege e da causa

sagrada que defende. Fale com ele daquilo que lhe parece errado e verá que ele saberá fazê-lo mudar de opinião.

— E seu crime? — disse o general como se falasse consigo mesmo.

— Mas — ela retrucou com uma dignidade fria —, e se fosse uma virtude? E se a justiça dos homens não tivesse conseguido vingá-lo?

— Vingar-se pessoalmente! — exclamou o general.

— E o que é o inferno — ela perguntou —, se não uma vingança eterna por alguns erros de um dia?

— Ah! você está perdida. Ele a enfeitiçou, perverteu. Você perdeu a razão.

— Fique aqui um dia, meu pai, e se quiser escutá-lo, olhá-lo, gostará dele.

— Hélène — disse gravemente o general —, estamos a algumas léguas da França...

Ela estremeceu, olhou pela janela do quarto, mostrou o mar desenrolando suas imensas savanas de água verde.

— Eis o meu país — respondeu batendo no tapete com a ponta do pé.

— Mas você não viria ver sua mãe, sua irmã, seus irmãos?

— Oh, sim! — ela disse com lágrimas na voz —, se ele quiser e se puder me acompanhar.

— Então você não possui mais nada, Hélène, nem país nem família? — prosseguiu severamente o militar...

— Sou mulher dele — ela retrucou com ar de orgulho e um tom cheio de nobreza. — Esta é, há sete anos, a primeira felicidade que não me vem dele — acrescentou pegando a mão do pai e beijando-a —, esta é a primeira reprimenda que ouvi.

— E sua consciência?

— Minha consciência! Mas é ele — neste momento, estremeceu violentamente. — Ei-lo — disse. — Mesmo num combate, entre todos os passos reconheço o dele no convés.

E de repente um rubor avermelhou suas faces, fez resplender suas feições, brilhar seus olhos, e sua pele ficou de um branco opaco... Havia felicidade e amor em seus músculos, em suas veias azuis, no estremecimento involuntário de toda a sua pessoa. Esse movimento de sensitiva emocionou o general. De fato, um instante depois o corsário entrou, foi sentar numa poltrona, pegou o filho mais velho e começou a brincar com ele. Reinou o silêncio por um momento, pois por um momento o general, mergulhado num devaneio comparável à sensação vaporosa de um sonho, contemplou aquele elegante camarote, parecido com um ninho de alcíones, onde essa família vogava pelo oceano havia sete anos, entre os céus e a onda, confiante em um homem, conduzida pelos perigos da guerra e das tempestades, como

um lar é guiado na vida por um chefe em meio a desgraças sociais... Olhava com admiração para a filha, imagem fantástica de uma deusa marinha, suave de beleza, rica de felicidade, e fazendo empalidecer todos os tesouros que a cercavam diante dos tesouros de sua alma, das cintilações de seus olhos e da indescritível poesia expressada em sua pessoa e ao redor de si. Essa situação oferecia uma estranheza que o surpreendia, uma sublimidade de paixão e de raciocínio que confundia as ideias vulgares. As frias e estreitas combinações da sociedade morriam diante desse quadro. O velho militar sentiu todas essas coisas e também compreendeu que a filha jamais abandonaria uma vida tão vasta, tão fecunda em contrastes e repleta de um amor tão verdadeiro; além disso, se ela tivesse uma vez provado o perigo sem apavorar-se com ele, não podia mais voltar às pequenas cenas de um mundo mesquinho e limitado.

— Atrapalho vocês? — perguntou o corsário quebrando o silêncio e olhando para a mulher.

— Não — respondeu-lhe o general. — Hélène me disse tudo. Vejo que está perdida para nós.

— Não — retrucou prontamente o corsário... — Mais uns anos e a prescrição me permitirá voltar para a França. Quando a consciência é pura, e quando desprezando as suas leis sociais um homem obedeceu...

Calou-se, desdenhando a necessidade de ter de se justificar.

— E como pode — perguntou o general interrompendo-o — não ter remorsos pelos novos assassinatos que foram cometidos diante de meus olhos?

— Não temos mais viveres — retrucou tranquilamente o corsário.

— Mas desembarcando esses homens no litoral...

— Eles fariam algum navio nos barrar a retirada, e não chegaríamos ao Chile.

— Antes que, da França — disse o general interrompendo —, eles tivessem prevenido o almirantado da Espanha...

— Mas a França pode achar ruim que um homem, ainda sujeito a seus tribunais do júri, tenha se apoderado de um brigue fretado por bordeleses. Aliás, o senhor não disparou algumas vezes, no campo de batalha, vários tiros de canhão a mais?

O general, intimidado pelo olhar do corsário, se calou; e sua filha o olhou de um jeito que expressava tanto triunfo como melancolia...

— General — disse o corsário com voz profunda —, criei-me uma lei de nunca retirar nada do butim. Mas é fora de dúvida que minha parte será mais considerável do que era a sua fortuna. Permita-me restituí-la em outra moeda...

Pegou na gaveta do piano um pacote de notas de dinheiro, não

contou os maços e apresentou um milhão ao marquês.

— O senhor compreenderá — continuou — que não posso me divertir em olhar para os passantes pela estrada de Bordeaux... Ora, a menos que o senhor seja seduzido pelos perigos de nossa vida boêmia, pelas cenas da América meridional, por nossas noites dos trópicos, por nossas batalhas e pelo prazer de ver triunfar o pavilhão de uma jovem nação, ou o nome de Simon Bolívar, terá de nos deixar... Uma chalupa e homens dedicados o aguardam. Esperemos um terceiro encontro mais feliz...

— Victor, gostaria de ver meu pai por mais um instante — disse Hélène num tom amuado.

— Dez minutos a mais ou a menos podem nos pôr frente a frente com uma fragata. Mas vá lá! Nós nos divertiremos um pouco. Nossos homens se entediam.

— Oh! Parta, meu pai — exclamou a mulher do marinheiro. — E leve a minha irmã, a meus irmãos, a... minha mãe — acrescentou — estas provas de minha lembrança.

Pegou um punhado de pedras preciosas, colares, joias, enrolou-o numa caxemira e o apresentou timidamente ao pai.

— E que lhes direi de sua parte? — ele perguntou parecendo impressionado com a hesitação que a filha demonstrara antes de pronunciar a palavra “mãe”.

— Oh! Pode duvidar de minha alma? Faço todo dia votos para a felicidade deles.

— Hélène — começou o velho olhando-a com atenção —, não devo mais revê-la? Portanto, jamais saberei a que motivo se deve sua fuga?

— Esse segredo não me pertence — ela respondeu em tom grave. — Tivesse eu o direito de contá-lo, talvez ainda não o dissesse. Sofri por dez anos males inacreditáveis...

Não continuou e entregou ao pai os presentes que destinava à família. O general, acostumado, pelos acontecimentos da guerra, a ideias bastante generosas em matéria de butim, aceitou os presentes oferecidos pela filha e gostou de pensar que, sob inspiração de uma alma tão pura, tão elevada quanto a de Hélène, o comandante parisiense continuava a ser um homem honrado ao fazer a guerra contra os espanhóis. Sua paixão pelos bravos acabou vencendo. Pensando que seria ridículo conduzir-se como um puritano, apertou vigorosamente a mão do corsário, beijou sua Hélène, sua única filha, com essa efusão peculiar aos soldados, e deixou cair uma lágrima sobre esse rosto cujo orgulho, cuja expressão viril o haviam mais de uma vez sorrido. O marinheiro, fortemente comovido, deu-lhe os filhos para serem abençoados. Por fim, todos se disseram adeus uma

última vez por um longo olhar que não foi destituído de ternura.

— Sejam sempre felizes! — exclamou o avô lançando-se para o convés.

No mar, um espetáculo singular esperava o general. O *Saint-Ferdinand*, entregue às chamas, ardia como um imenso fogo de palha. Os marujos, ocupados em afundar o brigue espanhol, perceberam que havia a bordo um carregamento de rum, licor que abundava no *Othello*, e acharam engraçado acender uma grande tigela de ponche em pleno mar. Era uma diversão bastante desculpável em pessoas que, na aparente monotonia do mar, aproveitavam todas as ocasiões de animar suas vidas. Descendo do brigue na chalupa do *Saint-Ferdinand*, levada por seis vigorosos marujos, o general dividia involuntariamente sua atenção entre o incêndio do *Saint-Ferdinand* e sua filha encostada no corsário, ambos em pé na popa do navio. Em presença de tantas lembranças, vendo o vestido branco de Hélène, que flutuava, leve como uma vela a mais; distinguindo no oceano aquele belo e grande rosto, bastante imponente para tudo dominar, mesmo as águas, ele esquecia, com a despreocupação de um militar, que navegava sobre o túmulo do bravo Gomez. Acima dele, uma imensa coluna de fumaça pairava como uma nuvem escura, e os raios do sol, perfurando-a aqui e ali, jogavam poéticos clarões. Era um segundo céu, uma abóbada escura sob a qual brilhavam espécies de lustres, e acima da qual pairava o azul inalterável do firmamento, que parecia mil vezes mais belo por essa oposição efêmera. Os tons estranhos dessa fumaça, ora amarela, ora dourada, ora vermelha, ora preta, fundidos vaporosamente, cobriam o barco, que crepitava, estalava e gritava. A chama assobiava mordendo os cordames e corria pela embarcação como uma sedição popular voa pelas ruas de uma cidade. O rum produzia chamas azuis que se alvoroçavam, como se o gênio dos mares tivesse agitado aquele licor furioso, assim como a mão de um estudante faz mover a alegre *fogueira* de um ponche numa orgia. Mas o sol, mais poderoso de luz, ciumento desse clarão insolente, mal deixava ver em seus raios as cores desse incêndio. Era como uma rede, como uma echarpe que esvoaçava no meio da torrente de seus fogos. O *Othello* agarrava, para fugir, o pouco vento que conseguia pinçar nessa direção nova, e adernava ora de um lado ora de outro, como um papagaio de papel balançado nos ares. Esse belo brigue corria aos bordos para o sul, e ora ocultava-se dos olhos do general, desaparecendo atrás da coluna reta cuja sombra ele projetava fantasticamente sobre as águas, ora se mostrava, reerguendo-se com graça e fugindo. Toda vez que Hélène podia avistar o pai abanava o lenço para saudá-lo de novo. Logo o *Saint-Ferdinand* afundou, produzindo uma ebulição apagada em seguida pelo oceano. Então só

restou de toda essa cena uma nuvem branca balançada pela brisa. O *Othello* estava longe; a chalupa se aproximava da terra; a nuvem se interpunha entre essa frágil embarcação e o brigue. A última vez que o general avistou a filha foi através de uma fenda dessa fumaça ondulante. Visão profética! O lenço branco, o vestido era tudo o que se destacava contra aquele fundo de bistre. Entre a água verde e o céu azul, nem sequer se via o brigue. Hélène não era mais que um ponto imperceptível, uma linha solta, graciosa, um anjo no céu, uma ideia, uma lembrança.

Depois de restabelecer sua fortuna, o marquês morreu esgotado de cansaço. Alguns meses em seguida à sua morte, em 1833, a marquesa foi obrigada a levar Moína às Águas Termais dos Pirineus. A filha caprichosa quis ver as belezas dessas montanhas. Ela voltou às Águas e, no retorno, aconteceu a horrível cena que se segue.

— Meu Deus — disse Moína —, fizemos muito mal, minha mãe, de não ficar uns dias a mais nas montanhas! Estávamos bem melhor lá que aqui. Ouviu os gemidos constantes daquela maldita criança e a tagarelice daquela mulher desgraçada que provavelmente fala em dialeto? Pois não entendi uma só palavra do que ela dizia. Que espécie de gente nos deram como vizinhos! Esta noite foi uma das mais horrorosas que passei na vida.

— Não ouvi nada — disse a marquesa —; mas, minha filha querida, vou ver a hospedeira, pedir-lhe o quarto vizinho, ficaremos sozinhas neste apartamento e não teremos mais barulho. Como se sente esta manhã? Está cansada?

Ao dizer essas últimas frases, a marquesa se levantara para ficar perto da cama de Moína.

— Vejamos — ela lhe disse procurando a mão da filha.

— Oh! deixe-me, minha mãe — respondeu Moína —, você está fria.

Depois dessas palavras a mocinha se enrolou em seu travesseiro com um gesto de birra, mas tão gracioso que era difícil para a mãe se melindrar. Nesse instante, um lamento, cuja inflexão suave e prolongada devia dilacerar o coração de uma mulher, ressoou no quarto ao lado.

— Mas se você ouviu isso durante toda a noite, porque não me acordou? Teríamos... — Um gemido mais profundo que todos os outros interrompeu a marquesa, que exclamou: — Tem alguém morrendo aí! — E saiu depressa.

— Envie-me Pauline! — gritou Moína. — Vou me vestir.

A marquesa desceu prontamente e encontrou a hospedeira no pátio, no meio de algumas pessoas que pareciam escutá-la atentamente.

— A senhora instalou perto de nós uma pessoa que parece sofrer muito...

— Ah, nem me fale! — exclamou a dona do hotel —, acabo de mandar buscar o prefeito. Imagine que é uma mulher, uma pobre infeliz que chegou aqui ontem à noite, a pé; vem da Espanha, está sem passaporte e sem dinheiro. Carregava nas costas uma criança que está morrendo. Não pude deixar de recebê-la aqui. Hoje de manhã fui eu mesma vê-la; pois ontem, quando chegou aqui, me deu uma pena terrível... Pobre mulherzinha! Estava deitada com o filho, e os dois se debatiam contra a morte.

— “Senhora”, ela me disse tirando um anel de ouro do dedo, “não possuo mais do que isto, pegue-o como pagamento; será suficiente, não passarei uma longa temporada aqui. Pobre criança! Vamos morrer juntos”, disse olhando para o filho. Peguei o anel, perguntei-lhe quem ela era; mas jamais quis me dizer seu nome... Acabo de mandar buscar o médico e o senhor prefeito.

— Mas — exclamou a marquesa — dê-lhe todos os socorros que poderão lhe ser necessários. Meu Deus! Talvez ainda dê tempo de salvá-la! Vou lhe pagar tudo o que ela gastar...

— Ah, senhora! Ela tem jeito de ser tremendamente orgulhosa, e não sei se quererá.

— Vou vê-la...

E logo a marquesa subiu ao aposento da desconhecida sem pensar no mal que sua presença poderia fazer a essa mulher num momento em que a diziam à beira da morte, pois ela ainda estava de luto. A marquesa empalideceu diante do aspecto da moribunda. Apesar dos horríveis sofrimentos que tinham alterado a bela fisionomia de Hélène, reconheceu sua filha mais velha. Diante do aspecto de uma mulher vestida de preto, Hélène se ergueu e se sentou, deu um grito de pavor e, lentamente, caiu de novo na cama quando nessa mulher reconheceu a mãe.

— Minha filha! — disse a sra. d’Aiglemont —, de que você precisa? Pauline!... Moína!...

— Não preciso de mais nada — respondeu Hélène com voz enfraquecida. — Esperava rever meu pai; mas seu luto me anuncia...

Não concluiu; apertou o filho contra o coração como para aquecê-lo, beijou-o na testa, e lançou para a mãe um olhar em que ainda se lia a censura, embora temperada pelo perdão. A marquesa não quis enxergar essa censura; esqueceu que Hélène era uma criança concebida outrora nas lágrimas e no desespero, a criança do dever, uma criança que fora causa das maiores desgraças; avançou suavemente até sua filha mais velha, lembrando-se apenas de que Hélène fora a primeira que a fizera conhecer os prazeres da maternidade. Os olhos da mãe estavam cheios de lágrimas; e, beijando a filha, exclamou:

— Hélène! minha filha...

Hélène mantinha o silêncio. Acabava de aspirar o último suspiro de seu último filho.

Nesse momento, Moïna, sua camareira Pauline, a hospedeira e um médico entraram. A marquesa segurava a mão gélida da filha nas suas e a contemplava com um desespero verdadeiro. Exasperada pela desgraça, a viúva do marinheiro, que acabava de escapar de um naufrágio salvando de toda a sua bela família apenas um filho, disse à mãe com uma voz terrível:

— Tudo isso é obra sua! Se tivesse sido para mim o que...

— Moïna, saia, saiam todos! — gritou a sra. d'Aiglemont abafando a voz de Hélène com os apelos da sua.

— Por favor, minha filha — recomeçou —, não renovemos neste momento os tristes combates...

— Vou me calar — respondeu Hélène fazendo um esforço sobrenatural. — Sou mãe, sei que Moïna não deve... Onde está meu filho?

Moïna entrou, impelida pela curiosidade.

— Minha irmã — disse essa criança mimada —, o médico...

— Tudo é inútil — prosseguiu Hélène. — Ah! Por que não morri aos dezesseis anos, quando queria me matar! A felicidade nunca se encontra fora das leis... Moïna... você...

Morreu inclinando a cabeça sobre a cabeça do filho, que ela apertara convulsamente.

— Sua irmã queria com certeza lhe dizer, Moïna — recomeçou a sra. d'Aiglemont —, quando entrou no quarto dela, onde caiu em prantos, que a felicidade jamais se encontra, para uma filha, numa vida romanesca, fora dos preceitos, e sobretudo longe de sua mãe.

Num dos primeiros dias do mês de junho de 1844, uma senhora de cerca de cinquenta anos, que parecia ainda mais velha do que indicava sua idade verdadeira, passeava ao sol, ao meio-dia, por uma alameda no jardim de um grande palacete situado na rua Plumet, em Paris. Depois de percorrer duas ou três vezes a trilha levemente sinuosa onde ficava para não perder de vista as janelas de um apartamento que parecia atrair toda a sua atenção, foi sentar numa dessas cadeiras meio campestres fabricadas com tenros galhos de árvores guarneçadas de sua casca. Do lugar onde estava essa elegante cadeira, a senhora podia abarcar por uma das grades da cerca tanto os bulevares interiores, no meio dos quais está pousado o admirável domo dos Invalides, que eleva sua cúpula dourada entre as copas de um milhar de olmos, admirável paisagem, como o aspecto menos grandioso de seu jardim terminado pela fachada cinzenta de um dos mais belos palacetes do *faubourg* Saint-Germain. Ali tudo era silencioso, os jardins vizinhos, os bulevares, os Invalides; pois nesse bairro nobre o dia só começa ao meio-dia. A não ser que algum capricho, a não ser que uma jovem senhora queira montar a cavalo ou que um velho diplomata tenha um protocolo a cumprir, a essa hora criados e patrões, todos dormem ou todos estão acordando.

A velha senhora tão matutina era a marquesa d'Aiglemont, mãe da sra. de Saint-Héreen, a quem o belo palacete pertencia. A marquesa privara-se dele para a filha, a quem dera toda a sua fortuna, só reservando para si uma pensão vitalícia. A condessa Moína de Saint-Héreen era a última filha da sra. d'Aiglemont. Para fazê-la casar-se com o herdeiro de uma das mais ilustres casas da França, a marquesa tudo sacrificara. Nada era mais natural: perdera sucessivamente dois filhos; um, Gustave, marquês d'Aiglemont, morrera de cólera; o outro, Abel, sucumbira diante de Constantine. Gustave deixou filhos e viúva. Mas o afeto um tanto morno que a sra. d'Aiglemont demonstrara a seus dois filhos diminuía ainda mais ao passar para os netos. Comportava-se educadamente com a sra. d'Aiglemont, a nora, mas atinha-se ao sentimento superficial que o bom gosto e as conveniências nos prescrevem demonstrar a nossos próximos. Tendo a

fortuna de seus filhos mortos sido perfeitamente regularizada, ela reservara para sua querida Moïna suas economias e bens próprios. Moïna, bela e encantadora desde a infância, sempre fora para a sra. d'Aiglemont objeto de uma dessas predileções inatas ou involuntárias nas mães de família; simpatias fatais que parecem inexplicáveis ou que os observadores sabem explicar bem demais. O rosto encantador de Moïna, o som de voz dessa menina querida, suas maneiras, seu porte, sua fisionomia, seus gestos, tudo nela despertava na marquesa as emoções mais profundas que podem animar, perturbar ou encantar o coração materno. O princípio de sua vida presente, de sua vida futura, de sua vida passada, estava no coração dessa jovem mulher, no qual ela depositara todos os seus tesouros. Felizmente Moïna sobrevivera a quatro filhos mais velhos que ela. De fato, a sra. d'Aiglemont perdera da maneira mais desgraçada, diziam as pessoas da sociedade, uma filha encantadora cujo destino era quase desconhecido e um garotinho levado aos cinco anos por uma horrível catástrofe. Provavelmente a marquesa viu um presságio do céu no respeito que a sorte parecia ter pela filha de seu coração, e só conservava tênues lembranças de seus filhos já levados segundo os caprichos da morte, e que permaneciam no fundo de sua alma como esses túmulos erguidos num campo de batalha, mas que as flores dos campos quase fizeram desaparecer. A sociedade poderia ter severamente pedido contas à marquesa dessa despreocupação e dessa predileção; mas a sociedade de Paris é arrastada por tal torrente de acontecimentos, de modas, de ideias novas que ali toda a vida da sra. d'Aiglemont devia ser, de certa forma, esquecida. Ninguém pensava em lhe imputar um crime por causa de uma frieza, por causa de um esquecimento que não interessava a ninguém, enquanto sua profunda ternura por Moïna interessava muita gente e tinha toda a santidade de um preceito. Aliás, a marquesa frequentava pouco a sociedade; e para a maioria das famílias que a conheciam ela parecia boa, meiga, devota, indulgente. Ora, não é preciso ter um interesse bem profundo para ir além dessas aparências com as quais a sociedade se contenta? Além disso, o que não se perdoa aos velhos quando se apagam como sombras e não querem ser mais que uma lembrança? Por fim, a sra. d'Aiglemont era um modelo condescendentemente citado pelos filhos a seus pais, pelos genros a suas sogras. Ela havia, antes do tempo, dado seus bens a Moïna, contente com a felicidade da jovem condessa, e só vivendo por ela e para ela. Se velhos prudentes, tios rabugentos criticassem esse comportamento dizendo: “A sra. d'Aiglemont talvez se arrependa um dia por ter se desapossado de sua fortuna em benefício da filha, pois se conhece bem o coração da sra. de Saint-Héreen pode ter tanta certeza da moralidade do genro?”, haveria contra esses profetas uma

grita geral; e de todas as partes choviam elogios a Moïna.

— Deve-se fazer essa justiça à sra. de Saint-Héreen — dizia uma jovem mulher —; a mãe dela não teve nenhuma mudança em torno de si. A sra. d'Aiglemont está admiravelmente bem alojada, tem uma carruagem à sua disposição e pode ir a qualquer lugar na sociedade como antes...

— Exceto ao Italiens — respondia baixinho um velho parasita, uma dessas pessoas que se acham no direito de cobrir os amigos de epigramas a pretexto de dar provas de independência. — Em matéria de preferências alheias à filha mimada, a viúva rica só gosta de música. Foi tão boa musicista em sua época! Mas como o camarote da condessa está sempre invadido por jovens a borboletear, e que ali ela atrapalharia essa jovem criatura, de quem já se fala como de uma grande coquete, a pobre mãe nunca vai ao Italiens.

— A sra. de Saint-Héreen — dizia uma moça casadoura — organiza para a mãe festas deliciosas, um salão aonde toda Paris vai.

— Um salão onde ninguém presta atenção na marquesa — respondia o parasita.

— O fato é que a sra. d'Aiglemont nunca está sozinha — dizia um enfatuado, apoiando o partido das jovens senhoras.

— De manhã — respondia baixinho o velho observador — a querida Moïna dorme. Às quatro horas, a querida Moïna está no bosque. À noite, a querida Moïna vai ao baile ou ao Bouffes... Mas é verdade que a sra. d'Aiglemont tem o recurso de ver sua querida filha enquanto ela se veste, ou durante o jantar quando a querida Moïna janta por acaso com sua querida mãe. Ainda não faz oito dias — disse o parasita pegando pelo braço um tímido preceptor, recém-chegado à casa onde ele estava —, eis que vejo essa pobre mãe triste e sozinha ao lado de sua lareira. “O que tem?”, perguntei-lhe. A marquesa me olhou sorrindo, mas certamente tinha chorado. “Eu pensava”, disse-me, “que é muito singular encontrar-me sozinha depois de ter tido cinco filhos; mas isso está em nosso destino! E além do mais, sou feliz quando sei que Moïna se diverte!” Ela podia se confiar a mim, que, outrora, conheci seu marido. Era um pobre homem, e foi muito feliz por tê-la como esposa; é verdade que lhe devia seu pariato e seu cargo na corte de Carlos x.

Mas tantos erros se esgueiram nas conversas da sociedade, onde se produzem com leviandade males tão profundo, que o historiador de costumes é obrigado a pesar sensatamente as afirmações emitidas por descuido por tantos descuidados. Afinal, talvez nunca se deva pronunciar quem está certo e quem está errado, se o filho ou a mãe. Entre esses dois corações, só há um juiz possível. Esse juiz é Deus! Deus que, com frequência, assenta sua vingança no seio das famílias e

serve-se eternamente dos filhos contra as mães, dos pais contra os filhos, dos povos contra os reis, dos príncipes contra as nações, de tudo contra tudo; substituindo no mundo moral os sentimentos pelos sentimentos como as folhas jovens empurram as velhas na primavera; agindo em vista de uma ordem imutável, de um objetivo só dele conhecido. Sem dúvida, cada coisa vai para dentro dele, ou melhor, para ele retorna.

Esses pensamentos religiosos, tão naturais no coração dos velhos, flutuavam esparsos na alma da sra. d'Aiglemont; ali estavam semiluminosos, ora soçobrados, ora completamente expostos, como flores atormentadas na superfície das águas durante uma tempestade. Ela se sentara, cansada, enfraquecida por uma longa meditação, por um desses devaneios em meio ao qual toda a vida se estende, se desenrola aos olhos dos que pressentem a morte.

Essa mulher, velha antes do tempo, teria sido, para algum poeta passando pelo bulevar, um quadro curioso. Ao vê-la sentada à sombra delgada de uma acácia, à sombra de uma acácia ao meio-dia, todos teriam sabido ler uma das mil coisas escritas nesse rosto pálido e frio, até mesmo no meio dos raios quentes do sol. Sua figura expressiva ao extremo representava alguma coisa ainda mais grave do que uma vida em seu declínio, mais profunda do que uma alma prostrada pela experiência. Era um desses tipos que, entre mil fisionomias desdenhadas porque são sem caráter, nos detêm um momento, nos fazem pensar; assim como, entre os mil quadros de um museu, ficamos fortemente impressionados, seja pela cabeça sublime em que Mirollo pintou a dor materna, seja pelo rosto de Beatriz Cenci em que Guido Reni soube pintar a mais tocante inocência no fundo do crime mais medonho, seja pela face sombria de Filipe II em que Velásquez imprimiu para sempre o terror majestoso que a realeza deve inspirar. Certas figuras humanas são imagens despóticas que nos falam, nos interrogam, respondem a nossos pensamentos secretos e até compõem poemas inteiros. O rosto gélido da sra. d'Aiglemont era uma dessas poesias terríveis, uma dessas faces espalhadas aos milhares na *Divina comédia*, de Dante Alighieri.

Durante a rápida estação em que a mulher permanece em flor, os caracteres de sua beleza servem admiravelmente bem à dissimulação a que a condenam sua fraqueza natural e nossas leis sociais. Sob o rico colorido de seu rosto viçoso, sob o fogo de seus olhos, sob a rede graciosa de suas feições tão finas, de tantas linhas multiplicadas, curvas ou retas, mas puras e perfeitamente marcadas, todas as suas emoções podem permanecer secretas: então o rubor nada revela, colorindo ainda mais cores já tão vivas; então todos os fogos interiores se mesclam tão bem à luz de seus olhos flamejantes de vida que a

chama passageira de um sofrimento só surge como uma graça a mais. Assim, nada é tão discreto como um rosto jovem, porque nada é mais imóvel. O rosto de uma jovem mulher tem a calma, o polimento, o frescor da superfície de um lago. A fisionomia das mulheres só começa aos trinta anos. Até essa idade o pintor só encontra em seu rosto o rosa e o branco, sorrisos e expressões que repetem um mesmo pensamento, pensamento de juventude e amor, pensamento uniforme e sem profundidade; mas na velhice, tudo na mulher falou, as paixões se incrustaram em seu rosto; ela foi amante, esposa, mãe; as expressões mais violentas da alegria e da dor acabaram por caracterizar, torturar suas feições, por imprimir-lhes mil rugas, que, todas, têm uma linguagem; e então uma cabeça de mulher torna-se sublime de horror, bela de melancolia ou magnífica de calma; se é permitido prosseguir essa estranha metáfora, o lago ressecado deixa então ver os traços de todas as torrentes que o produziram; uma cabeça de mulher velha não pertence mais ao mundo, que, frívolo, assusta-se quando ali entrevê a destruição de todas as ideias de elegância com que está habituado, nem aos artistas vulgares que ali nada descobrem; mas aos verdadeiros poetas, aos que têm o sentimento de um belo independente de todas as convenções sobre as quais repousam tantos preconceitos em matéria de arte e beleza.

Se bem que a sra. d'Aiglemont usasse na cabeça um chapéu na moda, era fácil ver que sua cabeleira, outrora negra, embranquecera por emoções cruéis, mas a maneira como a separava em dois bandós traía seu bom gosto, revelava os hábitos graciosos da mulher elegante e desenhava perfeitamente sua fronte murcha, enrugada, em cuja forma se encontravam alguns vestígios de seu antigo brilho. O perfil de seu rosto, a regularidade de suas feições davam uma ideia, vaga na verdade, da beleza de que devia ter se orgulhado, mas esses indícios denunciavam ainda mais as dores que tinham sido bastante agudas para encovar esse rosto, secar suas têmporas, chupar suas faces, encarquilhar suas pálpebras e desguarnecer seus cílios, essa graça do olhar. Tudo nessa mulher era silencioso: seu andar e seus movimentos tinham essa lentidão grave e recolhida que o respeito imprime. Sua modéstia, convertida em timidez, parecia o resultado do hábito, que ela adquirira alguns anos antes, de apagar-se diante da filha; além disso, suas palavras eram raras, suaves, como as de todas as pessoas forçadas a refletir, a concentrar-se em viver em si mesmas. Essa atitude e essa compostura inspiravam uma sensação indefinível, que não era temor nem compaixão, mas em que se fundiam misteriosamente todas as ideias despertadas por essas afeições diversas. Por fim, a natureza de suas rugas, a maneira como seu rosto era marcado, a palidez de seu olhar dolorido, tudo demonstrava

eloquentemente essas lágrimas que, devoradas pelo coração, jamais caem. Os infelizes acostumados a contemplar o céu para invocá-lo diante dos males de sua vida teriam facilmente reconhecido nos olhos dessa mãe os hábitos cruéis de uma súplica feita a cada instante do dia, e os leves vestígios dessas mortificações secretas que acabam por destruir as flores da alma e até o sentimento da maternidade. Os pintores têm cores para esses retratos, mas as ideias e as palavras são impotentes para traduzi-los fielmente; ali se encontram, nos tons da tez, no jeito do rosto, fenômenos inexplicáveis que a alma capta pela visão, mas o relato dos acontecimentos a que se devem transtornos de fisionomia tão terríveis é o único recurso que resta ao poeta para transmiti-los. Esse rosto anunciava uma tempestade calma e fria, um combate secreto entre o heroísmo da dor materna e a enfermidade de nossos sentimentos, que são finitos como nós mesmos e em que nada existe de infinito. Esses sofrimentos permanentemente recalçados tinham produzido, com o tempo, um não sei quê de mórbido naquela mulher. É provável que certas emoções violentas demais houvessem fisicamente alterado aquele coração materno, e alguma doença, um aneurisma talvez, ameaçava lentamente a mulher, sem que ela soubesse. Os verdadeiros pesares são, na aparência, tão tranquilos no leito profundo que cavam, onde parecem dormir, mas onde continuam a corroer a alma como esse ácido terrível que perfura o cristal! Nesse momento duas lágrimas sulcaram as faces da marquesa e ela se levantou como se uma reflexão mais pungente que todas as outras a tivesse ferido intensamente. Talvez tivesse julgado o futuro de Moïna. Ora, prevendo as dores que aguardavam a filha, todas as desgraças de sua própria vida haviam lhe recaído no coração.

A situação dessa mãe será entendida explicando a de sua filha.

O conde de Saint-Héreen partira, havia cerca de seis meses, para cumprir uma missão política. Durante essa ausência Moïna, que a todas as vaidades da pequena apaixonada acrescentava os desejos caprichosos da criança mimada, divertira-se, por falta de juízo ou para obedecer às mil coqueterias femininas, e talvez para testar seu poder, em brincar com a paixão de um homem hábil mas sem coração, dizendo-se louco de amor, desse amor em que se combinam todas as pequenas ambições sociais e vaidosas do presunçoso. A sra. d'Aiglemont, a quem uma longa experiência ensinara a conhecer a vida, a julgar os homens, a temer a sociedade, observara os progressos dessa aventura e pressentia a perda de sua filha vendo-a cair nas mãos de um homem para quem nada era sagrado. Para ela não havia algo de pavoroso em descobrir um *espertalhão* no homem que Moïna escutava com prazer? Sua filha querida encontrava-se, pois, à beira de um abismo. Disso tinha uma terrível certeza, e não ousava detê-la,

pois tremia na frente da condessa. Sabia de antemão que Moína não escutaria nenhuma de suas sábias advertências; não tinha nenhum poder sobre aquela alma, de ferro para ela e inteiramente mole para os outros. Sua ternura a levaria a interessar-se pelas desgraças de uma paixão justificada pelas nobres qualidades do sedutor, mas sua filha obedecia a um gesto de coqueteria; e a marquesa desprezava o conde Alfred de Vandenesse, sabendo que era homem de considerar sua luta com Moína uma partida de xadrez. Embora Alfred de Vandenesse causasse horror a essa pobre mãe, ela era obrigada a sepultar no recôndito mais profundo de seu coração as razões supremas de sua aversão. Era intimamente ligada ao marquês de Vandenesse, pai de Alfred, e essa amizade, respeitável aos olhos da sociedade, autorizava o rapaz a ir com familiaridade à casa da sra. de Saint-Héreen, por quem fingia uma paixão concebida desde a infância. Aliás, em vão a sra. d'Aiglemont se decidiria a lançar entre sua filha e Alfred de Vandenesse um terrível comentário que os teria separado; tinha certeza de nada conseguir, apesar da força desse comentário, que a desonraria aos olhos da filha. Alfred era depravado demais, Moína era inteligente demais para acreditar nessa revelação, e a jovem condessa a teria eludido qualificando-a de astúcia materna. A sra. d'Aiglemont construía seu cárcere com as próprias mãos e ali se enclausurara, ela mesma, para morrer vendo a bela vida de Moína se perder, essa vida transformada em sua glória, sua felicidade e seu consolo, uma existência para ela mil vezes mais querida que a sua. Horríveis sofrimentos, inacreditáveis, sem palavras! Abismos sem fundo!

Ela esperava impaciente o despertar da filha, e no entanto o temia, parecendo o infeliz condenado à morte que gostaria de acabar com a vida e que, porém, tem calafrios quando pensa no carrasco. A marquesa decidira tentar um último esforço; mas talvez temesse menos fracassar em sua tentativa do que receber mais uma dessas feridas tão dolorosas para seu coração e que já tinham exaurido toda a sua coragem. Seu amor de mãe chegara a esse ponto: amar a filha, temê-la, apreender uma punhalada e ir em frente. O sentimento materno é tão vasto nos corações amorosos que, antes de chegar à indiferença, a mãe deve morrer ou amparar-se em um grande poder, a religião ou o amor. Desde seu despertar, a memória fatal da marquesa retraçara-lhe vários desses fatos, pequenos na aparência, mas que na vida moral são grandes acontecimentos. Com efeito, às vezes um gesto encerra todo um drama, a inflexão de uma palavra dilacera toda uma vida, a indiferença de um olhar mata a mais feliz paixão. A marquesa d'Aiglemont tinha, infelizmente, visto demais esses gestos, ouvido demais essas palavras, recebido demais esses olhares pavorosos à alma para que suas lembranças pudessem lhe dar esperanças. Tudo lhe

provava que Alfred a perdera no coração de sua filha, onde ela, a mãe, permanecia menos como um prazer que como um dever. Mil coisas, até mesmo coisinhas de nada, provavam-lhe o comportamento detestável da condessa com ela, ingratidão que a marquesa enxergava talvez como uma punição. Buscava desculpas para a filha nos desígnios da Providência, a fim de ainda conseguir adorar a mão que a maltratava. Durante aquela manhã lembrou-se de tudo, e tudo lhe golpeou de novo tão profundamente o coração que sua taça, repleta de tristezas, iria transbordar se o mais leve sofrimento ali fosse jogado. Um olhar frio poderia matar a marquesa. É difícil retratar esses fatos domésticos, mas alguns bastarão talvez para indicar todos eles. Assim, a marquesa, tendo ficado um pouco surda, jamais conseguira obter de Moína que elevasse a voz para ela; e no dia em que, na ingenuidade da criatura que sofre, pediu à filha para repetir uma frase da qual nada compreendera, a condessa obedeceu mas com um ar de má vontade que não permitiu à sra. d'Aiglemont reiterar seu modesto pedido. Desde esse dia, quando Moína contava um fato ou falava, a marquesa tinha o cuidado de se aproximar dela; mas volta e meia a condessa parecia aborrecida com a enfermidade que, levemente, reprovava na mãe. Esse exemplo, tomado entre mil, só podia magoar o coração da mãe. Todas essas coisas teriam talvez escapado a um observador, pois eram nuances insensíveis para outros olhos que não os de uma mulher. Assim, a sra. d'Aiglemont tendo um dia dito à filha que a princesa de Cadigan fora vê-la, Moína exclamou simplesmente: “Como? Ela veio por sua causa!”. O jeito com que essas palavras foram ditas, o tom que a condessa lhes deu descreviam por leves tintas um espanto, um desprezo elegante que faria os corações sempre jovens e ternos encontrarem filantropia no costume que consiste em os selvagens matarem seus velhos quando eles não podem mais se segurar no galho de uma árvore fortemente sacudida. A sra. d'Aiglemont levantou-se, sorriu e foi chorar às escondidas. As pessoas bem-educadas, as mulheres sobretudo, só traem seus sentimentos por toques imperceptíveis, mas que mesmo assim deixam adivinhar as vibrações de seus corações para os que conseguem reencontrar em suas vidas situações análogas à dessa mãe mortificada. Oprimida por suas lembranças, a sra. d'Aiglemont reencontrou um desses fatos microscópicos tão lancinantes, tão cruéis, em que ela jamais vira tão bem quanto nesse momento o desprezo atroz escondido atrás de sorrisos. Mas suas lágrimas secaram quando ouviu abrirem-se as persianas do quarto onde a filha repousava. Acorreu, dirigindo-se para as janelas pelo caminho que passava ao longo da grade diante da qual estava sentada antes. Enquanto andava, observou o cuidado especial que o jardineiro tivera em limpar a areia da alameda, bem

malconservada ultimamente. Quando a sra. d'Aiglemont chegou debaixo das janelas da filha, as persianas se fecharam de novo, abruptamente.

— Moína — ela disse.

Nenhuma resposta.

— A senhora condessa está no salãozinho — disse a camareira de Moína quando a marquesa entrou na casa e perguntou se a filha estava de pé.

A sra. d'Aiglemont tinha o coração demasiado desgostoso e a cabeça demasiado preocupada para nesse momento refletir sobre circunstâncias tão banais; passou de pronto ao salãozinho onde encontrou a condessa de penhoar, com uma touca negligentemente jogada sobre uma cabeleira desarrumada, os pés dentro das pantufas, a chave do quarto presa ao cinto, o rosto impregnado de pensamentos quase tempestuosos e cores vivas. Estava sentada num divã e parecia refletir.

— Quem está aí? — disse com voz dura. — Ah! é a senhora, minha mãe — continuou, de um jeito distraído, depois de se interromper.

— Sim, minha filha, é sua mãe...

O tom com que a sra. d'Aiglemont proferiu essas palavras descreveu uma efusão de coração e uma emoção íntima de que seria difícil dar uma ideia sem empregar a palavra "santidade". De fato, ela revestira tão bem o caráter sagrado da mãe que sua filha ficou impressionada, e virou-se para ela com um gesto que expressava a um só tempo o respeito, a inquietação e o remorso. A marquesa fechou a porta desse salão, onde ninguém podia entrar sem fazer barulho nos aposentos vizinhos. Essa distância protegia contra qualquer indiscrição.

— Minha filha — disse a marquesa —, é meu dever esclarecê-la sobre uma das crises mais importantes em nossa vida de mulher, e na qual você se encontra talvez sem saber, mas da qual venho lhe falar mais como amiga que como mãe. Ao casar, você se tornou livre de seus atos, dos quais só deve satisfações a seu marido; mas eu a fiz sentir tão pouco a autoridade materna (e talvez tenha sido um erro) que me creio no direito de ser ouvida por você, uma vez ao menos, na situação grave em que você deve precisar de conselhos. Pense, Moína, que a casei com um homem de grande capacidade, de quem pode se orgulhar, que...

— Minha mãe — exclamou Moína com ar rebelde e interrompendo-a —, sei o que vem me dizer... Vem ralhar comigo a respeito de Alfred...

— Você não adivinharia tão bem, Moína — a marquesa recomeçou, grave, tentando reter as lágrimas —, se não sentisse...

— O quê? — ela disse com ar quase altivo. — Mas, minha mãe, na verdade...

— Moína — exclamou a sra. d'Aiglemont, fazendo um esforço extraordinário —, você precisa ouvir atentamente o que devo lhe dizer...

— Estou escutando — disse a condessa cruzando os braços e afetando uma submissão impertinente. — Permita-me, minha mãe — disse com inacreditável sangue-frio —, chamar Pauline para enviá-la a...

Tocou a sineta.

— Minha filha querida, Pauline não consegue ouvir...

— Mamãe — prosseguiu a condessa com ar sério, e que deve ter parecido extraordinário para a mãe —, devo... — Parou, pois a camareira chegava. — Pauline, vá *você mesma* à casa Baudran saber por que ainda não recebi meu chapéu...

Tornou a se sentar e olhou para a mãe com atenção. A marquesa, com o coração sangrando, os olhos secos, e sentindo então uma dessas emoções cuja dor só pode ser compreendida pelas mães, tomou a palavra para expor a Moína o perigo que ela corria. Mas a condessa, fosse que se sentisse ferida pelas suspeitas que a mãe concebia sobre o filho do marquês de Vandenesse,¹ fosse que estivesse às voltas com uma dessas loucuras incompreensíveis cujo segredo está na inexperiência de todas as juventudes, aproveitou uma pausa feita pela mãe para lhe dizer, rindo com um riso forçado:

— Mamãe, eu achava que a senhora só tinha ciúme do pai...

Diante dessas palavras, a sra. d'Aiglemont fechou os olhos, baixou a cabeça e soltou o mais leve de todos os suspiros. Lançou um olhar para o alto, como para obedecer ao sentimento invencível que nos leva a invocar Deus nas grandes crises da vida e dirigiu para a filha olhos cheios de uma terrível majestade, marcados também por profunda dor.

— Minha filha — disse em tom gravemente alterado —, você foi mais impiedosa com sua mãe do que o foi o homem por ela ofendido, mais do que Deus talvez será.

A sra. d'Aiglemont levantou-se; mas chegando à porta, virou-se, viu apenas surpresa nos olhos da filha, saiu e conseguiu ir até o jardim, onde suas forças a abandonaram. Ali, sentindo fortes dores no coração, caiu sobre um banco. Seus olhos, que vagavam sobre a areia, avistaram a marca recente dos passos de um homem cujas botas tinham deixado vestígios muito reconhecíveis. Sem nenhuma dúvida, sua filha estava perdida, e ela compreendeu então o motivo da ordem dada a Pauline. Essa ideia cruel foi acompanhada de uma revelação mais odiosa que todo o resto. Supôs que o filho do marquês de

Vandenesse destruíra no coração de Moína esse respeito devido por uma filha à mãe. Seu sofrimento aumentou, sem perceber perdeu os sentidos, e ficou como que adormecida. A jovem condessa achou que a mãe se permitira passar-lhe um *violento carão* um pouco seco, e pensou que à noite uma carícia ou certas atenções possibilitariam a reconciliação. Ao ouvir no jardim um grito de mulher, debruçou-se distraidamente no instante em que Pauline, que ainda não tinha saído, chamava por socorro e segurava nos braços a marquesa.

— Não assuste minha filha — foram as últimas palavras que essa mãe pronunciou.

Moína viu a mãe ser transportada, pálida, inanimada, respirando com dificuldade, mas agitando os braços como se quisesse lutar ou falar. Aterrada com esse espetáculo, Moína seguiu a mãe, ajudou em silêncio a deitá-la em sua cama e a despi-la. Seu erro deixou-a arrasada. Nesse momento supremo, conheceu a mãe, e nada mais podia reparar. Quis ficar a sós com ela; e quando não havia mais ninguém no quarto, quando sentiu o frio daquela mão para ela sempre carinhosa, debulhou-se em lágrimas. Despertada por esse pranto, a marquesa ainda conseguiu olhar para sua querida Moína; depois, ao rumor desses soluços, que pareciam querer arrebentar aquele seio delicado e em desassossego, contemplou, sorrindo, a filha. Esse sorriso provava à jovem parricida que o coração de mãe é um abismo no fundo do qual sempre se encontra um perdão. Assim que o estado da marquesa foi conhecido, empregados a cavalo foram despachados para ir buscar o médico, o cirurgião e os netos da sra. d'Aiglemont. A jovem marquesa e os filhos chegaram ao mesmo tempo que os doutores e formaram uma assembleia um tanto imponente, silenciosa, aflita, à qual se misturaram os empregados. A jovem marquesa, que não ouvia nenhum barulho, foi bater suavemente à porta do quarto. A esse sinal, Moína, com certeza despertada em sua dor, empurrou abruptamente os dois batentes, lançou olhos esgazeados para aquela assembleia de família e mostrou-se numa desordem que falava mais alto que as palavras. Diante do aspecto desse remorso vivo todos ficaram mudos. Era fácil perceber os pés da marquesa, rígidos e estendidos convulsos no leito de morte. Moína encostou na porta, olhou para seus parentes e disse com voz cava:

— *Perdi minha mãe!*

Notas

1. PRIMEIRAS FALTAS

1. Soldado dos esquadrões da guarda imperial de Napoleão.
2. O *chapeau chinois* era um instrumento de percussão em forma de cone com sininhos no interior.
3. Termo de origem alemã: mantô forrado de pele.
4. Esse tratamento retoma vários elementos prescritos nos livros de medicina da época, como o leite suíço, o agrião e o estábulo.
5. Em matéria de costumes amorosos e de casamento.
6. Revista ultrarrealista na qual colaboravam, entre outros, Lamartine e Chateaubriand, mas que só circulou a partir de 1818, e não em 1815, data em que se passa esse trecho.
7. Em estudo sobre as doenças entre os personagens de Balzac, Moïse Le Yaouanc diz que Julie sofria de metrite crônica, que é uma inflamação uterina.
8. O início da romança é, na verdade, *assisa al piè d'un salice*, “sentada ao pé de um salgueiro”.

2. SOFRIMENTOS DESCONHECIDOS

1. Artemísia de Cária, símbolo da fidelidade conjugal, foi quem ergueu no século IV a.C. um túmulo a seu marido e irmão, o rei Mausolo, em Halicarnasso, atual Bodrum, na Turquia.

3. AOS TRINTA ANOS

1. Atual Ljubljana. O congresso reuniu em 1821 os soberanos da Áustria, Prússia, Rússia e Nápoles, e os plenipotenciários da França e da Inglaterra, para examinar como liquidar com os movimentos revolucionários em Nápoles.
2. Balzac, ao dar a entender que Julie deixará de ser fiel à lembrança de seu antigo amor, a transforma em Juliette, como se sua personagem assumisse nova identidade.

4. O DEDO DE DEUS

1. Armazéns criados em 1807 e destinados a estocar grãos para evitar as epidemias de fome em Paris.
2. Nicolas-Toussaint Charlet (1792-1845), um dos artistas plásticos mais populares da época, que pintava crianças e cenas históricas.
3. *O vale da torrente ou O órfão e o assassino*, melodrama de Dupetit Méré, produzido em 1816 num teatro de Paris, conta a história de um homem que empurra um menino numa torrente.

5. OS DOIS ENCONTROS

1. A garrafa de Leyden é uma espécie de condensador, dispositivo que armazena energia elétrica inventado, em 1746, por Pieter van Musschenbroek. Compunha-se de uma garrafa de vidro com água dentro e uma haste de metal que passava por uma rolha que, em contato com uma máquina eletrostática, provocava um forte choque elétrico. Era uma invenção muito popular na época de Balzac.
2. Provável lapso de Balzac, que fizera do *Othello* um corsário colombiano.
3. Marie-Victoire Jaquotot (1778-1855), pintora que reproduziu em peças de porcelana obras dos grandes mestres da pintura.

6. A VELHICE DE UMA MÃE CULPADA

1. Filho de Charles de Vandenesse, ex-amante de Julie d'Aiglemont, Alfred é meio-irmão de Moïna.

Cronologia

- 1797Bernard-François Balzac, de uma família de camponeses do Tarn, diretor de mantimentos de uma divisão militar de Tours, casa-se aos cinquenta anos com Anne-Charlotte-Laure Sallambier, dezoito anos, de uma família de ricos comerciantes de tecidos de Paris.
- 179920 DE MAIO Nascimento de Honoré Balzac, em Tours, segundo filho do casal. Seus irmãos são Laure (1800), Laurence (1802) e Henri-François (1807), filho adulterino da sra. Balzac com Jean de Margonne, castelão de Saché.
- Napoleão Bonaparte derruba o Diretório e se torna primeiro-cônsul da França.
- 1803Depois de quatro anos vivendo com a ama de leite, Honoré volta para a família.
- 1804Matriculado no pensionato Le Guay, em Tours, de onde sairá em 1807.
- Napoleão Bonaparte sagra-se imperador e começa a conquista da Europa.
- 1807Interno no Colégio de Vendôme, dos oratorianos, onde ficará até 1813. Em seis anos só recebe duas visitas da mãe.
- 1814A família se muda para Paris, instalando-se no Marais.
- Napoleão abdica e se torna rei de Elba. Primeira restauração, com a ascensão de Luís XVIII ao trono.
- 1815Estudos secundários em Paris, no Instituto Lepître e no Instituto Ganzer.
- Napoleão regressa triunfante a Paris, governa cem dias e é derrotado em Waterloo. Luís XVIII volta a ocupar o trono da França.
- 1816Matricula-se na faculdade de direito da Sorbonne. Estágio no escritório do advogado Guillonnet-Merville, até março de 1818.
- 1818Estágio com o tabelião Victor Passez, amigo da família. Reúne notas para um tratado sobre *A imortalidade da alma*.
- 1819Recebido no bacharelato de direito. O pai se aposenta e a família muda-se para Villeparisis. Balzac vai morar sozinho numa mansarda da Rue Lesdiguières, 9, perto da Bastilha, decidido a ser escritor. Escreve *Cromwell*, tragédia em versos em cinco atos, que será mal recebida pelo acadêmico Andrieux, amigo da família.
- 1820Trabalha no romance medieval *Agathise*, no estilo de Walter Scott.
- 1822Começa a escrever com pseudônimos. *A herdeira de Birague*, *Jean-Louis*, *Clotilde de Lusignan* ou *le beau Juif*, *Le Centenaire*, são assinados por Lord R'Hoone [Honoré]. *O vigário das Ardenes*, assinado por Horace de Saint-Aubin, é recolhido por imoralidade. Inicia a ligação com Laure de Berny, 22 anos mais velha, e que terá grande papel na sua formação.
- 1823O Teatro de la Gaîté recusa seu melodrama *Le Nègre*.
- 1824Muda-se para a Rue de Tournon, 2. Atividade jornalística em *Feuilleton Littéraire* e *La Lorgnette*. Continua a publicar com pseudônimo.
- Morte de Luís XVIII, substituído pelo rei Carlos X.
- 1825Primeiros trabalhos como editor, reeditando as obras completas de La Fontaine e de Molière. Início da ligação com Laure Junot, duquesa d'Abrantes, quinze anos mais velha. Pensa numa grande *História da França pitoresca*.
- 1826Obtém a patente de impressor e se endivida para comprar uma tipografia na Rue des Marais-Saint-Germain, 17, atual Rue Visconti.
- 1827Para expandir a Tipografia H. Balzac, compra uma fundição de tipos gráficos, com a

ajuda financeira de Laure de Berny. Conhece Victor Hugo.

1828O sócio, André Barbier, sai do negócio. Vende a fundição a um filho de Laure de Berny, que dispensa o reembolso. Muda-se para a Rue Cassini, 1, perto do Observatório.

16 DE AGOSTO Liquidação da tipografia, que lhe deixa 60 mil francos de dívidas (cerca de 200 mil euros), sendo 50 mil com a família.

1829Introduzido pela duquesa d'Abrantes, frequenta os *salons* da aristocracia. Início da amizade e da correspondência com Zulma Carraud. Morte do pai.

Publica *Fisiologia do casamento* e *O último Chouan ou a Bretanha* em 1800, primeiro romance assinado Honoré Balzac.

1830Intensa atividade jornalística, em *Le Feuilleton des Journaux Politiques*, *Revue de Paris*, *Revue des Deux-Mondes*, *La mode*.

MAIO-SETEMBRO Temporada com Laure de Berny na Touraine.

Publica *O elixir de longa vida*, *Sarrasine*, *Uma paixão no deserto* e *Gobseck*.

Revolução de Julho. Abdicação de Carlos X. Monarquia de Julho. Luís Filipe no trono da França.

1831Vida mundana. Incorpora definitivamente a partícula *de*, indicativa de nobreza, a seu sobrenome. Temporada em Angoulême com os Carraud.

Publica *Pele de onagro*, sucesso imediato, e *A estalagem vermelha*.

1832FEVEREIRO Recebe a primeira carta de Eveline Hanska (1803-82), condessa polonesa que se assina *A estrangeira*, e com quem se casará dezoito anos depois. Temporadas em Angoulême, com Zulma Carraud, e em Aix-les-Bains, com a marquesa de Castries. Junta-se ao partido legitimista (ultraconservador).

Publica *O coronel Chabert*, início de *Contos jocosos* e *Novos contos filosóficos*.

1833Terceira e última temporada com os Carraud em Angoulême. Ligação secreta com Maria du Fresnay (1809-92), com quem terá uma filha no ano seguinte.

25 DE SETEMBRO Primeiro encontro com Madame Hanska, em Neuchâtel. Contrato para a publicação da coleção *Estudos de costumes no século XIX*, em doze volumes. Natal com Madame Hanska, em Genebra.

Publica *História intelectual de Louis Lambert*, *Ferragus*, *O médico rural* e *Eugénie Grandet*.

1834Publica os tomos X e XI de *Estudos de costumes no século XIX*, *A duquesa de Langeais*, *A procura do absoluto* e início de *Serafita*.

SETEMBRO Começa a escrever no castelo de Saché a primeira e a segunda parte de *O pai Goriot*, romance a partir do qual vão reaparecer sistematicamente seus personagens.

14 DE DEZEMBRO publicada na *Revue de Paris* a primeira das quatro partes do romance. As três seguintes sairão em 28 de dezembro desse ano, e 18 de janeiro e 1º de fevereiro de 1835.

1835Ligação com a condessa Guidoboni-Visconti. Instala-se na Rue des Batailles, 13, em Chaillot. Três semanas em Viena com Madame Hanska, que ele só tornará a ver oito anos depois; é recebido por Metternich. Sócio majoritário e diretor da *Chronique de Paris*, revista política e literária que só dura seis meses.

Publica os tomos I a XII de *Estudos de costumes* e *O lírio no vale* na *Revue de Paris*.

11 DE MARÇO Publicação em livraria de *O pai Goriot*, que figurará em *A comédia humana*, de acordo com o Catálogo de 1845, como um título de *Cenas da vida privada*.

1836Nascimento de Lionel-Richard Lowell, suposto filho com a condessa Guidoboni-Visconti. Morte de Laure de Berny. Liquidação da revista *Chronique de Paris*. Perseguido por credores e oficiais de justiça, viaja à Itália e depois vive escondido em Chaillot.

Publica *A missa do ateu* e o início de *O gabinete das antiguidades*.

1837Compra a Villa des Jardies, em Sèvres, origem de novas e pesadas dívidas. Esconde-se na casa da condessa Guidoboni-Visconti, que paga suas dívidas e lhe evita a prisão. Seu tálburi é confiscado pela justiça. Exibição de seu retrato, com roupa de monge, por Louis Boulanger.

Publica *César Birotteau* e os tomos VII e VIII de *Estudos de costumes*, contendo a primeira parte de *Ilusões perdidas*.

1838FEVEREIRO-MARÇO Temporada em Nohant, na casa de George Sand. Viagem à Sardenha, onde espera enriquecer especulando com as minas de prata. Instala-se em Les Jardies. Inscreve-se na recém-criada Société des Gens de Lettres.

Publica *A casa Nucingen* e *A torpeda*.

183916 DE AGOSTO Presidente da Société des Gens de Lettres. Campanhas pela proteção da propriedade literária e dos direitos autorais.

2 DE DEZEMBRO Candidatura à Academia Francesa, retirando-a depois em favor de Victor Hugo, que não é eleito.

Publica *Um grande homem de província em Paris*, segunda parte de *Ilusões perdidas* e *Uma filha de Ève*, em folhetim.

18409 DE JANEIRO Cede a Victor Hugo a presidência da Société des Gens de Lettres.

14 DE MARÇO Criação de *Vautrin* no Teatro de la Porte-Saint-Martin; a peça é proibida no dia seguinte.

25 DE JULHO Lança a *Revue Parisienne*, mensal, que só terá três números.

SETEMBRO Les Jardies é penhorada. Muda-se com a mãe e Louise Breugniet, governanta e amante, para a Rue Basse, 19 (atual Rue Raynouard), em Passy, onde hoje é a Maison de Balzac. O contrato de aluguel é feito em nome de Louise.

18412 DE OUTUBRO Assina com os livreiros Furne, Hetzel, Dubochet e Paulin o contrato para a publicação de suas obras completas sob o título geral, imaginado no ano anterior, de *A comédia humana*. Os dezessete volumes, revistos pelo autor (edição Furne corrigida), são publicados de 1842 a 1848, e completados postumamente, em 1855, por mais três.

NOVEMBRO Morte de Wenceslas Hanski, marido de Madame Hanska, com quem Balzac retoma a correspondência.

Publica *Um caso tenebroso*, *Ursule Mirouet* e *Memórias de duas jovens esposas*.

184219 DE MARÇO Criação no Teatro de l'Odéon de *Ressources de Quinola*, que tem apenas dezenove representações.

JULHO Escreve o prólogo de *A comédia humana*, em que compara os tipos humanos com as espécies animais. Retrato feito por um daguerreotipista.

Publica *Os dois irmãos* e o início de *Esplendores e misérias das cortesãs*, no jornal *Le Parisien*.

1843JULHO-OUTUBRO Encontra-se, em São Petersburgo, com Madame Hanska.

26 DE SETEMBRO Criação de *Paméla Giraud* no Teatro de la Gaîté, que tem apenas 28 representações. David d'Angers termina o busto de Balzac.

Sai a edição completa de *Ilusões perdidas*, publicada no tomo VIII de *A comédia humana* (v. IV de *Cenas da vida de província*).

1844Faz o “Catálogo das obras que comporão *A comédia humana*”, em que ainda figuram quarenta obras a escrever. Problemas de saúde. Coleciona móveis e pinturas.

Publica *Modeste Mignon*, em folhetim no *Journal des Débats*, e *David Séchard*, a terceira parte de *Ilusões perdidas*, em edição separada.

1845Cavaleiro da Legião de Honra. Viagem a Alemanha, França, Holanda, Bélgica e Itália, com Madame Hanska, sua filha Anne e o futuro genro.

1846Viagem de Roma a Frankfurt com Madame Hanska. Testemunha de casamento de Anne Hanska com o conde Georges Mnischew, em Wiesbaden.

AGOSTO Conclusão de *A comédia humana*, com a venda dos volumes que faltavam.

28 DE SETEMBRO Compra à prestação a casa da Rue Fortunée, atual Rue Balzac.

NOVEMBRO Madame Hanska dá à luz um menino natimorto, que se chamaria Victor-Honoré. Desespero de Balzac.

Publica *Esplendores e misérias das cortesãs* (terceira parte) em *L'époque* e *A prima Bette* em *Le Constitutionnel*.

1847Madame Hanska, em Paris, exige que Balzac se separe da governanta.

15 DE ABRIL Instalam-se na Rue Fortunée. Balzac lega a Madame Hanska todos os seus bens e os manuscritos, por ele corrigidos, de *A comédia humana*.

SETEMBRO Temporada de cinco meses no castelo de Wierzchownia, na Ucrânia, com Madame Hanska.

184815 DE FEVEREIRO Volta para Paris. Presença o saque às Tuileries, durante a revolução de fevereiro de 1848, que lhe causa medo e aversão. Cogita em se candidatar nas eleições legislativas. Pensa em adaptar seus romances para o teatro.

25 DE MAIO Criação de *A madrastra* no Teatro Historique, com apenas seis

apresentações. Primeiros sintomas da doença cardíaca.

SETEMBRO Volta para Wierzchownia, onde fica até abril de 1850.

Revolução de fevereiro. Segunda República. Luís Bonaparte é eleito presidente.

184911 DE JANEIRO Nova candidatura à Academia Francesa, quando só consegue quatro votos, entre eles os de Victor Hugo e Lamartine. Passa todo o ano na Ucrânia.

185014 DE MARÇO Casamento em Berditchev, Ucrânia, com Madame Hanska, que abriu mão, segundo decisão do czar, de seus bens pessoais para poder se casar com um estrangeiro. Doente, Balzac volta com ela para Paris.

18 DE AGOSTO, 23h30 Falece na casa da Rue Fortunée. Victor Hugo, que o visitara nesse dia, faz o elogio fúnebre no cemitério do Père-Lachaise, três dias depois, lembrando o caráter “revolucionário” de sua obra.

1882Morte de Madame Hanska.

Outras leituras

- BOLSTER, R. "Balzac in Debt again: The Sexual Theme in *La Femme de trente ans*". *French Studies Bulletin*, inverno 1992-3, n. 45, pp. 19-20.
- . "Did Balzac Really Discover the Woman of Thirty?". *French Studies Bulletin*, verão 1993, n. 47, p. 19.
- GAGNEBIN, B. "La Julie de Balzac", in: *Littérature et Société*. Coletânea de ensaios em homenagem a Bernard Guyon. Paris: Desclée de Brouwer, 1973.
- JACQUES, G. "*Le Doigt de Dieu*" d'Honoré de Balzac: *Étude littéraire et édition critique*. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1964; ed. Louvain: Bibliothèque de l'Université, 1970.
- MAZAHERI, J. H. "Myth and Guilt Consciousness in Balzac's *La Femme de trente ans*". Lewiston: Mellen, 1999.
- PLANTÉ, C. "Même Histoire, autre histoire? Mères et filles dans *La Femme de trente ans* et *Le Lys dans la vallée*", in: *Genèses du roman: Balzac et Sand*. Amsterdam: Rodopi, 2004.
- SULLIVANT, R. L. *Balzac's "La Femme de trente ans". A literary and Historical Study*. Dissertação. Saint Louis, Missouri: Washington University, jun. 1962.
- . "L'Édition Werdet de *La Femme de trente ans*", in *L'Année balzacienne*. Paris: Garnier Frères, 1965.
- . "*La Femme de trente ans*: quelques emprunts de Balzac à la littérature et à la vie anglaises". *L'Année balzacienne*. Paris: Garnier Frères, 1965.
- ZWEIG, S. *Balzac*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1946.

Copyright © 2015 by Companhia das Letras

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
La Femme de trente ans

PREPARAÇÃO
Maria Fernanda Alvares

REVISÃO
Huendel Viana
Eliana Medeiros

ISBN 978-85-438-0283-1

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

HONORÉ DE BALZAC

Ilusões perdidas

Ilusões perdidas

Balzac, Honoré de

9788580864007

792 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos mais célebres romances de Balzac, peça-chave de sua *A comédia humana*, em uma nova tradução de Rosa Freire d'Aguiar, com introdução do estudioso britânico Herbert J. Hunt. Por volta de 1830, aos trinta e poucos anos de idade, Honoré de Balzac elegeu seu projeto de vida: escrever uma série de romances, novelas e contos que retratasse a sociedade de sua época em todos os seus aspectos, um retrato abrangente da vida francesa que, segundo o autor, realizaria pela pena o que "Napoleão não conseguiu concluir pela espada". E, caso esse ambicioso panorama tenha um centro, este necessariamente deve ser *Ilusões perdidas*, o mais extenso dos romances escritos por Balzac. Publicado em três partes entre 1837 e 1843, *Ilusões perdidas* explora com maestria três aspectos fundamentais para compreender a sociedade francesa do século XIX: os jogos de poder e intriga das classes aristocráticas, o contraste entre a vida na capital e na província e o lado sujo - cínico e politiquês - da atividade jornalística. Tudo isso através da história do poeta Lucien de Rubempré, que sai da pequena cidade de Angoulême para buscar fortuna e consagração literária em Paris apenas para ver, um a um, seus sonhos caírem por terra.

Compre agora e leia



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

MIGUEL DE CERVANTES

Dom Quixote

Dom Quixote

Cervantes, Miguel de

9788580865233

1328 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico fundador do romance moderno em nova tradução de Ernani Ssó, com introdução do acadêmico britânico John Rutherford e posfácios de Ricardo Piglia e Jorge Luis Borges. Dom Quixote de La Mancha não tem outros inimigos além dos que povoam sua mente enlouquecida. Seu cavalo não é um alazão imponente, seu escudeiro é um simples camponês da vizinhança e ele próprio foi ordenado cavaleiro por um estalajadeiro. Para completar, o narrador da história afirma se tratar de um relato de segunda mão, escrito pelo historiador árabe Cide Hamete Benengeli, e que seu trabalho se resume a compilar informações. Não é preciso avançar muito na leitura para perceber que Dom Quixote é bem diferente das novelas de cavalaria tradicionais - um gênero muito cultuado na Espanha do início do século XVII, apesar de tratar de uma instituição que já não existia havia muito tempo. A história do fidalgo que perde o juízo e parte pelo país para lutar em nome da justiça contém elementos que iriam dar início à tradição do romance moderno - como o humor, as digressões e reflexões de toda ordem, a oralidade nas falas, a metalinguagem - e marcariam o fim da Idade Média na literatura. Mas não foram apenas as inovações formais que garantiram a presença de Dom Quixote entre os grandes clássicos da literatura ocidental.

Para milhões de pessoas que tiveram contato com a obra em suas mais diversas formas - adaptações para o público infantil e juvenil, histórias em quadrinhos, desenhos animados, peças de teatro, filmes e musicais -, o Cavaleiro da Triste Figura representa a capacidade de transformação do ser humano em busca de seus ideais, por mais obstinada, infrutífera e patética que essa luta possa parecer.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

CHARLES DICKENS

Uma canção de natal

Uma canção de Natal

Dickens, Charles

9788554516031

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

O livro que "inventou" a celebração do Natal como a conhecemos hoje ganha nova tradução pela Penguin-Companhia, com as ilustrações originais de John Leech. Incapaz de compartilhar momentos de amizade e de compreender a magia do Natal, Ebenezer Scrooge só encontra refúgio na riqueza e na solidão. Até que, num 24 de dezembro, recebe a visita do fantasma de Jacob Marley, seu ex-sócio falecido há sete anos. É ele quem avisa a Scrooge que mais três espíritos o visitarão para lhe dar a chance de mudar seu triste fim e ser poupado de vagar a esmo depois de morto, como Marley. Assim, o Fantasma dos Natais Passados, o Fantasma do Natal Presente e o Fantasma dos Natais Futuros levarão o protagonista para uma viagem no tempo, mostrando-lhe que a generosidade é sempre a melhor escolha. Um dos livros mais carismáticos da literatura inglesa, Uma canção de Natal recebe o crédito por ter concebido a celebração desse evento como a entendemos hoje: uma ocasião para agradecer e ajudar o próximo.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

SANTO AGOSTINHO

Confissões

Confissões

Santo Agostinho

9788543809328

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um marco da filosofia ocidental em nova tradução do latim de Lorenzo Mammì. Redigido no século IV, entre Antiguidade e Idade Média, as Confissões de Agostinho de Hipona são ainda hoje um livro surpreendente. Por um lado, pela densidade poética e pela originalidade da escrita, e por inaugurar o gênero da autobiografia como história da formação de uma personalidade, elas representam um marco único na história da literatura ocidental. Por outro, Agostinho elabora nelas uma nova maneira de fazer filosofia, estranha à tradição antiga, por ser baseada não apenas em conceitos abstratos e deduções, mas sobretudo na observação fina dos movimentos psicológicos, das motivações interiores e do significado de pequenos fatos e gestos cotidianos. O resultado é uma leitura incontornável para todos os que se interessam por filosofia, história ou religião.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Machado de Assis
Dom Casmurro

FICÇÃO



Dom Casmurro

de Assis, Machado

9788543806631

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um dos melhores e mais perfeitos romances brasileiros, uma radiografia do ciúme com a ressonância dos clássicos. Poucos romances examinam com tanta sutileza as artimanhas do ciúme como Dom Casmurro. Publicado em 1899, o livro permanece ainda hoje como um dos mais fascinantes estudos da traição. Aliás, como o leitor mais atento perceberá, são supostamente duas: a de Capitu, exposta pelo marido Bentinho, e a própria narrativa sobre como Bentinho modifica os fatos para corroborar suas suspeitas matrimoniais. Tudo isso é narrado com graça e inteligência num romance que jamais parece esgotar suas possibilidades de leitura. Críticos como Roberto Schwarz e Susan Sontag consideram a obra de Machado como um dos momentos mais altos da prosa ocidental do final do século XIX.

[Compre agora e leia](#)